

REVISTA DOS CRIADORES



50 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

início de 1981 - Ano L - N.º 612 - Cr\$ 500,00

Órgão oficial da A.B.C.



Currais de aço

Atua rapidamente e
permanece na corrente
sanguínea por mais
de **24** horas.

Ao utilizar
sulfa injetável
lembre-se de

sulfatec

a mais eficiente
e a menos tóxica
entre as sulfas
existentes.



- Fácil aplicação
 - Rápida absorção
 - Altos níveis sanguíneos
 - Ação mais prolongada
- garantem uma ação
mais duradoura e em
menores doses.



9

Currais de aço Belgo-Mineira



Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira

A construção de currais em aço pode ser uma boa opção para as fazendas. Veja como e porquê.



17

A tradição de família pesa bastante no modo deste médico manter sua propriedade no município de Itu.

ABC

No final de mais um ano, a Associação Brasileira de Criadores revê o seu trabalho. Pág. 24.



Elias Dumit, um homem que entende de suínos, fala do valor da água para os animais. Pág. 36.

26



De visita a criações de gado Ayrshire, nos Estados Unidos, sai um relato sobre as suas qualidades.

38



A ordenha mecânica é quase uma exigência da moderna pecuária de leite, mas requer higiene perfeita.

43

Um padre holandês que acredita na terra e em suas possibilidades ensina a não pecar contra a natureza.

48

Arthur Pagliusi Gonzaga retorna com suas pesquisas de progênie e destaca "Gigante J.O.".



No plantel focalizado à pág. 89, a vez é de uma criação mineira da raça Dinamarquesa, pura e em cruzamentos.

SEÇÕES

- 3 Ao leitor
- 4 Cartas
- 5 Ponto de vista
- 8 Mercado
- 46 Serviço RC
- 79 Gente
- 80 Registro
- 82 Tribuna livre
- 86 Das empresas



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

54 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Bráulio Madeira Simões
Gen. Diogo Branco Ribeiro
José Carlos Reis Magalhães
José Celso Macedo Soares Guimarães
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho

Diretores

- 1.º Secretário: Frontino Ferreira Guimarães Júnior
- 2.º Secretário: Antônio Augusto Pires de Oliveira
- 1.º Tesoureiro: Amyntas de Carvalho Macedo
- 2.º Tesoureiro: Franklin Rodrigues Silveira

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

José Cassiano Gomes dos Reis

Vice-presidente

Ruy Calazans de Araújo

Secretário

Roberto Brotero de Barros

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis

Efetivos

José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Geraldo Diniz Junqueira
Luís Fortunato Moreira Ferreira
Pedro de Paula Leite de Moraes
Roberto Brotero de Barros
Luiz Glicério Gracie de Freitas
Armando de Moraes Barros
Eduardo Dias Roxo Nobre
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
Mário Lopes Leão
José Carlos Guimarães Oliva
Ruy Calazans de Araújo

Edwin Benedito Montenegro
Pedro Nelson Corrêa Gonçalves
Otto de Mello
João Gilberto B. Rossi
Octávio de Mesquita Sampaio
Lourenço Prado Carneiro Lyra
Vicente Martins Júnior

Suplentes

Arnaldo Lima
Renato Napolitano
Fernando Euler Bueno
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Orlando Pinto de Souza
Gilberto Carlos de Arruda Sampaio
Henrique de Souza Dias
Roberto Felipe Cantusio
Layll Veiga de Oliveira
Jayme Watt Longo

CONSELHO FISCAL

Efetivos

José Octávio da Silva Leme
Layr Antônio de Souza
Plínio Brotero Junqueira

Suplentes

Radyr de Queiroz
Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Superintendente

Virgílio de Almeida Penna

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Gerente

Prof. Dr. Alberto Alves Santiago

Registro Genealógico

Controle Leiteiro e
Desenvolvimento Ponderal

Dr. Walter Battiston

Assistência Técnica

Veterinária

Dr. Ronald Leite Rios
Dr. Humberto A. Clemente

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

RUA JAGUARIBE, 634 — TELEFONE: 826-3033
SÃO PAULO — SP

REVISTA DOS CRIADORES

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Editor: J. M. Nogueira de Campos

Colaboradores: Leovigildo P. Jordão, Luiz Paulin Neto, Masatake Takahashi.

Arte e Produção: Carlos Roberto Botelho

Fotografia: Francisco Sciacca.

Redação: Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B" - São Paulo - 05022 - Z.P. 10 (Brasil) Tels.: 65-0116 e 62-6826 - Caixa Postal 1669 - End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fitolito Próprios: Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B" - SP - Brasil.

Assinatura: 1 ano Cr\$ 5.000,00. N.º avulso Cr\$ 500,00. Exterior, via aérea 1 ano US\$ 100,00.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

Interior e Capital: Livraria La Selva, Saguão Aeroporto Congonhas. Disbrapel - Distribuidora Brasileira de Periódicos e Livros, Av. Antarctica, 539 - conj. 32 - Tel.: 62-8799 - São Paulo - SP.

Estados - Bahia: Wellington Menezes Ferraz - Avenida Inácio Tosta Filho, 94 - s/105 - Itabuna; J. S. Queiroz - Rua Minas Gerais, 156 - Pituba - Salvador. **Ceará:** Distribuidora Alacôr de Publicações - R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. **Brasília:** Só de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. **Paraíba:** Edicamp - Editora Campesiana Ltda. - R. Duque de Caxias, 591 - 2.º and. - Cj. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. **Paraná:** Jorge Nobuaki Hanjo, Av. Sete de Setembro, 2134 - Tel. 23-7818 - Curitiba. **Pernambuco:** Casa das Revistas e Figurinos - R. 9, esquina da Pedro Ivo - Recife. **Só de Ler - Aeroporto - Recife.** **Rio de Janeiro:** Só de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro.

AO LEITOR

Primera edição do ano a chegar-lhe às mãos, leitor amigo, a Redação da Revista aproveita este cantinho de página para desejar-lhe um 1981 cheio de muita esperança e de sua concretização. E parece que esperança deve ser a palavra mágica, pois tudo faz crer que teremos um ano difícil pela frente, mais ainda do que têm sido os últimos.

É possível notar que não há mais, nem mesmo nas áreas governamentais, o otimismo que vinha sendo a tônica das manifestações de seus mais categorizados representantes. Acena-se com uma seqüência de dificuldades e aperturas, que não podem deixar de apresentar reflexos nos campos. Não é hora, porém, de desanimar, mas, ao contrário, de buscar forças para encontrar saídas ante as dificuldades que se contrapõem ao esforço dos homens da terra.

Não fica também dúvida quanto ao papel que se reserva ao agro em situações de anormalidade econômica, como a que vive o país. É dele que, mais uma vez, deverá surgir a brecha nos céus sombrios por onde tentar buscar novamente o céu azul da tranquilidade.

Que isto possa ser feito é o que desejamos. E que as nuvens, aparentemente carregadas e prenunciando tempestades calamitosas, se transformem em chuvas que reguem a terra, fazendo germinar as sementes que a boa vontade de todos tenha plantado e, ao final, produzindo os frutos abundantes que cada um tem o direito de esperar.

De nossa parte, dispomo-nos a continuar no trabalho a que nos propusemos. E constituir, como sempre, a tribuna de onde se manifeste o pensamento da agropecuária nacional. Para isso renovamos o convite aos homens que têm algo a dizer e a mostrar, no campo: para que não neguem sua contribuição ao esforço comum e compartilhem desinteressadamente com os demais as suas vitórias, os seus anseios, as suas perplexidades também.

Só assim a revista pode ser, efetivamente, a voz e a vez dos que ela se dispõe a servir.

PALAVRAS...



Há muitos cafeicultores que apóiam integralmente a política do IBC, e espero que façam sugestões no sentido de aperfeiçoá-la. No entanto, isso deve ser feito por intermédio da Junta Governativa do IBC e não com demagogia. O Sodré é meu amigo pessoal e proprietário de enormes cafezais. Espero que tenha feito grandes lucros no passado, mas a época atual é difícil de vacas magras, ele quer a volta do tempo de vacas gordas.

Camilo Penna, ministro da Indústria e Comércio, ao contestar o documento do recém-criado Conselho Nacional do Café (presidente é Roberto Costa de Abreu Sodré, ex-governador de São Paulo), que pede melhores preços, extinção do IBC e fim do subsídio às torrefadoras.

Os males de um leitor que nos quer bem

Estou enviando o cheque de Cr\$ 3.000,00 à **Revista dos Criadores** para a renovação, por um ano, de minha assinatura. Devo assinalar, mais uma vez, que uma das riquezas culturais que muito me faz apreciar, é receber, e ler, mensalmente, a alentada **Revista dos Criadores**.

A cada mês, está ela mais simpática e mais substancial, não se sabendo o que mais apreciar: se a seção "o fazendeiro do mês", "um plantel sob controle", "Ponto de vista" ou a seção dedicada à mecanização, oportuna sempre e utilíssima a quantos padecem, neste país, de uma incurável doença: a **virose do campo**.

Incurável, sim, a começar pelos senhores, que conseguem o milagre de sobrevivência heróica, neste "mare magnum" em que deriva, praticamente sem rumo e sem leme, a agropecuária oficial.

Incurável também o morbo da mania de gostar de criar que me atinge, como ainda atinge companheiros meus e que, tanto em meu caso como no deles, e como no caso dos senhores, tal mania/virose de gostar das coi-

sas da agropecuária consegue manter-se viva, ativa, produtiva, apesar da retirada progressiva dos subsídios, do confisco, do absurdo dos altos juros para investimentos de risco, dos preços absurdos dos insumos, da escassez de mão-de-obra, das portarias e regulamentações emanadas de burocratas de gabinete que jamais viveram ou trabalharam numa simples fazenda!

Eis aí o milagre que ocorre conosco: somos vítimas da incurável **virose do campo**, que a brutal terapia de ministros e assessores não consegue erradicar!

Portanto, praça aos céus possamos continuar com ela, sofrendo-a na pele, no coração e na alma, para o bem do Brasil.

Antes de por um ponto final nestes desataviados comentários, que me permito como antigo e incurável assinante, deixar aqui registrado que li e apreciei muito o trabalho "Onde estão as vantagens para o confinamento", do prof. Lício Veloso. Excelente! Parabéns. Está inserido no número de agosto da RC, que certamente foi lido com proveito por esse Brasil afora.

Augusto Freitas
Médico e pecuarista
Feira de Santana, BA

A utilidade da Agenda na Argentina

Considerando a qualidade da "Agenda dos Criadores e Agricultores", a qual será de muita utilidade para o desenvolvimento das atividades dos técnicos e produtores, o Ministério de Asuntos Agropecuarios y Recursos Naturales da Provincia de Formosa está interessado em receber três exemplares da mesma.

Como consequência de não conhecer o preço do exemplar e aos efeitos de agilizar a questão, solicitamos a vossa fineza de nos enviar os exemplares, o importe dos quais será remetido mediante cheque visado contra a agência do Banco Nación de la República Argentina da cidade de São Paulo. Solicitamos enviar o preço das publicações em dólares americanos.

Eng. Agr. Jorge Collia
Assessor técnico do
Ministério
Formosa, Argentina

Ainda a propósito da leucaena

Inicialmente, gostaria de elogiar a publicação do artigo "As possibilidades da Leucaena" no n.º 609

da **Revista dos Criadores** (pág. 47 de outubro de 1980). Trata-se realmente de matéria de grande interesse e mostra com clareza o potencial representado pela leucaena em termos de alimentação animal.

Entretanto, gostaria de mencionar que ainda não foram encontradas plantas nativas de leucaena (*Leucaena leucocephala*) no Brasil, especialmente nos cerrados, visto que ela ocorre em estado natural em regiões de solos calcários da América Central. Existem, isto sim, muitas espécies de leguminosas nativas, pertencentes à mesma subfamília **Mimosoideae**, dentre as quais o conhecido arranha-gaço.

Com relação à seção "Livros", página 92 do mesmo número da revista, no qual se faz menção ao livreto "Leucaena — a alfafa tropical", a **Revista dos Criadores** traz um resumo bastante abrangente sobre o seu conteúdo. Na qualidade de membro da Comissão e colaborador na publicação do livreto, seria interessante lembrar que não existe qualquer ligação, a não ser sob o ponto de vista comercial, entre a Manah e a Semel.

Eduardo Penteado Cardoso
Semel - Produção, comércio e Serviços Ltda.
São Paulo, SP

Uma carta de 1915 com sabor muito atual

(...) Ganhamos cento e vinte mil-réis em um mês, o que é uma bela soma, que dá para pagar a lavadeira, para as passagens de bondes, para os cafés e os teatros, etc. etc. E ainda sobra alguma coisa, andando a gente com uma certa economia. E afinal tem-se a consciência tranqüila, por se não ter deixado ficar pacificamente a dormir e, principalmente, por ter a certeza de que aqueles cobres foram ganhos à custa de nosso próprio esforço. Não fizemos, para arranjá-los, nenhum exercício de curvatura de espinha, não pedimos nada a ninguém, não adulamos nenhum filho da mãe.

(...) Já começou a safra das pinhas? Aqui, uma dúzia de pinhas pequeninas como limões custa seis mil-réis. Imagine a senhora a diferença que há entre isto e Palmeira. A Palmeira é uma delícia — há lá pinhas de graça. Aqui não. Nem as pinhas são pinhas — chamam-se *frutas-do-conde*. Veja lá que heresia. Mudar o nome das pinhas! as sagradas pinhas dos palmeirenses! a única coisa que há na Palmeira! Decididamente a Palmeira é uma grande terra. Só por causa das pinhas...

O que eu sinto é morar numa terra onde só se pode conseguir alguma coisa com muito reclamo. Aqui tudo se resume nisto: cada sujeito faz propaganda de si mesmo. Um indivíduo que é burro fala em voz alta, de *papo*, grita, diz asneiras e às vezes chega a fazer figura diante de outros que são mais burros do que ele. Um animal que tem algum talento afeta uma atitude ultrahumana, quase divina — não conversa: prega; não dá sua opinião sobre coisa nenhuma: afirma, assevera, pontifica. É dogmático e é intolerante. Não admite que se diga nada que vá contrariar suas doutrinas. É como os padres da Igreja. Enfim todo reclamo. Um tipo escreve um livro e vai, ele próprio, engrandecer, pelos jornais, o livro que escreveu. Muitas coisas más conseguem tornar-se boas assim. Eu digo comigo mesmo que o meu vizinho é um asno; mas tenho interesse em dizer em público que ele é um gênio. É o elogio pago. Tudo reclamo, em toda parte, a toda hora, sob todas as formas. Há jóias tentadoras nas vitrines, sobre uns estofados magníficos; as mulheres enfeitam-se, pintam-se, estudam gravemente a

importante questão do vestuário, para aumentar o valor de uns encantos fictícios; os jornalistas escrevem, convictamente, que "o sr. barão Fulano, falecido ontem, em seu palacete à Rua X, era a maior manifestação literária de nossos tempos". Uma pragai! As esquinas, às portas dos bares, sujeitos sérios, rigorosamente vestidos em vastas sobrecasacas negras, dirigem-se, em altas vozes, à multidão: — "V. Exa. conhece a Tomatina? Os senhores já provaram os biscoitos do Sr. Sicrano? Experimentem as pilulas do dr. X". Está a gente muito tranqüilamente tomando uma xícara de café, quando um indivíduo se levanta e põe a gritar: — "Escândalo! Patifaria! Maroteira!"

Voltam-se todos. Será algum barulho? E o homem bate com a cadeira no chão, dá um murro na mesa e continua a berrar: — "Imoralidade! Então os senhores já viram tão grande indecência? Miséria! Em que terra estamos nós?"

Junta-se gente, formam-se grupos em torno do sujeito, que brada sempre. — "Onde já se viu isso?"

Não há polícia aqui? Miséria! Escândalo! E, quando a curiosidade dos circustantes chega ao máximo, o homem sorri e diz muito calmamente: — "Descansem, meus senhores. Não é aqui, nem agora. É hoje à noite, no Recreio. É a nova peça *A Moratória Conjugal*, uma peça de gênero livre, somente para homens. Uma verdadeira imoralidade! Vão hoje lá. Uma pândega!"

Veja a senhora como as coisas aqui são. Tudo reclamo. E o pobre-diabo que for tímido, que não declarar que é um gênio, é uma criatura morta. Ora eu estou arrependido de ter feito hoje uma asneira. Um rapaz meu conhecido apresentou-me a um poeta, dizendo que eu era literato. E eu caí na tolice de dizer que o não era. Dei uma grande patada, não há dúvida. Eu devia ter ficado calado ou, melhor, ter entrado a dizer sandices sobre arte e sobre outras coisas que não conheço. Era o que eu devia ter feito. É o que todos fazem...

GRACILIANO RAMOS,
em carta a sua mãe.
Rio, 4.2.1915

SUCESSOS 80:

COCLUSIO EMPEROR DANTE
E
RAÇÕES ANHANGUERA

Premiações:

- 1974 – Campeão Terneiro - Exposição do Prado – Uruguai
- 1974 – Campeão Terneiro – II Expointer - Esteio
- 1976 – Grande Campeão da Raça – III Expointer – Esteio
- 1980 – Grande Campeão da Raça - V Expointer - Esteio
- 1980 – Campeão na Categoria Senior (importados) e Grande Campeão PB – XII Exposição Brasileira - Guaratinguetá
- 1980 – Grande Campeão dos Campeões (variedade PB) - II Exposição Nacional dos Campeões - Guaratinguetá



Rações Anhanguera

Av. Anchieta Nº173 – 3º andar
Fone 31-4300 - Campinas - SP.

Rodovia BR-116 - km 0 Fone 224-6053
Curitiba - PR

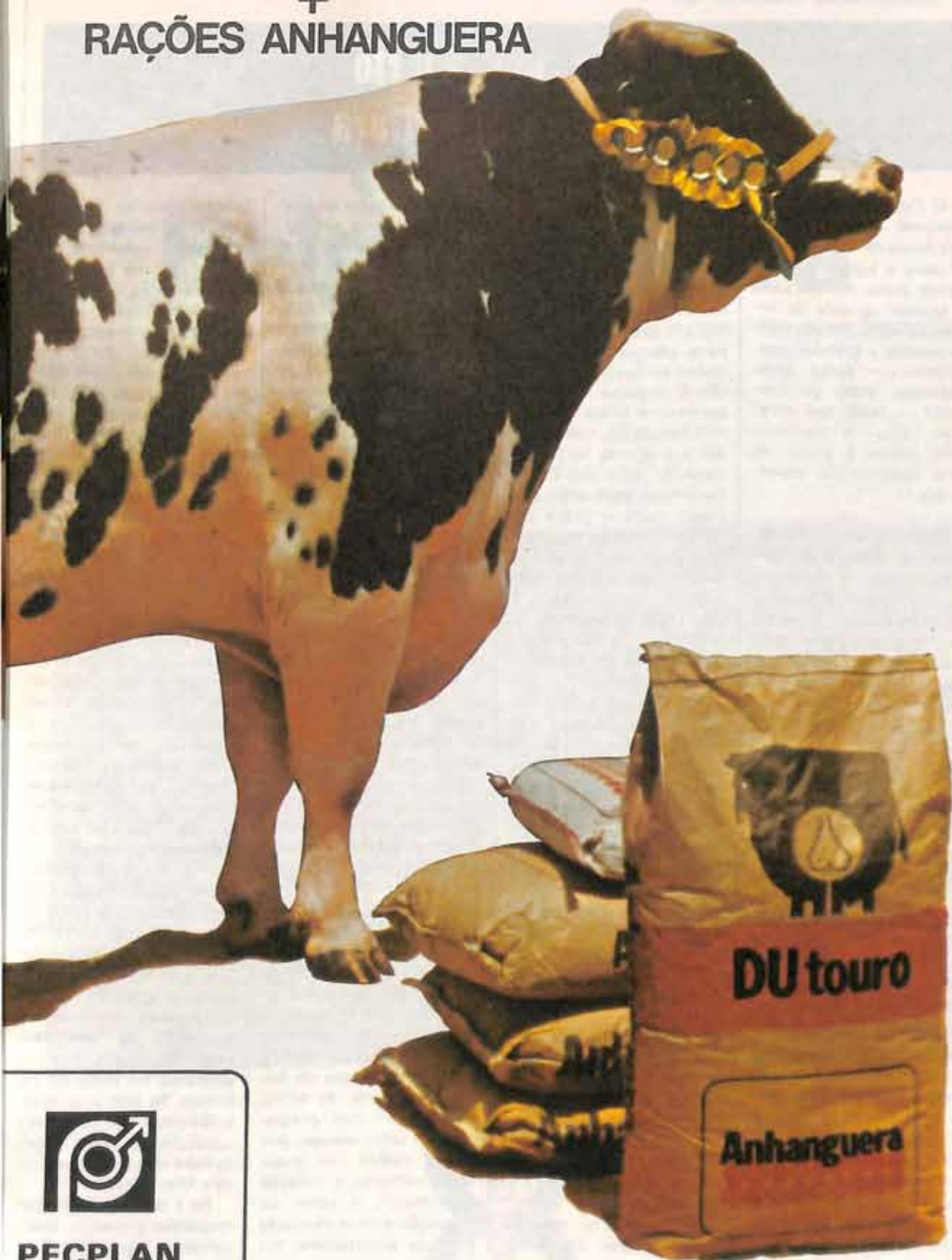
**CABANHA
MILK TYPE**



Adroaldo F. de Moraes

Rua 7 de Setembro, 1.113 – sala 8
Fone 722-2141
Cachoeira do Sul – RS

**COCLUSIO EMPEROR DANTE
+
RAÇÕES ANHANGUERA**



**PECPLAN
BRADESCO**

mSP

foto Madrigal

Mais um aperto para a agricultura

O Conselho Monetário Nacional aprovou os novos níveis de financiamento para a agricultura, fixando juros médios para o custeio agrícola da ordem de 45%. No entanto, os médios e grandes agricultores — como serão definidos estes parâmetros? — terão que arcar com juros de mercado, pelo menos a partir de uma determinada importância.

Tentou o Governo amenizar o impacto dessas medidas para a agricultura, por meio de uma série de entrevistas, nas quais os ministros afirmam que, apesar da elevação das taxas de juros para custeio, elas continuam abaixo dos níveis do mercado financeiro, e que não haverá limite na conta destinada à agricultura. A exemplo dos últimos dois anos, não faltarão recursos para quem quiser plantar — garante-se no Planalto. O sr. Delfim Neto declarou, logo após a reunião do CMN, que o Governo atual estará destinando à agricultura, em 1981, US\$ 7 bilhões, ou seja, Cr\$ 450 milhões. Para ele, o Governo não está aumentando os custos do financiamento agrícola, mas sim os subsídios, uma vez que um juro da ordem de 45% representa uma diferença de 100% com relação a uma taxa de inflação estimada em 90% para 1981.

Por outro lado, o ministro da Agricultura, procurando justificar a nova política financeira do Governo para o setor, acrescentou que tais medidas tinham que ser adotadas para adequar a política oficial ao combate à inflação. O pequeno agricultor continuará tendo os mesmos benefícios, mas o médio e o grande terão um corte de 20% dos financiamentos, pois terão que apelar para o preço do mercado financeiro. O senhor ministro apenas não se aventura a dizer qual é ou a prever qual será esse preço do mercado financeiro... e isso porque tal preço se situa hoje já acima de 100%!

Compreende-se a preocupação do Governo com relação ao peso do subsídio sobre o orçamento monetário, que não poderia continuar, sob pena de chegar-se a uma situação insustentável. No entanto, as medidas agora anunciadas vêm num momento extremamente inoportuno, difícil, delicado, que irão repercutir profundamente sobre toda a economia brasileira. Os ministros falam em diferenças de juros de mercado e oficial para a agricultura para justificar a redução do subsídio. Mas se esquecem de mencionar os seguintes números: em 1979, os juros para a agricultura eram de 15% ao ano, enquanto o mercado financeiro cobrava 3,5% ao mês. Em 1980,

enquanto as taxas de mercado situavam-se em torno de 4% ao mês, até o final de outubro, a agricultura estava pagando juros que iam até 38% ao ano. E em 1981? Eis a grande questão. Nem mesmo o Governo poderá assegurar ao lavrador que está hoje plantando qual será a taxa de juros no mercado em 1981! Decididamente, porém, não inferior a 100%, e isso para nós atermos a um número "conservador".

Evidentemente, sempre há a perspectiva de contar-se, a partir de agora, com uma nova política de preços finais, que não seriam mais controlados pelo Governo. Dessa forma, o lavrador perderia na redução das taxas de juros subsidiados, ganharia no preço final, que não ficaria estrangulado pelo sr. Viacava. O que se está perdendo, em suma, ao lavrador brasileiro é que coloque mais recursos escassos de seu bolso, plante, colha, financie tudo durante um ano, na certeza de que, na comercialização da safra, o Governo respeitará o seu justo lucro. Este será sagrado.

Mas, e quando começarem os protestos contra as altas de preços do feijão e do arroz, do milho e da soja? Isso porque eles vão subir mesmo, por várias razões: os juros serão menores, a inflação será maior, o custo de produção está-se elevando a níveis assustadores em

consequência da inflação galopante (ninguém faz projeções inferiores a 100%), e uma inevitável desvalorização do cruzado para 1981 irá levar a preços píncaros os preços dos fertilizantes... Se o Governo pretende agora adotar uma atitude mais realista, isto é, subsidiar os juros e proporcionar melhores preços, o que corresponde a transferir parte do consumidor parte do subsídio que vinha dando à agricultura, será preciso muito realismo e muita convicção para que, ao fim da safra, quando o produto vier ao mercado, esse mesmo Governo permita que todo o custo seja transferido ao consumidor. E, para isso, como recentemente lembrou o presidente da Sociedade Rural Brasileira, René Ticoulat, é indispensável que, nesse valor, estejam incluídos todos os custos, inclusive o financeiro.

O Governo, em resumo, quer mudar as regras do jogo, mas os lavradores que ainda não se refizeram de tantos anos inflacionistas e de tanto abandono somente poderão aceitar essas novas regras se, ao contrário do que tem ocorrido, elas não sejam alteradas no meio do caminho. Se isso acontecer, o Governo não terá mais condições de pedir à agricultura que salve a economia brasileira.

Para isso, seria preciso responder primeiro: quem salvará a agricultura?

Currais de aço Belgo-Mineira



Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira

A construção de currais em cordoalhas de aço zincadas tem sido cada vez mais utilizada no país. Mais prática e segura que os sistemas tradicionais, sua preferência vem se generalizando devido também a diversas outras vantagens que oferece, dentre as quais:

- facilidade e rapidez de execução
- alta resistência ao impacto
- durabilidade elevada
- facilidade de manutenção

- melhor aspecto e, antes de tudo,
- maior economia.

Existem diversas maneiras de se projetar e construir um curral em cordoalha de aço, dependendo de condições locais e de aspectos econômicos.

As sugestões que se seguem pretendem apenas oferecer uma orientação básica, permitindo assim uma ampla gama de adaptações, de acordo com as conveniências de cada usuário.

Currais de aço Belgo-Mineira

Material básico necessário

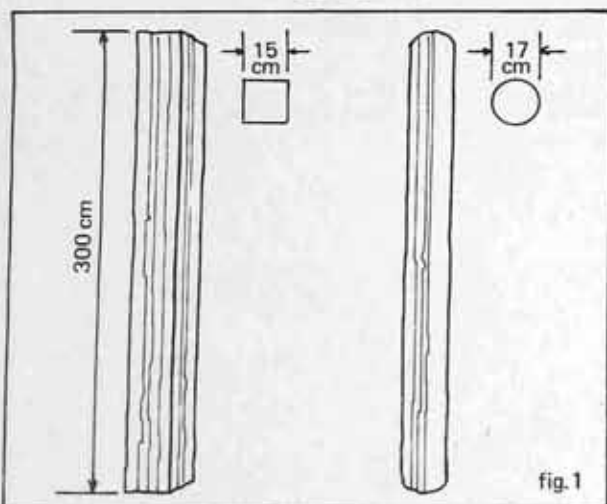


fig. 1

1) Esteios

Normalmente de madeira de lei ou outra madeira resistente qualquer. Possuem, em geral, o comprimento de 3,00 m e podem ser de seção quadrada ou circular, e usualmente com as seguintes dimensões:

- quadrada, com aproximadamente 15 X 15 cm
- circular, com aproximadamente 17 cm de diâmetro

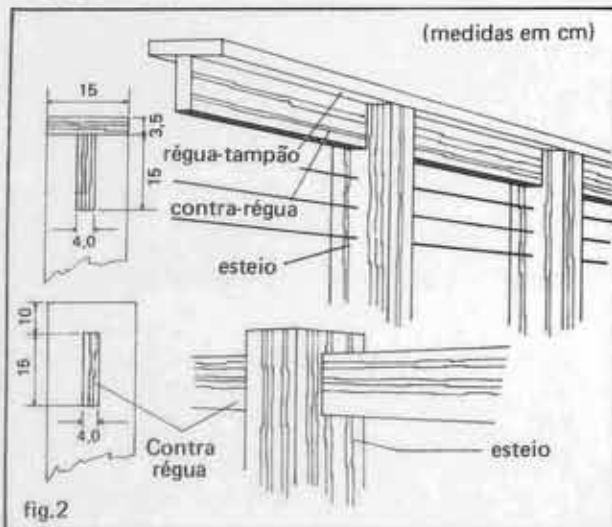


fig. 2

2) Réguas tampão e contra-réguas

São também em madeira resistente e em geral possuem as seguintes dimensões transversais:

- régua tampão: espessura 3,5 cm e largura compatível com a seção transversal do esteio utilizado

- contra-régua: 4,0 x 15,0 cm

O comprimento da régua tampão deve ser suficiente para cobrir a distância de eixo a eixo entre os esteios adjacentes ao passo que para a contra-régua o comprimento deve ser adequado para uma penetração de cerca de 2,5 cm em cada um destes esteios.

A contra-régua é usada para travamento longitudinal dos esteios e a régua tampão para fechamento superior do curral, oferecendo a vantagem adicional de servir como assento. Desde que esta utilidade não seja considerada de interesse a régua tampão pode ser dispensada.

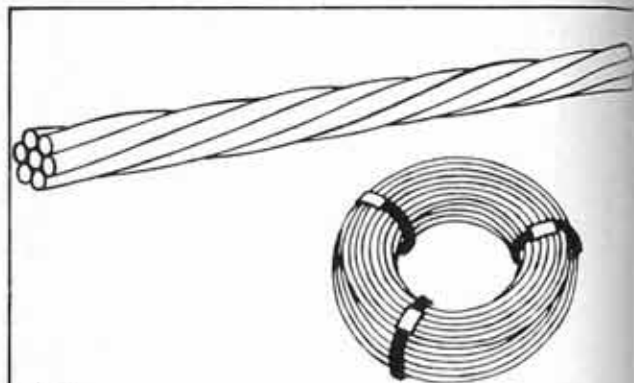


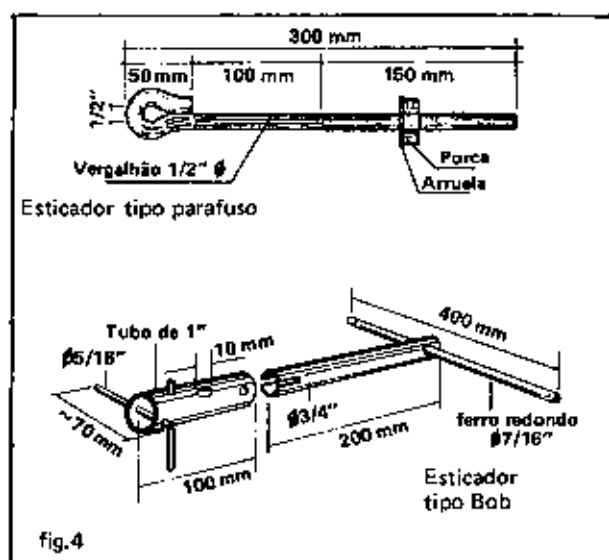
fig. 3

3) Cordoalha de aço Belgo-Mineira

Composta de sete fios de aço zincados (galvanizados) do mesmo diâmetro. O produto possui elevada resistência à ruptura e grande durabilidade, assegurada pela espessa camada de zinco (classe A) que a protege.

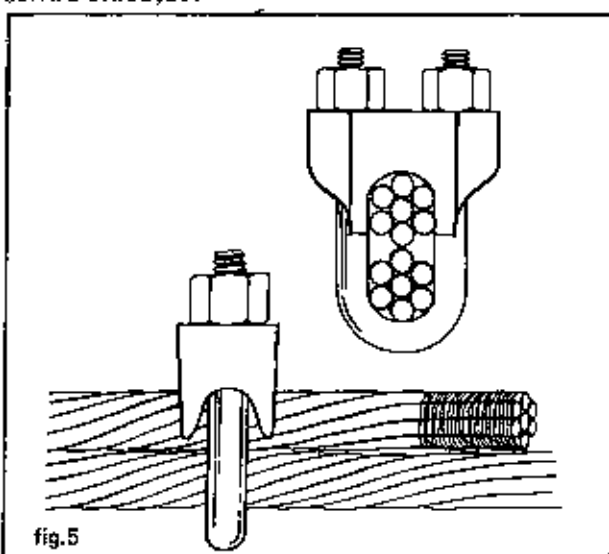
A bitola mais comumente utilizada é a de 6,40 mm (1/4"), porém outras são também disponíveis. Para a bitola de 6,40 mm, as características padronizadas são:

BITOLA	CARGA RUPT. APROX. (kgf)	COMP. POR ROLO (m)	PESO APROX. POR ROLO (kg)	CAMADA MIN. DE Zn (g/m ²)
mm pol.				
6,40 1/4"	3000	1000	200	180



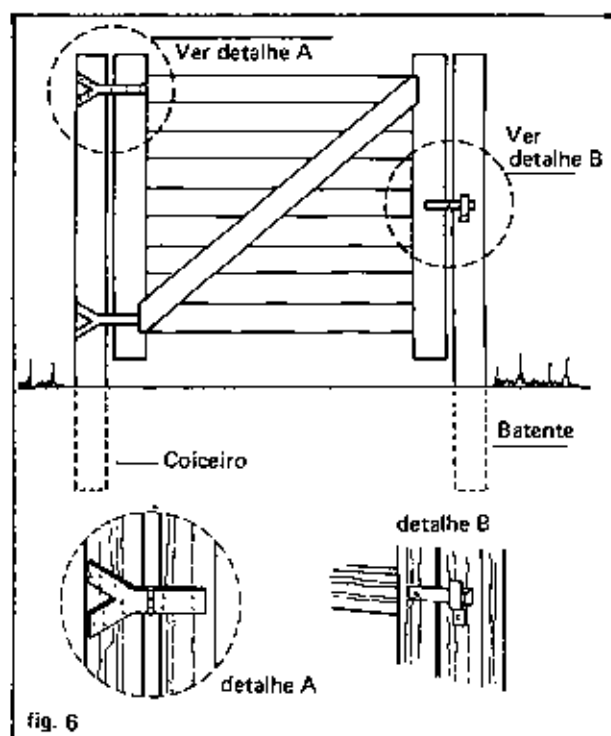
4) Esticadores

São peças destinadas à colocação e posterior manutenção da cordoalha na tensão desejada. O modelo mais comum é o tipo parafuso, que corresponde a uma haste rosqueada em uma extremidade, com porca e arruela, com um olhal na extremidade oposta para ancoragem da cordoalha. Outro dispositivo muito empregado é o modelo "catraca tipo BOB", que é basicamente um pedaço de tubo no qual é inserida a ponta da cordoalha a ser tracionada, o que é feito na medida em que se impõe rotação à peça com o auxílio de uma manivela adequada. O travamento é posteriormente realizado por meio de um contrapino também introduzido no tubo (fig.4). Os esticadores podem ser galvanizados ou simplesmente pintados com uma tinta protetora contra oxidação.



5) Bracadeiras (clips ou grampos)

São fixadores metálicos utilizados para a ancoragem das cordoalhas nos esticadores tipo parafuso. Para facilitar a operação, costuma-se usar bracadeiras de bitola um pouco superior à da cordoalha (exemplo: cordoalha de 1/4" - bracadeira de 5/16").



6) Porteiras

Atendem às especificações do projeto. Em geral, são totalmente em madeira, mas podem ser feitas também com madeira e cordoalha de aço. Um dos tipos mais usuais é o representado na fig.6. Também como sugestão são indicados um modelo prático de fecho e dobradiça.

7) Materiais auxiliares

São ainda necessários:

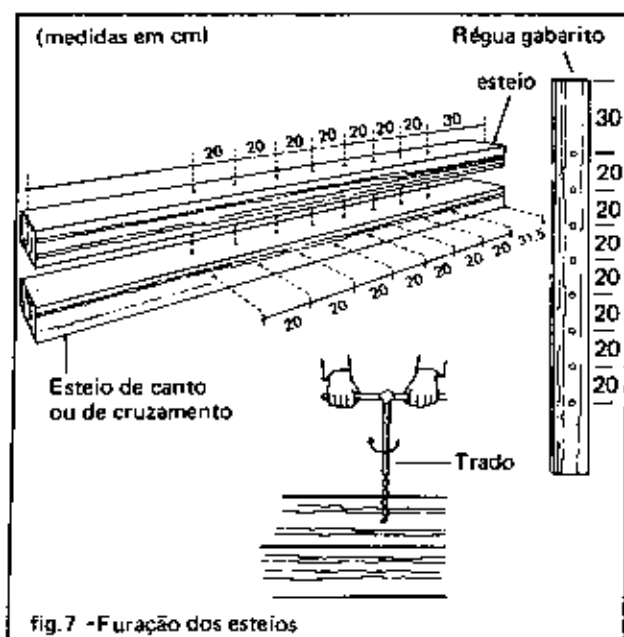
- arame galvanizado 0,89 mm (BWG 20) ou 0,81 mm (BWG 21)
- protetores para pontas de cordoalhas (tubos de plástico ou borracha)
- parafusos para madeira

Além das cordoalhas de aço, a Belgo-Mineira também dispõe em sua linha de produtos para currais, de esticadores, braçadeiras e arames galvanizados.

Montagem

1) Escolha do Terreno

O terreno escolhido deve ser firme e plano, limpo, seco, não ser alagadiço e não estar sujeito a processos anormais de erosão. Deve dispor de água ou localizar-se próximo a aguadas e, se possível, na parte central da pastagem.



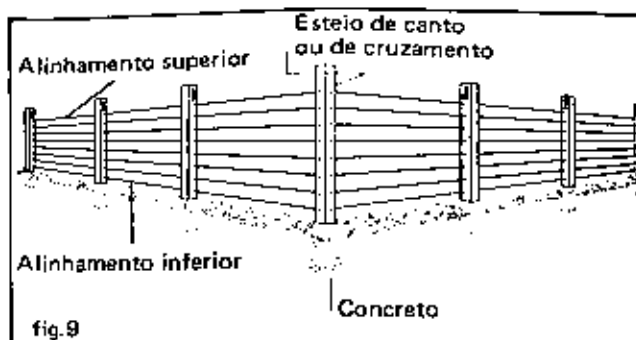
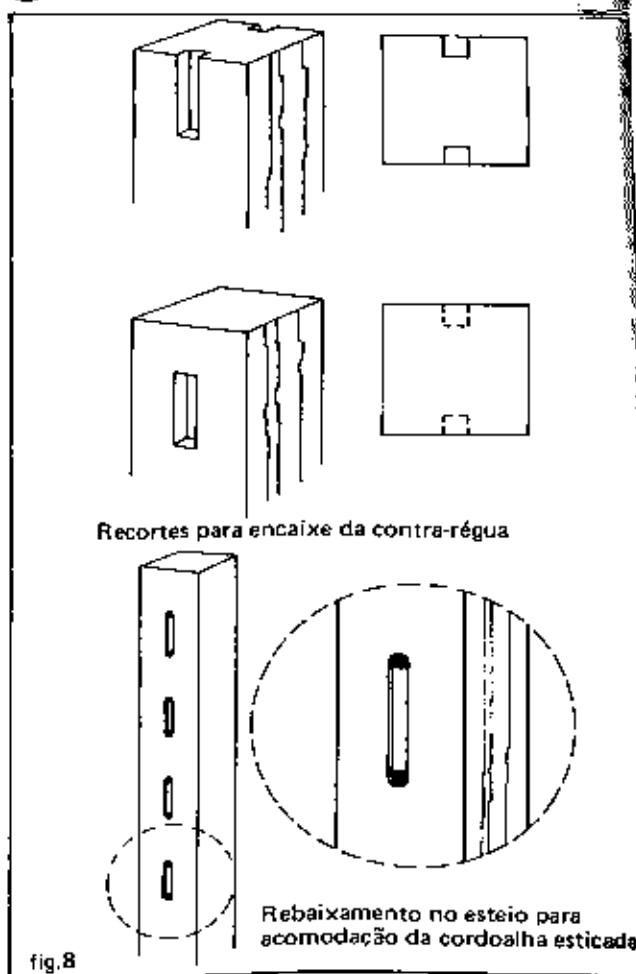
2) Preparação dos Esteios

Os esteios deverão ser perfurados para a passagem da cordoalha. É prática comum a adoção de 8 cordoalhas, com o afastamento indicado na fig.7. De qualquer modo, é recomendável que seja um número par de cordoalhas.

A furação dos esteios pode ser feita com trado de 1/2" ou, quando possível, com broca de 1/2" com o auxílio de máquina elétrica ou com adaptação da broca em moto-serra. Recomenda-se a utilização de uma régua gabarito para a furação, que deve ser orientada a partir da cabeça dos esteios.

A fim de se evitar interseções de furos nos esteios de canto (currais quadrangulares) e de cruzamento, é necessário deslocar ligeiramente a posição relativa dos furos de uma direção com relação à outra. Também nesta fase deverão ser feitos os recortes laterais nos esteios para posterior encaixe das contra-réguas. Sua profundidade deverá ser da ordem de 2,5 cm com altura e largura apenas suficientes para a penetração da contra-régua. Quando se usa régua tampão e contra-régua, a parte superior da contra-régua deve ficar alinhada com a cabeça dos esteios correspondentes. Quando há apenas contra-régua, o encaixe para sua introdução deve ser feito de modo que seu alinhamento superior fique abaixo da cabeça dos esteios cerca de 10 cm.

Nos esteios finais de lances, onde a cordoalha muda de alinhamento e retorna ao esteio de partida (ver "enfiação da cordoalha"), é recomendável fazer-se um rebaixamento na madeira para acomodação da cordoalha quando esticada (fig.8).

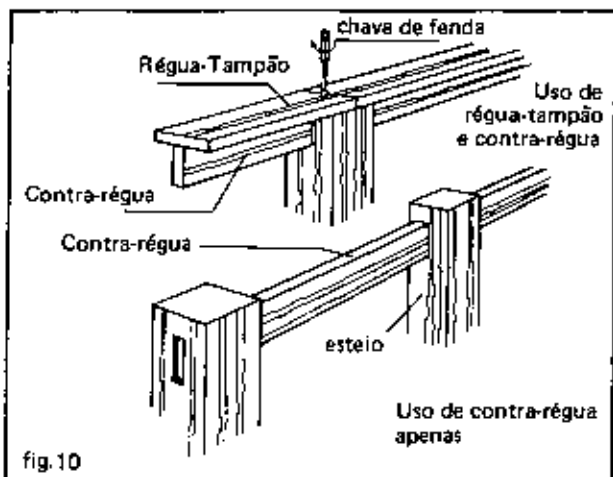


3) Posicionamento dos Esteios

Os esteios deverão ser enterrados no solo com uma profundidade aproximada de 1,00 m, deixando assim uma altura útil de 2,00 m acima do solo. Como os furos para a passagem da cordoalha devem ficar perfeitamente alinhados nos diversos esteios de um mesmo lance (trecho entre o esteio de partida e o de retorno da cordoalha - vide "enfiação da cordoalha"), sua posição relativa deve ser a mesma. Assim, os esteios são colocados no prumo, afastados entre si de 2,00 m (eixo a eixo) e alinhados com o auxílio de um arame ou fio de nylon, de maneira a que cada linha de furos correspondentes a cada lance permaneça retilínea e horizontal.

Esteios de canto (currais quadrangulares), de porteira e de cruzamento, devido à maior solicitação a que estão sujeitos, devem ser reforçados com pedra, ou mesmo concretados. Entretanto, para uma melhor estabilidade e maior duração do curral, recomenda-se proceder-se à concretagem de todos os esteios, o que evita o apodrecimento prematuro da madeira. Para tanto, é necessário que o concreto aflore cerca de 5 cm sobre o solo.

Outra medida também muito utilizada em favor da estabilidade do curral é tornar independentes os esteios de porteira, o que corresponde à colocação de um esteio adicional de cada lado da porteira.

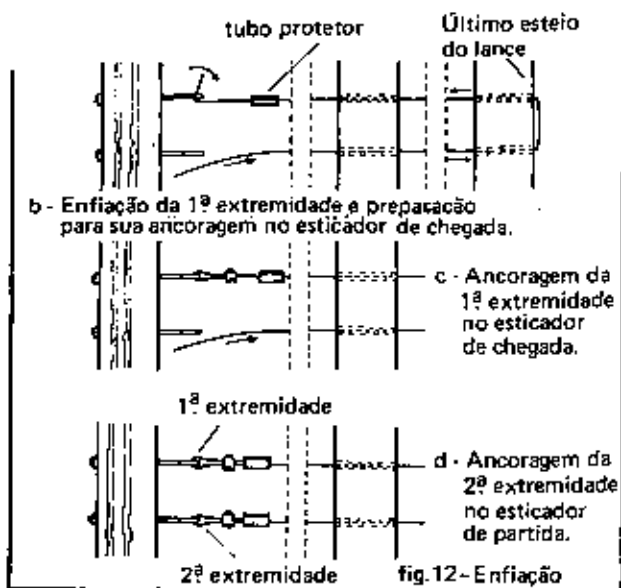
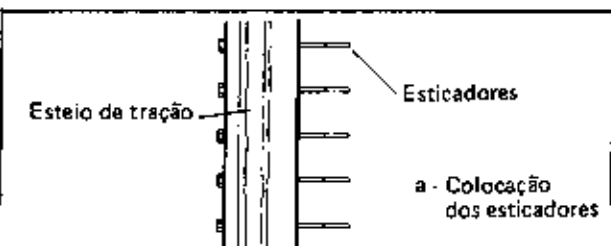
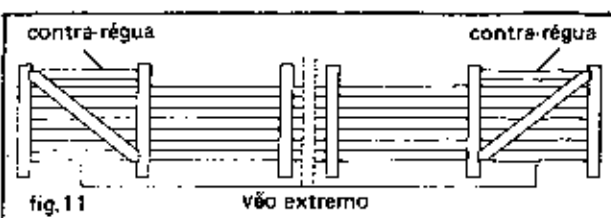


4) Travamento dos Esteios

Esta medida evita que ocorram deslocamentos longitudinais em virtude do esforço provocado pela cordoalha em tensão. As contra-régua são utilizadas para esta finalidade. Estas devem ser encaixadas nos recortes laterais dos esteios adjacentes, sendo as régua-tampão, quando utilizadas, a seguir alinhadas e parafusadas nas cabeças destes esteios.

No caso de contra-régua apenas, a operação de encaixe deve ser feita por ocasião do posicionamento dos esteios, ou seja, antes de sua fixação definitiva.

Em currais mais simples, mesmo as contra-régua podem ser parcialmente eliminadas, sendo apenas indispensáveis nos vãos extremos de cada lance, promovendo-se neste caso, um reforço diagonal nestes vãos (fig.11).



5) Enfição da Cordoalha

As cordoalhas são enfiadas aos pares, na seguinte sequência de operações (considerando-se esticadores tipo parafuso):

- 1 - Colocação dos esticadores em todos os furos do esteio de tração. É necessário que as porcas estejam em posição inicial de aperto para que haja bastante comprimento de avanço para o esticamento inicial e futuros reapertos da cordoalha (fig.12.a).
- 2 - Enfição da primeira extremidade da cordoalha nos furos do primeiro alinhamento dos demais esteios até o final do lance, de onde retorna até o esteio de tração pelos furos do alinhamento imediatamente adjacente. A operação pode ser ascendente ou descendente, dependendo da partida ter sido pelo alinhamento inferior ou superior (fig.12.b).
- 3 - Ancoragem desta extremidade mediante passagem de uma ponta de aproximadamente 20 cm através do olhal do esticador de chegada correspondente, seu subsequente dobramento a 180° e posterior fixação por meio de uma braçadeira. Para evitar que a ponta da cordoalha dobrada possa eventualmente ferir o gado, recomenda-se recobri-la com um pedaço de tubo plástico ou de borracha de diâmetro interno suficiente para abraçar com certa pressão os dois diâmetros de cordoalha resultantes. Neste caso, é preciso não esquecer de enfiar o tubo na cordoalha antes de sua ancoragem no esticador (fig.12.c).
- 4 - Considerando-se um comprimento necessário para a ancoragem da outra extremidade no esticador de partida, corta-se a cordoalha, observando-se os cuidados indicados abaixo. Em seguida, procede-se à operação de ancoragem da mesma forma como descrito para a primeira extremidade. Antes da fixação com a braçadeira, é aconselhável promover-se uma tração manual prévia na cordoalha, a fim de que o percurso de aperto disponível nos esticadores seja suficiente para produzir a tensão desejada (fig.12.d). A operação se repete para os pares seguintes, até o último alinhamento do lance e subsequentemente para o restante do curral.

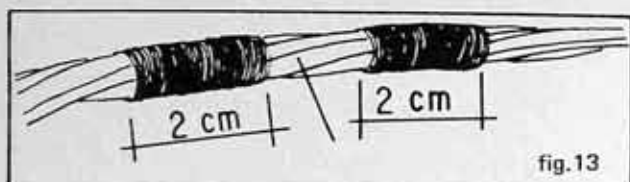


fig. 13

Corte da Cordoalha:

Antes de cada corte, as duas pontas que dele resultarão necessitam ser protegidas para evitar que os fios componentes da cordoalha fujam de sua posição normal (tendência a desenrolar). Para tanto, faz-se uma blindagem de cada lado do ponto de corte, enrolando firmemente arame galvanizado de 0,89 mm (BWG 20) ou 0,81 mm (BWG 21) em torno da cordoalha, por um comprimento de aproximadamente 2 cm. Só então o corte pode ser feito, com o auxílio de uma tesoura apropriada, esmeril ou mesmo lâmina de serra (fig. 13).

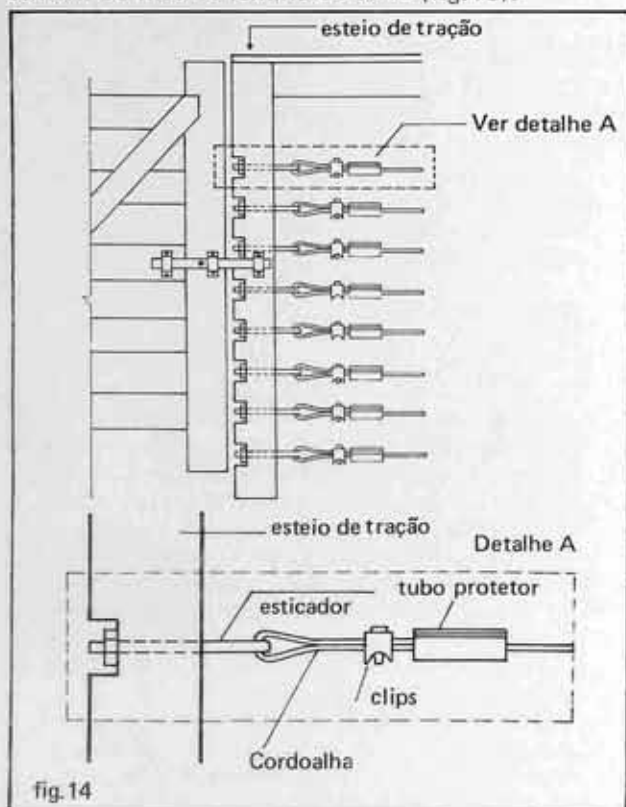


fig. 14

No caso de lances com uma porteira em cada extremidade, uma delas deverá ter um de seus esteios utilizado como esteio de tração (quando a porteira não tiver esteios independentes). Para não prejudicar o bom funcionamento desta porteira é necessário evitar-se a saliência das pontas dos esticadores ali instalados e, para tanto, recomenda-se prever, neste esteio, reentrâncias na madeira para alojar a arruela, a porca e um pedaço do parafuso. Assim, após esticamento da cordoalha, a ponta do esticador que vier a ultrapassar a face do esteio deverá ser cortada ou a ancoragem correspondente deverá ser refeita de modo a não permanecer qualquer parte saliente (fig. 14).

Quando o esticador for do tipo "Bob", as operações relativas à ancoragem das extremidades da cordoalha devem ser as correspondentes a este dispositivo. Também neste caso, eventuais pontas

salientes devem ser protegidas, o que é geralmente feito com a introdução, sob pressão, de um pedaço de tubo plástico ou de borracha em cada uma.

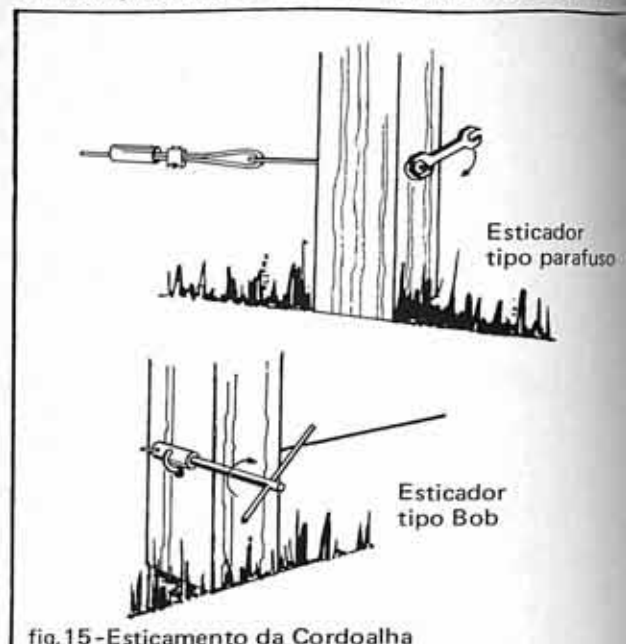


fig. 15 - Esticamento da Cordoalha

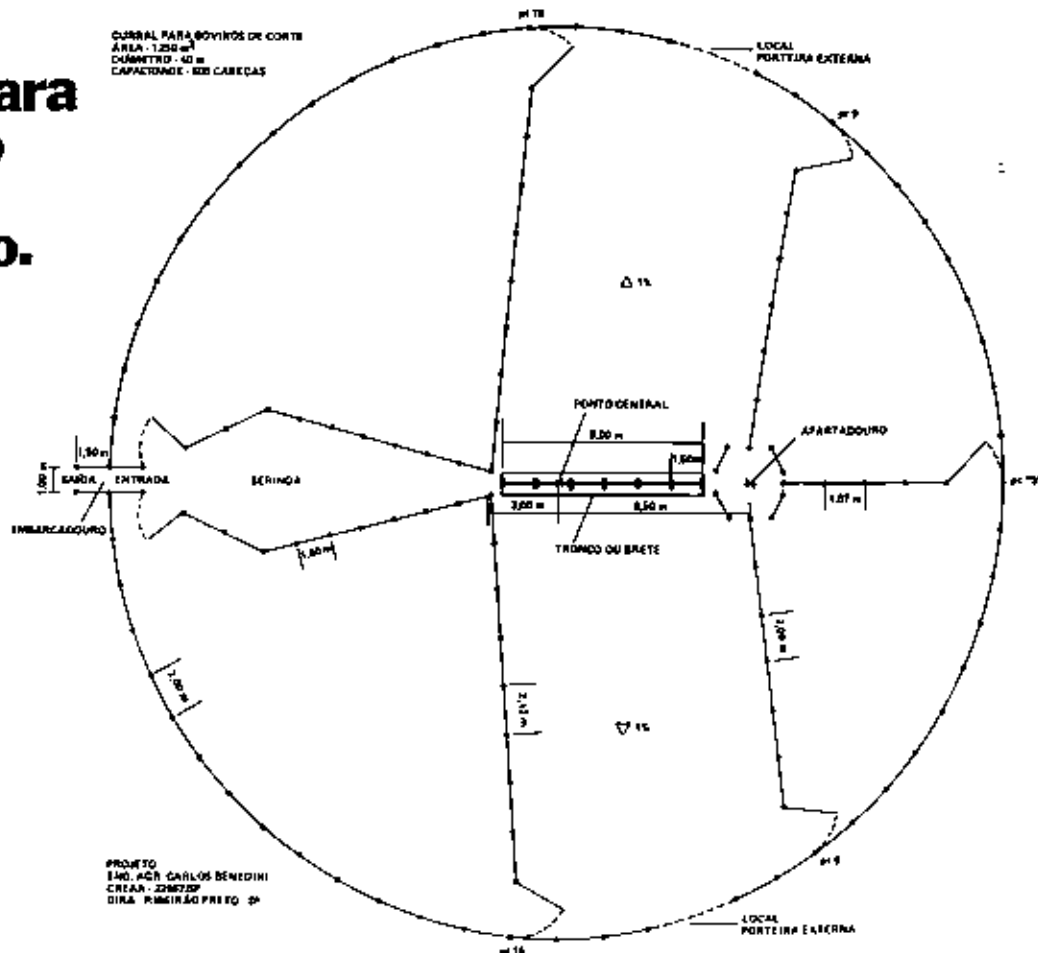
6) Esticamento da Cordoalha

No caso de esticadores tipo parafuso, o esticamento é feito mediante o aperto alternado das porcas dos esticadores de partida e de chegada utilizando-se de uma chave de boca ou qualquer outra ferramenta apropriada. Esta operação pode se repetir no futuro sempre que eventuais reapertos forem necessários. Caso se chegue ao final da rosca do esticador ou havendo qualquer dificuldade maior, a ancoragem poderá ser refeita para a posição inicial do parafuso ou, simplesmente, o reaperto pode ser dado girando-se o esticador no sentido da torção da cordoalha. Este artifício provoca uma diminuição de comprimento da cordoalha e a recuperação da tensão original. Para o dispositivo tipo "Bob", o esticamento e reesticamentos são processados mediante rotação da peça, com o auxílio de manivela adequada. O travamento é posteriormente efetuado por meio de um pino saliente (fig. 15).

7) Instalação das Porteiras

É a etapa seguinte. As porteiras, previamente construídas, são finalmente fixadas nos respectivos coiceiros (esteio onde se instalam as dobradiças) com 2 ou 3 dobradiças. Tanto a construção da porteira como sua fixação no coiceiro devem ser suficientemente resistentes para evitar futuras deformações que possam prejudicar seu melhor funcionamento.

Esquema para construção de um curral típico.



MATERIAL NECESSÁRIO PARA CONSTRUÇÃO:

- Cordoalha de ϕ 6,40 mm (1/4"): 2 rolos
- Esteios de ϕ 0,17 x 3,00 m: 143
- Esteios de ϕ 0,20 x 4,00 m: 2 (para saída do embarcadouro)
- Tábuas de 0,15 x 1,50 : 190 (tronco, embarcadouro, apartadouro e plataforma)
- Contra-réguas 0,15 x 1,87 m : 70
- 0,15 x 1,99 m : 16
- 0,15 x 1,74 m : 4
- 0,15 x 1,62 m : 4
- 0,15 x 1,37 m : 14
- Porteiras : 2 de 3,00 m (entrada)
- 5 de 2,25 m (internas)
- 2 de 1,75 m (seringa)
- Esticadores completos: 80
- Arame galvanizado 0,89 mm ou 0,81 mm : 0,50 kg (aprox.)

MATERIAL NECESSÁRIO PARA A MARCAÇÃO:

- Trena de 20 metros
- 150 piquetes
- Martelo pesado
- 50 m de arame fino
- Régua de 2,00 m e 1,50 m

- 2 - Afastado de 20 metros, marcar o centro do curral com um piquete bem firme. Prender neste piquete um arame com exatamente 20 metros de comprimento. Colocar o piquete de partida (pt "0") no lado oposto do embarcadouro. Fazer o círculo colocando piquetes a cada 2,00 m, primeiramente num sentido, depois no outro a partir de pt "0", de modo a fechar no embarcadouro, com um metro de largura (fazer ajustes ou mudar a posição de pt "0" se for necessário).
- 3 - Ainda com o arame fixado no centro e com o auxílio de piquetes, marcar as 5 porteiras internas: a primeira corresponde ao pt "0", duas aos piquetes 9 de cada lado e 2 aos piquetes 16 de cada lado. Marca-se, então, o vão de 2,50 m em cada uma, sobre a linha que liga o centro do curral e estes 5 piquetes.
- 4 - Determinar o eixo do curral, estendendo-se o arame desde o centro do embarcadouro até o piquete "0", atravessando todo o curral.
- 5 - Atenção: marcar com 2 piquetes, na largura de 1 metro:
 - a - a saída do embarcadouro, 1,50 m para fora
 - b - a entrada do embarcadouro, 1,50 m para dentro do curral
 - c - a saída da seringa, 3,00 m antes do centro do curral
- 6 - Com um piquete, marcar o centro do apartadouro a 8,50 m do centro do curral, na direção de pt "0".
- 7 - Marcar as portas do apartadouro, com dois

MARCAÇÃO:

- 1 - Escolhida a área apropriada para a instalação do curral, determinar o local do embarcadouro.

piquetes cada, na largura de 1,0 m:

- a - a primeira afastada de 1,50 m de seu centro, na direção do centro do curral,
 - b - a segunda afastada de 1,50 m de seu centro, na direção de pt "0" (esta servirá para a balança ou dispositivo de contenção, se forem instalados),
 - c - as quatro laterais, duas de cada lado, sempre a 1,50 m do centro, em esquadro com as duas primeiras.
- 8 - O tronco, com 9,00 m de comprimento, começa a 0,50 m de saída da seringa e termina a 0,50 m da entrada o apartadouro. O vão entre esteios é de 1,50 m. Recolher o arame que está estendido para usá-lo em outras marcações.
- 9 - Marcar a seringa: a direção das cercas é definida pela linha que liga cada piquete da saída da seringa respectivamente com o 3º piquete de cada lado do embarcadouro. A partir da saída são 7 piquetes de cada lado com 1,50 m de vão. Depois, tomando-se a direção da entrada do embarcadouro, marcam-se primeiramente as porteiras com 2,0 m e colocam-se os piquetes intermediários (um de cada lado).
- 10 - Marcar as cercas internas do curral: as maiores começam na saída da seringa e terminam nos piquetes das porteiras correspondentes; o vão entre os piquetes é de 2,12 m. As menores, começam no piquete intermediário das portas laterais do apartadouro e terminam no

piquete das porteiras correspondentes; o vão entre os piquetes é de 2,00 m. A do fundo, também começa no apartadouro e termina no piquete da respectiva porteira; o vão entre os piquetes é de 1,87 m.

- 11 - Escolhido o local das porteiras de entrada (que ocupam, cada uma, dois vãos da cerca externa), sua marcação se faz arrancando-se o piquete intermediário do vão correspondente a cada uma. Depois de colocados o batente e o coiceiro, sobrar o vão livre de 3,00 m para a porteira. Sugere-se uma de cada lado, nas divisões do meio.

ESTÁ MARCADO TODO O CURRAL

EXECUÇÃO:

- 12 - Proceder conforme descrito anteriormente a partir de "Preparação dos Esteios".

RECOMENDAÇÕES ESPECIAIS

Os esteios do tronco têm 1,85 m de altura. São 10 tábuas de 15 cm com vão de 3 cm.

O embarcadouro deve ter acesso fácil, inclusive para veículos pesados.

Quando possível, é conveniente levantar o eixo do curral, onde se localizam a seringa e o tronco, para melhor escoamento das águas pluviais e a não formação de lama nesse local de muito movimento.

O tronco deve, sempre, ser em nível ou aclive. Jamais em declive.

SEDE SOCIAL

Sabará - MG

USINAS

Sabará, João Monlevade e Trefilária da Cidade Industrial de Contagem

ESCRITÓRIO CENTRAL

Belo Horizonte
Av. Carandá, 1.115 - Tel. 212-2422
Caixa Postal, 15 - Telex (031) 1154
Endereço Telegráfico BELGOMINAS

REGIÕES DE VENDAS

MINAS

Belo Horizonte
Av. dos Andradas, 767
Caixa Postal, 15 - Tel. 201.8288
Telex (031) 1232
Atende aos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás e Distrito Federal

SÃO PAULO

Av. Higienópolis, 720
Tel. 825.3344
Telex: (011) 21035
Atende aos Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

NORTE

Salvador
Rua Frederico Castro Rabelo, 24
7º and. - Ed. Carlos Klippe
Tels.: 242.1692 e 242.1704
Telex: (071) 1052
Atende aos Estados do Norte e Nordeste

ESCRITÓRIOS DE VENDAS

RIO DE JANEIRO
Rua Almirante Mariath, 1
Tels.: 254.2090, 254.2099,
228.8244 e 228.2694
Telex: (021) 22070

BRASÍLIA

SCS Bloco C - Ed. Antônio Venâncio da Silva
4º and. - Conj. 407 -
Tel. 223.7802

PORTO ALEGRE

Av. Otávio Rocha, 115 -
Conj. 1108/10
Tels.: 21.0855, 25.5661 e
25.5655
Telex: (051) 1122

FORTALEZA

Rua São Paulo, 33
Ed. Gen. Tibúrcio
Salas 409/10
Tels.: 226.3833 e 226.4895
Telex: (085) 1121

RECIFE

Av. Dantas Barreto, 191
Salas 101/3
Tels.: 224.5527 e 224.1626
Telex: (081) 1098

REPRESENTANTES

CURITIBA
J. Luiz Foerster S.A.
Merc. Ind. e Agrícola
Rua Marechal Floriano
Peixoto, 473
Tels.: 22.1559 e 22.5064

FLORIANÓPOLIS

Valério Gomes
Com. Representações Ltda.
Rua Felipe Schmidt, 27
7º andar - Conj. 701/702
Tels.: 22.1333 e 22.1244

CAMPO GRANDE (MS)

Eneudes Ferreira Luna
Rua Rui Barbosa, 2.210
Tel.: 24.2382

SUL DA BAHIA

Pinto Representações
Ltda.
Rua da Grécia, 6 s/406 -
Edifício Delta -
Fone: 242-7946
Comércio - Salvador-Bahia

ALAGOAS

Costa Irmãos
Representações Ltda.
Rua Senador Mendonça
148 - s/204 -
Edifício Walmap
Fone: 223-5053
Centro - Maceió-Alagoas

AMAZONAS

Comercial Norte de
Inseticidas Ltda.
Rua Castanhal, 8 -
Quadra 10 - Conjunto
Deborah.
Fone: 234-0730
Alvorada-Manaus -
Amazonas.



Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira

O FAZENDEIRO DO MÊS



A rion Bueno Oliveira exerce a profissão de médico na cidade de São Paulo, mas seria uma injustiça dizer que ele é um fazendeiro de fim-de-semana, apesar de ser esse o período em que pode estar mais à vontade nas Fazendas Ingá-Mirim e Santa Lúcia. Essa aparente contradição se desfaz quando se constata que ambas as propriedades, localizadas em Itu, SP, não são para o lazer da família e sim uma eficiente unidade produtora de leite e de animais de qualidade, das raças Pardo-Sulça e Holandesa ver-

Tradição de família faz ter amor à terra

melha e branca. A razão maior para o fato, admite-o o próprio Arion, é o cumprimento de um dos princípios que norteiam a atividade: a presença efetiva dos membros da fa-

mília, a vivência comum dos problemas surgidos na administração, a busca organizada de soluções e, principalmente, o amor à terra, inculcido pelo pai, Antônio Bueno Oliveira, "agricultor e pecuarista evoluído, exemplo de dedicação ao campo", como destaca o médico-fazendeiro.

Na verdade, tudo o que se faz nas duas fazendas, separadas apenas por cercas divisórias de pastos, mas administradas como uma única propriedade, tem sempre a contribui-



ção particular de alguém da família Bueno Oliveira. A começar pela presença permanente do jovem economista Arion, filho do proprietário. A nora de Arion também dá o seu quinhão, pois faz questão de lecionar para os filhos dos empregados, e, como o marido, é economista. E a esposa de Arion, que é engenheira sanitária, igualmente tem o que oferecer em sua especialidade, orientando boa parte das construções que abrigam o gado e aplicando-se na solução dos problemas que possam ter sua contribuição. Ao final, cada membro da família acaba ocupando um espaço na tarefa de fazer da Ingá-Mirim e da Santa Lúcia fazendas capazes de realizar os seus objetivos como fontes de renda a partir de um núcleo bem organizado de produção de leite.

IDEIAS EM AÇÃO

Somando 400 hectares, as fazendas de Arion têm, como preocupação primeira, a obtenção de volumoso farto e de qualidade para os seus animais. Daí estarem ocupadas em pastos de napier, quicuí, gordura, braquiárias e capim-de-Rhodes, além de capineiras de napier e uma área de 80 hectares anualmente reservada para milho. A justificativa, segundo o jovem Arion, é que vai depender da boa alimentação a manutenção dos rebanhos em produção econômica, pois sempre se pode contrabalançar o fornecimento de concentrados e rações compradas com o valor fixado para o leite, mas dificilmente se poderá, sem danos maiores, restringir a oferta de volumosos para o gado.

O rebanho é constituído de 80 matrizes de Holandês vermelho e branco e 85 de Pardo-Suíço, o primeiro incluindo animais puros de origem e puros por cruz de linhagem antiga, com até seis gerações conhecidas, e o segundo, embora puro por cruz, resultando de um trabalho da própria fazenda, iniciado há 14 anos, quando da aquisição da propriedade.

Embora sem preferência declarada — pois considera ambas as ra-



Morando na fazenda, o filho economista garante que os resultados sejam compatíveis com os gastos exigidos.

ças de qualificação para os objetivos que visa —, Arion informa que está buscando um gado Pardo-Suíço bastante produtivo e mais adaptado que o Holandês puro às regiões brasileiras. Ele entende que o Pardo-Suíço, por suportar nos países onde se originou, condições mais adversas, já tem maiores possibilidades: é mais rústico, suporta melhor as caminhadas pelos pastos e não sofre, como o Holandês, problemas de casco, quando submetido a terrenos pedregosos.

Em termos de produção leiteira, ambas as raças se equivalem, nas fazendas de Arion, pois nelas não se buscam lactações individuais elevadas e sim a economicidade na exploração: a média de produção diária, para as 105 vacas em lactação, é de 12,56 kg, não obstante se registrem animais com até 40 litros/dia. Nesse particular, o jovem Arion insiste em que tem sido sua preocupação acompanhar de perto o comportamento do negócio: o leite de cada animal é pesado semanalmente, determinando-se a quantidade de ração a ser fornecida por cabeça na proporção habitual de 1:3, estipulando-se uma quantidade-limite, em razão da receita obtida do leite vendido, "porque no período das águas, embora a oferta das fazendas se mantenha constante ao longo do ano, nem toda a sua produção é paga pelos compradores como leite B". No volumoso, porém, não se faz economia, e o gado tem disponível tanto nos cochos quanto nos piquetes de pastoreio especialmente sob a forma de silagem, de que se produzem, por ano, 1.500 toneladas, à base exclusiva de milho.

OS BEZERROS

Se a alimentação é o item primeiro dos princípios seguidos na Ingá-Mirim e na Santa Lúcia, o que se reveste de características mais peculiares é o sistema de manutenção dos bezerros, onde a preocupação com sua sanidade e higiene é visível. Todo o gado se beneficia de um programa rígido de defesa sanitária, com vacinações regulares e



**Seja nos pastos, seja no estábulo,
o rebanho tem sempre disponível alimentação
de volumosos farta e nutritiva.**

sistência veterinária permanente, mas em relação aos bezerros, cuida-se de pormenores, observados apenas raramente no comum das fazendas leiteiras.

Após o nascimento, em piquetes-maternidade apropriados e permanência com as mães nas primeiras 48 horas de vida, os bezerros são isolados do resto do gado, numa construção idealizada pelo jovem Arion e que também contou com os conhecimentos da mãe. Nela, houve duas preocupações básicas: evitar o acúmulo de dejetos e impedir a presença de umidade. Daí o piso estar a boa altura do solo e ser ripado, bem como o fato de os bebedouros serem automáticos, impedindo que haja acúmulo de água em qualquer lugar. O ripado permanece sempre seco, pois os dejetos dos animais caem em uma "piscina", cujo declive é suficiente para

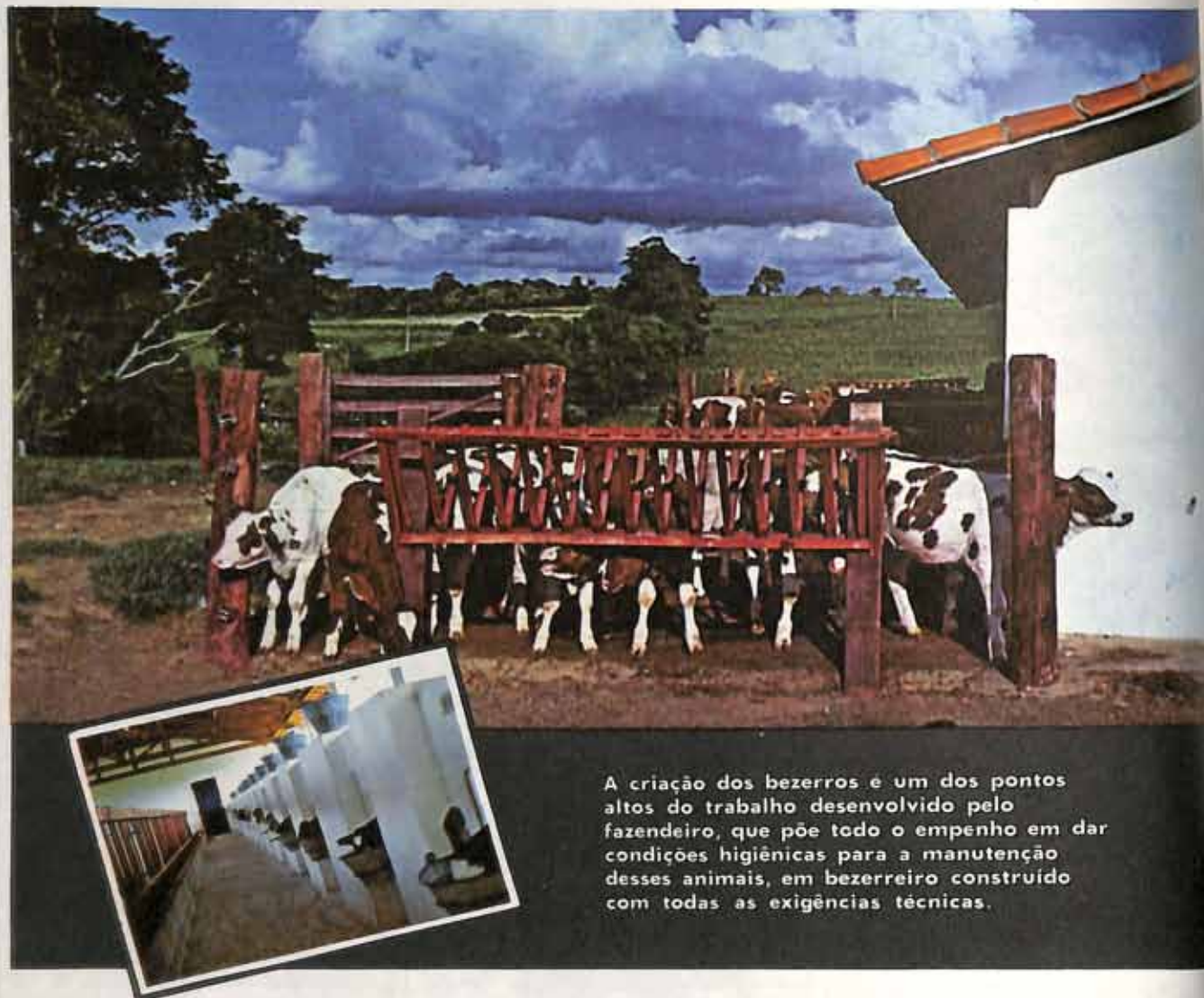
que os líquidos se escoem para fora do local e, por haver limpeza periódica, os sólidos não ficam ali por muito tempo. Como medida de segurança, o chão de cimento é permanentemente caiado com cloreto de cal. Tanto nas baias individuais (para os bezerros até um mês de idade), quanto nas coletivas (há quatro, para 15 cabeças cada), o sal mineral fornecido em roletes, à altura conveniente do piso, e a aplicação de inseticida com iscas (para combate aos insetos) são outras medidas que contribuem para a permanente limpeza do local.

Graças a esses cuidados, Arion eliminou de vez os problemas de doenças da primeira idade nos seus bezerros. Ele concorda em que a alimentação fornecida aos animais também é recurso que o ajuda na boa manutenção: até os três meses de idade, cada bezerro, além da ra-

ção peletizada, dispõe de 4 litros/dia de uma mistura de leite natural e "Mamá", em proporções iguais. Após a desmama, embora ainda permaneçam nos bezerreiros coletivos, passam a dispor de piquetes de napier e quicuí, exclusivos, enquanto continuam a receber a ração peletizada e feno de quicuí. A recria das fêmeas é feita na Santa Lúcia, onde se desenvolve apenas essa atividade; os machos são vendidos ainda pequenos.

A RECRIA

Como o objetivo da fazenda também é dispor de animais para venda a terceiros (no caso das fêmeas, as que excedam as necessidades de reposição, e, nos machos, os que apresentem as qualidades exigidas pelo criador), a recria das fêmeas é esmerada, embora, como acentua



A criação dos bezerros e um dos pontos altos do trabalho desenvolvido pelo fazendeiro, que põe todo o empenho em dar condições higiênicas para a manutenção desses animais, em bezerreiro construído com todas as exigências técnicas.

o jovem Arion, sempre procurando dosar os gastos em rações com a retribuição oferecida pelo mercado aos produtos comercializados. De qualquer modo, o fornecimento de volumosos não sofre qualquer restrição: o gado fica em pastos de braquiária, napier e gordura e tem duas vezes ao dia, silagem para consumo à vontade ou capim verde picado, além de um quilo de ração por cabeça/dia. A ração é preparada na própria fazenda e inclui farelos de algodão e trigo, rolão de milho e minerais.

A primeira cobertura é feita entre os 15/18 meses, tomando-se como base o peso mínimo de 360 quilos

por novilha, sem diferenciação entre as duas raças, empregando-se sêmen do próprio Pardo-Sulço da fazenda ou importado do Canadá. No Holandês, o sêmen é adquirido de centrais revendedoras.

Um cuidado especial em relação às fêmeas é que, dois meses antes da parição prevista, são encaminhadas para a Ingá-Mirim para entrar na rotina das vacas em lactação. Apenas nos momentos em que permanecem nos piquetes, dispõem de áreas reservadas. O pormenor é destacado por Arion, que o considera bastante indicado para o manejo dos animais, especialmente os de primeira cria, que já se vão ha-

bitando à rotina do gado leiteiro não sofre traumas maiores quando inicia sua lactação.

O gado tem também uma vantagem adicional, que o fazendeiro enfatiza: o pessoal que trabalha nas duas fazendas é radicado nas propriedades desde a compra, há 15 anos e, afora habilitado, tem amor pelo que faz. E a família Arion contribui, também se preocupando em atender a suas necessidades pessoais: há terras disponíveis para plantio de arroz e feijão, necessária à subsistência do pessoal, que ainda recebe percentagem sobre a produção obtida. No futuro, ele tar-

*Ela é linda!
Ela é famosa!
Ela é invejada!
Ela usa Neguvon+Asuntol.*



Como nove entre dez estrelas do leite, Mammy Red também usa Neguvon+Asuntol. Porque Neguvon+Asuntol elimina os insetos e os carrapatos num só banho, deixando o gado bonito e saudável. Como Mammy Red diz: "Muuuuuu"! que traduzido para o nosso idioma significa: "eu sou a vaca e sou, graças a Neguvon+Asuntol".

**neguvon
+
asuntol**



Mammy Red

6 anos, 43 kg de leite/dia
Campeã brasileira da raça
Holandesa / 1978
Fazenda São Pedro
Sorocaba/SP



Se é Bayer, é bom.

bém poderá incluir o peixe em sua alimentação, pois as represas estão sendo povoadas com tilápias (o Nilo e "black-bass". Para sua reprodução, a esposa de Arion idealizou um sistema de coleta de dejetos dos estábulos, que permite sua decantação em "silos" apropriados. Daí, seu equipamento especial suciona o líquido para distribuição nos pastos e capineiras, enquanto o sólido é raspado do fundo do silo, para ser aproveitado na adubação dos açudes.

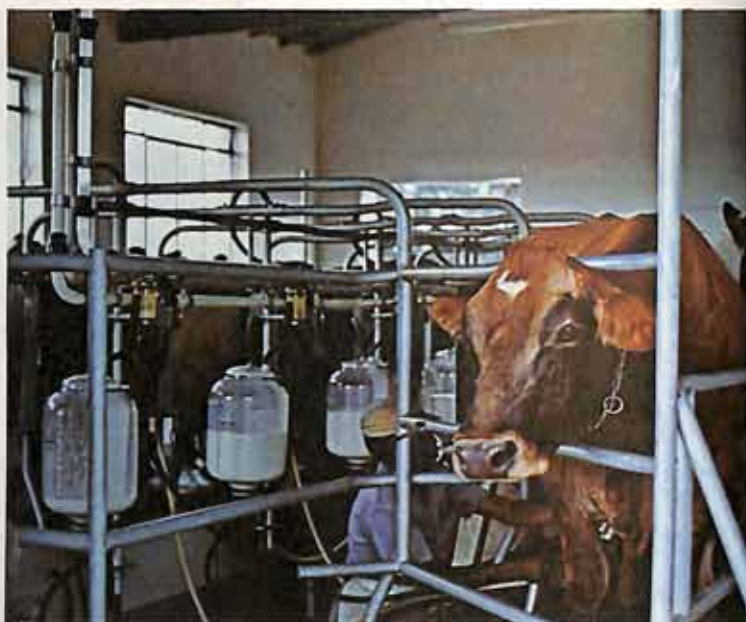
SOL TAMBÉM

O sol faz a sua parte na Ingá-Mirim, pois Arion instalou, sobre o telhado da sala de ordenha, um equipamento que aquece a água utilizada na limpeza das tubulações, a partir do acúmulo de energia solar. O sistema é bastante simples, mas funciona com perfeição, permitindo que a limpeza seja feita com água aquecida a cerca de 50 graus, facilitando o trabalho e garantindo-lhe higiene adequada. Arion considera essa parte bastante importante, pois o equipamento de ordenha (do tipo espinha de peixe, para dois lotes de seis vacas por vez) é automatizado e sua manutenção em condições ideais é essencial para preservar a qualidade do leite produzido.

AS OPINIÕES

Arion faz uma distinção adequada nas duas fazendas entre qualidade e requinte. Este é considerado desnecessário. Daí porque não existem em qualquer das propriedades construções caras, mas sempre funcionais e adequadas para os objetivos visados. O negócio é produzir leite e ter animais de qualidade para venda — atividades cuja remuneração atual vem sofrendo, segundo o fazendeiro, percalços de ordem política, "não obstante as necessidades de leite do país, como alimento básico que é".

Preocupado, como médico, com a saúde da população brasileira, Arion defende um regular e adequado suprimento de leite para consumo humano, mas, por sentir em



Na ordenha mecanizada, a lavagem de toda a canalização é feita com água quente.



Os silos tipo trincheira são aliados valiosos para o período de seca.



Os açudes estão sendo povoados e aproveitam o esterco dos currais.

sua atividade de fazendeiro, os erros cometidos pela política oficial, considera que deveria haver uma preocupação mais séria em relação ao assunto. Por isso, sugere que as fazendas classificadas como médias produtoras (que respondem por 35% da oferta total de leite, constituindo 30% das fazendas dedicadas a essa atividade) sejam mais bem assistidas pelos poderes públicos. "Seria essa uma fórmula para atrair para essa categoria os pequenos produtores, que embora com produção irregular durante o ano, representam, nos períodos de águas, cerca de 55% do volume de leite

produzido no Estado de São Paulo e regiões vizinhas".

Arion emite essas opiniões com simplicidade, admitindo que o problema é complexo e deva ser analisado de forma mais ampla. "No entanto, diz, se algo não for feito urgentemente, estaremos sujeitos a necessitar cada vez mais da importação de leite e criando maiores desajustes sociais". Quanto a ele, confessa-se "cheio de fé e disposto sempre à ação, querendo e necessitando dinamizar setor tão importante da atividade rural", pois traz essa vontade e determinação como herança do pai, que ele próprio soube bem repatar com a própria família.

**REVISTA
DOS
CRIADORES**

49 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
Fundada em 1972 - Ano XXIX - Nº 107 - C\$ 100,00
Órgão Oficial da A.R.C.



**O longo
circuito da carne**

VOCÊ ENCONTRA TUDO

**sobre a
criação de
BOVINOS
EQUINOS
SUÍNOS
(E OUTROS ANIMAIS)**

A REVISTA DOS CRIADORES

**A publicação
mais completa
em pecuária**

**50 ANOS DE EXPERIÊNCIA
SEMPRE ATUALIZADA**

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Outras publicações:

Anuário dos Criadores, Informativo Rural Trabalhista
e Fiscal e Impressos Padronizados.



Av. Pompéia, 1214 - Fundos - B Fone: 62-6896 e 65-0116 - São Paulo - SP

ABC presta contas e prepara sua ação para este ano



Após a reunião de fim de ano, Otto de Mello e Joaquim de Barros Alcântara trocam suas impressões.



Bráulio Madeira Simões, José Cassiano Gomes dos Reis e Oswaldo Lara Leite Ribeiro.

Cumprindo as disposições estatutárias, o Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Criadores reuniu-se, dia 16 de dezembro último, em sua unidade no bairro do Jaguaré, em São Paulo, para a apreciação das contas da Diretoria, referentes ao exercício de 1980, bem como deliberar sobre a proposta orçamentária para o ano de 1981. Na oportunidade, passou-se em revista o que foi o início da gestão de Joaquim Barros Alcântara Filho, bem como as perspectivas que se abrem para a entidade.

Aberta a sessão pelo presidente do Conselho Deliberativo, José Cassiano Gomes dos Reis, falou o presidente Joaquim Alcântara, que apresentou a proposta orçamentária, bem como o balancete de novembro de 80, dando a real posição financeira da ABC.

SOLIDEZ

Quanto ao orçamento para 81, disse o presidente que ele "foi cuidadosamente elaborado pelos nossos companheiros Amyntas, Franklin, Bráulio, Virgílio e pelo nosso contador, sr. Afonso". E destacou que "a previsão atinge o valor de Cr\$ 741 milhões contra uma previsão de despesas de 740 milhões, inclusive amortizações. O superávit previsto é de apenas Cr\$ 1.587.837,00. Cabe aqui esclarecer que a previsão da receita feita no ano passado, para este ano de 80, foi de Cr\$ 284 milhões e já vendemos, até 30 de novembro, Cr\$ 332 milhões, devendo alcançar Cr\$ 360 milhões até o final do ano, ou seja, Cr\$ 48 milhões a mais do que havia sido previsto. Isso mostra que nossas previsões são sempre seguras".

Fazendo, a seguir, um breve relato que foi sua administração nestes seis meses após sua posse, disse o presidente "os primeiros cuidados foram processar a atualização da contabilidade, que estava atrasada. Com o novo contador, estamos trabalhando rigorosamente em dia, como se pode verificar pelo balancete de novembro passado. O próximo passo será aperfeiçoar as análises de custos, a fim de melhor orientar a nossa administração".

Em relação ao balancete, enfatizou Joaquim Alcântara que ele revela "o quociente de liquidez corrente de Cr\$ 1,30 e o de liquidez geral, de 1,11, ou seja, há superávit de Cr\$ 0,11 para cada cruzeiro a pagar, respectivamente. Em comparação com o ano passado, essa situação piorou um pouco devido principalmente aos pesados encargos para o término deste edifício. A



Aqui, Roberto Barros Brotero, Gen. Diogo Branco Ribeiro e João de Moraes Barros.

Na ordem: Manoel Elpídio Pereira de Queiroz Filho, Ruy Calazans e Walter C. Battiston.

lise mais detalhada do balancete revela também que a posição da ABC, apesar do lucro de Cr\$ 33 milhões até novembro, é difícil. É aquele problema comum: situação econômica excelente, porém situação financeira difícil...

"A análise dos custos já referida vai orientar a política de contenção de despesas que estamos procurando implantar. Temos certeza de que, no próximo exercício, a situação vai melhorar significativamente.

"Este novo edifício, apesar de inaugurado em julho passado, por uma série de razões já conhecidas dos senhores, só começou a funcionar efetivamente há cerca de um mês e pouco. As vendas neste novo 'ponto', conforme já era previsto, estão na ordem de 16 milhões por mês. Contamos e esperamos, para o próximo ano, com um aumento substancial nas vendas da nova loja.

"O Departamento Técnico, chefiado pelo dr. Santiago, tem apresentado sensíveis melhoras, conforme ele próprio irá relatar.

"A nossa Revista dos Criadores, que os srs. todos conhecem, dispensa comentários, quanto aos seus aspectos técnicos e de apresentação.

"Quanto a este terreno, como os senhores sabem, pelas posturas municipais, temos ainda o direito de construir 11.020 metros quadrados, o que significa um prédio com sub-solo para garagens, andar térreo e onze andares, tendo cada uma área de laje de 584 metros quadrados, conforme as plantas em exposição.

"Se a própria Associação promover a incorporação, poderá seguramente ficar com cerca de 33% da área construída, em troca do terreno. Isto significa praticamente 4 ou 5 andares inteiramente gratuitos para a ABC. Esta foi uma das metas por ocasião da nossa posse e agora queremos aproveitar a oportunidade desta reunião para ratificar nossa intenção de levar adiante este projeto. Por ora é uma idéia, mas temos certeza de que estudos mais detalhados vão mostrar sua viabilidade. Será, sem dúvida, uma empreitada difícil, mas, com o auxílio de todos, poderemos levá-la a bom termo.

"Antes de passarmos à aprovação e discussão da proposta orçamentária, quero agradecer a colaboração dos companheiros de Diretoria e dos funcionários da Associação e, em nome da Diretoria, desejar a todos os conselheiros boas festas, neste final do ano, e bastante saúde junto a todos os que lhe são caros em 1981".

TECNICO

Discorrendo sobre as atividades desenvolvidas pelo Departamento Técnico da ABC, a seguir, o seu gerente, Alberto Alves Santiago, referiu-se inicialmente à sua estrutura e informou que o setor vem apresentando crescimento contínuo desde que assumiu o cargo, especialmente em relação ao PROCRUZA, que já tem 18 mil cabeças registradas, das quais, só em 1980, mais de 3.500. E lembrou os convênios firmados com outras associações, que têm permitido a extensão dos serviços de registro e controle a vários Estados, como o Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. No tocante ao controle leiteiro, embora não seja mais um serviço exclusivo da ABC, continua em expansão, assim como o controle ponderal, não obstante este ainda atinja apenas um reduzido número de animais.

Destacou, a seguir, os resultados que vêm sendo obtidos com o PRODADOS, que agora vai remeter diretamente aos fazendeiros os resultados de sua execução, fornecendo-lhes sem intermediários dados e informações sobre os testes de progênie e outros registros que acumula.

Quanto aos setores de apoio do Departamento Técnico, como os laboratórios instalados na unidade do Jaguaré e os serviços de assistência técnica, tendem a ser ampliados, os primeiros atendendo com eficiência os interessados e o segundo alargando seu raio de ação, através do credenciamento de profissionais, nas próprias zonas de criação.

Tudo isto está sendo feito, conforme acentuou, buscando, ao mesmo tempo, o equilíbrio orçamentário do Departamento, meta que se aproxima de realização completa. Observou, também, que o con-

tínuo trabalho do Departamento Técnico junto às fontes produtoras está revelando os novos caminhos da pecuária paulista, principalmente, que tende a transformar-se em exportadora de reprodutores selecionados, ocupadas crescentemente as suas terras pela lavoura de cana-de-açúcar e perdendo a condição de grande produtor de carne.

FINANÇAS

A pedido do presidente Joaquim Alcântara, o vice-presidente Braúlio Madeira Simões discorreu sobre a metodologia usada para a elaboração do orçamento para 1981 e a preocupação da Diretoria de detalhá-lo, de forma a permitir que, mês a mês, o seu acompanhamento dê condições para correções e medidas de contenção indicadas.

Em seguida, apreciando item por item da receita prevista para o exercício de 1981, bem como indicando o índice aplicado sobre o real apurado no ano de 1980, até o mês de novembro, chegou ao total estimado de Cr\$ 741.713.312,00. Em relação às despesas, elas foram, com os mesmos critérios, estimadas em Cr\$ 740.128.575,00, incluindo, como assinalou, Cr\$ 8.051.463,00 de amortizações de empréstimos contraídos junto ao BADESP e à Caixa Econômica, mais o pagamento de importações. Em resumo, espera-se um superávit de Cr\$ 1.587.837,00.

Vários conselheiros se manifestaram, a seguir, elogiando o trabalho desenvolvido pela Diretoria, bem como apreciando questões ligadas ao meio rural, às quais a ABC tem dado sua atenção. A proposta orçamentária foi aprovada sem restrições, tendo o presidente do Conselho Deliberativo José Cassiano Gomes dos Reis, parabenizado a Diretoria Executiva pela sua atuação. Também destacou a necessidade de a ABC aparelhar-se para atuar mais ativamente nas áreas econômica e política, oferecendo subsídios e fazendo reivindicações ao Poder Público. A incumbência, segundo decisão tomada, ficará afeta ao Conselho Consultivo.

A reunião foi encerrada, seguindo-se almoço de confraternização, no próprio local. ●

Há lugar para a raça Ayrshire na pecuária leiteira do Brasil?

José Luís do Amaral Filho, acadêmico de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, fez, durante suas férias escolares de julho último, uma viagem de estudos aos Estados Unidos da América, onde visitou (e onde inclusive trabalhou) algumas fazendas criadoras da raça Ayrshire, que adjectiva como "maravilhosa". Seu interesse por esse gado começou — como ele próprio revela — quando encontrou, pela primeira vez, na biblioteca da faculdade, a "Ayrshire Digest", revista da Associação Americana dos Criadores de Ayrshire, publicada mensalmente. Lendo-as, encontrou diversos artigos interessantes, que lhe deram "uma impressão boa em relação aos animais, especialmente quanto à beleza dos úberes das vacas". Foi então que resolveu escrever para alguns criadores de Ayrshire, pedindo outras informações sobre o gado. Passado algum tempo, vieram-lhe várias cartas, contendo informes os mais variados e valiosas indicações. Recebeu até mesmo alguns convites para visitar as fazendas. As férias estavam chegando, houve a possibilidade. O texto nasceu do que ele viu, leu e sentiu.

"Masonic Homes Flashy Glenda" (Ex. 90 pontos) foi "All American" em 1978, aos 3 anos.



O condado de Ayr, que fica situado a Sudoeste da Escócia, banhado pelo oceano, é o berço da moderna raça Ayrshire. O condado é dividido em três distritos: Cunningham, que está localizado ao Norte, Kyle, que fica na parte central, e Carrick, que forma a parte mais meridional do condado. O condado de Ayr tem aproximadamente 40 km de largura e 130 km de comprimento. Embora com algumas áreas férteis, a região é caracterizada por um cenário pitoresco, não sendo o solo de boa fertilidade. A parte Oeste do condado é banhada pelo oceano, mas, à medida que se afasta do mar, a topografia se vai alterando, aparecendo terrenos acidentados até culminar com

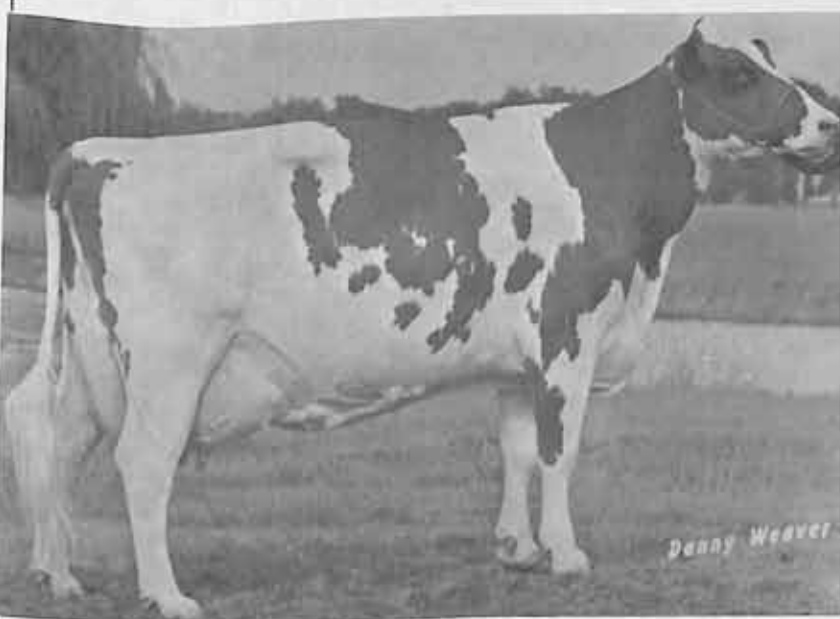
uma cadeia de montanhas de até 600 metros de altitude. O clima é mais ou menos constante durante todo o ano e, normalmente, não há extremismos de temperatura.

Provavelmente, os primeiros aprimoramentos no gado do condado de Ayr ocorreram antes de 1814. O gado de Ayr foi reconhecido como raça nesse ano, quando a "Highland and Agricultural Society" conferiu prêmios para o gado Ayrshire.

Inicialmente os seus bovinos eram referidos como gado "Cunningham". Posteriormente, um criador chamado John Dunlop, fazendo um melhoramento genético, selecionou um rebanho e que passou a ser conhecido como gado "Dunlop".

Existem várias evidências que diversas raças foram utilizadas na formação Ayrshire. No início da criação existiram alguns animais marrons e até pretos.

É provável que o melhoramento do gado nativo do condado de Ayr tenha começado por volta de 1750, proveniente do cruzamento de outras raças. O principal sangue usado no melhoramento do gado Teeswater, o qual mais tarde foi grandemente utilizado na formação da raça Shorthorn na Inglaterra. Este (o Teeswater) continha muito sangue Dutch ou Flemish, o qual contribuiu para a formação da raça Holandesa. Sangue de West Highland e do Shorthorn melhorado também foram utilizados na



"Oak Ridge Bruis Helga"
(4 vezes Excelente) foi
"All American" em 73, aos
4 anos, em 78, como
vaca adulta.

moramento do gado da área. Existe também considerável evidência que o gado das ilhas do Canal da Mancha foi usado na formação do rebanho do condado de Ayr. O melhoramento do gado Ayrshire não foi resultado de esforços isolados mas sim um esforço contínuo de vários criadores.

Os primeiros exemplares da raça foram levados para os Estados Unidos, em 1822, por Henry W. Hills, para o Estado de Connecticut. Outras significantes importações ocorreram, posteriormente, em 1828 e 1831.

Atualmente nos Estados Unidos, a maior concentração de Ayrshires é encontrada no Estado de New York, seguido pelos Estados da Nova Inglaterra, Ohio, Pennsylvania, Wisconsin e Minnesota. Nos Estados da costa do Pacífico (Califórnia, Oregon e Washington), os rebanhos de Ayrshire não são muito numerosos.

O Canadá é outro país que possui um extraordinário rebanho de Ayrshires, localizado principalmente nas regiões de Ontário e Quebec.

A Finlândia, a Austrália, a Nova Zelândia e a África do Sul também possuem um bom número de Ayrshires.

A raça Ayrshire foi introduzida no Brasil em 1937 por um criador do Rio de Janeiro.

A MODERNA AYRSHIRE

Cor da Ayrshire: a moderna raça Ayrshire é muitas vezes referida como sendo a aristocrata das raças leiteiras pela sua elegância e distinta aparência. Os animais Ayrshire podem ser vermelhos de qualquer tonalidade, ou marron acastanhados. Essas cores, entremeadas com áreas brancas bem definidas, formam o padrão da raça. Muitas vezes existem animais pra-

ticamente brancos. Animais pretos ou rosilhos são considerados indesejáveis. As manchas da Ayrshire tendem a ser menores do que aquelas comumente encontradas na raça Holandesa, variedade vermelha e branca.

Antigamente, o gado Ayrshire americano possuía uma coloração mais vermelha do que branca, mas, após o início das primeiras importações do Canadá e da Escócia, a coloração branca tornou-se mais proeminente dentro da raça. Criadores individuais têm tido preferências diferentes quanto à coloração dos animais, mas, de um modo geral, não há "moda", quanto à cor da Ayrshire.

Conformação e tamanho: os animais Ayrshire apresentam uma ótima profundidade torácica e uma excelente separação de costelas. A Ayrshire é uma raça de tamanho médio. As vacas adultas pesam de 550 a 680 kg, variando de acordo com o estágio de lactação e da condição física em que elas se encontram. As vacas devem ser femininas na aparência, e a raça é notada pela excelente linha de dorso e a beleza do úbere. Os touros Ayrshire carregam, praticamente, a mesma conformação geral que as fêmeas, embora apresentando uma acentuada masculinidade. Seu trem posterior é um pouco mais desenvolvido do que o achado na maioria dos touros de outras raças leiteiras. Devem pesar em torno de 870 kg em condições de pastejo e proporcionalmente mais quando tratados.

Úbere: o ponto alto da Ayrshire é representado pelo úbere. A maior porcentagem do tipo desejável de úberes é encontrada nas vacas da raça. O úbere é muito bem implantado e profundo com ótimos ligamentos suspensórios. As tetas são de tamanho médio, simétricas, formando com o úbere um conjunto harmo-

nioso. Úberes pêndulos são muito raros nas Ayrshires. As veias mamárias são grossas, tortuosas, imprimindo uma boa irrigação no sistema mamário.

Chifres: os animais da raça apresentam chifres em forma de lira e, antigamente, era uma das características da raça. Hoje, a maioria dos animais são descornados. Nos últimos anos, muitos animais têm nascido mochos e permanecido assim o resto da vida, e alguns criadores já se interessaram em estabelecer esta característica em seus rebanhos. A porcentagem de animais mochos tem sido incrementada, e já existem excelentes animais com esta característica. É possível que no futuro esta característica venha a ser transmitida a uma porcentagem considerável de animais, uma vez que a característica "mocho" é dominante.

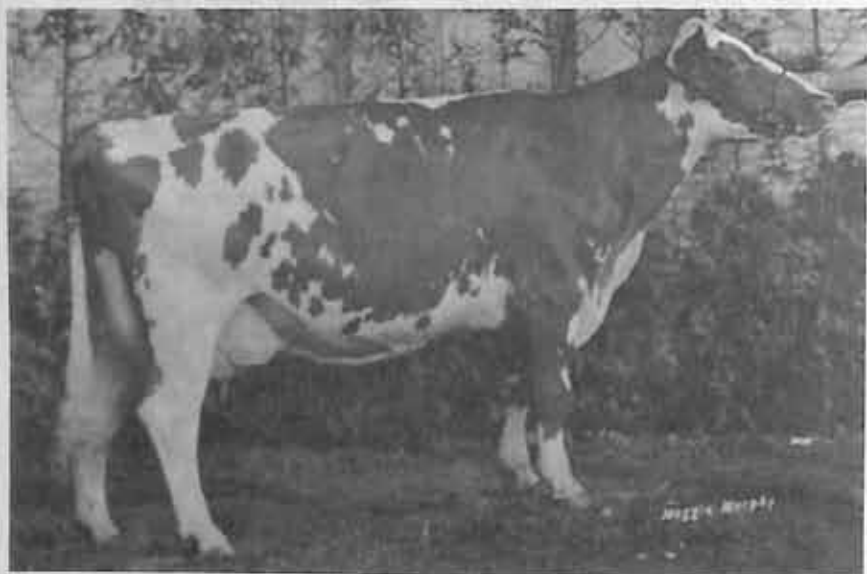
O LEITE

O leite da vaca Ayrshire apresenta um sabor extremamente agradável, com uma porcentagem de matéria graxa, ao redor de 4%, e de matéria seca desengordurada por volta de 8,9%. Os glóbulos de gordura que permanecem em suspensão são muito pequenos, o que confere uma maior digestibilidade ao leite. O teor de proteína do leite da Ayrshire é muito alto, qualidade que se tem procurado nos dias de hoje, muito mais do que um leite extremamente gordo.

Quanto à produção de leite, a Ayrshire é uma boa representante das raças leiteiras. O recorde mundial de produção de leite em Ayrshire foi estabelecido pela vaca americana, "Leete Farms Betty's Ida", Ex. 90 pontos, que, aos 305 dias, em duas ordenhas, produziu 37.170 libras de leite (aproximadamente 16.838 quilos) com 4,3% de gordura. Outra sensacional produção foi a estabelecida por "Mansfield Mains Betty Elf", Ex. 91 pontos, que produziu, também aos 305 dias, em duas ordenhas, 36.430 libras (aproximadamente 16.502 quilos de leite) com 4,3% de matéria gorda.

VISITA AOS MILLER

Os Miller, proprietários da fazenda "Miller's Dairy", são a maior e uma das últimas fazendas que criam e selecionam exclusivamente o gado Ayrshire no Estado da Califórnia. A "Miller's Dairy" fica no município de Sebastopol, ao Norte de São Francisco, e às margens do Rio Rússia, coberto por macieiras. A fazenda possui uma área de 100 acres (aproximadamente 20 alqueires) e cria Ayrshires desde 1932. A proprietária é Marjorie Miller, uma simpática senhora de 85 anos.



"Burr-Ayr Farms Flashy Candy" (Excelente, com 90,8 pontos) foi capa do "Ayrshire Digest" de novembro-79; nos EUA, leite cru de bons rebanhos pode ser vendido sem problema e o empacotamento é feito na própria fazenda, como se vê à direita.



Ela conta que, com seu marido, começou a criar Ayrshire só porque ambos gostavam do sabor do leite dessa raça. Hoje ela é viúva, e o seu filho juntamente com o neto é que estão à frente dos negócios. O rebanho é constituído de aproximadamente 85 vacas em lactação e mais umas 100 cabeças que incluem vacas secas, novilhas e bezerras.

A produção de leite da fazenda é muito boa e em 1978 receberam o Troféu Ayrshire pela mais alta produção de rebanho com 75 a 100 vacas, pois com 78 vacas, em duas ordenhas, a produção média foi de 14.703 libras de leite (6.660 quilos de leite) com 4% de gordura. Tal produção está acima da média americana para Ayrshire. A senhora Miller destaca algumas das melhores produtoras da fazenda, como por exemplo a vaca "Valle Verde Nancy 312", que, aos 4 anos, produziu 20.860 libras de leite (9.449 quilos), aos 305 dias, e "Valle Verde Rena 17", que, aos 5 anos e 4 meses, em 300 dias, alcançou a produção de 20.360 libras de leite (9.123 quilos).

Uma pequena parte do leite produzido serve para alimentar as bezerras até dois meses de idade (os machos são descartados na primeira semana), e o restante é resfriado, empacotado na própria fazenda e vendido como leite cru. Assim os Miller conseguem um preço superior ao leite pasteurizado. Eles têm permissão de vender o leite cru porque, além da tradição, todas as vacas são submetidas, sistematicamente, a um rigoroso controle sanitário, além de uma boa higienização da

ordenha, o que confere ao leite um baixo teor de germes. E, como diz a senhora Miller, "vendemos o leite cru desde 1932 e nunca tivemos problemas com a inspeção federal". O leite é embalado em caixas cartonadas de meio galão (1,89 litros), de um quarto de galão (946 ml e 317 ml), sendo vendido a 48 centavos de dólar o quarto de galão (dólar a 49 cruzeiros). Na parte externa da caixa, as inscrições: "leite cru — nota A. Produzido e empacotado na fazenda por 3 gerações".

BROW-AYR FARMS

A Brow-Ayr Farm, Inc. é uma fazenda localizada em Centralia, no Estado de Washington e que começou a criar Ayrshires em 1967, quando 4 novilhas foram adquiridas, e hoje se destaca entre as melhores criações da raça dentro dos Estados Unidos. Assim como a Fazenda Miller, também está foi visitada, ocasião em que pude ver algumas vacas excepcionais e com elevadas produções. Além de Ayrshire, os Brower criam também o gado Holandês preto e branco, embora a tendência seja gradualmente eliminar as Holandesas, pois, segundo eles, "as Ayrshires são mais resistentes às intempéries climáticas e parecem estar mais adaptadas".

AVALIAÇÃO DA RAÇA

Nenhuma raça de gado supera a Ayrshire em estilo, elegância e na simetria das

linhas. Também, nenhuma raça de boi europeu suplanta a Ayrshire na habilidade de procurar o seu próprio alimento sob condições adversas de clima e própria forragem.

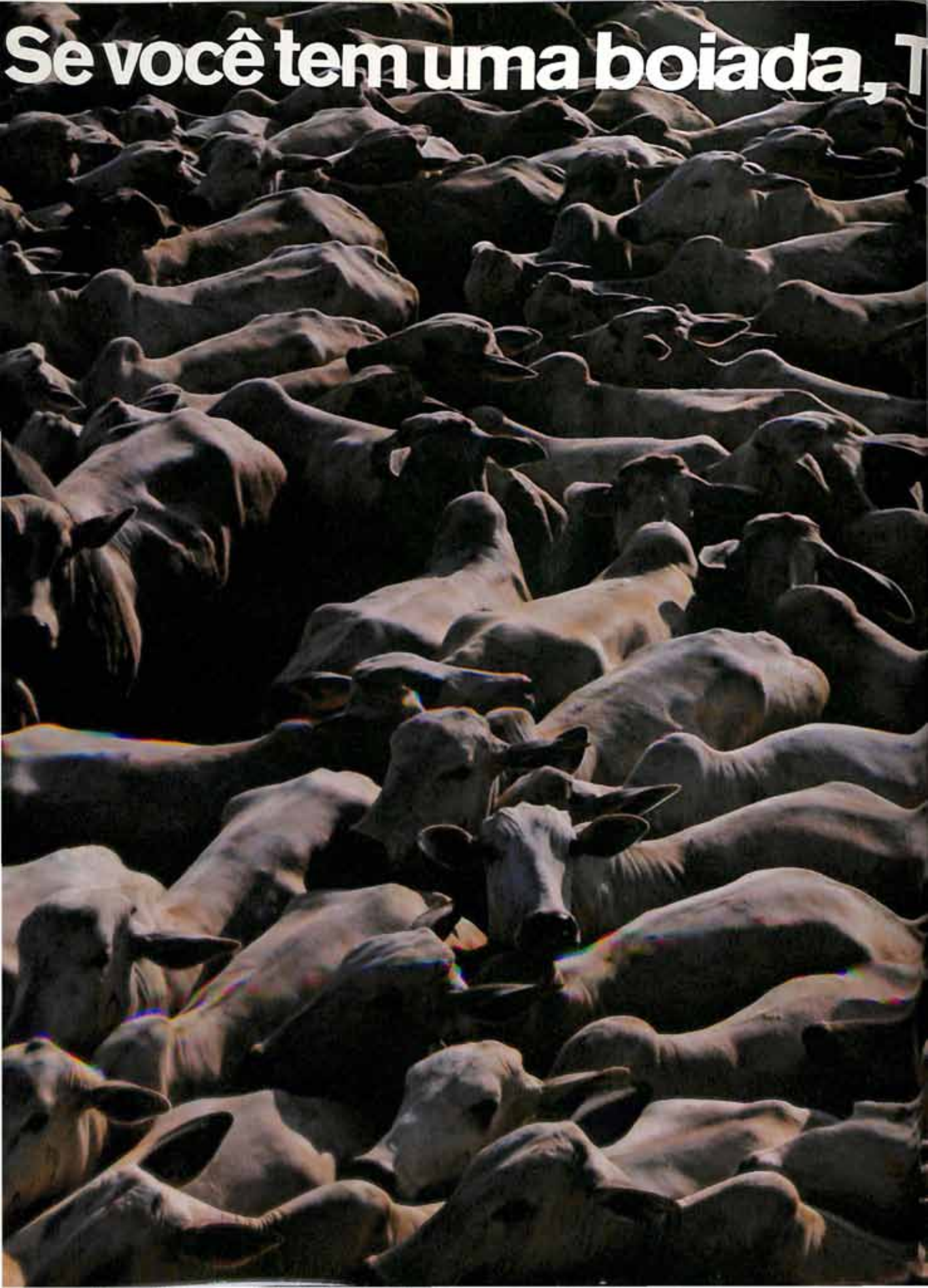
O desempenho do gado Ayrshire, regime exclusivo de pasto, é muito melhor do que o de qualquer outra raça europeia e, quando em pastagens pobres as vacas Ayrshire necessitam menos quantidade de capim para mantê-las em boas condições. A má topografia dos terrenos e as não muito favoráveis condições climáticas da região onde esta raça foi originada imprimiram aos animais uma maior rusticidade e adaptabilidade. O gado Ayrshire tem-se mostrado extremamente bem adaptado em regiões como é o caso da região Norte dos Estados Unidos e Canadá (país onde existem excelentes exemplares da raça) e, também, tem mostrado ótimas produções em regiões quentes, como por exemplo, Sul dos Estados Unidos. Os animais são bons pastadores e anejos, subindo bem as montanhas.

Não possuo dados para comentar razões de ausência de maior destaque da raça Ayrshire no Brasil, uma vez que foi introduzida em nosso país em 1915. Mas me pergunto: por que a Ayrshire também não tem parte significativa pecuária leiteira do Brasil? Não seria uma opção a mais, tanto como raça pura como para cruzamentos com outras raças leiteiras?" ●

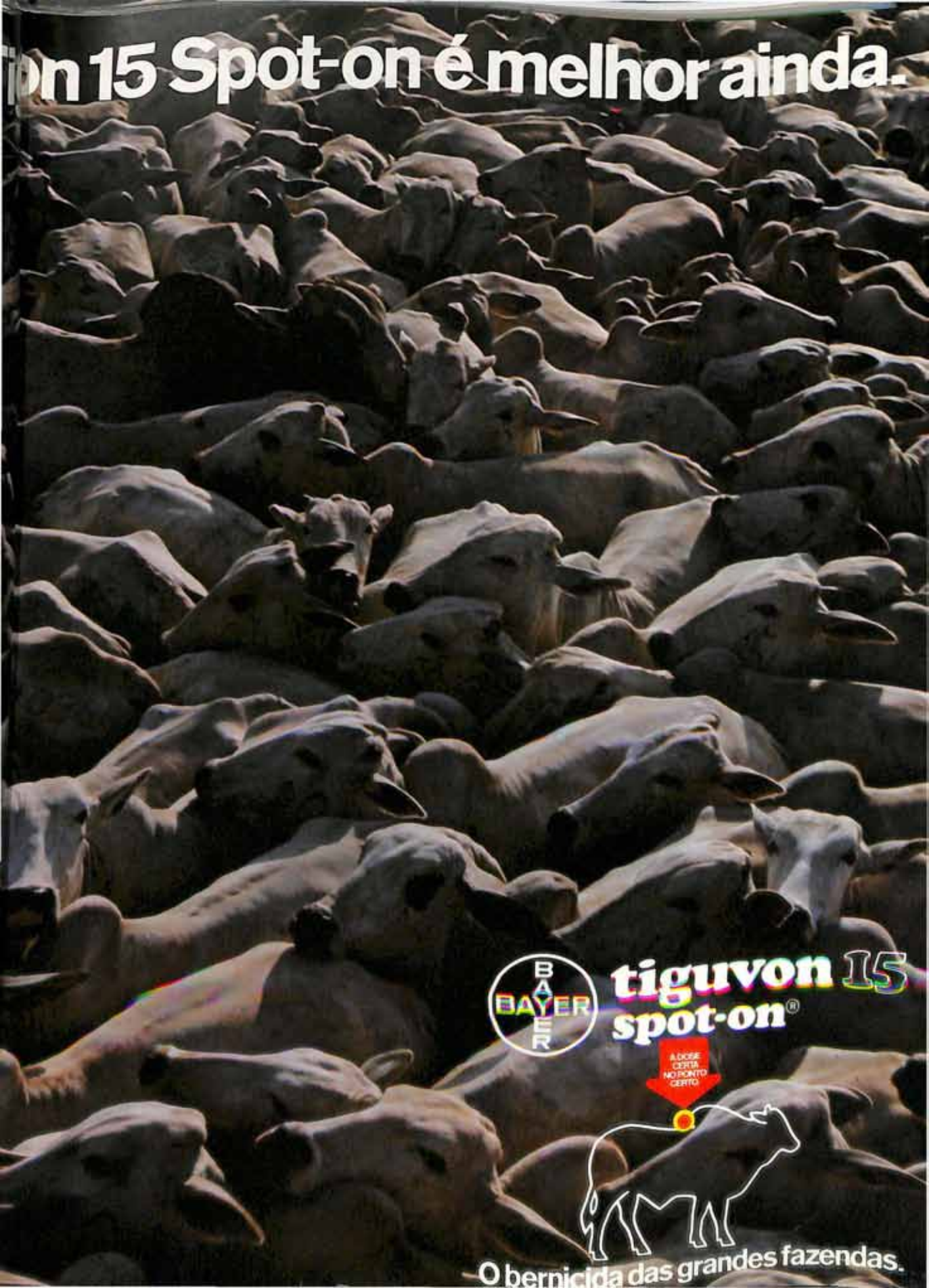
**Se você tem um boi,
Tiguvon 15 Spot-on
é ótimo.**



Se é Bayer, é bom.



Se você tem uma boiada, T



on 15 Spot-on é melhor ainda.



tiguvon 15
spot-on®



O bernicida das grandes fazendas.

A dose certa



Preparo: Com o mede-doses para cima, apertar o frasco até atingir a dose recomendada por peso vivo de animal.

Obs.: A dose indicada no mede-doses é suficiente e nunca deve ser excedida.

O ponto certo



Aplicação: Virar o frasco de cabeça para baixo, sem apertar, sobre a região da cruz do animal.

Pronto. É a dose certa, no ponto certo, para deixar um boi ou uma boiada livre dos bernes por mais tempo.

Obs.: Por seu mecanismo de ação sistêmica, Tiguvon 15 Spot-on não tem efeito imediato. Os bernes demoram de 4 a 9 dias para sair da pele do animal. Em compensação, por seu efeito prolongado, Tiguvon 15 Spot-on evita a reinfestação de bernes por um tempo muito maior.

Tiguvon 15 Spot-on
Pronto para usar.
Mais rápido, impossível.



uso veterinário



tiguvon 15 spot-on



Conteúdo: 1 litro

Bernicida sistêmico, pronto para uso.

Aplicação: a pele na região dorsal dos bovinos.

Conteúdo: 1 litro
Bernicida sistêmico pronto para uso.

Composição:
0,0-dimetil-0-(3-metil-4-metilfenil) tiorbato de sódio
(Fenthion)
excipiente q.s.p.

Indicações, modo de usar, observações: vide bula anexa.

Mantenha o produto ao abrigo do fogo, fora do alcance de crianças e animais domésticos.

Não use a embalagem vazia. Não guarde ou utilize junto de alimentos, bebidas, medicamentos, produtos de higiene e domésticos.

Indicações, modo de usar, dosagem, observações: vide bula inclusa.

O único bernicida de ação sistêmica e efeito prolongado com exclusiva embalagem autodosificadora.

Cuidado com o umbigo

Todos os mamíferos recém-nascidos, incluindo os bezerros, possuem duas entradas naturais em seus corpos por onde organismos patogênicos podem ganhar o interior. A boca é a via mais comum. Inúmeras são as infecções decorrentes da ingestão de material contaminado pelos recém-nascidos. A segunda abertura natural é o umbigo, o qual permanece aberto até várias horas após o nascimento.

É através do umbigo que passam os vasos sanguíneos que nutrem o embrião e fixam o feto nas membranas fetais dentro do útero. No nascimento, estes vasos sanguíneos e membranas são arrebentados, mas permanecem abertos, permitindo a passagem de muitos microrganismos, que estão no meio ambiente, para dentro do organismo do recém-nascido. Uma vez no organismo do bezerro, eles começam a se desenvolver e causar infecções.

Quando os microrganismos se instalam apenas na região umbelical, nota-se um aumento de volume e uma elevação da temperatura da região, devido à uma inflamação do local, com formação de abscessos. Esta condição é chamada de **enfalite**. Existem, porém, casos em que estas infecções acometem outras regiões, como a cavidade abdominal, o fígado, as articulações dos membros e outras áreas. Este quadro é conhecido como **onfaloflebite**, que se caracteriza pelo fato de os bezerros mostrarem-se apáticos, inapetentes, com a temperatura acima do normal e com os pêlos sem brilho. São acometidos, ainda, de diarreia, taquicardia, encurvam o dorso e manifestam dor quando se toca na região umbelical ou no ventre. Normalmente, há grandes quantidades de pus na região umbelical. Os bezerros adoececem e morrem entre a primeira e a sexta semanas de idade e, na maioria das vezes, apresentam pelo menos uma ou mais articulações dos membros intumescidas. Exames "post-mortem" revelam infecções desde o umbigo até a cavidade abdominal. Exa-



Vidro de boca larga com antisséptico é o ideal

mes laboratoriais mostram a presença de vários microrganismos diferentes. *Staphylococcus*, *Streptococcus*, *Escherichia coli* e *Corynebacterium pyogenes* são os mais comumente encontrados.

A maior incidência destes problemas é verificada em áreas onde o local da maternidade é sujo, com um alto grau de contaminação. Isto significa que os recém-nascidos são expostos a um severo nível de microrganismos imediatamente após o nascimento e são criados em be-

zerreiras de precárias condições e, muitas vezes, não têm seus umbigos tratados com nenhum antisséptico logo após o nascimento.

Para reduzir e mesmo evitar estes problemas, algumas sugestões são feitas:

— a área da maternidade deve ser limpa. Isto deve reduzir as bactérias patogênicas do local e, conseqüentemente, diminuir a exposição dos bezerros logo após o nascimento;

— o umbigo de todos os recém-nascidos deve ser imerso em algum tipo de antisséptico. O ácido pícrico, a tintura de iodo (solução a 20%), o lisol a 5%, o sulfato de cobre e outras substâncias funcionam muito bem na desinfecção do umbigo dos recém-natos;

— as bezerreiras devem ser completamente limpas e desinfetadas (se possível). Isto deve ser feito para baixar o grau de contaminação a que o bezerro fica exposto, diminuindo a possibilidade da ocorrência de doenças.

Atendendo-se para estas três recomendações e melhorando as condições de manejo dos bezerros, o problema fica minimizado (José Luiz do Amaral Filho).

SEMENTES SEMEAGRO



Sementes controladas
de gramíneas e
leguminosas.

2.500 ha. de canteiros próprios
em Andradina — SP

Rhodes - Colômbio -
Brachiaria - Siratro -
Soja Perene, etc.

SEMEAGRO — Produ-
tora de Sementes Ltda.

FAZENDA GUANABARA
Rodovia da Integração Km 209
Andradina - SP
Fone: (0187) 22-2533
Telex 11 - 32583 — Mour - BR



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
CRIADORES DE CAVALOS
DA RAÇA MANGALARGA

(Fundada em 1934)

QUEM SABE O QUE VALE
UM CAVALO É O CAVALHEIRO
MONTE UM MANGALARGA
E VERIFIQUE O SEU VALOR

Sede:

Av. Francisco Matarazzo, 455
(Parque Fernando Costa)
05001 — São Paulo — SP
Tel.: 62-6269 (DDD 011)



JÁ VEM MISTURADO.

Pedidos à:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — Tel. 826-3033 —
São Paulo — SP

**2º Leilão
A.F.
Fortaleza**

**Qualidade
Produção
Tipo**



**37
holandeses
24
árabes**

**2º Leilão
A.F.
Fortaleza**

**O que há
de melhor**

**Fazenda
e Haras
Fortaleza**

**Via Anhanguera
Km 116
Nova Odessa, SP
Tel: (0194) 66.1150**

**2º Leilão
A.F.
Fortaleza**



**O que há
de melhor**

**Qualidade
Produção
Tipo**

**37
holandeses
24
árabes**



**Fazenda
e Haras
Fortaleza**

**Via Anhanguera
Km 116
Nova Odessa, SP
Tel: (0194) 66.1150**

A água que se bebe e o oxigênio que se respira são dois fatores importantes na vida dos animais, e embora às vezes não muito considerados pelos criadores, exercem primordial influência na criação de porcos. Positivamente, sem estes componentes, a vida não existiria por muito tempo, de acordo com trabalhos experimentais realizados pelo americano. O animal em estado de inanição consegue viver após ter perdido quase toda sua gordura, a metade de sua proteína animal ou ainda 40% de seu peso. Entretanto, a perda de 10% de água do seu organismo provoca sérios transtornos na sua existência, e a morte ocorrerá quando esta perda atingir os 20%.

A água constitui um dos mais importantes nutrientes na vida dos porcos, devendo merecer especial atenção por parte dos criadores. Este precioso líquido proporciona um meio adequado para a digestão, absorção e transporte de outros nutrientes no organismo, bem como age na eliminação dos resíduos do metabolismo. A água atua, ainda, como regula-

dora da temperatura corporal dos animais. A falta do líquido na dieta dos animais diminui o apetite, reduz a eficiência da utilização dos alimentos e consequentemente, altera todos os processos funcionais do organismo.

Para se obter sucesso na criação de porcos, estes devem ter à sua disposição água limpa, fresca e potável.

CONSUMO

A quantidade de água que o porco exige diariamente oscila entre 2 a 6 litros por 45 quilos do seu peso vivo. Entretanto, leitões e porcas em lactação exigem maior quantidade, pois 4/5 partes do leite são constituídos de água e o corpo dos recém-nascidos possui terça parte de água.

A exigência em água vai diminuindo proporcionalmente à medida que os porcos crescem, pois consomem menos alimentos por unidade de peso, o que diminui o conteúdo hídrico de seu organismo. Em condições normais, os porcos ingerem



SUINOCULTURA

O fator água e sua importância na boa criação de suínos

ELIAS DUMIT



A necessidade de água para um atendimento adequado às exigências dos animais vai depender, entre outros fatores, do tipo de alimento que os suínos recebem.

uma quantidade bastante constante de água para cada quilo de alimento consumido, e, nos alimentos considerados aquosos, como a ensilagem, subprodutos lácteos, raízes e forragens verdes, a quantidade de água consumida diminui normalmente e em ritmo proporcional.

No verão, os porcos consomem e exigem maior quantidade de água do que no período de inverno. Em trabalhos efetuados nos Estados Unidos, observou-se que, no rigor do inverno, tornou-se necessária a utilização de processos adequados para impedir o congelamento da água de consumo para os porcos. As provas se tornaram positivas, quando a água era aquecida a 7°C, e os porcos submetidos a este regime tiveram um ganho de peso na ordem de 0,038 kg, em relação aos testemunhas, aos quais era fornecida água ligeiramente gelada. Entretanto, os trabalhos não ofereceram resultados vantajosos, quando o aquecimento da água se elevou a 13°C, concluindo-se pela desnecessidade de aquecimento da água, além da temperatura ambiente. Daí recomendou-se fornecer água fresca na época do calor, mantendo-a em ambiente sombreado.

PROCEDÊNCIA DA ÁGUA

É de capital importância levar em consideração a procedência da água para os animais. As águas estagnadas ou de charco são um permanente perigo para a saúde dos porcos, por se constituírem em condutoras de muitas enfermidades e infestações parasitárias.

A melhor fonte de fornecimento de água é a que provém da rede subterrânea e conduzida, através de canalização, a bebedouros bem situados e protegidos.

Ordinariamente, observa-se fracasso total numa criação e com isto padecem os porcos, quando a água necessita ser transportada aos bebedouros, através do encanamento da criação, que, por falta de higiene ou por negligência ou ainda por inépcia, deixa de desempenhar a função, não abastecendo normalmente os bebedouros.

ÁGUAS SALGADAS

O sal exerce importante função na vida dos animais, e a sua falta provoca sérias consequências na eficiência da utilização dos alimentos. É usual o fornecimento de sal em blocos ou solto nos cochos, a fim de que os animais, à medida que o organismo reclama sua falta, procurem a fonte salina para atender suas necessidades. Entretanto, a fonte mais comum do sal, atualmente, é a própria composição das rações balanceadas.

Trabalhos realizados nos EUA, onde os técnicos adicionaram sal à água de beber (ou o forneceram através de água salgada), comprovou-se que animais acostumados a beber água doce, recusaram a água salgada, desde que o fornecimento desse mineral fosse dado em forma regular, isto é, através de consumo de ração. Todavia, os animais poderão acos-

tumar-se de forma gradativa a consumir água rica em sal, cuja tolerância depende da espécie, idade do animal e da estação do ano.

A ingestão de alimentos, bem como de água, diminui ou aumenta o conteúdo salino da água. A chamada intoxicação pelo sal não é efeito primário, senão mais um estado de inanição relativa, devido a um consumo de alimentos e água insuficientes para cobrir as necessidades de manutenção do animal.

O grau de tolerância de sal na água a 1%, não provoca distúrbios na vida animal, mas a 1,5% pode causar certos transtornos. Entretanto, porcos que recebem dosagem a 1,5%, durante cinco semanas, se recuperaram prontamente ao beberem água doce novamente, afirmação de trabalhos experimentais realizados nos EUA.

O cloreto de sódio adicionado à água é menos prejudicial que o cloreto de cálcio nas mesmas condições, enquanto que o cloreto de magnésio é muitíssimo mais prejudicial para os mesmos casos, concluindo-se daí, que as águas alcalinas são mais prejudiciais que as salgadas.

RAÇÃO AQUOSA

A mistura da ração em meio líquido, tornando-a aquosa, vem constituindo mais um modo de fornecer água ao animal, o que tem apresentado resultados satisfatórios. Com isto, visa o criador de porco, principalmente no sistema de engorda,

obrigar os animais ao consumo de água, para evitar deficiência no fornecimento regular do líquido, bem como barateamento da mão-de-obra e proporcionar melhores condições para o desenvolvimento da suinocultura.

A ração aquosa é preparada através do misturador automático e fornecida por alimentadores também automáticos. O misturador nada mais é que um depósito instalado nas imediações da pocilga, com ração e água, que permite levar aos cochos a quantidade necessária para os animais naquele compartimento. A mistura inicialmente é de 3 libras de água para uma libra de ração, devendo aos 30 ou aos 45 dias utilizar mistura na proporção de 2 libras de água para uma de ração.

Os resultados alcançados pelos técnicos americanos são surpreendentes, demonstrando maior eficiência no teor de aproveitamento, que se eleva até 17%, em relação a porcos alimentados com ração seca e fornecimento de água em bebedouros separados.

Nas provas de ganho de peso, as observações foram positivas, desde que, por este sistema de alimentação, antecipava em duas semanas a obtenção do produto para o mercado consumidor, isto é, apurar porcos em menos de cinco meses, pesando 100 quilos.

Quanto ao consumo de água através da ração aquosa, os resultados foram animadores, uma vez que os porcos consumiram 20 a 30% mais água. ●

Seu lucro cresce com o capim.

Para a formação de pastagens, prefira as sementes testadas e comprovadas da ABC - mais de meio século de experiência na venda de sementes.

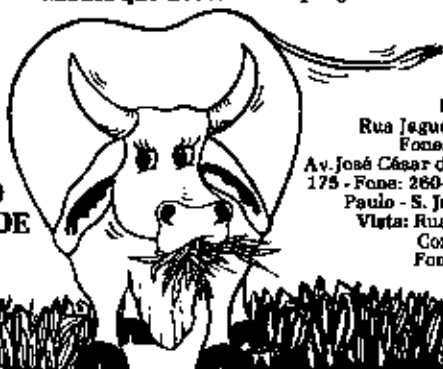
Gramíneas: sementes de milho híbrido, milho para silagem, *Brachiaria Decumbens* e *Brachiaria Ruziziensis*, *Rhodes Callide* (para fenação), *Gramma Pensacola*, *Capim Colômbio*, *Cabelo de Negro Legítimo*, *Jaraguá*, *Setária Kazangula*, *Capim Chorão*, *Pasto Italiano* (milheto), *Sorgo Forrageiro* e *Granífero*, *Bermuda Grass* e outras.

Leguminosas: *Soja Perene*, *Lab-lab*, *Alfafa*, *Siratro*, *Centrosema*, *Calopogônio* e outras.

Reserve já as quantidades que necessitar e programe a entrega.

ABC

**ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
CRIADORES**



Na Capital:
Rua Jaqueirão, 534 -
Fone: 826-3033;
Av. José César de Oliveira,
175 - Fone: 260-9189 - São
Paulo - S. João da Boa
Vista: Rua Benjamin
Constant, 25 -
Fone: 22-3904





Ordenha mecânica é exigência da moderna pecuária

GASTÃO MORAES DA SILVEIRA

Constituída basicamente por três sistemas (vácuo, pulsação e lavagem), a ordenha mecânica é um processo praticamente indispensável na moderna pecuária de leite, o seu emprego é quase obrigatório, quando se trata de explorações destinadas à produção de leite tipos B e A.

O sistema de vácuo é formado por uma bomba acionada por motor diesel ou elétrico. O vácuo produzido pela bomba vai ter ao circuito, indo até as teteiras. No circuito com vácuo, além do encanamento, há torneiras, relógios, onde se lê o valor do vácuo, válvula de segurança e válvula de drenagem.

O sistema de pulsação é formado por um pulsador, localizado na tampa do latão ou balde de leite e pelas teteiras. Nas teteiras, fica o espremedor de borracha que é colocado na teta da vaca, os anéis metálicos superior e inferior, um anel de borracha, visor de leite e mangueiras de leite e de vácuo. Cada teteira é formada por quatro conjuntos, tendo na base o coletor de leite. O número de teteiras de cada equipamento vai depender da capacidade da bomba de vácuo.

O sistema de lavagem está acoplado ao sistema de vácuo. Nestas condições, a limpeza é realizada com a ajuda do vácuo.

No funcionamento da ordenhadeira, o vácuo produzido pela bomba vai, por meio da tubulação, até as teteiras. O pulsador funciona como cérebro do equipamento, regulando a alternância entre vácuo, isto é sucção, e a pressão atmosférica, originando ar e vácuo para as tetas das vacas. Tem funcionamento pneumático ou eletromagnético, através de um sistema móvel corredeira, que permite a entrada alternada de vácuo e ar atmosférico, que, no conjunto, formam o ciclo de pulsações. O valor ideal é de 50 a 60 pulsações por minuto. Esta velocidade vem regulada de fábrica e não deve ser alterada.

A ordenha mecânica funciona por pulsação e não sucção. Se trabalhasse por sucção, e o operador esquecesse o equipamento ligado além do tempo normal, poderia tirar sangue em lugar de leite. Funcionando por pulsação, se isto ocorrer, formar-se-á um pequeno calo na ponta da teta, muito sensível.

As ordenhadeiras funcionam também com vacas que dão leite com bezerro. O procedimento é o mesmo da ordenha manual, somente que, neste caso, a mão do leiteiro é substituída pela teteira da ordenhadeira.

TIPOS

A escolha do sistema de ordenha depende do tipo de confinamento e do tamanho do rebanho. O sistema ideal de produção de leite exige mais que uma ordenhadeira mecânica tecnicamente boa, ele requer uma ação coordenada e harmoniosa em todas as fases do sistema de produção: o confinamento, a alimentação, a rotina da ordenha, a manipulação do esterco, o resfriamento do leite, todo esse ambiente em que se encontram a vaca, o ordenhador e o leite.

Basicamente, existem quatro tipos: o sistema em balde ou latão, o de leite canalizado, em espinha de peixe e cossel.

O sistema de balde ou latão é a forma mais simples de instalação de ordenha, além de ser o mais comum. O leite escoar diretamente do conjunto de copos através do tubo longo de leite, até o balde ou latão. Quando estiver cheio, desliga-se o vácuo, trocando-se o recipiente. Normalmente, empregam-se duas a três unidades por operador, permitindo a ordenha de aproximadamente 20 a 30 vacas/homem/hora. Este sistema é adequado para rebanhos pequenos e médios.

No sistema de ordenha com leite canalizado, o produto é levado através do tubo longo de leite, para dentro da tubulação, na qual é transportado, por diferença de pressão, para a unidade final de descarga, de onde é normalmente bombeado para o tanque. Neste caso, não se usam latões, evitando-se o trabalho de sua troca e esvaziamento. Isto agiliza a operação, tornando o serviço mais leve para o operador. A capacidade é de 1 a 4 unidades por operador, permitindo a ordenha de 20 a 50 vacas/homem/hora, sendo adequado para até 60 vacas/operador.

No caso de grandes rebanhos, a tendência geral é de empregar o sistema de sala de ordenha, isto é, local onde os animais recebem concentrado e são ordenhados. Na espinha de peixe, os animais são admitidos à sala em grupos de 3 a 12, ficando em ângulo com o fosso de operação, expondo os seus úberes com a distância mínima de 120 cm entre um úbere e outro. Os animais são tratados ordenhados em grupo, e um só operador pode manejar até 20 unidades de ordenha. Em instalações menores, a capacidade deverá ser de 40 vacas/homem/hora; nas maiores, 70-80 vacas/homem/hora.



Canalização evita latões



Na espinha de peixe...



...o fosso de operação

O sistema carrossel é baseado na idéia de movimentar a vaca até o ordenhador, e não este até ela. Possui uma plataforma moveável, com tempo de rotação variando de 7 a 12 minutos, ajustável segundo a raça das vacas, os estágios da lactação etc. As vacas são tratadas e ordenhadas em grupo, e o operador tem uma boa posição de trabalho, o que permite uma perfeita supervisão dos animais. A capacidade deste sistema depende do número de contenções e do grau de automatização. Normalmente, exige-se um operador para até 70 vacas/hora com 14 contenções, dois operadores para até 180 vacas/hora com 28 contenções. O máximo de capacidade deste sistema é obtido quando se planeja cuidadosamente o tráfego das vacas.

RESFRIAMENTO DO LEITE

O resfriamento e a estocagem do leite devem ser feitos corretamente, para obtenção de alta qualidade. Se houver alguma falha, as propriedades químicas do produto serão prejudicadas. O resfriamento, além da preservação da qualidade, traz ainda outras vantagens significativas para o produtor do leite e para as usinas de processamento.

O resfriamento permite a coleta uma vez por dia, embora se costume fazer duas ou até três ordenhas num período de 24 horas. Dependendo da quantidade do leite e de outros fatores, o resfriamento permite a coleta de dois em dois ou de três em três dias. Utilizando-se caminhões-tanque frigoríficos, o tempo gasto na coleta do leite fica reduzido, e o trabalho pesado da manipulação de latões é evitado na fazenda e na usina. Com o resfriamento, mantém-se a qualidade uniforme do leite durante o ano todo, fazendo jus, assim às bonificações que algumas usinas costumam pagar por isso.

Hoje existe uma perfeita e eficiente aparelhagem de resfriamento para todos os produtores de leite, desde o menor até os grandes. Um ponto importante em toda instalação moderna de resfriamento é que ela resfrie rapidamente o leite a cerca de 4°C, tratando-o com toda sua-vidade.

As superfícies dos aparelhos precisam ser de aço inoxidável e polidas, a fim de assegurar a possibilidade de manter facilmente o máximo de higiene em todas as unidades.

Os sistemas de resfriadores de imersão ou de geladeiras grandes são muito utilizados pelos pequenos ou médios produtores, que fazem a ordenha em baldes ou latões. Podem ser usados para resfriamento direto do leite no latão e em tanques móveis ou fixos. São dotados de um equipamento frigorífico, tendo um conjunto compressor alternativo, resfriado a ar, acionado por motor elétrico trifásico, sendo conjugado com serpentina resfriadora, construída em tubos de cobre. Possuem também um elevador de latões tipo guincho giratório, com manivela acoplada em engrenagem condutora, com trava, possibilitando manejo fácil e seguro. Há também um agitador central, acionado por motor elétrico trifásico, e o conjunto compressor-agitador e a tem-



A LEI DO LEITE LIVRE

**LIBERE
TODA PRODUÇÃO PARA O MERCADO.
USE JÁ MAMÁ, O SUBSTITUTO DO LEITE.**

MAMÁ é um produto específico para a alimentação de bezerras e se destina a substituir o leite da vaca, permitindo ao criador um maior controle dos custos de alimentação do seu rebanho, gerando maiores lucros, na medida que libera todo o leite produzido para a venda. Seu resultado é imediato e sua aplicação é prática e econômica.

Comece a usar MAMÁ e aumente hoje mesmo a sua produção de leite. **Procure-o na Cooperativa ou solicite informações no Departamento Veterinário da ICI, sobre o uso do MAMÁ e prepare-se para ter maiores lucros.**

MAMÁ o substituto do leite que não pesa no bolso do criador.

MAMÁ

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

ICI BRASIL S.A.
Departamento Veterinário

Av. Eusébio Matoso, 891 - 2º andar
Tel.: (011) 212-1955 - CEP: 05.423 - São Paulo - SP

A experiência da Ederer na irrigação



Vista geral da fábrica, que se localiza na via Anhanguera, SP.



Acima, o conjunto auto-propelido turbinado ao todo, montagem direta do aspersor, ambos fornecidos pela empresa.

A Ederer & Cia. Ltda. é uma organização comercial e industrial que vem atuando no mercado agrícola há mais de 15 anos constituindo-se numa das maiores e mais antigas firmas de irrigação do Brasil. A sede de seu complexo industrial e comercial está situada no km 29 da via Anhanguera, Estado de São Paulo, possuindo fábricas no km 12 da mesma rodovia e filial na rua Eduardo Edarce Badaró, 960, no Jardim Euclina, em Campinas, SP.

A empresa possui uma atualizada completa linha de equipamentos de irrigação, vasta rede de revendedores e representantes em todo o Brasil, corpo técnico de engenheiros agrônomos e projetistas especializados e infraestrutura administrativa coordenada para atender os objetivos a que se propôs.

A tecnologia de irrigação tem sido assunto de cogitação permanente na agricultura brasileira dos últimos anos. Para os especialistas da Ederer, o seu emprego se deve, em algumas regiões, ao fator incremento de produtividade, em outras por se constatarem registros pluviométrico deficitários e mal distribuídos, com limitações sérias na produção. Entretanto, as iniciativas tentadas no campo da irrigação não proporcionaram resultados satisfatórios, tendo sido a irrigação restringida a pequenos projetos, que, na maioria, funcionavam com eficiência relativamente baixa, não correspondendo à capa-

cidade normal para a qual foi projetada. Um terceiro aspecto apontado é, não raro, a ausência de estudos, projetos, fabricação especializada em modernos equipamentos de irrigação e/ou escolha do melhor sistema de irrigação, para as diferentes regiões.

Atualmente estão-se apresentando três fatores que não existiam no passado.

— existência de estudos dos parâmetros básicos para implantação de projetos de irrigação em várias regiões do Brasil, através de vários programas do Governo na agricultura brasileira;

— o custo da mão-de-obra disponível e o preço da terra têm sido fatores relevantes na produção.

— as fábricas de equipamentos de irrigação estão sentindo com a atual crise energética que as metas estabelecidas pelo Governo com relação à agricultura versus produção são bastante otimistas. Com isto, o mercado da irrigação está-se mostrando viável, ou seja, há estratégia de assistência técnica e investimentos maciços na indústria de equipamentos de irrigação, o que não acontecia no passado.

OS MODELOS

Confiando na política agrícola brasileira, a Ederer passou a investir na tecnologia de modernização e aumento da produção por unidade de área com equipamen-

tos mais modernos. Assim, estabeleceu uma estratégia de aperfeiçoamento em todos os seus equipamentos:

— na linha de aspersores, com a confecção e aperfeiçoamento do aspersor modelo ED-227, com vazão de 6 a 25 m³/h, nos aspersores de porte médio modelo ED-327 com vazão de 20 a 60 m³/h e aspersor canhão setorial de alta pressão modelo ED-427 com vazão de 90 a 200 m³/h;

— conjuntos moto-bomba compacto com acionamento diesel com chassis tubular e/ou fixo, acoplamento monobloco e/ou luva elástica e bomba centrífuga desde 7,5 a qualquer potência;

— conjuntos moto-bomba compacto com acionamento elétrico para potência desde 0,5 a qualquer potência;

— conjuntos "Atuo-propelido Turbinado Ederer", equipamento que se locomove pela energia d'água de irrigação, utilizado em médias e grandes áreas com baixa utilização de mão-de-obra. Este conjunto acha-se equipado com aspersor canhão setorial modelo ED-427, mangueira flexível de alta pressão com diâmetro de 4.3/8" de fabricação nacional;

— tubo de alumínio com acoplamento rápido desde 2" a 8" de diâmetro com comprimento de 6 metros e tubos de aço zincado e/ou betuminados desde 5" a 12" por 6 metros de com-

primimento com acoplamentos de engate rápido, ponta e/ou flanges, linha completa conexões para todos os tipos equipamentos acima em diâmetros desde 2" a 12";

— projeto do equipamento "Montagem Direta", utilizado para irrigação e/ou distribuição de vinhaça em médias e grandes áreas. Opera com captação direta em um canal de irrigação. A unidade vem pronta para ser ar. Acha-se equipada com aspersor tipo canhão hidráulico modelo ED-427 setorial, o qual irriga área de 1,5 hectare por posição. A linha completa acessórios de todos os equipamentos Ederer é testada e aprovada na própria fábrica, que recebe todas as garantias contra defeitos de fabricação.

PROJETOS

Para este ano, serão desenvolvidos os seguintes projetos:

— Mini Auto-propelido sistema automático similar sistema auto-propelido, para pequenas e médias áreas;

— Sistema Pivot Central sistema automático para pequenas e grandes áreas com propulsão elétrica e hidráulica;

— Sistema Automático "Side Roll", cujos ramais são móveis. Este sistema pode substituir as mudanças de localização do sistema de aspersão tradicional. ●

Este padre não perdoa certos pecados cometidos contra a natureza

Ustido de modo descuidado, calça rancheira desbotada, nem sempre a camisa bem enfiada, um cigarro quase constantemente aceso nos dedos, sandálias abertas e os óculos bifocais via de regra colocados na testa, o padre Johannes Gerardus Obers muito raramente parece um sacerdote, fora da igreja. E, se for procurado com esse nome, em Campo Belo, Estado de Minas Gerais, onde reside, dificilmente alguém o indicará. Mas, perguntando-se pelo padre Justino, qualquer pessoa do lugar saberá de quem se trata e dirá que ele pode ser encontrado em dois lugares: no Colégio Santa Cruz, que fica na cidade, ou no sítio do mesmo nome, logo à saída de Campo Belo.

Padre Justino não é, porém, uma curiosidade e sim um sacerdote que leva muito a sério sua vocação, empenhando-se em ajudar sempre o seu próximo. Acha que isso não pode ser feito exclusivamente em sua igreja, esperando os fiéis, mas, ao contrário, indo ao encontro deles e de suas necessidades. É contra a pobreza — que, em sua opinião, Deus não deseja como castigo para ninguém — e também acredita que, “para acabar com a miséria é preciso criar a riqueza, e riqueza só se cria aumentando a produção e a produtividade”.

Hoje, o padre Justino é o responsável pelo Sítio Santa Cruz, da Ordem desse nome, uma congregação religiosa que existe desde a Idade Média e tem algumas casas no Brasil, atuando em leprosários, em bairros pobres e na educação da juventude. Nem sempre, porém, ele se dedicou à atividade rural. Por sinal que, ao ser ordenado sacerdote, em 1954, na Holanda, sequer imaginava que viria a ser esse o seu futuro.

Nascido na pequena cidade de Deurne, na Holanda, o pai e os irmãos sempre se ligaram em mecânica e comércio de automóveis (são ainda os distribuidores Ford da região), e nada indicava que devesse ser diferente o seu caminho. No entanto, optou pela vida religiosa e, após um ano de permanência no seu país de origem, depois de padre, insistiu em não ser enviado para Roma, onde faria novos cursos em institutos superiores da Igreja, preferindo trabalhar desde logo.

Chegando no Brasil em 1955, padre Justino permaneceu um ano e meio no Leprosário de Prata, no interior do Estado do Pará, e mais seis meses num subúrbio



bio de Belém. Daí veio para o Seminário Santa Cruz, em Campo Belo, onde está até hoje. Novidade maior, nesse meio-tempo, foi apenas o curso de Química que teve de fazer, na Escola de Bioquímica da Universidade Federal de Minas Gerais, para obter a graduação necessária e lecionar no colégio que sua congregação mantém na cidade, ao lado de um seminário agora desativado.

Foi nesse período de professor que o padre Justino começou a verificar alguns graves defeitos no ensino ministrado. O objetivo educacional do colégio era (e ainda é) formar líderes para atuar na região — diz ele —, mas os jovens que terminavam o curso colegial não ficavam na cidade e sim buscavam as faculdades da capital ou de outros Estados. Com isso, o colégio não estava ajudando o povo e sim contribuindo para empobrecê-lo ainda mais — admite com franqueza.

Outro aspecto da vida da cidade que chamava a atenção do padre, assim como de seus colegas, era o fato de os pequenos sítiantes venderem as suas propriedades, para irem morar na cidade. “Eu nunca vi um fazendeiro que tivesse vendido sua terra, enriquecer na cidade” — frisa o padre Justino — “e isso me levou a procurar maneiras de ajudá-los a ficar e crescer no campo”.

FAZENDO E MOSTRANDO

Foi essa necessidade de convencer os proprietários rurais a permanecerem em sua terra e dela retirar o seu sustento que motivou o padre Justino a demonstrar, na prática, como uma pequena propriedade pode ser rentável. A Congregação Santa Cruz, que já possuía 3 hectares nos arredores de Campo Belo, para produzir leite e verduras necessárias ao seminário, comprou outros 18 hectares. Isso foi há 19 anos, lembra o padre Justino, e agora está mais do que provado que, mesmo em uma área reduzida, é possível garantir a subsistência digna de uma família.

No Sítio Santa Cruz, seus 21 hectares atuais permitem a perfeita manutenção de 30 vacas “cruzadas” (europeu leiteiro/zebu), das quais 25, em média, sempre em lactação, 22 bezerros, entre machos e fêmeas, e um reprodutor Holandês preto e branco, registrado. A produção comercializada de leite oscila entre 140/150 litros diários, afora as necessidades



O Sítio Santa Cruz é procurado por causa dos capins do padre.

internas, as do seminário e alguma venda direta na cidade. O rebanho é mestiço, de diferentes graus de sangue, e os machos não são abatidos ao nascer, mas criados e remetidos para outra pequena

propriedade que a congregação mantém em Candeias, na área dos cerrados, onde, em 30 hectares, se criam os animais para corte, com os mesmos objetivos de demonstração que em Campo Belo.

No entanto, há uma parte essencial no trabalho desenvolvido tanto no Sítio Santo Antônio, em Candeias, quanto em Campo Belo. É a manutenção de áreas plantadas com os mais diversos tipos de capins e leguminosas. O padre Justino tornou-se um especialista conceituado em plantas forrageiras e experimenta todas e qualquer semente e muda que lhe caia às mãos, além de estudá-las cientificamente, para poder incentivar o plantio das mais adequadas à região.

Não se trata de fazer pesquisa — aprenda-se em explicar — mas sim de testar na prática os capins e leguminosas, verificar o seu comportamento e resultados, pois entende ser imprescindível buscar as melhores soluções nessa área, para ajudar o trabalho dos criadores.

Ele admite que pensa assim, em parte, por verificar o que sucede em seu próprio país de origem. Na Holanda, explica, qualquer proprietário de algumas vacas (e o normal lá é a pequena propriedade) dá um valor imenso às pastagens que possui. E mesmo em áreas de tamanho reduzido, as famílias sobrevivem dignamente. Esse exemplo pode e deve, em sua opinião, ser imitado também pelos brasileiros, com sucesso. A Cooperativa Holambra vem fazendo isso na região de

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL



- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Avenida Pompeia, 1214 — Fundos B — São Paulo
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

Mogi-Mirim, em São Paulo, diz ele, e alcançou êxito porque os primeiros colonos holandeses que foram para lá pensavam em ser fazendeiros e também formar filhos fazendeiros. Por isso já nasceu a Holambra-2, acentua com convicção.

AS IDÉIAS

Para o padre Justino, o grande mal dos pequenos proprietários é pensar que, mandando seus filhos para se formarem médicos, engenheiros e advogados, lhes estarão preparando um futuro melhor do que teriam no campo. "É importante que os pais tenham um ideal — e viver dignamente na terra e da terra é um ideal que merece ser transmitido para os filhos. Ser fazendeiro é algo tão nobre quanto qualquer outra atividade", afirma.

No entanto, admite ele que é preciso efetuar algumas correções no rumo das coisas ligadas ao campo, no país. Por exemplo, em relação ao crédito, ele acha que também o pequeno proprietário deveria ter acesso fácil aos financiamentos rurais, para poder fazer investimentos em sua terra. "Se os pequenos produtores fossem realmente ajudados a produzir", diz ele, "haveria abundância de carne, leite e outros alimentos". A prioridade de estímulo, porém, em seu entender, "está sendo dada aos grandes proprietários, e isso só tem concorrido para torná-los ainda maiores, adquirindo as terras dos pequenos produtores, raramente beneficiados com a ajuda necessária".

Outra afirmação categórica do padre Justino é que, em sua região, se comem, com frequência, três pecados mortais contra a natureza: o desnudamento da terra (através do desmatamento desorganizado, do fogo para a rebrota dos pastos e do superpastoreio), que faz com que o solo fique nu, sofrendo os rigores do sol, queimando-se a matéria orgânica disponível; a destruição da beleza natural da terra e a não obediência à real capacidade de cada solo.

"O fazendeiro" — afirma o padre Justino — "precisa convencer-se de que sua vocação e missão é produzir e conservar a beleza e fertilidade do solo; são essas as suas obrigações fundamentais". Ele enfatiza que, se não fizer isso, não somente não terá êxito em sua atividade, como acabará por destruir irremediavelmente a natureza. "É por essa razão que o número de regiões desérticas está crescendo cada vez mais, principalmente nos países tropicais", diz ele. "Nenhum solo pode oferecer condições de vida sem dispor de matéria orgânica. Hoje, na agricultura e na pecuária, está-se tirando muito e repondo pouco. E não adianta apenas a adubação química, pois também é imprescindível a adubação orgânica".

Para que ninguém pense que o padre está saindo demais de seu campo de trabalho próprio, ele diz que, "como religioso, acredito que a Ecologia faz parte da Teologia, e isso já está sendo estudado seriamente pela Igreja dentro de sua visão atual do mundo".



Numa área diminuta e usando um gado cruzado de europeu e zebu, o padre de Campo Belo prova que é possível o sustento de uma família.

A MISSÃO

O padre Justino não apenas crê no que diz. Ele faz questão de difundir o quanto pode as suas idéias. Por isso, há 15 anos — quando já havia reunido experiência suficiente na Santa Cruz e em seus estudos —, começou a promover cursos para fazendeiros da região, reunindo-os em fins-de-semana no seminário de Campo Belo. Além da parte teórica,

levava-os a visitar o sítio, para ver de perto os resultados obtidos com os pastos e capineiras bem formados. E, a partir daí, não parou mais de trabalhar nesse campo, que considera sua missão.

E por essa razão que está em constantes viagens por várias regiões do país, falando a fazendeiros, sitiantes e universitários de Agronomia e Veterinária, em Minas Gerais e São Paulo principalmente. Com frequência, participa de cursos especializados, ministrados por professores das Escolas de Viçosa, Lavras e Piracicaba, além de reuniões de divulgação promovidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e organizações oficiais e particulares de extensão. E está em contacto permanente com os institutos de pesquisa e as universidades brasileiras, bem como com organismos internacionais ligados ao campo, para poder manter-se sempre atualizado em seus conhecimentos.

Para o padre Justino, tudo irá melhor, no meio rural brasileiro, quando o ensino, nas regiões produtoras, puder sofrer uma transformação que considere fundamental: os filhos dos fazendeiros e sitiantes estudarem para "ser fazendeiros". E isso, em sua opinião, pode ser feito com o seu trabalho, no campo, durante o dia, e com aulas apropriadas à noite. Mas nada de formar técnicos agrícolas, que depois buscarão emprego com terceiros, frisa ele. O importante é que ajudem os próprios pais, no trabalho da terra, e se preparem para substituí-los no futuro.

Padre Justino acredita nisso com muita fé. E tem esperança de que, um dia, ainda se verá tal curso funcionar no Brasil. No que depender dele, esse futuro virá breve, pois esse é o seu modo de praticar o amor ao próximo, ou a caridade cristã, como fala em seus sermões na igreja, onde celebra a Missa, em Campo Belo.

AGROPECUÁRIA TROPICAL

● Um diálogo corajoso a favor da Agropecuária Nacional.

● Distribuição a todos os criadores nordestinos e também em BANCAS das principais cidades: da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas.

● Legítimo porte-voz do setor rural nordestino.

Assinatura Anual
Cr\$ 600,00

Pedidos para:

AGROPECUÁRIA TROPICAL
Caixa Postal: 6033
CEP 50.000 — RECIFE — PE

O texto é reprodução do "Informativo ANPL", editado pela Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares (Nestlé), em seu número 52, de dezembro do ano passado.



Suíno brilhou em Bauru em meio à crise

Não obstante a séria crise que afeta o setor, o porco apresentou-se em grande estilo na cidade paulista de Bauru, de 8 a 16 de novembro do ano passado, época da realização da V Exposição Estadual de Suínos, conjuntamente com a VII Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados. Inscreveram-se 380 animais, dos quais se apresentaram 196, assim distribuídos: 83 Large White, 96 Landrace e 17 Duroc. No entanto, os jurados de admissão, Aleksandrs Spers, Maria Teresa Bassoli e Cláudio F.W. Loewenthal, eliminaram 6 deles (2 Landrace e 4 Large White).

No julgamento de premiação, realizado pelos juízes Luciano Roppa, Laurindo A. Hackenhaar e Ari G. Neumann (este convidado junto à Associação Catarinense de Criadores de Suínos), foi destacada a "excelente qualidade dos Landrace e Large White apresentados". E os juízes fizeram questão de informar que seu critério de classificação enaltecia as características de produtividade dos animais, principalmente nas fêmeas, antes

de qualquer outra condição.

Os principais prêmios foram atribuídos aos seguintes animais: na raça Landrace, "Faktor Frossel Paineira", da EPOF Empreendimentos e Participações Imobiliárias Ltda., grande campeão e campeão sênior; "Paul Tisted Ingá", do Campo Experimental da Tortuga, campeão júnior; "Datterplame Heralkes Sadia", da Sadia - Concórdia, grande campeã e campeã sênior, e "Princes Heralkes Sadia", da mesma criação, campeã júnior. Na raça Large White, os melhores prêmios foram para: "Maverick Sheddord Sadia", grande campeão e campeão júnior; "Gran Bonetta Condor Paineira", da EPOF, grande campeã e campeã sênior; "Bonetta Maverick Paineira", da EPOF, campeã júnior. Na raça Duroc, "Big Valerie Paineira", da EPOF, foi o grande campeão e campeão júnior; "King Mighty Atilio", de José Augusto Zillo e outros, o campeão sênior, e "Ann Bankers Bagda", de Domingos Marchetti, a campeã júnior.

No cômputo geral de pontos, a EPOF foi o expositor campeão, com um total de 552 pontos em 58 animais das três raças, seguindo-se a Sadia (458 pontos com 25 animais de duas raças) e Domingos Marchetti, com 304 pontos em 27 animais das três raças.

Embora o leilão de suínos não estivesse muito animado, a comercialização geral foi considerada boa, com um total de negócios de Cr\$ 1,855 milhões para 77 animais vendidos (média de Cr\$ 24,090 mil por cabeça).

Aqui se quer importar caprinos

A Associação Brasileira dos Criadores de Cabras Leiteiras (CAPRILEITE) está coordenando a importação de reprodutores e matrizes caprinos do Canadá e da Holanda, aceitando inscrições de criadores interessados. Os preços CIF variam de US\$ 750 a US\$ 850 por cabeça das raças branca holandesa, toggenburg, saanen, la mancha, french alpine e anglonubiana.

Segundo o informe da entidade, o Canadá possui, hoje, uma excelente seleção de caprinos, cujas recordistas leiteiras acusam as seguintes lactações em 305 dias: saanen, 3.031 kg de leite; toggenburg, 2.610 kg; french alpine, 2.196 kg; la mancha, 2.047 kg e anglonubiana, 2.007 kg. Especialmente em relação à anglonubiana, as fêmeas selecionadas no Canadá (e também nos EUA) apresentam animais de maior porte e de mais alta lactação que no próprio país de origem desses animais, a Inglaterra. Na Holanda, as melhores cabras saanen, diz a CAPRILEITE, assim como as toggenburg acusam produções de 1.500 a 2.000 kg por lactação. Quanto às french alpine, a entidade informa que já existe no Brasil um pequeno lote de animais dessa raça, cria-

dos na Escola de Agronomia de Mossoró, no Rio Grande do Norte, a partir de doação feita pela criadora norte-americana Marion Mendelsohn, dentro do programa Peace Corps.

A CAPRILEITE tem sua sede em Belo Horizonte (rua Safira, 564, telefones 332-7433 e 334-3452 e telex 1942).

No Sul o contra para o gado de fora

Atendendo a apelo dos criadores gaúchos, especialmente as lideranças rurais dos municípios de Bagé e São Borja, o secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, Balthazar de Bem e Canto, manifestou-se contrário à importação de bovinos e ovinos, que alguns setores do Ministério da Agricultura vêm advogando. Bem e Canto já expressou oficialmente o veto sulino à medida.

A posição gaúcha foi reiterada aos ministros Delfim Neto, do Planejamento, e Amaury Stabile da Agricultura, garantindo que o Rio Grande do Sul tem carne bovina e ovina suficiente para o abastecimento e ainda dispõe de excedentes exportáveis. E considera que a importação de animais por mínima que seja atingirá seriamente a criação, o abate e a industrialização do RS.

Campolina mostra suas qualidades em torneio

Especial para a
Revista dos Criadores

Com a presença de criadores de Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, realizou-se, dias 15 e 16 de novembro do ano passado, no Parque "Senador Bias Fortes", em Barbacena, MG, o 1 Torneio Funcional do Cavalo Campolina. Foi uma festa, prestigiada com entusiasmo pelo público barbacenense.

Na abertura, houve um desfile dos animais, montados por seus proprietários ou familiares, ao som da "Banda Mui-to Louca", a convite da Prefeitura Municipal. Dia 15, efetivaram-se as provas de marcha, três tambores, cinco balizas e cavalo de peão; no dia seguinte, as de lanças (emocionante) e "cross". Em todas, demonstrou-se a resistência, agilidade, velocidade e comodidade do cavalo, evidenciando que o Campolina "não é um animal de vitrina e sim um vigoroso cavalo, apto a desempenhar qualquer trabalho de lida no campo".

PROVAS E CONCORRENTES

Inscreveram-se ao torneio 18 cavalos, mas apenas 13 concorreram: "Gás Chuvisco", montado por Adelino Ribeiro Maia; "Galope de Santarém" (Anderson Lambertucci); "Relincho da Lagoa Negra" (André Luiz Ferreira Silva); "Omega de Passa Tempo" (Chaquib Costa Sad); "Estádio do Desterro" (Fernando Lourenço); "Badalado do Chaparral" (Glauter Salvador Faria); "Figura da Palestina" (Heitor Lambertucci); "Havana da Porteira" (José Eugênio Câmara Filho); "Horizonte de Santarém" (Luiz Angelo B. Câmara); "Mirante de Passa Tempo" (Oswaldo Afonso Diniz Filho); "Tango do Capim Branco" (Paulo Eugênio Câ-



Campolina não quer ser apenas um cavalo de vitrina.

mara); "Umbanda da Lagoa Negra" (Sérgio Henrique B. Câmara) e "Coringa Cataguá" (Sílvia Dutra).

Na prova de marcha, vencedor foi "Estádio do Desterro", de propriedade de Francisco Lourenço Costa, da Fazenda Cassorotiba, de Maricá, RJ, colocando-se, em segundo lugar, "Coringa Cataguá", de Sílvia Dutra, Fazenda Mota Grande, Sete Lagoas, MG.

Na de três tambores, o primeiro lugar coube ao mesmo "Coringa Cataguá", com "Galope de Santarém" em segundo. Na prova do cavalo de peão, Osvaldo Diniz Filho e Fernando Lourenço se coloca-

ram em primeiro e segundo lugares, respectivamente.

Na noite de sábado, o clima do Hotel Grogotó era de festa: após o jantar de confraternização dos criadores, exibiram-se filmes de inteiro agrado dos presentes. O primeiro como promoção da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Campolina, apresentando uma corrida de animais da raça no Jockey Clube de Minas Gerais; o segundo, por colaboração da criadora Maria Victória Bolívar Gomes, feito sobre cavalos Lipizanos, na Áustria.

Domingo pela manhã, realizaram-se as provas faltantes

do torneio. Na de "cross", fiscalizada pelos juizes Roberto Abramo, diretor do Registro Genealógico e diretor das provas, João Biondi, professor da Escola de Medicina Veterinária da UFMG, e Múcio Botelho Salomão, técnico do Registro Genealógico da ABCCC, sagraram-se vencedores "Omega de Passa Tempo", da Fazenda São Vicente, de Barbacena, em primeiro, e novamente "Coringa Cataguá", em segundo lugar. Não obstante a classificação fosse pelo tempo, considerou-se excelente o desempenho dos treze participantes, sem exclusão, já que todos terminaram o percurso. Na prova de lanças, novamente Sílvia Dutra, montando "Coringa Cataguá" foi o vencedor, com 20 pontos, seguido de André Luiz Silva, com "Relincho da Lagoa Negra", que fez 18 pontos.

Na classificação final, foi declarado campeão o cavalo "Coringa Cataguá", juntamente com "Estádio do Desterro", ambos somando 92 pontos; segundo lugar foi de "Relincho da Lagoa Negra", com 74 pontos, seguindo-se, pela ordem, "Mirante de Passa Tempo" (54 pontos), "Galope de Santarém" (48) e "Figura da Palestina" (26).

Ao vencedor de cada prova foi conferido um troféu, e do segundo ao quinto lugares, entregues medalhas de mérito, oferecidas pela Fazenda das Árabs, de Emir Cadar, presidente da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina, e Lycio Cadar.

BRETE e PORTEIRAS VERLAZ a segurança disponível



EA INDÚSTRIA DE PORTEIRAS VERLAZ LTDA

PEÇA FOLHETOS

FONE RESID 22 1502
RUA QUINCAS VIEIRA, 1042 FONE (DDD 0182) 33-4834
19100 - PRESIDENTE PRUDENTE - SP



A grande e excepcional produção desse "Gigante J.O."

ARTHUR PAGLIUSI GONZAGA

"Urucum J.O.", por "Gigante J.O." e "Baeta J.O.", pertence à Fazenda São Luiz, de Ibirá, SP.

Em complementação à pesquisa publicada na *Revista dos Criadores* de fevereiro do ano passado (pág. 63), sobre o cavalo reprodutor "Gigante J.O.", onde anotávamos apenas sua produção masculina, estamos agora mandando a público toda a produção do citado garanhão.

Partindo de "Colorado", o pilar da raça Mangalarga, encontramos o próprio início da tropa J.O., através da compra de uma barriga da égua "Fantasia", com "Colorado", ao sr. João Francisco Diniz Junqueira. Daí nasceu "Pensamento", e, como dissemos, se originou a própria tropa J.O. Em outras palavras, "Pensamento" fez a tropa J.O., tornando-se campeão cavalo, em 1937, na 6.ª Exposição de Animais de São Paulo.

"Pensamento" produziu:

— "Beluarte", campeão cavalo em 1944, na 11.ª Exposição Nacional de Animais de Belo Horizonte;

— "Maxixe", campeão cavalo em 1947, na 13.ª Exposição Nacional de Animais, na Bahia;

— "Samba", campeão cavalo em 1948, na 15.ª Exposição Nacional de Animais de São Paulo.

— "Abaré", que foi apenas campeão cavalo em Caxambu, MG; nas pistas, não foi o mais brilhante dos filhos de "Pensamento", mas foi ele quem gerou "Gigante J.O.", objeto do presente estudo. E só essa produção supera aos demais? Por quê? E o que veremos.

"Gigante J.O.", registro definitivo 1139-C3, nasceu em 6 de setembro de 1958 e morreu em 23 de novembro de 1973, portanto, com quinze anos de idade. Era alazão tostado com classificação estática e dinâmica muito boa. Por ocasião do registro, apresentou 1,53 e 1/2 m de altura de cernelha, mas, aos cinco anos, chegou a 1,59 m de altura. Quando do registro, foi medido com 1,83 m de perímetro torácico e 0,19 e 1/2 m de perímetro de canela, mas, também aos cinco anos, apresentou 1,84 m p.t. e 0,20 m p.c. Era filho de "Abaré J.O." e de "Índia J.O."

"Abaré J.O." era filho de "Pensamen-

to" (por "Colorado" e "Fantasia" e de "Friza S.M." (por "Burity" e "Rainha S.M.").

"Índia J.O.", era filha de "Rubro J.O." (por "Astuto" e "Rubra J.O.") e de "Bogrinha" (por "Colorado" e "Castanha").

Quem quiser saber os nomes dos tólvos de "Gigante J.O.", anote: "Colorado" era crioulo do coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira, alazão, nascido em 1912, filho de "Fortuna IV", castanho, nascido em 1904, e de "Prenda", torçilha, nascida em 1898. "Fantasia" era crioula de João Francisco Diniz Junqueira e filha de "Apolo do Totó Lima", nascido em 1920, e de "Colina III". "Burity", campeão cavalo em 1935, na 4.ª Exposição Estadual de Animais de São Paulo, era crioulo de Edmundo Diniz Junqueira, "Zaino", filho de "Colorado" e de "Prinzeza". "Rainha S.M." era crioula de Sebastião A. Malheiro, filha de "Faveiro" e de "Calçada", que era irmã própria de "Colorado". "Astuto" era crioulo de João Francisco Diniz Junqueira e filho de "Colorado" e "Fálua". "Rubra J.O." era filha de "Petulante" e "Malagueta". "Castanha" era filha de "Succo", sendo certo que o nome da mãe de "Castanha" nos é desconhecido.

"Gigante J.O." foi Grande Campeão cavalo em 1961, na Água Branca, e campeão dos campeonos de todas as raças presentes, em 1966, na Exposição Nacional de Equídeos de Porto Alegre, RS.

Em 1962, começou a nascer a produção de "Gigante J.O.": "Roleta", "Alamínio J.O.", "Camélia J.O." e "Urucum J.O.", este adquirido com dois anos de idade pelos irmãos Maia (Abel e José), da nossa querida Ibirá, SP, sendo certo que, em 1967, "Urucum J.O." viria a conquistar o prêmio de Grande Campeão Cavalo na Água Branca, abrindo, destarte, com chave de ouro, a vida de "Gigante J.O." como reprodutor.

Em 1972, "Gigante J.O." foi adquirido pelo criador João Barilari, que tirou, assim, as últimas produções do grande produtor, até que o mesmo lá morreu em 1973. Tal venda já se justificava, pelo menos sob o aspecto comercial, posto que o sr. José Oswaldo já tinha o gran-



"Turbante J.O.", que viria, como veio, a substituir o pai, e preservar o generoso sangue de "Pensamento", na Fazenda Santa Amélia.

FILHOS DE "GIGANTE J.O."

1.º) "Alumínio J.O.", registro 1889, nascido em 3.10.62, alazão tostado, com 1,51 m de altura, 1,69 m p. p.t. e 0,18 m p.c. Campeão em Guaratinguetá em 1969, classificação dupla boa, tendo sido do plantel de Hugo Janotti.

2.º) "Urucum J.O.", registro 1334, nascido em 23.10.62, alazão tostado, com 1,53 m de altura, (e, quando adulto, apresentando 1,57 m de altura), 1,82 m p.t., 0,20 m p.c., classificação dupla boa; campeão em 1965 em São José do Rio Preto; Campeão em 1966 em Barretos e novamente em São José do Rio Preto; Campeão em 1967 em São Paulo, na Água Branca; Campeão em 1970, na VI Exposição Nacional de Equídeos em Campos, RJ, e Reservado Campeão, em 1966, na Exposição Nacional de Equídeos de Porto Alegre, RS, perdendo apenas para o seu próprio pai. "Urucum J.O." está com 17 anos, sem nenhuma lesão em seus fortes membros, reproduzindo normalmente, servindo não só as éguas do sr. Abel Pinho Maia Sobrinho e irmãos, como também grande número de éguas de fora. Como vinho, quanto mais velho melhor, "Urucum J.O." presentemente está superando a sua própria produção dos primeiros anos de serviço de monta. E, segundo seu famoso criador, um dos três filhos de "Gigante J.O.", como reprodutor, ladeado por "Turbante J.O." e "Cocar J.O.". Eu acrescentaria que é talvez o melhor dos filhos de "Gigante J.O.", como cavalo de sela.

3.º) "Sonhado J.O.", registro 1344, nascido em 5.11.63, preto, classificação dupla boa, com 1,54 m de altura, 1,73 m p.t. 0,19 m p.c., Campeão em São João da Boa Vista, em 1966, tendo morrido aos três anos de idade, eletrocutado. Embora desaparecido precocemente, deixou duas das melhores éguas do plantel J.O.: "Penumbra J.O.", Campeã Égua em São Paulo, em 1969, sendo mãe de "Tropical J.O.", campeão, em 1977, em São Paulo e, no mesmo ano, Grande Campeão da Raça em Belo Horizonte, e "Artista J.O.", Reservada Campeã Égua em São Paulo, em 1975.

4.º) "Sansão R.C.", registro 1420, nascido em 16.11.63, alazão, classificação estática boa e dinâmica regular, 1,49 e 1/2 m de altura, 1,65 e 1/2 m p.t., 0,18 e 1/2 m p.c. Sua mãe, "Djedah", registro 3468, era filha de "Sheik".

5.º) "Premiado J.O.", registro 1587 alazão, nascido em 12.12.63, 1,57 m de altura, 1,79 m p.t. e 0,20 e 1/2 m p.c. classificação estática regular e dinâmica muito boa, foi a "sela" do sr. José Oswaldo por muitos anos. Sua mãe, "Fama", registro 3879, era filha de "Sheik".

6.º) "Mutirão", registro 1480, alazão com pelos brancos, classificação dupla muito boa, nascido em 31.12.63, 1,58 m de altura, 1,82 m p.t. 0,20 m p.c., foi vendido ao sr. Jorge Habib, tendo fundado um núcleo com características próprias, definidas e boas.

7.º) "Prenhado", registro 1444, nascido em 6.10.64, classificação dupla boa, ala-



"Turbante J.O.", atual reprodutor da tropa J.O., é o animal que mais pontos recebeu de Eduardo B. Marchi.

ção tostado, 1,60 m de altura, 1,75 m p.t. e 0,19 e 1/2 p.c., irmão de "Premiado J.O.", e, vendido ao sr. Richard Petrocelli, morreu cedo, eletrocutado.

8.º) "Tamborete J.O.", registro 1531, alazão tostado, nascido em 22.10.64, classificação dupla boa, 1,52 m de altura, 1,83 m p.t. e 0,19 m p.c., pai de "Aquarela da Santa Ernestina", com "Judia", primeiro recorde de preço em leilão Mangalarga.

9.º) "Dengoso J.O.", registro 1437, alazão com pelos brancos, nascido em 14.11.64, classificação dupla boa, 1,53 m de altura, 1,67 m p.t. e 0,19 p.c., Campeão Cavalo em 1970, em Avaré, e, em 1971, em Londrina.

10.º) "Casulo T.", registro 1438, baio amarelo, 1,58 m de altura, 1,72 p.t. e 0,18 m p.c., nascido em 25.11.65, classificação dupla boa.

11.º) "Changô", registro 1540, nascido em 23.09.65, classificação dupla boa, alazão, 1,55 m de altura, 1,78 m p.t. e 0,19 m p.c.

12.º) "Nacional J.O.", registro 1436, nascido em 04.10.65, alazão, classificação dupla boa, 1,54 m de altura, 1,80 m p.t. e 0,18 e 1/2 m p.c., de Antônio Ferreira Pitanguy, criador de Mangalarga Marchador.

13.º) "Dourado J.O.", registro 1530, alazão, 1,52 m de altura, 1,66 m p.t. e 0,18 m p.c., classificação dupla boa, nascido em 10.10.65 e morto em 1970, afogado, na Fazenda São Luiz, de Ibirá, já de propriedade do Abelzinho. Segundo seu criador, foi o filho mais bonito de "Gigante J.O.", com o que este pesquisador está de pleno acordo, pois conheci-o e não me cansava de admirá-lo, tendo sido uma grande perda para a raça. Sua mãe era "Laguna", registro 4857, que era filha do incompatível "Absinthe", registro 197, e de "Ula", registro 2600, que era irmã própria de "Maxixe".

14.º) "Estopim", registro 1505, alazão, nascido em 17.11.65, classificação estática boa e dinâmica muito boa, 1,56 m de altura, 1,76 m p.t. e 0,18 e 1/2 m p.c.

15.º) "Sublime J.O.", registro 1472, alazão salpicado, nascido em 11.12.65, classificação dupla boa, 1,54 m de altura, 1,77 m p.t. e 0,18 m p.c., servindo, hoje, em Goiás, na fazenda do desembargador Romeu Pires de Campos Barros.

16.º) "Atlas", registro 1810, tordilho, nascido em 04.08.66, classificação boa, 1,56 e 1/2 m de altura, 1,72 m p.t. e 0,18 e 1/2 m p.c.

17.º) "Estádio J.O.", registro 1557, nascido em 31.10.66, alazão, classificação dupla boa, 1,52 m de altura, 1,77 m p.t., 0,19 m p.c., irmão próprio de "Tamborete J.O.", e Tri-Campeão Nacional.

18.º) "Atleta J.O.", registro 1623, alazão, nascido em 17.12.66, classificação dupla boa, 1,57 m de altura, 1,83 m p.t. e 0,20 m p.c., irmão próprio de "Dourado J.O."

19.º) "Elegante", registro 1712, alazão tostado, nascido em 19.09.67, classificação dupla boa, 1,55 e 1/2 m de altura, 1,76 m p.t. e 0,18 m p.c.

20.º) "Curiango J.O.", registro 2093, alazão nascido em 03.10.67, classificação dupla boa, 1,56 e 1/2 m de altura, 1,76 m p.t. e 0,19 m p.c.

21.º) "Eredu", registro 1711, alazão nascido em 08.10.67, classificação dupla boa, 1,56 e 1/2 m de altura, 1,77 m p.t. e 0,20 m p.c.

22.º) "Damasco", registro 1619, nascido em 16.11.67, alazão, 1,55 m de altura, 1,80 m p.t. e 0,18 m p.c., classificação dupla boa.

23.º) "Etiópe J.O.", registro 1624, nascido em 12.12.67, alazão, 1,52 m de altura, 1,81 m p.t. e 0,18 m p.c., classificação dupla boa, reprodutor na fazenda de Gustavo A.L. Vieira, em Minas Gerais.



"Cocar J.O." pertence ao plantel de José Carlos Villela de Andrade, da Fazenda Boa Vista, de Tambaú, SP.

24.º) "Juventus", registro 1704, nascido em 16.08.68, alazão tostado, classificação dupla boa, 1,50 m de altura, 1,61 m p.t. e 0,17 m p.c., tendo servido na Fazenda do Governo do Estado, em Colina, SP.

25.º) "Arapuá J.O.", registro 1815, nascido em 28.12.68, alazão tostado, 1,52 e 1/2 m de altura, 1,74 e 1/2 m p.t. e 0,19 m p.c., classificação dupla muito boa, filho de "Abelha", registro 4682, por "Cartel" e "Linguica".

26.º) "Folião J.O.", registro 1761, alazão nascido em 03.01.69, classificação dupla boa, 1,57 m de altura, 1,80 m p.t. e 0,18 e 1/2 m p.c., filho de "Folia", registro 5261, por "Caboclo J.O." e "Purpurina". "Folião J.O." foi Campeão Cavalito em 1971, em São Paulo, e é pai do Campeão Nacional de Goiânia de 1979, "Castelo O.B.", crioulo do sr. Olavo Barbosa, criador em Guaxupé, MG.

27.º) "Curió J.O.", registro 1819, alazão tostado, nascido em 19.02.69, 1,56 m de altura, 1,80 m p.t. e 0,19 e 1/2 p.c., registrado com 90 pontos (ou seja, classificação muito boa), filho de "Saracura", registro 5261, e irmão próprio de "Araçuã" e de "Curiango J.O.". É reprodutor do plantel JEK.

28.º) "Apache", registro 1960, alazão salpicado, nascido em 23.10.69, 1,53 m de altura, 1,74 m p.t. e 0,19 m p.c., registrado em 74 pontos (ou seja, classificação regular).

29.º) "Turbante J.O.", registro 1849, alazão 1,61 m de altura, 1,85 m p.t. e 0,22 m p.c., nascido em 27.12.69, com 96 pontos de registro (ou seja, classificação ótima). Segundo informação do diretor do Stud Book — Mangalarga, Eduardo Benedito Marchi, é o animal que, até hoje, recebeu o maior número de pontos por ele concedidos. "Turbante J.O." foi Campeão Potro, em São Paulo, em 1972.

Foi ainda Campeão Cavalito, em São Paulo, em 1975. É o reprodutor atual da tropa J.O.

30.º) "Vulcano J.O.", registro 2049, nascido em 29.08.70, alazão 1,53 e 1/2 m de altura, 1,71 m p.t. e 0,20 m p.c., de 68 pontos de registro (ou seja, classificação regular).

31.º) "Cocar J.O.", registro 1940, alazão, nascido em 10.09.70, 1,61 m de altura, 1,84 m p.t. e 0,20 m p.c., com 85,5 pontos de registro (ou seja, classificação muito boa), reprodutor de José Carlos Villela de Andrade, tendo sido Campeão Potro em 1973, e, na idade adulta, mediu 1,63 m de altura. É pai de "Elmo J.O." (no plantel JEK), de "Charmoso J.O." (Reservado Campeão Potro em 1980, em São Paulo) e de "Resgate J.O." (Campeão Cavalito em 1980, em São Paulo).

32.º) "Setembro J.O.", registro 2114, alazão tostado, nascido em 11.09.71, 1,51 m de altura, 1,77 m p.t. e 0,18 m p.c., com 81 pontos de registro (ou seja, classificação boa).

33.º) "Espadim C.R.", registro 2298, alazão tostado, nascido em 25.12.71, 1,60 m de altura, 1,75 m p.t. e 0,18 e 1/2 m p.c., com 75 pontos de registro (ou seja, classificação boa), irmão próprio de "Folião J.O.".

34.º) "Falcão C.R.", registro 2508, alazão tostado, nascido em 30.03.72, classificação dupla normal muito boa, com 1,53 m de altura, reprodutor testado na Primeira Prova Funcional para Reprodutores Mangalarga, de Colina — Orlândia, de 1978, tendo terminado tal disputa empatado, em primeiro lugar, com o cavalo "Comanche R.N.".

35.º) "Chefão J.O.", registro 2379, alazão tostado, nascido em 15.08.72, 1,54 m de altura, 1,72 m p.t. e 0,20 m p.c., com 87 pontos de registro (ou seja, classifica-

ção muito boa), reprodutor de Armando Milani, de Barretos.

36.º) "Girau R.C.", registro 2623, alazão tostado, nascido em 25.09.72, 1,56 m de altura com 93 pontos de registro (ou seja, classificação muito boa), irmão próprio de "Estádio J.O.".

37.º) "Acalanto O.B.", registro 2242, alazão tostado, nascido em 02.10.72, 1,48 m de altura, 1,64 m p.t. e 0,18 m p.c., com 66 pontos de registro (ou seja, classificação regular), filho de "Rosada", registro 7067, filha de "Enigma".

38.º) "Heliaco P.J.", registro 2313, alazão, nascido em 08.10.72, com 1,52 e 1/2 m de altura, 1,78 m p.t. e 0,18 m p.c., com 80 pontos de registro (ou seja, classificação boa).

39.º) "Trovador J.O.", registro 2264, alazão, nascido em 10.10.72, 1,52 m de altura, 1,71 m p.t. e 0,19 m p.c., com 75 pontos de registro (ou seja, classificação boa).

40.º) "Tutano J.O.", registro 2213, alazão nascido em 14.10.72, 1,57 m de altura, 1,77 m p.t. e 0,20 m p.c., com 83 pontos de registro (ou seja, classificação muito boa), várias vezes campeão, reprodutor de Francisco Carlos de Luccia, de Bebedouro, SP.

41.º) "Alicerce O.B.", registro 2241, alazão nascido em 14.10.72, 1,56 m de altura, 1,76 m p.t. e 0,18 m p.c., com 89 pontos de registro (ou seja, classificação muito boa), reprodutor de Ovalo Barbosa, de Guaxupé, MG.

42.º) "Brinde R.P.", registro 2578, alazão faveiro, nascido em 11.10.72, com 1,52 m de altura, e 70 pontos de registro (ou seja, classificação regular).

43.º) "Incêndio R.", registro 2270, alazão, nascido em 20.10.72, 1,58 m de altura, 1,83 m p.t. e 0,19 e 1/2 m p.c., com 80,5 pontos de registro (ou seja, classificação boa), reprodutor de José F.S. Oliveira (Zezo), tendo sido Campeão Cavalito em Piracicaba, em 1979.

44.º) "Cacique J.O.", registro 2358, alazão, nascido em 03.12.72, 1,52 m de altura, 1,65 m p.t. e 0,18 m p.c., com 80 pontos de registro (ou seja, classificação boa).

45.º) "Garimpo R.C.", registro 2353, alazão tostado, nascido em 01.03.73, 1,51 m de altura, 1,85 m p.t. e 0,18 m p.c., com 80 pontos de registro (ou seja, classificação boa).

46.º) "Fariseu da São Luiz", registro 2553, alazão interpolado, nascido em 09.73, 1,55 m de altura, classificação boa.

47.º) "Frevo da São Luiz", registro 2644, alazão tostado, nascido em 09.73, 1,54 m de altura, classificação regular.

48.º) "Furacão da São Luiz", registro 2573, nascido em 20.10.73, alazão tostado, 1,51 m de altura, classificação muito boa.

49.º) "Fidalgo da São Luiz", registro 3146, nascido em 04.11.73 alazão, 1,58 m de altura, classificação boa.

50.º) "Fandango da São Luiz", registro 2554, alazão nascido em 22.11.73, com 1,57 m de altura, classificação muito boa, filho de "Draga de Ibirá", registro 535, por "Ypê 53" e "Desforra" — "Flomina".

51.º) "Figurino da São Luiz", registro 2556, nascido em 28.11.73, alazão, 1,52 m de altura, classificação boa.



"Garimpo J.E.K." pertence à tropa do selecionador José Eduardo Kuntgen, da Chácara São José, em Jundiá, SP.

32.º) "Granito da São Luiz", registro 3141, alazão, nascido em 10.01.74, 1,55 m de altura, classificação boa.

33.º) "Gigante da São Luiz", registro 2884, alazão, nascido em 14.10.74, 1,55 m de altura, classificação boa.

FILHAS DE "GIGANTE J.O."

1.º) "Roleta", registro 5112, alazã, 1,52 m de cernelha, nascida em 22-9-62, classificação estática boa e dinâmica muito boa, filha de "Libra", registro 3533, por "Invasor" e "Conga", crioula de José Ruy de Lima Azevedo.

2.º) "Camélia J.O.", registro 5181, alazã, 1,44 m de cernelha, nascida em 22-10-62, filha de "Alteza", registro 4431, por "Fogo" e "Relíquia", classificação estática e dinâmica boa.

3.º) "Brama A.J.", registro 5275, alazã, 1,50 m de cernelha, nascida em 23-9-63, classificação estática regular e dinâmica boa, filha de "Sabrina", registro 4666, por "Caboclo J.O." e "Escarlate", crioula de Abel e José Maia.

4.º) "Reforma", registro 5079, alazã arminhada, 1,44 m de cernelha, nascida em 1-10-63, filha de "Califórnia", registro 4472, por "Sheik" e "Malat", classificação estática e dinâmica boa, crioula de Orlando Prado Diniz Junqueira.

5.º) "Flor da Nata", registro 5070, alazã arminhada, 1,48 m de cernelha, nascida em 16-11-63, classificação estática e dinâmica boa, filha de "Princesa-Flori", registro 4401, por "Maxixe" e "Embaixada-Flomar", crioula de Badih Aidar.

6.º) "Lenda J.F.", registro 5274, baía, 1,43 m de cernelha, nascida em 20-11-64, classificação dupla boa, filha de "Bateria", registro 4427, por "Caboclo J.O." e "Imprensa".

7.º) "Visão J.O.", registro 5257, zaina, 1,57 m de cernelha, nascida em 10-12-64,

classificação estática boa e dinâmica muito boa, filha de "Pavuna", registro 4664, por "Sheik" e "Fachada", atualmente pertencente ao plantel de José Eduardo Kuntgen, Campeã na Bahia-67.

8.º) "Brasa J.O.", registro 5260, alazã tostada, 1,51 m de cernelha, nascida em 22-8-65, classificação estática boa e dinâmica muito boa, filha de "Bacta", registro 4493, por "Caboclo J.O." e "Rubra", portanto irmã própria do Grande Campeão "Urucum J.O.", atualmente serve no plantel de Gustavo Abel Lemos Vieira.



"Cisne RB" pertence a Reginaldo Bertholino, do Haras 3 R, em Santo Antônio da Posse, SP.

9.º) "Esperança J.O.", registro 5571, alazã, 1,54 m de cernelha, nascida em 7-9-68, classificação estática boa e dinâmica muito boa, filha de "Dengosa 11", registro 4809, por "Desconto" e "Dengosa 1", atualmente no plantel de Reginaldo Bertholino.

10.º) "Soberana J.O.", registro 560, alazã, 1,43 m de cernelha, nascida em 10-11-66, classificação estática e dinâmica boa, irmã própria de "Camélia J.O."

11.º) "Gaiola da Colina", registro 5679, alazã, 1,50 m de cernelha, nascida em 23-11-66, classificação estática boa e dinâmica muito boa, filha de "Nicada", registro 3726, por "Caporal" e "Laguna".

12.º) "Etiqueta de Ibirá", registro 6121, alazã, 1,53 m de cernelha, nascida em 6-1-67, classificação dupla boa, filha de "Coroada", registro 3944, por "Caboclo J.O." e "Purpurina".

13.º) "Florista de Ibirá", registro 6205, alazã tostada, 1,52 m de cernelha, nascida em 22-10-67, com 72 pontos de registro, irmã própria do Grande Campeão "Urucum J.O."

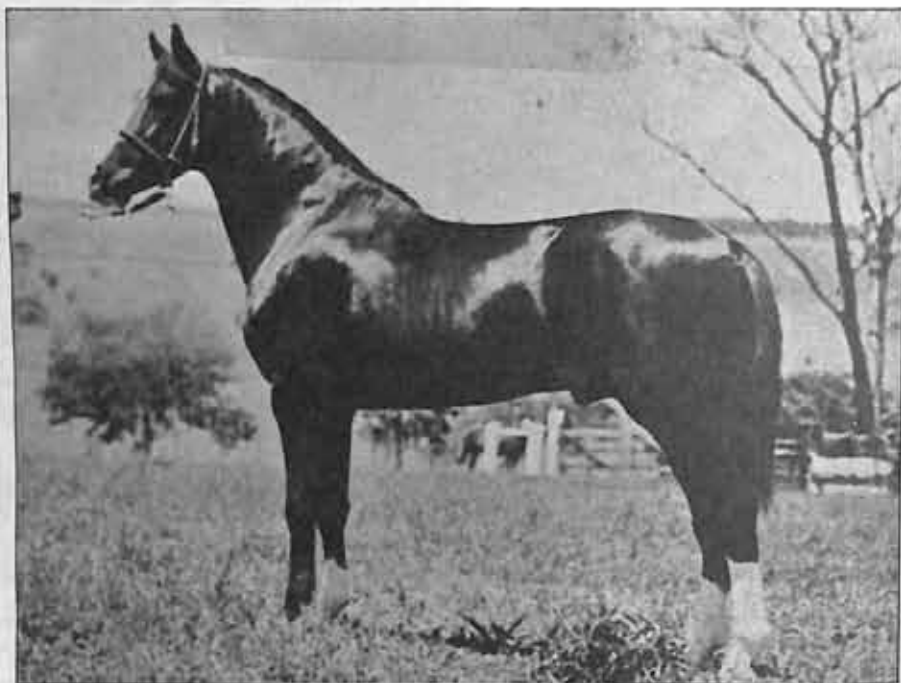
14.º) "Tapera", registro 6326, zaina, 1,54 m de cernelha, nascida em 1-11-67, com 81,5 pontos de registro, filha de "Aruanã", registro 4286, por "Africano" e "Conquista".

15.º) "Pluma J.O.", registro 5778, alazã tostada, 1,57 m de cernelha, classificação dupla muito boa, nascida em 23-11-67, Campeã na Bahia-71 e em Campo Grande-72.

16.º) "Balada R.C.", registro 6160, alazã tostada, 1,49 m de cernelha, classificação dupla boa, nascida em 28-11-67, filha de "Laguna", registro 4857, por "Absintho" e "Ula".

17.º) "Jangada da Colina", registro 6077, tordilha, 1,46 e 1/2 m de altura, classificação dupla boa, nascida em 31-7-68, filha de "Tarefa", registro 4274, por "Caporal" e "Macieira".

18.º) "Esterlina", registro 6890, alazã tostada, nascida em 10-9-68, 85,5 pontos



de registro, sem altura no assento da ABCCRM, irmã própria de "Roleta".

19.) "Mantilha J.O.", registro 6746, alazã tostada, 1,55 e 1/2 m, classificação dupla boa, nascida em 15-9-68, filha de "Nhanduti J.O.", registro 4665, por "Desconto" e "Índia".

20.) "Negra J.O.", registro 6246, preta, 1,54 m de cernelha, 90 pontos de registro, nascida em 1-9-69, filha de "Etiópia", registro 4678, por "Sheik" e "Garrucha".

21.) "Contenda R.C.", registro 6274, alazã tostada, 1,48 m de cernelha, nascida em 8-10-68, 83,5 pontos de registro, filha de "Poltrona J.O.", portanto irmã própria do Grande Campeão "Estádio J.O.".

22.) "Moreninha J.O.", registro 6106, alazã, 1,51 e 1/2 m de cernelha, nascida em 11-1-69, classificação dupla boa, filha de "Morena J.O.", registro 5023, por "Mandu" e "Atriz".

23.) "Vênus J.O.", registro 6282, alazã, 1,50 m de cernelha, nascida em 4-7-69, 82 pontos de registro, filha de "Argila J.O.", registro 5022, por "Mandu" e "Bau-xita".

24.) "Aracua J.O.", registro 6435, alazã, 1,62 m de cernelha, 91 pontos de registro, nascida em 4-7-69, filha de "Saracura", registro 5261, portanto irmã própria de Grande Campeão "Curió J.O.", e Campeã Potra em S. Paulo-72.

25.) "Bagunça J.O.", registro 6501, alazã tostada, 1,56 m de cernelha, 80 pontos de registro, nascida em 4-8-70, filha de "Folia J.O.", registro 4428, portanto irmã própria do Grande Campeão "Folhão J.O.".

26.) "Favela", registro 6618, alazã, 1,48 m de cernelha, nascida em 25-10-70, 84 pontos de registro, filha de "Bethânia", registro 5619, por "Sheik" e "Gazela".

27.) "Exata R.C.", registro 7254, alazã tostada, 1,46 m de altura, nascida em 13-2-71, 82,5 pontos de registro, irmã

"Kibon J.O.", por "Turbante J.O." e "Baioneta Mangalarga", é propriedade de Jaffer Felício Jerge, criador no município de Paranavaí, no Estado do Paraná.

própria de "Contenda R.C." e do Grande Campeão "Estádio J.O.".

28.) "Ilusão J.O.", registro 6971, alazã tostada, 1,57 m de cernelha, nascida em 12-8-71, 86,5 pontos de registro, filha de "Esperança J.O.", registro 5571 (vide n.º 9), por "Gigante J.O." e "Dengosa II", portanto filha-neta de "Gigante J.O.".

29.) "Grinalda J.O.", registro 6927, alazã, 1,57 m de cernelha, nascida em 22-8-71, com 91 pontos de registro.

30.) "Japona A.J.", registro 7931, alazã, 1,57 m de cernelha, nascida em 6-9-71, com 94,5 pontos de registro, filha de "Flâmula J.O.", registro 5026, por "Ibaté".

31.) "Artista II-T", registro 7398, alazã, 1,54 m, nascida em 19-9-71, 86,5 pontos de registro, filha de "Artista", registro 4185, por "Fogo" e "Rapadura".

32.) "Jarra A.J.", registro 7938, alazã, 1,54 m de cernelha, nascida em 1-11-71, com 86 pontos de registro, filha de "Xin-côa-Flori", registro 5205, por "Tribunal" e "Miss-Brasil-Flori", Campeã em São Paulo-75, em Campos-75 e Res. Campeã S. Paulo-79.

33.) "Jaca A.J.", registro 7759, alazã tostada, 1,57 m de cernelha, nascida em 5-11-71, com 92,5 pontos de registro, filha de "Batucada J.O.", registro 5025, por "Mandu" e "Congada".

34.) "Matrieira J.O.", registro 7951, alazã, tostada, 1,55 m de cernelha, nascida em 20-11-71, com 79 pontos de registro, filha de "Matuta", registro 4713, por "Fogo" e "Cabocla".

35.) "Janela A.J.", registro 7940, alazã, 1,49 m nascida em 28-11-71, com 81,5 pontos de registro, filha de "Vedete J.O." por "Paladino" e "Atriz".

36.) "Britânia H.B.", registro 7385, alazã, 1,57 m de cernelha, nascida em 3-12-71, com 78 pontos de registro, filha de "Bateria", portanto irmã própria de "Lenda J.F.".

37.) "Fábula C.R.", registro 7307, alazã arrosilhada, 1,50 m de cernelha, nascida em 18-10-72, com 80 pontos de registro, filha de "Peteca", registro 4345, por "Sheik" e "Bolinha".

38.) "Dobrada J.O.", registro 7043, alazã salpicada, 1,50 m de cernelha, nascida em 24-11-72, com 81,5 pontos de registro, filha de "Duplicata", registro 4753, por "Sheik" e "Rubiácea".

39.) "Folia da São Luiz", registro 8010, alazã, 1,59 m, nascida em 31-8-73, classificação boa, filha de "Zoada", registro 6405, por "Rigoni" e "Queixada".

40.) "Fuzarca da São Luiz", registro 7534, alazã, 1,55 m, nascida em 19-9-71, com 76,5 pontos de registro, filha de "Ypururucu", registro 6940, por "Queixada" e "Ressaca".

41.) "Fantasia da São Luiz", registro 7535, alazã, 1,58 m, nascida em 25-9-71, filha de "Pastilha", registro 4648, por "Regente" e "Pupila", com 71 pontos de registro.

42.) "Florista da São Luiz", nascida em 27-9-73, alazã, registro 8887, filha de "Arena da São Luiz", registro 6298.

43.) "Fada da São Luiz", nascida em 9-10-73, alazã, registro 8886, filha de "Falsa da Nata", registro 5072.

44.) "Flexa da São Luiz", registro 7532, alazã tostada, 1,54 m de cernelha, nascida em 6-11-73, com 82 pontos de registro, filha de "Abelha", registro 4648, por "Cartel" e "Linguica".

45.) "Fiança da São Luiz", registro 7531, alazã, 1,53 m, nascida em 23-11-73, com 83 pontos de registro, filha de "Rosa"



ta J.O.", registro 5377, por "Paladino" e "Baeta".

46.) "Granada da São Luiz", registro 8011, alazã, 1,50 m, classificação boa, nascida em 4-1-74, filha de "Djedah", registro 3468, por "Sheik" e "Guitarra".

47.) "Grãuna da São Luiz", registro 8014, alazã, 1,48 m, classificação boa, nascida em 24-8-74, filha de "Odessa da Nata", registro 6514, por "Reno" e "Fachada da Nata".

48.) "Guitarra da São Luiz", registro 8015, alazã, 1,48 m, classificação boa, nascida em 7-9-74, filha de "Banda da São Luiz", registro 6295, por "Caxambu" e "Gaivota".

49.) "Grinalda da São Luiz", registro 8016, alazã tostada, 1,52 m, classificação muito boa, nascida em 19-9-74, filha de "Conquista da São Luiz", registro 6470, por "Caxambu" e "Falda da Nata".

50.) "Garrucha da São Luiz", registro 8017, alazã, 1,54 m, classificação boa, nascida em 19-9-74, filha de "Uricana", registro 5871, por "Farrapo" e "Narceja".

51.) "Gazela da São Luiz", registro 8018, alazã, 1,54 m, classificação boa, nascida em 30-9-74, filha de "Vidraça", registro 6293, por "Queluz" e "Q'Boa".

PELAGENS

"Gigante J.O." deu uma produção muito uniforme em pelagens, posto que, dos machos, apenas nasceram um preto, um tordilho e um baio amarelho, e, dentre as fêmeas, apenas duas zainas, uma preta,

"Baucide J.O.", por "Turbante J.O." e "Casquete J.O.", pertence ao criador Orpheu José da Costa, da Fazenda Império, em São Sebastião da Gramma, SP.

uma tordilha e uma baia. Assim, dos seus 104 filhos e filhas, com registro definitivo até 1979, inclusive, temos 78% alazões e 22% de outras pelagens.

ALTURA DE CERNELHA

A média de altura dos filhos de "Gigante J.O." é de 1,55 m de cernelha, enquanto em suas filhas podemos observar a média de 1,52 e 1/4 m.

Com mais de 1,60 m temos: "Prendado", "Turbante", "Cocar", "Espadim" e "Aracua".

Dos machos, só dois ficaram abaixo de 1,50 m: "Sansão" e "Acalanto".

Das fêmeas, apenas não obtiveram 1,45 m: "Linda", "Soberana", "Camélia" e "Reforma".

PERÍMETRO DE CANELA

A média encontrada de perímetro de canela foi de 0,18 e 1/2 m, sendo certo que oito machos obtiveram mais de 0,20 m que são: "Urucum", "Mutirão", "Atleta", "Eredu", "Vulcano", "Cocar", "Chefão", "Tutano" e "Turbante".

CLASSIFICAÇÃO ZOOTÉCNICA

É bem verdade que os filhos e as filhas de "Gigante J.O." alcançaram várias fases do registro genealógico: aquela em que se dava classificação estática e dinâ-

mica; aquela em que se dava pontos de acordo com a tabela de registro; e aquela em que, considerados os pontos da tabela de registro, dá-se a classificação do animal, como regular, boa, muito boa e ótima. Mas, para uma tentativa de se definir em que ficou a qualidade dos produtos de "Gigante J.O.", eu concluiria:

machos: regulares, 8,3%; bons, 66,7% e muito bons, 25%;

fêmeas: regulares, 2,1%; regulares, boas, 75,5% e muito boas, 22,4%;

machos e fêmeas: regulares, 5,2%; bons, 71,1%, e muito bons, 23,7%.

CONCLUSÃO

Dos dados apresentados, forçoso é concluir que "Gigante J.O." foi um dos melhores reprodutores da raça Mangalarga. Muito contribuiu para impor membros fortes, garupas corretas, boa estatura e, além de excelente cavalo de sela, conseguiu a grande façanha que todos os cavalos desejam: ser melhor reprodutor do que ele era como cavalo em si. Eu diria melhor se usasse uma expressão do sr. José Oswaldo: "Nunca 'Gigante J.O.' deu filhos como ele: só melhores. Nunca 'Chapéu J.O.' deu filhos como ele: todos um ponto abaixo".

E assim, vai-se fazendo a raça Mangalarga: a cada geração, melhora; a cada geração, mostra ser a verdadeira, a mais completa opção para o cavalo de sela do Brasil. ●

O teste de halotano e a sensibilidade às tensões

Entre os métodos empregados para apreciar um animal vivo e a qualidade de sua carne, um deles consiste em fazer o suíno respirar uma mistura gasosa baseada em halotano e verificar suas reações. É a técnica descrita neste trabalho.

suas modalidades práticas e aspectos genéticos

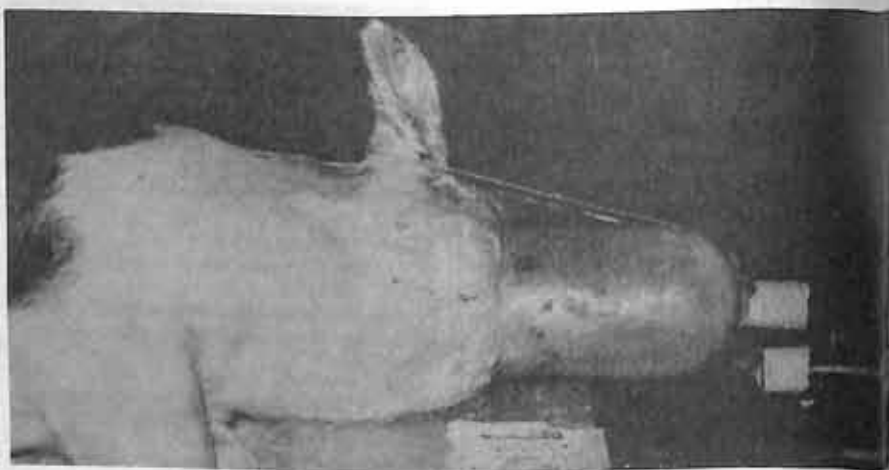
O problema da qualidade da carne porcina não tem ainda, na França, no momento, a mesma importância que em outros países europeus e isto por muitas razões, entre as quais, do ponto de vista genético, a preponderância da raça Large White, que todo o mundo concorda em julgar suficiente, sob esse ponto de vista.

Dar uma definição do que se chama correntemente de "qualidade da carne", está longe de ser simples, pois essa noção concerne, não somente ao músculo propriamente, mas também, em menor medida, à gordura, e ela abrange muitos aspectos tecnológicos, organolépticos, dietéticos e higiênicos.

A preferência do consumidor de carne fresca não é forçosamente aquela do que usa o produto salgado (lembrando-nos que 70% da carne suína é submetida à transformação) e mesmo para esta carne as qualidades requeridas da matéria-prima são diferentes e mesmo contraditórias, segundo a categoria dos produtos transformados. Este último ponto foi desenvolvido por Goutefongea, Girard e Jaquet, nas Jornadas da Pesquisa Porcina de 1978 (p. 235-48).

Isso não impede que, não obstante essas dificuldades, se tente destacar a importância da qualidade da carne e, portanto, encará-la sob uma ou outra forma, levando-a em conta na seleção do porco.

Grande número de pesquisas tem sido conduzido neste terreno, após 15 anos.



O teste de halotano consiste em fazer o animal inalar, mediante uma "máscara", uma mistura de oxigênio e halotano, e observar a reação do indivíduo assim anestesiado.

A orientação desse trabalho, sob a ótica do melhoramento genético deve levar em apreço o fato de que o controle individual é hoje a prática usual na seleção porcina: o esforço deve ser então dirigido para a pesquisa de previsão da qualidade da carne, facilmente mensurável no animal vivo e com possibilidade de ser incluída em índice de controle individual.

A idéia básica que tem inspirado maior parte das pesquisas é a de tirar partido da ligação, há muito conhecida, de diferença entre raças, quanto aos dados da qualidade da carne, em particular carne pálida e exudativa e a "sensibilidade à tensão", definida como predisposição ao "síndrome de stress".

Entre os numerosos métodos experimentais presentes, o teste do halotano

rece ser um meio particularmente promissor. Propomo-nos, pois, a tratar desta técnica, a partir de resultados recentes do INRA (Instituto Nacional de Pesquisas Agrônomicas) e de muitos institutos de pesquisa estrangeiros.

Aqui estaremos tratando das modalidades desse teste e dos aspectos genéticos da suscetibilidade ao halotano. Na segunda parte, trataremos das relações entre a suscetibilidade ao halotano e os caracteres zootécnicos (particularmente o desenvolvimento muscular e a qualidade da carne), assim como das possibilidades de utilização da prova na seleção porcina.

QUE É O TESTE

Halotano é um anestésico, por vezes utilizado em cirurgia humana (o produto comercial é o Fluothane dos Laboratórios I.C.I. Pharma). A prova consiste em provocar uma anestesia geral do animal, pela inalação de oxigênio e halotano, e observar a resposta do indivíduo, que será do tipo "tudo ou nada".

Na técnica utilizada no INRA, a concentração de halotano na mistura gasosa é inicialmente de 4%, sendo abaixada a 2,5% no início da anestesia efetiva, correspondendo à perda do reflexo de piscamento das pálpebras: a introdução do

anestésico requer 2 minutos no leitão de 25 kg. A contar do instante em que o animal é considerado adormecido, a prova de anestesia é prolongada por 5 minutos, no caso de ausência de reação anormal do animal (indivíduos ditos "negativos", "normais", ou ainda "não sensíveis").

Em determinados indivíduos (ditos "positivos", ou "sensíveis"), a administração do haloteno desencadeia, ao cabo de alguns minutos, um conjunto de reações muito características, que constituem o **síndrome de hipertermia maligna (SHM)**. As principais manifestações desse síndrome são:

- um enrijecimento generalizado e sustido da musculatura; uma elevação rápida da temperatura corporal, de onde o nome de hipertermia (essa elevação pode atingir vários graus, em uma dezena de minutos, quando se deixa evoluir o síndrome);

- jaspeados na pele, que se traduzem por perturbações da circulação sanguínea;
- dificuldades agudas da respiração (em certos casos "um bloqueio" progressivo da respiração, que aparece bem rapidamente);

A morte é o resultado normal da prova de anestesia nos indivíduos que apresentam o síndrome e ela sobrevém geralmente ao cabo de uns vinte minutos.

Evidentemente, na prática, a administração de halotano pára, nos indivíduos sensíveis, desde que o aparecimento dos primeiros sintomas permite diagnosticar a reação positiva, cujo sinal mais precoce e visível é a rigidez progressiva dos membros posteriores.

Nestas condições, 90 a 95% dos indivíduos "positivos" se recuperam, mas nos 5 a 10% restantes, o que se pode chamar de um "ponto de retorno" já foi atingido no momento do diagnóstico e, embora a inalação do halotano seja suspensa, o SHM continua a evoluir, até o termo fatal.

Pode-se considerar, finalmente, que com um exame atento do animal pelas pessoas bem adestradas, o risco de mortalidade devido diretamente ao teste de halotano não ultrapassa senão 5% dos indivíduos reagentes, pelo menos nos animais jovens.

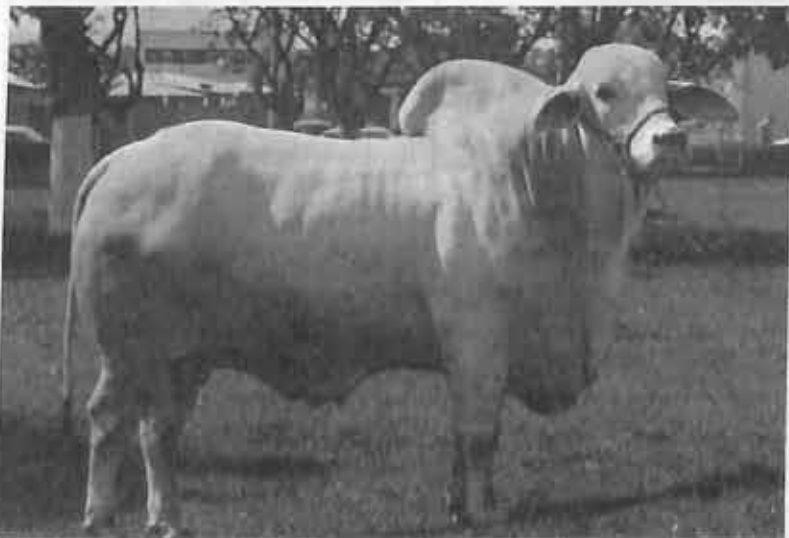
A propósito, parece que o peso ótimo do animal, para a realização do teste de halotano, situa-se entre 20 e 25 kg. Nos leitões mais leves, a reação positiva é geralmente pouco acentuada e o diagnóstico é freqüentemente incerto ao fim de 5 minutos; nos leitões mais pesados, o risco de mortalidade dos reagentes é maior.

Acrescentemos, em plano prático, que o custo médio por leitão testado (fluothane e oxigênio) é da ordem de 2,50 francos franceses (cerca de Cr\$ 35,00).

TABAPUAN DA ÁGUA MILAGROSA

Mocho Tabapuã - o gado Campeão das provas de controle de desenvolvimento ponderal da A.B.C.Z. em todo o País.

VENDA PERMANENTE DE MACHOS E FÊMEAS



SEDEIRO DE TABAPUÃ — 48 meses — 1.056 kg.

ALBERTO ORTENBLAD

R. Sete de Setembro, 141 - 5.º andar
20.050 - Rio de Janeiro - RJ
Tels. (021) 221-0678 e 242-0297

MATRIZ:

FAZ. ÁGUA MILAGROSA

C. Postal 23 - 15.880 - Tabapuã - SP
Tel. 217 - Sr. Viggo Agesen
(administrador)

FILIAL:

GRANJA IPANEMA

Rodovia Campo Grande - Cuiabá a
40 Km de Campo Grande
Tel. (067) 624-6138 — Sr. Silvío
de Souza - (administrador)

PRECISÃO SANTISFATORIA

Um aspecto importante a considerar nesta técnica é a precisão do teste, que se pode apreciar, por exemplo, pela "repetibilidade" da resposta de um animal submetido muitas vezes a essa prova. Pesquisadores britânicos (Webb & Jordan, 1978), testando 433 porcos com duas repetições, intervalo médio de três semanas, obtiveram o mesmo resultado nos dois testes, em 91% dos casos.

Na investigação britânica, a duração da prova de anestesia não foi senão de 3 minutos, a contar da colocação da "máscara", podendo-se pensar que o teste realizado na França deu precisão melhor, na medida em que, contando-se o período de indução da anestesia, a duração total da minitração de halotano foi da ordem de 7 minutos.

Referentemente à duração da prova de anestesia, que condiciona em parte a precisão do teste, indicamos que, em 33 porcos Piétrain, tidos como negativos, ao fim de 5 minutos, e para os quais a minitração de halotano foi prolongada durante 15 minutos suplementares, obtivemos uma reação positiva (após uns dez minutos) entre dois deles (Ollivier, Sellier e Monin, 1978).

Esta observação mostra que, limitando-se a 5 minutos a duração da prova, não são detectados certos reagentes "potenciais", nos quais os primeiros sintomas característicos do SHM apareceriam além dos 5 minutos. Voltaremos oportunamente a este ponto.

SENSIBILIDADE

Os síndromes de SHM desencadeados em certos animais pela minitração do halotano lembram estreitamente os sintomas que acompanham os casos de morte súbita, consecutiva a um "stress" (síndrome de tensão), chamado mais comumente de "crise cardíaca" pelos criadores, observados em determinadas raças porcinas, como a Piétrain e a Landrace belga.

Além disso, observamos após 5 anos, em um rebanho Piétrain, pertencente ao INRA, de Avord (Cher), que todos os casos devida mente reconhecidos de mortalidade devida ao síndrome de tensão eram de animais que haviam dado uma reação positiva quando do teste de halotano realizado com peso de 20-25 kg.

Em uma linhagem sintética, baseada em Piétrain e Hampshire, Webb & Jordan (1978) encontraram uma taxa de mortalidade por ocasião da engorda dez vezes mais elevada nos indivíduos sensíveis ao halotano (23/201) do que nos indivíduos não sensíveis (5/456). Uma diferença da mesma ordem é reportada por Eikelenboom e cols. (1978) em uma amostra de 1.640 suínos Landrace holandês, testados com halotano no entrar na estação de seleção: as perdas por ocasião da engorda e compreendidas durante o transporte para a matadouro foram respectiva-

mente de 5,3 e 0,6% para as duas categorias de suínos.

Estas observações autorizam a pensar que o síndrome de hipertermia maligna, desencadeado pelo halotano, e o síndrome de "stress" são um só.

O teste do halotano parece ser, então, uma técnica segura e relativamente fácil para detectar todos ou quase todos os animais suscetíveis de manifestar o síndrome de tensão por ocasião de uma "agressão" advinda nas condições normais de criação (mistura de animais, pegagens, mensurações com ultrassons, transporte para matadouros etc.).

UM SÓ GENE

A natureza hereditária do síndrome de "stress" foi, por muito tempo, suspeitada, não sendo senão a causa de grandes diferenças entre raças sob este aspecto. O aparecimento da prova de halotano permitiu precisar bem rapidamente o modo de transmissão hereditária dessa "anomalia".

Sabe-se hoje que um só gene está em jogo ou, pelo menos, exerce um papel preponderante: o gene responsável pela sensibilidade ao halotano, designado pelo símbolo **Hal s** é autossômico, recessivo e com penetrância elevada.

Esta última consideração merece esclarecimentos complementares para quem não está familiarizado com a terminologia dos geneticistas.

Sabe-se que o patrimônio hereditário de um indivíduo é constituído por um número muito grande de genes. Esses genes são dispostos linearmente, sobre certo número de cromossomos, localizados no núcleo das células do organismo. No suíno, o número de cromossomos é $2n = 38$, sendo que o símbolo $2n$ se explica pelo fato de 38 cromossomos de um indivíduo corresponderem realmente a dois "jogos" de cromossomos homólogos, um jogo de 19 herdado de seu pai e outro de 19 cromossomos herdados de sua mãe (os gametas são, então, células com 19 cromossomos). Um dos 19 pares de cromossomos homólogos é constituído por cromossomos sexuais X e Y, sendo as fêmeas XX e os machos XY, nos mamíferos. O gene **Hal s** é dito autossômico porque não está contido em cromossomos sexuais, mas em um dos outros 18 cromossomos ("autossômicos").

As técnicas modernas de citologia permitem identificar, sem equívocos, os cromossomos de um animal. Não se sabe sobre qual cromossomo está situado o lugar (locus) do gene **Hal s**. A única coisa que se conhece, no momento, é que esse locus da sensibilidade ao halotano (**Hal**) está situado no mesmo segmento de cromossomos que três outros locus conhecidos no suíno: o locus do sistema H do grupo sanguíneo e o locus das duas enzimas do glóbulo vermelho (PHI e 6-PGD).

O locus **Hal** pode ser ocupado por dois genes seguintes (alelos): o gene **Hal s**

e seu alelo "normal", chamado **Hal +** símbolo + designa tradicionalmente o alelo "selvagem", em oposição ao alelo "mutante", que aqui é **Hal s**. Um indivíduo, sendo portador de dois locos **Hal** tem três "genótipos" possíveis: a saber os dois homozigotos **Hal +/Hal +**, **Hal s/Hal s** e o heterozigoto **Hal +/Hal s**. No caso do locus **Hal**, o alelo **Hal +** dominante sobre o alelo **Hal s**, que é recessivo. As duas categorias observadas de animais, quer dizer, os "dois pos", podem ser então descritos em termos genéticos da seguinte maneira:

— os indivíduos sensíveis ao halotano são de genótipo **Hal s/Hal s**;

— os indivíduos não sensíveis ao halotano são, sejam os homozigotos **Hal +/Hal +**, sejam os heterozigotos **Hal +/Hal s**.

Tendo-se em conta esta descrição do determinismo hereditário da sensibilidade ao halotano, as consequências são as seguintes:

1 — o acasalamento entre dois indivíduos sensíveis não dá senão indivíduos sensíveis;

2 — embora o caráter "sensível" seja recessivo, em relação ao caráter "normal", a união entre, por exemplo, um indivíduo sensível e uma porca normal não deverá dar sempre senão indivíduos normais. No caso em que a mãe é heterozigota, e portanto portadora do gene **Hal s**, ela transmite esse gene a metade de seus descendentes e haverá, assim, em média, 50% de sensíveis e 50% de normais;

3 — o acasalamento entre dois indivíduos normais dá nascimento a descendentes normais, salvo o caso em que os pais são heterozigotos, tendo-se então, em média, 25% de produtos sensíveis e 75% de normais.

Na realidade, o que foi dito sobre o modo de transmissão da sensibilidade ao halotano deve ser um pouco diferente de onde a denominação "com penetrância elevada", aplicada mais acima ao gene **Hal s**.

A experiência tem mostrado que certa proporção de animais provenientes de acasalamentos entre indivíduos sensíveis não manifesta o SHM, em um teste de halotano, embora esses animais tenham todos o genótipo **Hal s/Hal s**. Esta proporção é denominada "penetrância incompleta" do gene **Hal s**, e neste caso fala-se de penetrância incompleta.

É uma situação assaz frequente para caracteres governados por um só gene, conhecendo-se, por exemplo, muitas malhas devidas a genes de penetrância incompleta, entre os animais domésticos. Assim, o gene recessivo responsável pela anomalia "palato fendido" no gado bovino tem uma penetrância fraca, que somente 10 a 15% dos indivíduos homozigotos para esse gene apresentam. No caso do gene **Hal s**, a penetrância é muito mais elevada: as estimativas disponíveis na literatura não vão além de 75% (quadro 1).

De onde vem essa penetrância incompleta? A duração limitada dos testes com halotano correntemente praticada é a primeira hipótese que vem à mente, e certos indivíduos ditos "geneticamente sensíveis" escapam ao diagnóstico.

Demos, mais acima, um resultado que confirma essa hipótese. Esses "erros" de mensuração não explicam, porém, tudo e em particular, sem entrar em deta-

lhes, há razões para crer que a penetrância incompleta é parcialmente de origem genética (Ollivier, Sellier e Monin, 1978).

DIFERENÇAS ENTRE RAÇAS

Sabe-se, há muito tempo, que a taxa de mortalidade devida ao síndrome de tensão varia em grande escala, segundo a raça considerada. A utilização do teste

de halotano permitiu, de alguma maneira, quantificar essa variação e o quadro 2 reporta os resultados dos principais estudos sobre a frequência dos indivíduos sensíveis ao halotano em diferentes raças.

Esses estudos não têm, evidentemente, o mesmo alcance. Alguns concernem a linhagens experimentais de pequeno porte, cuja representatividade é às vezes sujeita à cautela, e, mesmo no caso

1 — Estimativas de penetrância do gene Hal s (%)

Método de estimação	Referência	Material e número de animais testados	Valor obtido
% de sensíveis nas leitegadas provenientes de pais sensíveis	Minkema, Eikelenboom e Van Eldik, 1977	Landrace holandês (72 porcos, 9 leit.)	100
	Webb & Jordan, 1978	Linhagem sintética Piétrain-Hampshire (99 porcos, 19 leit.)	95
	Ollivier, Sellier e Monin, 1978	Piétrain (109 porcos e 17 leit.)	94
	Mabry, 1977	Yorkshire, Poland-China e cruzas (142 porcos, 22 leit.)	99
Método estatístico (todos os tipos de acasalamento)	Schmitt & Schepers, 1978	Landrace alemão (198 porcos)	69
	Ollivier, Sellier e Monin, 1975	Piétrain (138 porcos, 25 leit.)	69
	Smith & Bampton, 1977	Linhagem sintética Piétrain-Hampshire (61 leit.)	95
	Ollivier, Sellier e Monin, 1978	Landrace belga (128 porcos)	64
	Ollivier, Sellier e Monin, 1978 e dados não publicados	2 linhagens Piétrain em seleção (4 gerações sucessivas, 1050 porcos, 172 leit.)	71
			(média de 8 valores)



6 touros importados e
12 touros P.O.I.
— servem:
600 fêmeas NELORE - PO
— com tradição desde 1918
e 130 fêmeas P.O.I.
e importadas.

GODAR



Importado — Pai de muitos campeões. Nascido em 1959, em Andhra Pradesh — ÍNDIA. Servindo na Fazenda Indiana desde 1963. Os pais deste reprodutor ficaram na Índia.

SÊMEN DE GODAR A VENDA NA SEMBRA — Barretos

Fazenda INDIANA Ltda.

REBANHO FUNDADO EM 1918 — SELEÇÃO DE NELORE

Sucessores de DURVAL GARCIA DE MENEZES

Antiga Estrada Rio-São Paulo, km 31 — Campo Grande — Rio de Janeiro

Correspondência: Av. Heitor Beltrão, 18 — Tijuca

Tels.: 228-7678 — 264-0585 — RIO DE JANEIRO — RJ

LEILÃO
da marca
TAÇA
1.º sábado
de ABRIL

em que o estudo foi sobre uma amostra bem maior da raça (por exemplo, animais que ingressaram em estações de seleção), não se pode excluir uma leve tendenciosidade da amostragem.

Isso não impede que haja boa coerência entre as numerosas estimativas da frequência racial da SHM, feitas nos últimos cinco anos e que permitem, desse ponto de vista, distinguir três grupos de raças:

1.^o grupo: frequência nula ou muito pequena (menos de 2%) — Neste grupo estão a Large White (ou Yorkshire), os Duroc e os Hampshire. No que concerne à Large White, a frequência é nula e mais frequentemente não atinge 3% em uma grande amostra de Yorkshire holandês e mesmo 6% em uma grande amostra de Yorkshire (Edelschwein) suíço.

2.^o grupo: frequência compreendida entre 4 e 30% — Neste grupo, encontram-se as variedades nacionais de Landrace da Europa, colocando-se à parte a Landrace belga e também, surpreendentemente, a Landrace alemã, para a qual a única estimativa disponível, de nosso conhecimento, foi de 70% de indivíduos sensíveis ao halotano!

Mesmo não se tendo em conta os Landraces belga e alemão, a variabilidade da frequência do SHM, entre outras populações nacionais de Landrace, permanece bem importante (de 4 a 25%), o que não se compreende totalmente. Se considerarmos a "carta europeia" da frequência da sensibilidade ao halotano no Landrace de tipo "tradicional", notar-se-á que os países com "grande" frequência (Países Baixos, Suíça e França) são limítrofes da Bélgica e da Alemanha.

3.^o grupo: frequência superior a 30% — Este grupo compreende o Landrace belga, o Landrace alemão, o Piétrain, assim como, provavelmente, o Poland-China, embora não se disponha de uma estimativa da frequência do SHM nesta raça, correntemente classificada como "sensível" ao "stress" pelos pesquisadores norte-americanos. É importante sublinhar que, mesmo entre o Piétrain e o Landrace belga, as estimativas da frequência do SHM estão às vezes longe de atingir 100%.

Portanto, essas diferenças raciais da frequência do SHM correspondem, principalmente, à densidade da frequência do gene da sensibilidade ao halotano (supomos, implicitamente que é o mesmo gene Hal s o responsável pelo SHM nas diferentes raças), mas não é impossível que também haja diferenças raciais na penetrância desse gene Hal s, sendo ela mais fraca nas raças em que a frequência do citado gene é mais elevada (Ollivier, Sellier e Monin, 1978).

De maneira geral, os problemas apresentados por variações possivelmente genéticas de um lado, e de penetrância do gene da sensibilidade ao halotano, merecem estudos complementares.

2 — Estimativas da frequência de indivíduos sensíveis ao halotano em diferentes raças ou linhagens

	N.º de porcos	Frequência %		Referência
		população (a)	linhagem (b)	
Large White irlandesa	58	0	—	(3)
Large White britânica	101	—	0	(5)
Large White francesa	102	0	—	(10)
Yorkshire americana	50	—	0	(5)
Yorkshire holandesa	1 304	3,1	—	(8)
Yorkshire holandesa	97	—	0	(7)
Yorkshire suíça	1 130	6,1	—	(6)
Duroc	100	—	0	(1)
Duroc	85	—	0	(5)
Duroc	105	—	0	(7)
Hampshire	100	—	0	(1)
Hampshire	116	—	0,9	(5)
Hampshire	108	—	1,9	(7)
Landrace norueguês	157	—	4,5	(5)
Landrace irlandês	168	4,8	—	(5)
Landrace dinamarquês	531	9,8	—	(4)
Landrace francês	98	18,4	—	(10)
Landrace holandês	1 640	22,2	—	(8)
Landrace holandês	171	—	12,9	(7)
Landrace suíço	825	23,2	—	(6)
Landrace alemão	565	—	69,7	(9)
Landrace belga	128	53,1	—	(10)
Landrace belga	112	—	84,8	(7)
Piétrain	138	—	28,3	(2)
Piétrain linhagem A, (c)	335 F ₂ , F ₃	—	31,0	(10)
Piétrain linhagem A	302 F ₂ , F ₃	—	38,4	(11)
Piétrain linhagem B (c)	209 F ₂ , F ₃	—	44,5	(10)
Piétrain Linhagem B	204 F ₂ , F ₃	—	67,7	(11)
Piétrain	101	—	94,1	(7)
Piétrain	87	—	88,5	(12)

(a) amostra de animais que entraram em estação de seleção e provenientes de grande número de criações da raça; (b) linhagem experimental, mantida em Instituto de Pesquisa; (c) linhagem Piétrain em curso de seleção na criação do INRA, Avord (Cher), linhagem A: selecionada sobre velocidade de crescimento e espessura da gordura dorsal; linhagem B: selecionada a favor de hipertrofia muscular (nota visual);

(d) 1. Riggs e cols., 1974; 2. Ollivier, Sellier e Monin, 1975; 3. McCouglin e cols., 1977; 4. Jorgensen, 1977; 5. Webb & Jordan, 1978; 6. Schworer & Blum, 1978; 7. Eikelenboom & Minkema, 1978; 8. Eikelenboom e cols., 1978; 9. Schmitter-Schpers, 1978; 10. Ollivier, Sellier e Monin, 1978; 11. Guérin, Ollivier e Sellier, 1978; 12. Hwang e cols., 1978.

DESEMPENHOS

No decorrer dos três ou quatro últimos anos, grande número de experiências foi conduzido, tanto na Europa como nos EUA, com o fim de precisar particularidades associadas à sensibilidade ao halotano. É indispensável este tipo de informação, antes de definir o papel que o teste do halotano pode exercer em programas de melhoramento animal do ponto de vista genético. A primeira idéia que vem à mente é, sem dúvida, a eliminação da reprodução de indivíduos sensíveis ao halotano e, assim, geneticamente predispostos ao síndrome de tensão. Tal prática

teria, como consequência direta, reduzir progressivamente na população a frequência de casos de mortalidade súbita devido ao referido síndrome.

Na realidade, o problema não é simples, na medida em que os indivíduos sensíveis ao halotano diferem nitidamente, sob outros aspectos, dos não sensíveis à droga e quando algumas de suas características correspondem a uma vantagem econômica não desprezível, da qual se não pode tirar proveito.

Desempenho reprodutivo — O critério classicamente utilizado para medir o desempenho da reprodução em uma criação é a produtividade numérica, vale dizer, o número de leitões desmamados

porca presente e por ano. Se considerarmos o caso de um criador-engordador, o número de suínos (para salchicharia) vendidos por porca e por ano traduz melhor a realidade econômica, pois ele leva em apreço a taxa de mortalidade após o desmame (incluindo as perdas durante o transporte até o matadouro).

É inegável que, nas condições normais de criação, a probabilidade de sobrevivência, após o desmame, é menor em um animal sensível ao halotano que em um não sensível.

Dados de origem britânica e holandesa, proporcionados no primeiro capítulo, mostram que as perdas durante a engorda e durante o transporte para o matadouro são dez vezes mais elevadas nos indivíduos positivos que nos negativos. Esse valor não é senão um indicio, porque essas perdas dependem estreitamente das condições de criação e de transporte, mas situa bem a importância do fator sensibilidade ao síndrome de "stress", quando se fala em mortalidade durante a engorda.

Essa diferença de probabilidade quanto à sobrevivência entre as duas categorias de suínos existe igualmente quando se trata de adultos e portanto de reprodutores de um rebanho. Apenas para exemplificar, a morte súbita de um cação, em decorrência de um "stress",

em uma criação que pratica a monta natural, representa não somente uma perda econômica importante, como o risco de produzir perturbações na conduta da reprodução, com consequências desfavoráveis que se observam na produtividade numérica do rebanho.

No que concerne às porcas reprodutoras, também é possível que haja, dentro de uma mesma raça, uma diferença de prolificidade entre sensíveis e não sensíveis. A informação sobre este ponto é, no momento, muito fragmentária: os únicos dados disponíveis (Webb & Jordan, 1978), que se referem a um pequeno número de leitegadas, não mostram diferença significativa entre os dois tipos de porcas em uma linhagem sintética Piérian-Hampshire.

O que se sabe das diferenças de prolificidade entre raças, por exemplo, entre a Landrace francesa e a Landrace belga, leva-nos a crer, com segurança, na existência de uma ligação desfavorável, pelo menos indireta, entre sensibilidade ao halotano e a prolificidade das fêmeas, mas o fato é que a seleção a favor ou contra a sensibilidade ao halotano em uma população, acarreta repercussões sobre a prolificidade das fêmeas, assim como sobre a fertilidade, o que resta demonstrar rigorosamente.

Desempenho na engorda — Muitas comparações entre indivíduos sensíveis

ao halotano e indivíduos não sensíveis de uma mesma raça têm sido realizadas quanto à velocidade de crescimento e índice de consumo. Para o ganho médio diário, as diferenças entre os dois tipos de suínos em geral não são estatisticamente significativas, e, segundo estudos, são ora a favor de um ora a favor de outro tipo.

A única tendência que merece ser assinalada é que, sob alimentação à vontade, os indivíduos sensíveis ao halotano têm uma taxa de crescimento um pouco menor, dependente de um apetite um tanto inferior.

Ademais e de maneira constante, as diferenças de índice de consumo entre os dois tipos de suínos são muito débeis (menos de 1%), quaisquer que sejam as raças estudadas e os sistemas de alimentação utilizados.

Decore, então, do conjunto de resultados obtidos até hoje, que a sensibilidade ao halotano não afeta de maneira notável os desempenhos de crescimento e a eficiência dos porcos de engorda.

Composição corporal — Contrariamente ao que se observa com os desempenhos à engorda, o tipo de reação a halotano tem uma influência marcante sobre a qualidade da carcaça. Esta influência concerne, antes de tudo à "conformação" do animal. Entendendo-se por conformação, por exemplo, o desenvolvimento muscular



AVARE'

"TERRA DO VERDE, DA ÁGUA E DO SOL"

XVI EXPOSIÇÃO MUNICIPAL AGRO-PECUÁRIA DE AVARE
VI EXP. REGIONAL DA DIVISÃO AGRÍCOLA DE SOROCABA
06 a 14 DE DEZEMBRO DE 1980

LEILÕES

EQUINOS DE TRABALHO E ESPORTE

GADO LEITEIRO

GADO SANTA GERTRUDIS

EQUINOS P.O.

GADO NELORE

06/12/80 - 19H

07/12/80 - 14H

12/12/80 - 14H

12/12/80 - 16H

13/12/80 - 14H

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: PREFEITURA MUNICIPAL DE AVARE
FONE 22.0929 - DDD 0147 - CP 331 - CEP - 18 700

AMPLO
FINANCIAMENTO

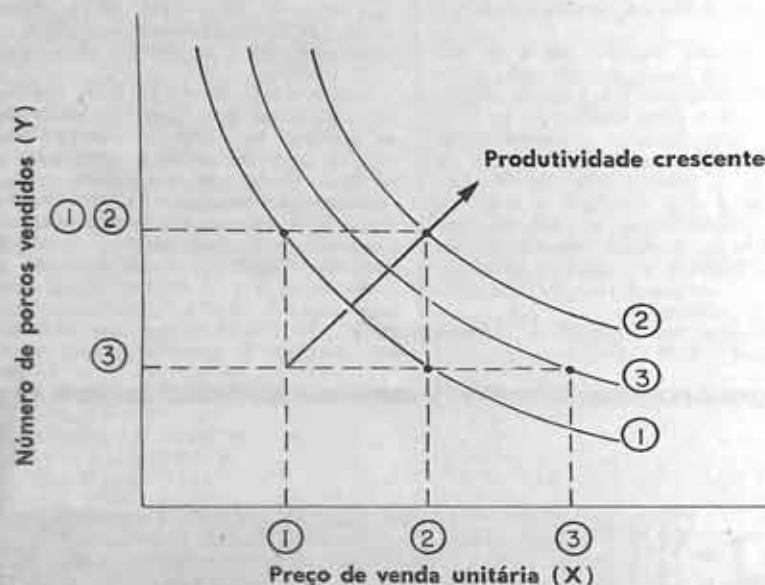
Fetuchi

ILUSTRAÇÃO ESQUEMÁTICA DO "EFEITO DA HETEROSE" SOBRE A PRODUTIVIDADE, ASSOCIADA AO LOCUS HAL

O critério de produtividade (P) é o meio proporcionado por um número dado de suínos colocados na ceva e então, em primeira aproximação, para o custo obtido. Cada curva representa as combinações de X e Y, que dão uma mesma produtividade ($P=XY$).

- 1 — homozigoto normal
2 — heterozigoto
3 — homozigoto sensível

Esta curva mostra bem o interesse dos heterozigotos (2), que asseguram a melhor produtividade.



cular aparente, tal como se pode apreciar visualmente nos leitões de 25 kg.

Em experiência realizada no rebanho Piétrain do INRA (Avord, Cher), utilizamos um método de contagem de pontos específico que visa de alguma maneira a avaliar no animal jovem o grau de manifestação do fenômeno de hipertrofia muscular, característico do Piétrain, ou, pelo menos, dos animais "extremos" dessa raça.

De maneira geral, no seio de uma mesma população, os indivíduos sensíveis ao halotano têm um desenvolvimento melhor que os não sensíveis: usando uma terminologia corrente, emprestada da espécie bovina, pode-se dizer que eles são mais "culatreiros".

Doutro lado, há uma relação estreita entre a frequência dos indivíduos sensíveis em uma raça (ou linhagem) e a média dessa raça (ou linhagem) para a nota de desenvolvimento muscular (Ollivier, Sellier e Monin, 1978). Tal ligação é muito bem ilustrada no interior de uma mesma raça, a Piétrain, pelas evoluções nas duas linhagens, durante a seleção em Avord.

Em uma das linhagens (A), o critério de seleção é um índice clássico de contro-

le individual, combinando o ganho médio diário (25-80 kg) e a espessura do tecido dorsal, medida mediante ultrassons (aos 80 kg): a frequência dos indivíduos sensíveis ao halotano pouco variou durante as quatro primeiras gerações da seleção

(oscilou em torno de 35%) e foi a mesma da média da linhagem para a nota de conformação.

Ao contrário, na outra linhagem (B) que provinha da mesma população inicial da linhagem A e onde o objetivo da seleção era aumentar o grau de hipertrofia muscular (às custas da contagem antes referida) a frequência dos indivíduos sensíveis foi nitidamente aumentada, pois foi da ordem de 70%, após quatro gerações selecionadas.

Este resultado sugere que o fato de selecionar a favor ou contra a sensibilidade ao halotano, em uma raça como a Piétrain, teria repercussões importantes sobre a conformação dos animais.

As diferenças observadas entre indivíduos positivos e negativos para medida da carcaça obedecem o sentido desta última conclusão. Para exemplificar, os resultados obtidos com Piétrain, em suínos abatidos com 90 kg, são citados no quadro 3. Estes resultados estão, em conjunto, bem de acordo com os de outros estudos, realizados no exterior com diversas raças.

Com dado peso ao abate, os porcos sensíveis dão uma carcaça mais pesada: rendimento ao abate é superior em 0,5 a 1,5 pontos, mais curta (-0,5 a -2,5 cm segundo os estudos), e mais rica de carne (a vantagem varia de 1 a 4 pontos para porcentagem de músculos, conforme os estudos).

As cifras do quadro 3 mostram que o porco Piétrain, abatido com 90 kg e sensível ao halotano, dará, em média, 2,2 de pedaços nobres (pernil e lombo) mais que um animal da mesma raça, abatido com o mesmo peso e não sensível ao halotano. Para situar melhor a importância desta vantagem, indicamos que representa 60% (bruto) da superioridade do Landrace belga sobre o Large White (segundo os resultados das estações de controle de descendência, em 1978).

Note-se, ainda, que para os critérios de adiposidade, a vantagem dos porcos sensíveis é relativamente menor: assim,

3 — Relação entre a sensibilidade ao halotano e a composição corporal na raça Piétrain (Monin e cols. em impressão)

Caráter	não sensíveis (n = 120)	sensíveis (n = 56)	sig. est.
Peso líquido sem a cabeça, kg	63,9	65,6	*
Comprimento da carcaça, cm	88,7	86,3	*
Espessura da gordura dorsal, cm			
rim	19,8	18,0	ns
dorso	21,4	22,1	ns
cervical	36,1	35,5	ns
Peso do pernil, kg	7,96	8,43	*
Peso do "longe", kg ²	10,83	11,46	*
Peso da "bardiére", kg ³	3,08	2,87	ns
% de músculos no pernil	65,0 (n=102)	67,6 (n=45)	*
Peso do pernil aparado e desossado, kg	5,05 (n=102)	5,58 (n=45)	*

Notas: 1. * significativa; ns não significativa.
2. "longe" = metade do espinhaço na região dorso-lombar.
3. "bardiére" = região dorsal sobre a espinha.

gundo resultados de muitos estudos, a redução média da espessura do tocinho dorsal não atingiu um mm, sendo essa diminuição, ao que parece, mais nítida na região lombar que na dorsal.

É, portanto, antes de tudo, um melhoramento da "carnadura", que se pode medir, por exemplo, pela relação músculo/osso, associado à sensibilidade ao halotano e ali encontramos uma particularidade bem original das raças porcinas ditas "culatreiras".

Qualidade da carne — Como já foi referido, o objetivo dos primeiros trabalhos sobre o teste do halotano foi estudar a importância dessa técnica na seleção a favor da qualidade da carne. A idéia básica, decorrente do que se sabia sobre as diferenças entre raças, era que há uma associação entre a predisposição ao síndrome de "stress", que se pode detectar com o referido teste e a propensão para dar ao abate uma carne de tipo exudativo, ou carne "pisseuse", na terminologia francesa.

Recordemos que essas carnes exudativas, cujo pH cai rapidamente após o abate, para atingir um valor final baixo (5,6 e menos), são de cor pálida e têm um fraco poder de retenção de água, de onde, entre outras coisas, a má aptidão para sua transformação através da cocção.

Os resultados experimentais sobre este ponto são, em seu conjunto, concordantes e confirmam a hipótese inicial, paradoxal à primeira vista, de que a diferença de qualidade da carne entre positivos e negativos é, ao que parece, mínima, quando os animais sofrem uma tensão prolongada, antes do abate.

Neste caso, com efeito, produz-se uma elevação do pH final da carne, que não permite a manifestação do caráter exudativo. Esta verificação foi evidente em resultados comparativos de dois estudos feitos em porcos Piérain da criação do INRA de Avord.

Em um primeiro estudo (Monin, Ollivier e Sellier, 1976), os suínos eram abatidos após transporte de cerca de 2 horas e uma espera de cerca de 18-20 horas no matadouro. Os pH finais observados foram da ordem de 6, o que testemunha a presença de um "stress" relativamente grande, e, para a fabricação do "presunto de Paris" (peso do presunto após a salga e cocção/peso do presunto aparado e desossado), a diferença entre positivos e negativos foi pequena (85,4 contra 85,8%), não significativa.

Em um segundo estudo (Monin e cols., em impressão), os animais foram abatidos nas condições mínimas de "stress", e o rendimento tecnológico foi inferior em 4 pontos nos porcos sensíveis ao halotano (83,6 contra 87,7%).

Em suma, mesmo que a relação entre a sensibilidade ao halotano e a qualidade da carne (questão de qualidade tecnológica) não seja provavelmente tão simples como se havia imaginado antes, não parece contestável que a redução da frequência de indivíduos sensíveis ao halotano em uma população seja seguida de

menor frequência do aparecimento de carnes exudativas e mais geralmente de carnes com pH extremo que acarretam problemas para o transformador.

O que foi dito sobre as características associadas à sensibilidade ao halotano e o que conhecemos da maneira de transmissão hereditária dessa sensibilidade, permitem entrever as possibilidades de utilização do teste de halotano na seleção do porco e levantar hipóteses quanto ao melhor modo de "emprego" do gene de sensibilidade ao halotano, o que será objeto do capítulo seguinte.

PRIMEIRA ABORDAGEM

O tipo de reação a halotano obedece, como vimos, a um determinismo hereditário simples, porquanto um só locus, com 2 alelos está em causa: a sensibilidade ao halotano é devida a um gene chamado **Hal s**, recessivo, não ligado ao sexo e de penetrância elevada.

Uma primeira maneira de focalizar o problema é considerar unicamente o fato de que o gene **Hal s** governa a predisposição ao síndrome de tensão: esse síndro-



JÁ VEM MISTURADO.

O Sal Boiadeiro-Fos vem prontinho para consumo.

Pra você economizar seu tempo e fazer coisas mais importantes do que ficar misturando sal para o seu gado. Rico em fósforo, cálcio e outros minerais

Um produto com a qualidade



COMPANHIA INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO NORTE

empresa do Grupo Akzo Zout Chemie-Holanda

que faltam nas forrageiras, o Sal Boiadeiro-Fos mineralizado é cientificamente dosado. Você vai conseguir o máximo de seu rebanho. Seja na engorda, seja na produção de leite.

Rio de Janeiro-RJ — Av. Presidente Vargas, 417 — 21.º andar — Tel. 244-3655
São Paulo-SP — Av. Jabaquara, 99 — 4.º and. — Conj. 41 — Tels. 578-9565 e 578-9742
Filiais: — Santos — Cabo Frio — Goiânia — Campo Grande — Natal

me, chamado correntemente e de maneira imprópria de "crise cardíaca", é uma das principais causas de mortalidade nos porcos de engorda e entre reprodutores. *Via-se somente sob esse ângulo, a sensibilidade ao halotano é uma "anomalia" e o citado gene um fator indesejável.*

Ali encontramos o problema clássico da seleção contra um gene recessivo responsável por uma anomalia. Muitos métodos de complexidade e eficácia variáveis podem ser utilizados para reduzir a frequência desse gene em uma população. No caso de uma anomalia letal, vale dizer, que acarreta a morte de indivíduos anormais, o princípio do método consiste em revelar os indivíduos heterozigotos e "portadores sãos" e assim os transmissores do gene responsável, mediante uma prova de descendência, e eliminá-los.

No caso da sensibilidade ao halotano, a seleção "natural" contra esse caráter é pouco intensa, no sentido de que os "anormais" sobrevivem quase todos e se reproduzem quase normalmente. O método de seleção contra a anomalia consiste pura e simplesmente em eliminar da reprodução todos os animais sensíveis ao halotano.

É útil ver que essa seleção "massal" pode resultar em diversas situações. Para simplificar, suponhamos que as populações em causa são de grande porte e não consanguíneas e que a penetração do gene *Hal s* seja completa, o que significa que todos os homozigotos *Hal s/Hal s* manifestam efetivamente o síndrome de hipertermia maligna, quando de um teste de halotano.

No quadro 4 são dados exemplos da evolução prevista da frequência dos indivíduos sensíveis ao halotano em uma população onde, a cada geração, se eli-

4 — Evolução da porcentagem de indivíduos sensíveis ao halotano em uma população, quando não se conservam para a reprodução senão os indivíduos não sensíveis.

N.º de gerações em seleção	Porcentagem inicial de indivíduos sensíveis		
	10	40	70
1	5,8	15,0	20,8
2	3,8	7,8	9,8
3	2,6	4,8	5,7
5	1,5	2,3	2,6
10	0,6	0,7	0,8

minam da reprodução todos os animais sensíveis (machos e fêmeas). Este tipo de seleção é de grande eficiência nas primeiras gerações, pelo menos quando a frequência inicial é elevada: assim, passa-se de 70 para 10%, em duas gerações. Ao contrário, o efeito da seleção é muito menos importante para as frequências pequenas, pois é bem sabido ser muito difícil a eliminação de um gene recessivo indesejável em uma população. Por exemplo, no Large White holandês, onde há 3% de sensíveis, são necessárias 26 gerações de seleção, a grosso modo 50 anos, para que a frequência dos sensíveis passe a ser inferior a 1 por mil.

Tal resultado é explicável pelo fato que, com frequências baixas, o gene *Hal s* se encontra em sua maior parte no estado heterozigoto. Assim, em uma população onde há 3% de sensíveis, 83% dos genes *Hal s* da população estão no estado heterozigoto, e, assim, de certo modo, escondidos para a seleção; ao contrário, em uma população onde há 50% de sensíveis, 70% dos genes *Hal s* são portados pelos homozigotos, e por conseguinte "visíveis", e podem ser eliminados em uma geração de seleção.

Também se pode considerar que a se-

leção contra a sensibilidade ao halotano não seja feita senão em um sexo. Por exemplo, nos machos. Este método é seguramente menos eficiente que o anterior, como nos mostra um exemplo numérico. Tomemos o valor 20% como a frequência dos indivíduos sensíveis ao halotano no Landrace francês. Se a seleção é feita ao mesmo tempo em machos e fêmeas, três gerações de seleção serão suficientes para que a frequência dos sensíveis seja inferior a 5% (o que significa que a frequência do gene *Hal s* é diminuída da metade). Se forem eliminados somente os machos sensíveis (sendo as fêmeas escolhidas ao acaso), o mesmo resultado será obtido somente ao cabo de um tempo duas vezes maior, ou seja, 6 gerações.

OS EFEITOS

O segundo capítulo deste artigo trata das relações entre a sensibilidade ao halotano e as características zootécnicas mais importantes, que sobressaem da comparação entre suínos sensíveis e não sensíveis de uma mesma raça. Vejamos brevemente que entre as características associadas à sensibilidade ao halotano estão



BANTU DA S.J. — 920 Kg — Filho de Bilhete
Campeão Sênior na Expo-Lins - 80

FAZENDA SÃO JOÃO

Criação de gado nelore P.O.
DR. OSCAR LEITE DE BARROS
LINS - SP

Rua Luís Gama, 783 — tel. 22-1200 — 22-1063. (0145)

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

— as desfavoráveis — trata-se essencialmente de uma taxa de mortalidade mais elevada (síndrome de "stress"), de uma grande propensão a dar, no abate, defeitos de qualidade da carne (particularmente a exudável) e talvez, também, a menor prolificidade das porcas); — outras favoráveis — a carcaça é mais pesada, obtendo melhor classificação (antes de tudo por causa do melhor desenvolvimento muscular), de modo que o preço de venda é superior.

Em tal situação, como no caso da comparação de raças, ou no de definição de um objetivo de seleção para o estabelecimento de um índice, a dificuldade está em acolher as ponderações econômicas apropriadas para dar um julgamento do conjunto sobre o mérito comparado das duas categorias de suínos.

Uma comparação econômica desse tipo foi tentada por Webb & Jordan (1978). Esses autores britânicos, que classificaram seu cálculo de "muito aproximativo", chegaram à conclusão de que a vantagem dos indivíduos sensíveis ao halotano para a qualidade da carcaça, e então para o preço de venda unitária, está longe de contrabalançar sua desvantagem no que tange à taxa de mortalidade e, portanto, para o número de porcos vendidos.

Esta conclusão não é evidentemente válida a não ser para as condições econômicas da produção porcina da Grã-Bretanha e de maneira bem verossímil o valor a mais, dado pela melhor conformação da carcaça dos porcos sensíveis, seria superior no caso das condições do mercado francês.

De qualquer modo, a simples comparação entre sensíveis e não sensíveis é para nós insuficiente, pelos motivos que vamos ver e sua importância prática é mais limitada.

Parece-nos, com efeito, mais útil, relacionar os fatos em termos de cruzamento. O aparecimento do teste de halotano e a "descoberta" do gene de sensibilidade esclareceram os problemas estabelecidos pela escolha de um plano de cruzamento e pela seleção de linhagens "especializadas" em relação ao cruzamento.

Este ponto de vista, que é uma perspectiva particularmente atraente, é produzido, no cruzamento final, heterozigotos a partir de caçaços Hal s/Hal s e porcas Hal +/Hal ±. A priori, o interesse dessa fórmula reside em dois pontos:

1 — os produtos finais não são sensíveis ao halotano e então não são predispostos ao síndrome de tensão, com vantagens no que toca à qualidade da carne;

2 — os produtos finais se beneficiam, em certa medida, de vantagens de composição corporal, dadas pelo gene Hal s.

Há também, de certa forma, um efeito da heterose sobre a produtividade, associado ao locus da sensibilidade ao halotano, sendo o heterozigoto superior aos homozigotos, como é ilustrado de maneira bem esquemática na fig. 2. Esta figura corresponde a uma hipótese, em que se trata de discutir a validade em termos econômicos.

No que concerne à primeira vantagem, que trata da mortalidade, é preciso no-

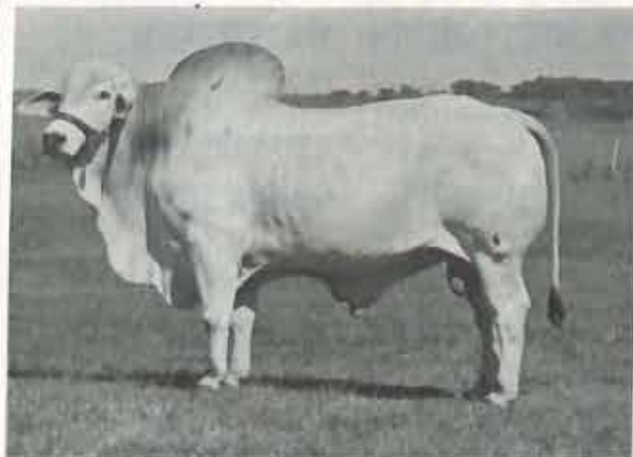
tar que a sensibilidade ao halotano não é propriamente um caráter zootécnico.

O que nos interessa economicamente é a repercussão sobre a taxa de mortalidade e secundariamente sobre a frequência de defeitos da qualidade da carne. Existe aí uma primeira incógnita: pouco se sabe ainda sobre a taxa de mortalidade súbita devida ao síndrome de "stress" em suínos sensíveis ao halotano, nas condições "normais" de engorda e de transporte para o matadouro. É evidente que, segundo a importância dessa taxa, o efeito sobre a relação número de porcos comercializados/número de porcos colocados em cova não tem a mesma incidência econômica (quadro 5). Se essa taxa é de 0,1%, pode-se dizer que, sendo iguais todas as coisas, há pouca diferença em ter de 0 a 20% de sensíveis ao halotano, entre os produtos terminais. A conclusão é seguramente toda diferente se a taxa em apreço for de 10%, porque ter 20% de sensíveis entre os terminais significa ter 2% de perdas somente pelo síndrome de "stress", o que está longe de ser desprezível.

O mesmo tipo de raciocínio seria realizado — existindo a mesma incógnita — no que concerne à frequência do aparecimento de carnes exudativas entre os produtos finais, em função da proporção de

5 — Variação do número de casos de mortalidade súbita devida ao síndrome de "stress" (para 10 000 produtos terminais colocados na cova).

Taxa de mortalidade devida ao "stress" nos indivíduos sensíveis ao halotano	Porcentagem de indivíduos sensíveis ao halotano entre os produtos terminais	
	20	0
10%	200	0
1%	20	0
0,1%	2	0



VINCULO DA PROGRESSO

Nasc. 5/11/75 — Peso: 1017 kg.

Filho de Kent, Reg. 2064 e de Cadeia.

Grande Campeão na 1.ª Exposição Internacional da Água Fuda — SP

TABAPUÃ

a raça mocha da atualidade

FAZENDA PROGRESSO

Oswaldo M. Fujiwara & Outros

Criação: Nelore e Tabapuã

SÊMEN À CARGO DA CIPARI

ANDRADINA - S.P. - Tel.: (0187) 22-1329

VENDA DE REPRODUTORES

indivíduos sensíveis ao halotano. Este problema é ainda mais complicado pela dificuldade de uma justa apreciação das perdas econômicas engendradas pelos defeitos da qualidade da carne (a "sanção" pode ir até a apreensão da carcaça nos casos extremos).

No que concerne à segunda vantagem dos heterozigotos, a situação também depende de esclarecer a seguinte questão: onde deve situar-se o heterozigoto em relação aos dois homozigotos, quanto à composição do corpo? As numerosas comparações feitas entre sensíveis e não sensíveis são difíceis de interpretar de maneira imediata para responder a esta questão: o grupo de não sensíveis não corresponde a um só genótipo, mas ao fato de ser uma mistura de homozigotos normais e heterozigotos, variando as proporções desses dois genótipos com a frequência do gene *Hal s* na população estudada.

Pesquisadores holandeses (Eikelenboom e cols., 1979) realizaram, recentemente, com dados de estações de controle da descendência, uma análise que permite estimar o valor dos três genótipos para o locus *Hal*: eles chegaram à conclusão de que, para os caracteres de carcaça, o heterozigoto ocupa uma posição intermediária entre os dois homozigotos ou, em outros termos, que os efeitos dos alelos *Hal +* e *Hal s* sobre esses caracteres são quase aditivos.

Este resultado, que requer confirmação, é importante: indica que o gene *Hal s*, se recessivo para a sensibilidade ao halotano, não o é para a qualidade da carcaça. Um estudo dinamarquês relativo ao efeito do locus *Hal* sobre o comprimento da carcaça e nossos resultados sobre a nota de desenvolvimento muscular (Ollivier e cols., 1975) têm o mesmo sentido.

PERSPECTIVAS PRÁTICAS

Acabamos de ver que ainda há incógnitas, ou, pelo menos, incertezas, e tudo que se pode dizer sobre a melhor utilização do gene de sensibilidade ao halotano é que se trata de um caráter um tanto especulativo.

Procuremos, entretanto, analisar a situação francesa em matéria de planos de cruzamento. Se forem consideradas as cinco raças atualmente utilizadas em França, podem ser levantadas as seguintes hipóteses sobre a frequência do gene *Hal s* (notando-se que essa frequência gênica é a raiz quadrada da frequência de indivíduos sensíveis na raça).

— Large White (LW) e Hampshire (H): frequência nula (de qualquer modo muito fraca);

— Landrace francesa (LF): frequência da ordem de 40%;

— Landrace belga (LB) e Piétrain (P): frequência da ordem de 80%.

Damos no quadro 6 as frequências proporcionadas por três genótipos do locus *Hal*, nos produtos terminais de alguns planos de cruzamento correntemente encontrados em França:

6 — Porcentagens atingidas por três genótipos no locus *Hal*, em produtos terminais de alguns planos de cruzamento (1)

Genótipo <i>Hal</i>	Tipo genético de cachaço terminal			
	LW ou H	LF	LB ou P × H ou LW	LB ou P
Homozigoto sensível	0	8	8	16
Heterozigoto	20	44	44	68
Homozigoto normal	80	48	48	16

(1) Em todos os casos a porca parental é suposta ser LW × LF.

A utilização do LB, por exemplo, como linhagem masculina do cruzamento terminal, revela ser muito interessante, pois dá uma porcentagem de heterozigotos mais elevada. Seria evidentemente um pouco simplista sintetizar todo o problema do cruzamento terminal no único locus da sensibilidade ao halotano e de ter como único objetivo a produção de um máximo de heterozigotos nos indivíduos terminais. Outros elementos devem ser levados em apreço e em particular o "obstáculo" representado pela relutância dos criadores em empregar um cachaço de tipo "culatreiro", julgado pouco rústico e por vezes também pouco prolífico.

O quadro 6 descreve a situação atual. Mas também há a questão da desejável evolução de nossas raças porcinas quanto à frequência da sensibilidade ao halotano. O objetivo buscado desse ponto de vista pode ser, por exemplo, ter nos produtos terminais a maior quantidade possível de heterozigotos e a menor de homozigotos sensíveis.

Tomando-se o exemplo do cruzamento em três vias com o LB, uma solução proposta para alcançar tal objetivo seria reduzir a frequência do gene *Hal s* no LF utilizado como um dos componentes

RAÇA PITANGUEIRAS

Produção de leite e carne em regime de campo



14 — Piracicabano da Nazareth
— 4 anos. Pai: Gaucho 6633
— ABC/742. Mãe: Cambraia

Criação, exposição e venda permanente de reprodutores e matrizes

1 lugar Avaré/77 — Água Branca, Piracicaba, Avaré/78
— Res. Campeão Exposição Nacional dos Campeões, Água Funda — SP/79.

AGRO PASTORIL NAZARETH - CHÁCARA NAZARETH

Prop.: JOÃO PACHECO CHAVES

END.: RUA DO ROSÁRIO, 2202 — FONE 22-7138 — PIRACICABA — SP

7 — Influência da seleção contra a sensibilidade ao halotano no Landrace francês, sobre as percentagens de três genótipos no locus Hal, nos produtos terminais de um cruzamento entre cachaço LB e porca LF x LW.

Genótipo dos terminais	Porcentagem de indivíduos sensíveis ao halotano nos LF				
	25	16	4	1	0
Homozigotos sensíveis	20	16	8	4	0
Heterozigotos	65	68	74	77	80
Homozigotos normais	15	16	18	19	20

porca parental (quadro 7). Pode-se mesmo imaginar que, se ao mesmo tempo for aumentada a frequência do gene Hal s na linhagem masculina (o que é uma operação bem rápida, pois teoricamente pode-se fixar o gene em uma geração), aproximar-se-ia de 100% de heterozigotos no locus Hal dos produtos terminais.

Dois outros argumentos a favor da eliminação do gene de sensibilidade ao halotano no LF podem ser apresentados:

1 — as consequências sobre a produtividade das porcas parentais serão verdadeiramente benéficas (ou, no pior dos casos, nulas);

2 — esta ação teria o mérito de autenticar a distinção hoje cada vez mais nítida entre os dois tipos de Landrace explorados em França. De um lado, teríamos um "Landrace masculino", que seria o LB atual, no qual o gene Hal s seria eventualmente fixado; e outro lado ter-se-ia um "Landrace feminino" que seria de qualquer forma o LF "desembaraçado" do gene Hal s.

FINAL

Nos três capítulos deste trabalho foi nosso intuito trazer à tona o teste do halotano e o síndrome de hipertermia maligna.

Insistimos, mais particularmente, nas consequências práticas que podem determinar o aparecimento dessa nova técnica, mas é preciso saber também que pesquisas mais fundamentais são conduzidas conjuntamente para tentar compreender melhor a causa "profunda" da sensibili-

dade ao halotano e os mecanismos genéticos e fisiológicos que podem explicar sua influência em numerosos caracteres.

Indicamos igualmente que se desenvolvem paralelamente pesquisas com outro critério possível de seleção, sobre a sensibilidade a tensão, ou seja a atividade da enzima CPK (creatina-fosfo-quinase) no sangue.

No que se refere à aplicação do teste de halotano, este seria um importante auxílio no arsenal técnico de melhoramento genético, por muitas razões:

— o teste é relativamente de fácil execução e pouco dispendioso (as perdas de indivíduos sensíveis são, entretanto, um inconveniente);

— a sensibilidade ao halotano tem um determinismo hereditário simples, e as modificações da frequência desse caráter com fins genéticos são evidentemente fáceis;

— o gene responsável pela sensibilidade ao halotano é do tipo "maior", no sentido de que ele tem um importante efeito sobre os caracteres zootécnicos da mais alta importância: viabilidade, composição corporal e qualidade da carne.

Não se pode contestar, então, que os geneticistas "colocaram o dedo" em um gene "maior" da produtividade. No atual estado de nossos conhecimentos, o melhor modo de emprego desse gene não pode ser definido com certeza, porque certos pontos precisam ser elucidados: mas já são entrevistas possibilidades promissoras.

Parece difícil deixar de fazer uma referência a esse gene na escolha de melhores planos de cruzamento e quando se visa a uma eventual especialização pela seleção de linhagens destinadas a cruzamento. ●

— Sellier, P. — Le test à l'halotane et la sensibilité aux stress. Ses modalités pratiques, ses aspects génétiques; ses liaisons avec les performances; perspectives d'utilisation en sélection porcine. L'Elevage — porcine (87): 17-21, 1979; (91): 16-8, 1980; (94): 15-21, 1980.

N da R. O autor, P. Sellier, pertence à Secção de Genética Animal do INRA, Instituto Nacional de Pesquisas Agro-nômicas da França.

ACABAR COM O CARRAPATO E O BERNE É UM SERVICINHO LEVE, COM O PULVERIZADOR EXCELSIOR.

O pulverizador Excelsior modelo Especial, desenvolvido juntamente pela Assistência Cooper no Campo e o Departamento de Engenharia de Máquinas Excelsior S.A., é perfeito para você combater o carrapato e o berne, com menor esforço e maior facilidade. Veja só:



RESISTÊNCIA E DURABILIDADE



COOPER

Pesquisa a Serviço da Vida

LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.

21-A-TP

BARRETOS

II Feira Agroindustrial
30.ª Exposição Nacional
de Animais e
Produtos Derivados

Recinto
Paulo de Lima Corrêa

15 a 22 de março de 1981

SINDICATO RURAL DO
VALE DO RIO GRANDE

Alimentação

dos bovinos para obter fertilidade ótima

Os nutrientes requeridos pela reprodução são aqueles necessários para muitos outros processos. Pelo que sabemos, a pesquisa tem sido incapaz de descobrir um só nutriente que seja requerido pela reprodução e que não o seja igualmente para o crescimento e a produção de leite. A reprodução é um processo extremamente complicado, e pode ser bem influenciada por deficiências marginais, que não são diagnosticadas. Infelizmente, temos sido induzidos a diagnosticar deficiências nutricionais pelo síndrome clínico clássico, vale dizer, o apetite depravado na deficiência de fósforo. É pouco provável que, sob os atuais sistemas de manejo, muitos de nós sejamos capazes de observar os sinais típicos descritos nos livros textos sobre as deficiências, a não ser em casos extremos. Contudo, muitos encontram provavelmente e diariamente deficiências subclínicas de diversos macro e micro-nutrientes, tais como:

- o nervosismo dos bovinos, relacionado com a deficiência marginal de magnésio;

- osaios silenciosos, associados com as deficiências marginais de energia e fósforo;

- novilhas que deixam de mostraraios sob dietas deficientes de manganês;

- endometrites crônicas e repetições de coberturas, associadas a baixos níveis de vitamina A;

- nascimento de bezerros fracos, de mães alimentadas com níveis elevados de silagem de milho — deficiência de vitamina E e selênio;

- a relação entre baixa ingestão de fibra e a lenta involução do útero e endometrite crônica;

- má fertilidade, associada a baixas taxas de hemoglobina.

Do ponto de vista nutricional, consideramos que volumosos + grãos significam requisitos para manutenção e crescimento + produção + reprodução. Como já foi dito, a vaca leiteira com potencial genético para produção elevada, que sofre uma alteração brusca de seus requisitos nutricionais, pode usar os nutrientes fornecidos pela ração para atender aos requisitos do crescimento, manutenção e produção, mas com toda a probabilidade ela deixa de mostraraios.



condições para conceber quando assinada em cio e prolonga seus dias vazios até que a produção caia a um nível em que haja nutrientes disponíveis para a reprodução. Por isso, sua ração de grãos deve ser formulada de acordo com a informação recebida pela análise completa da forragem e os requisitos específicos do rebanho.

A ração de grãos deve suprir todos os nutrientes requeridos, não obtidos dos volumosos, inclusive energia, proteína, minerais e vitaminas.

As vacas com elevados níveis de produção podem não consumir minerais suficientes com base na livre escolha.

O programa nutricional deve incluir rações para vacas secas e também rações para novilhas destinadas à reposição.

Os requisitos da vaca em lactação podem ser atendidos pela ração da vaca e, por outro lado, os destinados à vaca seca podem não ser satisfeitos pela ração da vaca em produção.

As rações de substituição exercem um papel extremamente importante na produção geral e reprodução do rebanho.

As taxas de crescimento podem ser aumentadas ou reduzidas mediante manipulação da ingestão de nutrientes. Sob as presentes condições, somente em circunstâncias extremas a redução da taxa de crescimento das novilhas leiteiras poderia ser vantajosa.

As consequências da desaceleração das taxas de crescimento podem ser sumarizadas da seguinte maneira:

- o aparecimento da puberdade está relacionado diretamente com a taxa de crescimento, sendo mais dependente do tamanho do que da idade. A idade na puberdade em Holsteins pode variar de 9 a 20 meses;

- a taxa de crescimento não parece influir na taxa de concepção, a não ser em casos extremos de sub e supernutrição encontrados. Contudo, as Holsteins devem ser cobertas quando pesam de 341 a 386 kg. Este peso deve ser atingido aos 14-16 meses de idade (na América do Norte). Novilhas mais velhas, sob plano de nutrição adequado tendem a ficar em condições físicas excessivas, o que pode dificultar sua fecundação;

- sendo a dificuldade de parto inversamente relacionada com o tamanho, o plano de nutrição baixo faz com que as novilhas tenham problemas. As novilhas devem crescer, mas não engordar;

- as novilhas, parece, dão leite mais de acordo com seu potencial hereditário do que com a taxa de crescimento ou tamanho do corpo no início da lactação. Contudo, a experiência do autor sugere que as novilhas que produzem muito na primeira lactação frequentemente apresentam problemas de reprodução quando o nível de nutrição antes da lactação é baixo ou inadequado em minerais ou outros nutrientes;

- a longevidade pode diminuir com a superalimentação, devido às dificuldades reprodutivas e doenças metabólicas.

Deve-se ter cuidado com a silagem de milho quando há livre escolha;

- para obter boas taxas de crescimento, as bezerras devem ter um bom começo. Deverão receber uma ração iniciadora altamente apetível, com um a três dias de idade, juntamente com feno de alfafa folhada de boa qualidade, água fresca e limpa. Devem ser desmamadas precocemente — com cinco a seis semanas de idade, consumindo cerca de 0,45 a 0,98 kg de ração iniciadora;

- para as Holsteins poderem ser cobertas aos 15 meses, com 364 kg de peso vivo, as bezerras precisam ganhar 327 kg em 456 dias. $327/456 = 0,72$ kg por dia;

- os bezerrinhos devem ser mantidos em baias individuais; em baias grandes, eles podem deixar de aproveitar a energia equivalente a 1,82 kg de leite por dia;

- qualquer doença, como diarreia, pneumonia ou infestação por parasitos, pode afetar o desenvolvimento e a futura produção. As vacas devem parir em local limpo ou piquete externo, mas perto do estábulo, para facilitar a sua observação, ou em box do estábulo, limpo, seco, bem provido de cama, a fim de evitar infecções neonatais e uterinas. Deve-se assegurar uma ingestão adequada de colostro, durante as primeiras 24 horas de vida do bezerro, para evitar as "doenças da criação".

A VACA EM LACTAÇÃO

Pontos a serem considerados em relação ao início da lactação:

- qualquer perturbação da saúde, ou traumatismo, por ocasião do parto, ou no início do período pós-parto, pode afetar a reprodução, como, por exemplo, a retenção de placenta, as lacerações vaginais e/ou vulvares, a febre do leite e a acetose etc.;

- mais da metade da produção de leite de todo o período de lactação é dada nos primeiros 120 dias. As vacas altamente produtivas dão seu peso vivo em leite a cada 12-15 dias. Os níveis elevados de produção causam enorme dreno de nutrientes, e o balanço negativo de qualquer nutriente é provavelmente maléfico para a reprodução;

- o ápice do apetite da vaca aparece após o ápice da produção de leite (aproximadamente 6 semanas);

- deve-se dar muita importância à incapacidade da vaca para consumir energia suficiente no ápice da lactação; contudo, a proteína e outros nutrientes, como, por exemplo, o fósforo e a vitamina A, são frequentemente consumidos em quantidades adequadas;

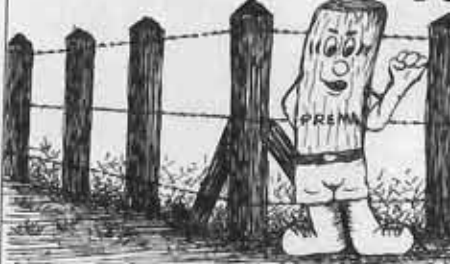
- as vacas em condições apropriadas mobilizam a gordura de seu corpo para a produção de leite no início da lactação, e como isso afeta os outros nutrientes ainda é discutido.

Estudos efetuados no Laboratório de Metabolismo da Energia do Departamento de Agricultura dos EUA, em Beltsville, Maryland, indicaram que as vacas altamente produtivas podem mobilizar a gordura do corpo para o atendimento de cerca da metade de seus requisitos de energia. As vacas que produzem mais de 34-36 kg de leite podem requerer quantidades extras de proteína. Contudo, somente 0,364 kg de proteína corporal podem ser mobilizadas para cobrir seus requisitos de proteína. Por isso, muitos de nossos produtores alimentam suas melhores vacas com uma "ração cocktail" ou aumentam as quantidades de farelo de soja.

A conveniência de contar com a energia dos tecidos do corpo para a produção de leite depende, pelo menos em parte, da eficiência energética da gordura depositada no corpo e da subsequente

Pensou em mourões!...

Falou PREMA



MOURÕES, ESTICADORES, ESTEIROS, PORTEIRAS, TABOAS, POSTES P/ELETRIFICAÇÃO, TELEFONIA RURAL E OUTROS FINS.

Madeiras Tratadas em Autoclaves com WOLMANIT CB



PREMA-Tintas e Preservação de Madeiras S/A.

Rua Mathias Grou, 412 - Fone 280-5033 - Caixa Postal 4.018 - S. PAULO - SP.

mobilização para a produção de leite. As vacas que apresentam muita gordura corporal, depositada durante longo período, tendem a ser ineficientes na conversão da energia dos tecidos em produção de leite e criam problemas, inclusive a acetose. Segundo a experiência do autor, essas vacas parecem ter um prolongado período de balanço negativo da energia e proteína, deixam de exibir cio e se tornam más reprodutoras. Não se deve permitir que as vacas comam demais e adquiram excessos de gordura durante o fim da lactação e o período seco.

Admitindo-se que a vaca tenha sido alimentada apropriadamente durante o fim da lactação e o período seco, o período pós-parto imediato torna-se menos problemático. Mas é extremamente importante que o aparelho digestivo seja adequadamente manejado nesse tempo. A maioria das vacas adultas, altamente produtivas, apresenta certo grau de hipocalcemia ao parir e possivelmente por ocasião do primeiro dia ou depois do período pós parto imediato. A hipocalcemia tende a diminuir a motilidade dos intestinos, com efeitos adversos sobre a absorção de cálcio logo após. As vacas hipocalcêmicas tendem a ter inércia uterina, que frequentemente atrasa a expulsão do bezerro e retém as membranas fetais. Qualquer retenção das membranas por mais de 12 horas é considerada anormal e tende a produzir metrite, piometria e diminuir a eficiência reprodutiva. O manejo do aparelho digestivo, nesse momento, é importante para evitar os problemas após o parto, como a febre vitular, a retenção de placenta, os deslocamentos do abomaso (coagulador) e o edema do úbere.

Recomendamos que os grãos e a silagem sejam recusados no primeiro dia após o parto. A vaca deverá receber bas-

ta água fresca e limpa e ter à sua disposição feno de talos longos, preferivelmente de alfafa ou de outras forrageiras ricas de cálcio. Ter em mente que as vacas com falta de apetite costumam babar sobre os alimentos, o que pode afetar o consumo segundo o tempo de exposição. Os comedouros devem ser mantidos sempre com alimentos frescos e limpos.

Cerca de 3,2 kg de uma ração apropriadamente balanceada de grãos serão oferecidos no segundo dia, sendo ela aumentada à razão de 0,45 a 0,65 kg por dia, até o ápice da produção de leite. A silagem será dada no segundo dia, em quantidades limitadas e aumentada gradativamente.

Os problemas atinentes à nutrição mineral e vitamínica são aumentados e podem estar diretamente relacionados com os da esfera reprodutiva em vacas de alta produção. A alimentação com altos níveis de grãos faz os animais produzirem de acordo com seu potencial genético e precisa ser considerada sob os seguintes pontos concernentes à nutrição mineral e vitamínica:

— mobilização da gordura corporal, que pode aumentar o dreno de outros nutrientes, através do leite;

— o aumento da produção de leite requer mais minerais e vitaminas, quando não, por outras razões, porque esses elementos são mais segregados pela glândula mamária;

— o aumento da proporção de concentrados na ração altera o tipo de fermentação no rúmen e aumenta a velocidade da passagem do bolo digerido através do aparelho digestivo; e esses dois fatores influem na absorção dos nutrientes e na síntese das vitaminas B;

— as forragens e fontes naturais de muitos minerais e vitaminas podem ser inadequadas quando são ministradas

quantidades semelhantes de concentrados. Ter em mente que, à medida que a ingestão de grãos aumenta, cai a ingestão de alimentos grosseiros;

— o aumento da produção de plantas cultivadas mediante aumento da fertilização, pode alterar o teor mineral e vitamínico, tanto dos grãos como dos volumosos.

A solução para uma nutrição mineral e vitamínica apropriada das vacas leiteiras pode ser difícil, mas uma análise completa das forragens e principais grãos será obtida mediante custo relativamente razoável. O autor é de opinião que não há desculpas para alimentar as vacas altamente produtivas de hoje com uma ração inadequadamente balanceada para o atendimento de seus requisitos. Contudo, os problemas provenientes da disponibilidade de minerais e do ajuste do teor vitamínico das forragens e grãos, não são insolvíveis.

Tenha-se em mente que a água é um nutriente muito importante, e por isso as vacas devem contar com um produto fresco, limpo e agradável em todos os momentos. Se a água for contaminada ou tiver odor desagradável, deve-se cogitar de sua cloração.

Em suma, as vacas leiteiras que recebem uma ração adequadamente balanceada e fortificada, no início da lactação, têm provavelmente seus requisitos atendidos para uma produção e reprodução ótimas.

ALIMENTAÇÃO INDIVIDUAL

Geralmente, os níveis elevados da produção de leite são acompanhados de grande apetite, porém, também é verdade que nem todas as vacas têm habilidade para produzir altos níveis de leite, embora dotadas de muito apetite. Os elevados níveis de produção leiteira, quando não compensados por uma ingestão adequada de nutrientes, causa um dreno dos elementos essenciais — e as falhas reprodutivas são frequentemente o resultado desse dreno. As vacas que produzem mais de 34-36 kg de leite por dia podem se quer uma alimentação com grãos mais frequente.

A alimentação individual das vacas leiteiras, nas condições de estabulação livres é difícil. A passagem através da sala de ordenha raramente dá tempo para que as vacas altamente produtivas possam comer grãos suficientes e as pouco produtivas tendem a comer demais.

O agrupamento de vacas segundo a produção tem ajudado. Contudo, algumas vezes as vacas têm uma queda significativa da produção, quando levadas do lote "alto" para o lote "baixo".

ALIMENTADORES MAGNÉTICOS

Foram introduzidos recentemente alimentadores magnéticos em muitos estabulos livres. A experiência até agora indica geralmente um aumento de produção de leite e, em várias ocasiões, a redução da incidência de estados próximos à



Geralmente, os níveis elevados de produção de leite são acompanhados de grande apetite.

tose. Os resultados da correção de problemas reprodutivos não têm sido tão consistentes.

As informações propiciadas à Conferência de Nutrição, de Minnesota, indicam que ainda há questões a serem respondidas, quanto ao uso deste método. As vacas tendem a reduzir tanto o consumo de grosseiros, como de grãos da ração na sala de ordenha. Se a mistura de grãos no alimentador magnético não estiver adequadamente balanceada, pode ocorrer uma deficiência específica da nutrição. Pode ser que estejamos considerando uma ração especialmente formulada para o alimentador magnético, para assegurar a ingestão adequada de alimentos essenciais. Sugerimos que as vacas não utilizem esse sistema de tipo convencional, três meses antes da parição. Os sistemas que usam o tipo de controle transponderado deverá ser restringido durante esse período, sob circunstâncias especiais.

Em resumo, as vacas em início da lactação, alimentadas para produção e reprodução ótimas, deverão ser compelidas a aceitar uma ração completa e balanceada para o atendimento de qualquer deficiência do programa alimentar com volumosos, até o ápice da produção de leite, e depois serão arraçoadas de acordo com a produção e as condições físicas. O fim da lactação é o momento mais indicado para reconstituir as condições perdidas do corpo.

As novilhas de primeira e segunda lactação podem necessitar de 20 a 10% de alimento a mais, respectivamente, para seu crescimento.

As boas vacas leiteiras podem perder alguma condição física durante o início da lactação. A perda de peso ficará estabilizada e assumirá o lado positivo no momento em que ocorrer a cobertura.

As vacas que recebem uma nutrição adequada poderão ter dois e possivelmente três ciclos aos 60-70 dias. O estro normalmente melhora as condições uterinas, de sorte que elas mostram ciclos de cio regulares, antes do momento da cobertura e usualmente têm menos propensão a sofrer infecções do útero.

As vacas com anestro, ou com ciclos silenciosos, frequentemente têm deficiências marginais de energia e/ou de fósforo. Estes dois nutrientes são interdependentes, e a escassez de um geralmente precipita a de outro. Em geral, ministramos 3,5 g de fósforo por término de energia. Mas, em alguns rebanhos com produção elevada, é necessário aumentar os requisitos de fósforo em 30%. Aumentando-se o fósforo, o cálcio também precisa ser aumentado, para manter a relação cálcio/fósforo dentro da faixa normal. As vacas que recebem um nível de fósforo mais elevado, durante o período prolongado de tempo, podem tornar-se hiperfosfatêmicas e exibir alguns dos sinais próprios das fêmeas nesse estado.

Para a vaca ser coberta com sucesso ela deve ser observada por ocasião do cio. Frequentemente, entre os criadores não observadores, é difícil distinguir esse fenômeno. Se o criador estiver confiante na eficácia dos métodos de detecção de cio e as vacas não são observadas nesse estado, o fósforo e a energia devem ser provavelmente os princípios nutrientes a serem levados em consideração.

Os nutrientes que têm maior influência do desempenho reprodutivo parecem ser: 1. Energia; 2. Fósforo; 3. Manganês; 4. Vitamina A, da qual a vaca segrega aproximadamente 66 700 UI/dia, no leite; e 5. Proteína.

A VACA SECA

Recente número da revista "Hoard's Dairyman" inseria excelente artigo intitulado: "Elevados registros são produzidos durante o período seco". É extremamente gratificante ver que a vaca seca foi finalmente reconhecida como uma entidade própria.

Resumindo o aludido artigo, verificamos que o período seco é necessário

para: a) substituir os nutrientes do corpo imprópriamente esgotados durante a lactação anterior; b) reparar e dar tempo para a regeneração do tecido secretor da glândula mamária; c) desenvolver o feto que ganha aproximadamente 70% de seu peso durante os dois últimos meses; d) ajudar a armazenar as reservas corporais, mormente a gordura, para a energia, que pode ser utilizada para produção de leite.

Gostaríamos de ampliar, ainda mais o uso dos nutrientes dados durante o referido período: 1) produzir um bezerro sadio e forte; 2) melhorar a eficiência reprodutiva; 3) aumentar a vida produtiva média das vacas; 4) melhorar o valor nutritivo do colostro; 5) prevenir as doenças metabólicas e 6) estimular a produção de leite subsequente.

Outros pontos a serem considerados: a ração para a vaca em lactação não deve ser dada à vaca seca; a relação cálcio/fósforo deve estar certa; sem muita proteína e energia e sem pouca fibra, são pontos importantes.

O sal parece ter bem menos efeito sobre o edema do fíbrea do que se pensa, se a ração for apropriadamente balanceada e o plano forrageiro adequado.

Recomendamos que as vacas secas tenham limitado acesso à silagem de milho, sejam alimentadas plenamente com feno de razoável qualidade e tenham volumosos suplementados com uma ração de vaca seca altamente fortificada, pobre de energia, e pobre de proteína. A ração será dada na quantidade de 2,27-2,73 kg por dia durante o período seco, aumentando-se gradativamente até 1-1,5% do peso vivo durante as últimas três semanas do referido período.

A experiência do autor, quanto aos problemas reprodutivos do rebanho, é de que temos feito bem pouco progresso para que os requisitos nutricionais do rebanho sejam atendidos. Muitos criadores sentem que o elevado custo da ministração de uma ração balanceada em grãos para vacas destinadas à reposição e secas é dificilmente justificável. Parece mais difícil justificar uma breve mudança das futuras vacas leiteiras. Frequentemente, dependendo da forragem básica, proteína, mistura mineral e vitaminas são nutrientes necessários para as novilhas de sobreano. Naturalmente, a forragem volumosa continua a prover a maior parcela dos requisitos nutritivos, sendo extremamente difícil obter um desempenho de alta qualidade com forragem de má qualidade. ●

— MacKay, D. — Feeding for optimum fertility. *Holstein-Friesian J.* 43 (5): 50-4, 1980.

N. da R.: Dave MacKay é veterinário do Peterborough Veterinary Service, de Peterborough, Ontário, Canadá.

Moura Andrade S/A. Pastoril e Agrícola



MARCHIGIANA

VENDA PERMANENTE

Touros e Novilhas
1/2 sangue
Nelore X Marchigiana

Alam. Santos, 2224 — São Paulo — SP
Fones: (011) 883-2188
Telex: (11) 32583 — MOUR - BR.



QUEM MONTA, SABE: BOM CAVALEIRO, BOM ARREAMENTO -tanto no esporte como no trabalho.

A linha de artigos de montaria da ABC é bastante variada e de
melhor qualidade. **Solicite nosso catálogo.**



Associação Brasileira de Criadores

Rua Jaguaribe, 634 - Fone 826-3033 - São Paulo - SP

Na ABC, o presente que deixa feliz da vida quem gosta de montar.

Freios e bridões em metal ou aço cromado • Esporas com ou sem rosetas • Estribos • Selas para salto, adestramento e polo • Botas para concursos lúpicos e trabalho • Cabeçadas completas, cabrestos, cilhas e barrigueiras • Mantas e rebenques • Capacetes • Selas mexicanas, australianas e arreios • Laços • Arreamentos de charrete e de carrocinha • Chapéus • Capas • Casacos de couro.

A boa ação do herbicida no Vale



A crescente dificuldade na contratação de mão-de-obra e as condições peculiares do Vale do Paraíba, com suas terras de várzea apresentando um elevado teor de matéria orgânica, estão fazendo cada vez mais natural a utilização de herbicidas em suas lavouras de arroz e milho, a primeira com objetivos comerciais diretos e a segunda para emprego sob a forma de silagem ou fornecimento de rolão para o gado de leite ali criado intensivamente. Segundo proprietários rurais da região, o combate químico às ervas daninhas é a saída natural para os problemas, já que a capina a enxada está-se tornando impraticável. A aplicação de herbicidas, afirmam, facilita o controle de invasores e reduz sensivelmente o tempo gasto na operação de limpeza do solo, essencial para o bom desenvolvimento das culturas.

UM EXEMPLO

Um dos produtos que mais largamente vem sendo empregado é o Herbadox, um concentrado emulsionável fabricado pela Cyanamid Química do Brasil Ltda. A recomendação da empresa é para seu emprego nas culturas de algodão, soja, feijão, ervilhas, arroz, milho, fumo, batata, cebola, alho, cenoura e em culturas pe-

renes, como o café, banana, abacaxi, cana-de-açúcar e cítricos.

No caso do arroz irrigado, semeado em solo seco, o produto é empregado em pré-emergência nos dois dias seguintes ao plantio, depois de o terreno haver sido irrigado e drenado, quando o arroz é semeado em linhas. No sistema de semeadura a lanço, os técnicos destacam que é muito importante que as sementes de arroz estejam bem cobertas pelo solo, pois, do contrário, ao entrarem em contacto com o herbicida, pode produzir-se uma redução na população de plantas. A aplicação também é feita em pré-emergência, nesse caso. Para o arroz de sequeiro, dois são os sistemas utilizados: antes da emergência das ervas daninhas, depois de feito o plantio do arroz, ou quando as invasoras têm de uma a duas folhas, recomendando-se, então, a mistura Herbadox + propanil.

No milho, a preocupação dos fazendeiros é obter uma lavoura livre de invasoras, principalmente de ervas tóxicas. E tanto na cultura para obtenção de grãos ou rolão, quanto na de material para silagem, as plantas invasoras representam uma severa perda na produção. Calcula-se que, em certos casos, a safra de grãos pode ficar comprometida em até 80% pela ação das plantas invasoras. Elas constituem uma fonte de competição com a

planta cultivada, em espaço, luz, água e nutrientes aplicados; além de propiciar um microclima adequado ao desenvolvimento de doenças. Há quem afirme que as ervas daninhas roubam ao milho pelo menos 20% do adubo que nele foi aplicado.

Para o milho do Vale estão sendo utilizados os processos de pré e pós-emergência de aplicação do herbicida, geralmente associado à atrazina. Os próprios produtores, porém, destacam que o controle das invasoras é grandemente influenciado pelo momento da aplicação: as ervas de folhas largas não devem ter mais de duas folhas verdadeiras, no período de aplicação do herbicida, e as gramíneas, mais de uma e meia folhas em média; em caso contrário não se obterá um bom controle.

Em pré-emergência, que apresenta bons resultados sob seca prolongada, é preciso ter o cuidado de incorporar uniformemente o produto na camada superficial do solo, sem, no entanto, pô-lo em contacto com as sementes. A adição de atrazina ao Herbadox tem sido empregada com frequência para ampliar ainda mais o leque de invasoras controladas pelo herbicida e que comprometem o resultado das lavouras não defendidas adequadamente. ●



As muitas possibilidades da piscicultura intensiva na Bahia

HITOSHI NOMURA

gem de Bananeiras. Posteriormente foi realizado o peixamento de muitos reservatórios de água.

O DNOCS construiu o açude Rômulo Campos, na Bahia que possui uma área de 2 474 hectares e profundidade média de 5,9 metros, produzindo anualmente 857,5 toneladas de pescado, com a produtividade média de 347 kg/ha/ano. Outro açude construído foi o de Cocorobó, com 2 412 hectares e profundidade média de 10,2 metros, produzindo anualmente 126 toneladas de pescado, com produtividade média de 52 kg/ha/ano. Outro açude é o de Jacurici, que produziu 93 828 kg de pescadas-do-Piauí, *Plagioscion squamosissimus*, e 192 976 kg de curimatá-comum, *Prochilodus cearensis*, em 1964. Esse açude recebeu 1 000 alevinos curimatá-pacu, *Prochilodus marginatus*, em 19 de novembro de 1959. A produção dessa espécie atingiu 210 936 kg em 15 anos de exploração pesqueira, representados por 171 486 exemplares. O posto de piscicultura de Jacurici distribuiu, de 1969 a 1976, 3 210 alevinos de curimatá-pacu, sendo 450 para os açudes públicos, 2 610 para o açude controlado pelo DNOCS e 150 para particulares.

É sabido que o principal produto agrícola da Bahia é o cacau, matéria-prima para a fabricação de chocolate. No km 22 da rodovia Ilhéus-Itabuna foi instalada, numa área de 8 hectares, a Estação Experimental de Piscicultura da Região Cacaueira, graças ao convênio assinado entre a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) e a Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia, em 1976. A finalidade é a de proporcionar uma alta produção de peixes nas fazendas de cacau, como alternativa de diversificação agrícola, para alimentação dos seus trabalhadores braçais. Quando totalmente concluída, a estação possuirá 21 tanques ou viveiros, medindo 400 metros quadrados cada um. Haverá também laboratórios, galpão para manipulação de peixes, garagem, ajardinamento, cerca de proteção, iluminação noturna e lâmina d'água.

O projeto de criação desse centro data de 1956, mas, apesar de aprovado, teve que aguardar o momento oportuno, que finalmente chegou em 1978. A instalação desse centro está sob a supervisão de dois geógrafos e um veterinário, especializados em piscicultura.

Em 1978 havia 19 viveiros prontos, 7 dos quais em funcionamento. A profundidade média é de 1 a 1,5 metro. Antes do peixamento os viveiros foram fertilizados com estreco de curral e poçilga, e depois encheidos com água. Pouco tempo depois, começou o desenvolvimento dos microrganismos componentes do plâncton, o principal alimento dos alevinos.

As espécies introduzidas foram a tilápia-do-Nilo, *Sarotherodon niloticus* e o *Sarotherodon hornorum*, na densidade de um peixe por metro quadrado. Ambas as espécies foram trazidas da África para o Ceará em 1971, visando primordialmente a obtenção de híbridos, cruzando-se a fêmea da primeira com o macho da segunda espécie. Convém lembrar que as melhores produções cearenses foram con-

seguidas com densidade entre 9 000 a 10 000 híbridos por hectare, alimentados com restos de produtos agrícolas. Em apenas 180 dias, o crescimento médio dos híbridos chegou a 281 g, mostrando que são excelentes peixes para criação, apresentando resistência às doenças e a água de baixa qualidade. Esses híbridos também são produzidos em São Paulo (Frassununga, Jaboticabal e represas da Companhia Energética de São Paulo — CESP) e Minas Gerais (Centrais Elétricas de Minas Gerais — CEMIG).

Os viveiros da estação da CEPLAC são simples, de argila compactada. Há enclaves que conduzem a água e outros que a eliminam. Tubos de cimento-armado são utilizados para o trabalho de esgotamento dos viveiros. O "monge" é feito de concreto armado, que funciona como comporta de escoamento, fabricado em Itabuna. O "monge" é dotado de tabuleiras de 20 centímetros de altura e 1 centímetro de espessura, colocadas uma sobre a outra, formando duas lâminas verticais e superpostas, sendo o espaço entre elas preenchido com pó de serra com material vedante.

As tilápias introduzidas na Estação, trazidas do Ceará, mediam 2 a 4 cm, e em dois meses já estavam com 23 cm. Elas já realizaram diversas desovas, e sua população aumenta rapidamente em número. A água que alimenta os viveiros provém do riacho das Alegrias. Um dos braços desse riacho passa por uma fazenda, recebendo fertilização natural. Assim, a água já apresenta nutrientes em quantidades razoáveis, não havendo nenhuma fonte de poluição na região.

Uma espécie natural da região está no do criada na Estação. Trata-se do peixe conhecido localmente por calhambau. Os exemplares desse crustáceo foram capturados e mantidos num dos viveiros, para observação do seu comportamento. A criação desse peixe tem recebido a atenção dos fazendeiros da região cacaueira e de todo o Sudeste baiano, pois se trata de um crustáceo muito saboroso.

A Estação atende a todos os interesses da região cacaueira, que deseja criar peixes, através do seu serviço de extensão rural. Os habitantes de Ilhéus que têm demonstrado o maior interesse em desenvolver essa atividade. Assim, qualquer proprietário de terras que apresente condições naturais apropriadas poderá ter a sua criação de peixes, com pouco investimento e baixo custo de manutenção, mas com alta produtividade.

Antes de orientar a criação de peixes em qualquer propriedade, a CEPLAC enviará seus técnicos para tirarem fotografias e amostras do solo, estudando a topografia e a qualidade da água disponível de modo a ter informações completas e seguras sobre as condições do local, e poder orientar adequadamente o interessado.

São enormes as vantagens sócio-econômicas apresentadas por essa piscicultura intensiva. Tanto o fazendeiro quanto o trabalhador rural poderão ter a sua fonte de proteína animal de modo fácil, rápido e barato. A piscicultura aproveita apenas o espaço líquido, onde não pode plantar cacau. ●

O antigo Serviço de Piscicultura do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) introduziu o tucunaré, *Cichla ocellaris*, na represa de Bananeiras, pertencente à Companhia de Energia Elétrica da Bahia, e no açude público Itaberaba, em 1948. Em 1953, um tucunaré de 14,6 kg foi capturado no primeiro deles.

O primeiro posto de piscicultura da Bahia foi instalado no Parque de Ondina, tendo sido introduzidos o tucunaré, o apaiari, *Astronotus ocellatus*, e a tilápia-do-Congo, *Tilapia rendalli*. O segundo posto foi construído a jusante da barra-

noticiário TORTUGA

7 ANOS DE TRABALHO PELO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ANIMAL

HONRA AO MÉRITO



JAMILA, campeã do VI Torneio Leiteiro de Inhumas (Goiás), com uma produção de 34,150 kg/dia. Propriedade de Antonio Severino de Medeiros, Fazenda Alvorada, que incorporou à moderna técnica de manejo e alimentação, o programa Tortuga de mineralização e desverminação. O seu trabalho foi coroado de êxito, pois, além da classificação de Jamila, conseguiu ainda receber os prêmios de melhor novilha primeira cria (25.250 kg/dia) e melhor conjunto de três reses (94,750 kg/dia).

SUPLEMENTO MINERAL

CONTROLE QUÍMICO E BIOLÓGICO GARANTE QUALIDADE

As dietas dos animais, quando completas, devem incluir cerca de 14 elementos considerados essenciais. Esses elementos estão presentes em diferentes componentes da ração e parte deles são fornecidos através dos suplementos minerais. Quando estes elementos são procedentes de processos industriais químicos ou de mineração, devem observar o máximo grau de pureza.

Quase todos os ingredientes empregados no preparo dos suplementos minerais contêm, em seu estado inicial, impurezas, algumas delas inertes e que podem ser até benéficas para o organismo; outras, porém, que entram em grandes quantidades, podem ser potencialmente tóxicas.

Um mesmo sal utilizado na formulação de suplementos pode variar consideravelmente em seu grau de pureza, no que se relaciona ao teor do elemento ativo que se procura incluir numa mistura mineral. O teor de Manganês nos Óxidos, por exemplo, pode variar de 15 a 61%. Óxidos de Manganês, com 15% deste elemento, podem conter, como impurezas, cerca de 23% de Ferro e este Ferro embora não seja absorvido pelo organismo, aparece nas análises químicas e estampadas nos rótulos do suplemento mineral. O Manganês proveniente de um óxido com baixo teor do elemento ativo, não é aproveitado biologicamente pelo animal na mesma proporção que aquele obtido de um sal com teor mais elevado deste elemento. Da mesma forma, o Cálcio e o Ferro contidos como impurezas em Carbonatos de Manganês, em

proporções de 8 a 9%, não são biologicamente utilizados pelos animais.

CONTAMINAÇÕES TÓXICAS

As "contaminações" dos ingredientes utilizados no preparo dos suplementos minerais devem merecer especial atenção, pois entre elas são encontrados elementos potencialmente tóxicos, tais como: Chumbo, Arsênico, Flúor, Vanádio, Cádmio, etc. Em Óxidos de Manganês, por exemplo, foram encontradas quantidades de Chumbo variáveis de 660 a 2.180 ppm (600 a 2.180 mg por quilo) e teores de Arsênico variando de 119 a 1.400 ppm.

Alguns Fosfatos, quando não preparados de forma absorvível, apresentam elevados teores de impurezas dentre os quais o Flúor, o Ferro, o Alumínio e o Vanádio, perigosos para o organismo.

A formulação de misturas minerais como componentes não analisados previamente pode determinar erros grosseiros, quando os cálculos são baseados na simples consideração dos teores em seu estado de pureza. Tais erros podem levar os animais à ingestão de quantidades insuficientes do elemento mineral desejado e, muito pior que isto, à acumulação, em seus tecidos, de elementos tóxicos, muitos deles mortais.

PERIGO PARA A SAÚDE

É mais do que sabido que Fosfatos com teores elevados de Flúor provocam alterações nos dentes, nos

ossos e nas articulações. Por este motivo, na seleção de um suplemento deve-se observar que sua base é o Ortofosfato bicálcico alimentar, apresentado de forma mais pura, mais assimilável pelo organismo. Somente assim estaremos garantindo a suplementação adequada de Fósforo, indispensável para o perfeito metabolismo.

A intoxicação de animais por Chumbo, que pode estar contido em alimentos ou então estar presente na água de bebida poluída pelo uso de áreas industriais ou ao longo de estradas onde circulam veículos movidos a óleo ou gasolina, determina numerosos sintomas graves que podem levar a enganos de diagnóstico, dentre os quais: anorexia, depressão, inapetência, vômito, perda de peso, lesões renais, abortamentos, etc.

Recentemente, na Inglaterra, o uso em bovinos de Fosfatos destinados à agricultura com elevados teores de Flúor provocou, após alguns anos de uso, graves sintomas de artrites em vacas leiteiras, e bezerros já nasciam apresentando teores extremamente elevados deste elemento em seus tecidos, especialmente nos ossos, com o perigo de repetir-se o mal por geração, a destruição total do rebanho, se não fosse detectada em tempo a causa da intoxicação.

A intoxicação pelo Chumbo, contido em certos suplementos formulados erroneamente, pode levar a um apetite inusitado e a substâncias como terra, cascas de árvores, seixos, etc.

RESULTADOS

Mercurio e Cádmio, por vezes encontrados como impurezas em suplementos minerais, podem datar minar afecções renais. As intoxicações pelo Arsênico são de há muito conhecidas.

Estes elementos tóxicos podem estar presentes na água, nas forrageiras e em alimentos concentrados poluídos (o que é muito comum nos dias de hoje) e sua presença em suplementos minerais pode agravar a situação de carência ou morbidez dos animais.

Esses simples exemplos servem para demonstrar os perigos que pode representar o uso de suplementos minerais, formulados de modo incorreto e com matéria prima de procedência duvidosa, tornando-se impróprios para a alimentação animal. Daí a imprescindível necessidade de serem utilizadas, na formulação de suplementos minerais, componentes conhecidos testados através de análises químicas e biológicas. Além disso, deve ser observada sua base em Fósforo, visto a extrema carência deste elemento em nossas pastagens.

ANALISAR ANTES DE USAR

O preparo de misturas minerais não pode prescindir dessas análises químicas e biológicas. O que relatamos serve de advertência para aqueles que preparam suas próprias misturas na propriedade ou àquelas indústrias que utilizam, inadvertidamente, compostos impróprios para a alimentação animal.

Apenas a título de exemplo, enumeramos aqui, alguns casos.

O teor de Óxido de Manganês pode variar de 15 a 16% de Manganês; mais ainda, pode estar "contaminado" com proporções de Ferro variáveis de 2 a 24%, de Chumbo de 660 a 2.180 ppm, de Arsênico de 119 a 1.400 ppm e até 15.200 ppm de Alumínio.

No Óxido de Ferro foram encontrados teores de Chumbo variáveis de 70 a 4.630 ppm.

No Óxido de Zinco analisado encontrou-se teores de Chumbo variando de 30 a 30.000 ppm (3%) e de Cádmio, variando de 170 a 1.290 ppm.

Em diferentes tipos de Fosfatos aprovados nos Estados Unidos para alimentação animal, foram encontrados teores de Alumínio variando de 3.400 até 44.000 ppm (4,4%) e teores de Vanádio variando de 90 a 1.400 ppm. Todos esses Fosfatos apresentavam teores de Flúor máximos que os permitidos pela lei.

TRADIÇÃO E QUALIDADE

No preparo dos suplementos minerais, pois, não é suficiente que se utilize simplesmente compostos minerais de qualquer origem, calculando-se seus níveis de acordo com sua fórmula química, sem considerar as

variações que eles podem apresentar e, sobretudo, sem avaliar as impurezas potencialmente tóxicas que os mesmos podem conter. Tais sais impróprios, além de representar um perigo em potencial para os animais, podem ser transferidos para o homem, contaminando a carne e o leite utilizados na alimentação humana.

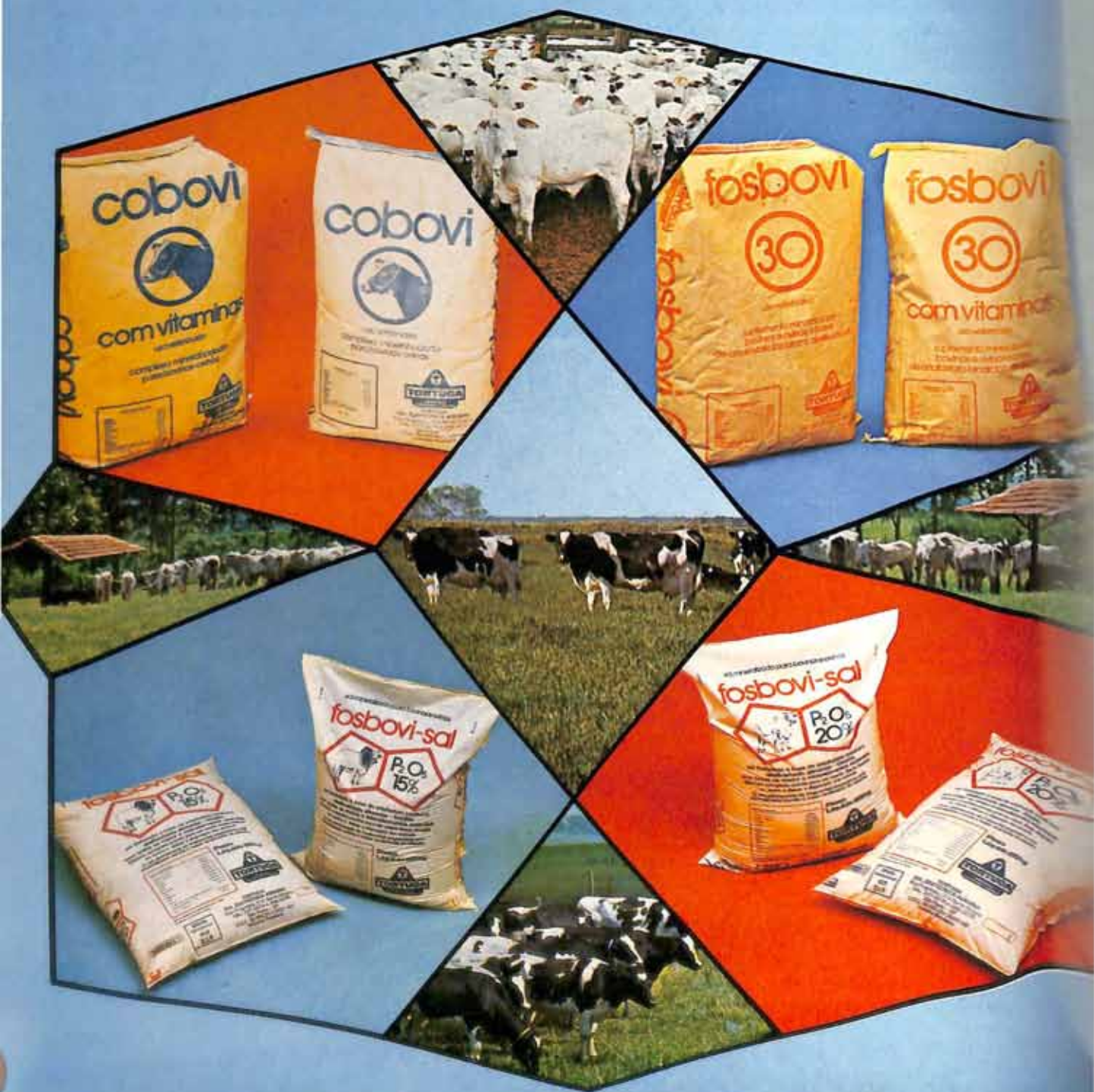
O controle de qualidade dos suplementos minerais através de análises químicas e biológicas, como de todos os produtos utilizados na alimentação e no tratamento das doenças dos animais é, pois, uma medida imprescindível para a apresentação de um produto eficiente sem efeitos colaterais indesejáveis, de difícil detecção e mais difícil ainda diagnósticos. Estes sintomas de intoxicação, que se confundem perigosamente, às vezes são descobertos tardiamente, com quase total perda do rebanho.

Deve o pecuarista, na seleção do suplemento mineral para seu plantel, observar a tradição do fabricante nos trabalhos de pesquisa que realiza e na formulação, que deve ser a mais completa de elementos essenciais e adaptada às necessidades do seu rebanho. Só assim estará garantindo-se em poder dar aos seus animais o que ele precisa para aumentar a produtividade e ter os resultados econômicos esperados.

Prof. João Soares Veloso
Médico Veterinário

minerais tortuga

um tipo para cada sistema de criação
e finalidade de exploração.



Início do ano, a época sempre traz aos proprietários rurais a preocupação quanto ao atendimento das exigências do Imposto sobre a Renda e sua declaração. Daí a oportunidade de se transcrever o Parecer Normativo CST n.º 85, de 16 de dezembro de 1977, publicado no "Diário Oficial" da União, em 23 do mesmo mês. Ele traz informações de valia para as pessoas físicas que se dedicam à atividade agrícola e contém indicações para o preenchimento das declarações de rendimento e de bens.

É esta a íntegra do Parecer:

**PARECER NORMATIVO CST N.º 85,
DE 16-12-77 - D.O.U. DE 23-12-77**

I.R. (PF) — Atividade Agrícola —
Preenchimento das Declarações de
Rendimentos e de Bens — Tratamento

**Regime de apuração dos resultados na
atividade agrícola. Tratamento quanto
à produção estocada. Consignação na
declaração de bens. Obrigatoriedade de
comprovação da receita bruta. Compensa-
ção de prejuízos.**

Dúvidas têm sido suscitadas, face à legislação do imposto de renda e ao correto preenchimento das declarações de rendimentos e de bens, por pessoas físicas que exercem atividade agrícola, quanto ao tratamento mais adequado às seguintes situações, consubstanciadas nas perguntas a seguir apresentadas:

a) qual o regime a ser adotado na apuração dos resultados do exercício, especialmente quanto à produção estocada?

b) como proceder, inclusive no preenchimento da declaração de bens em relação ao produto das colheitas não vendidas no curso no ano-base:

b.1 — constitui receita tributável?

b.2 — qual o valor atribuível?

c) será sempre obrigatória a comprovação da receita bruta declarada, ainda que se adote a forma A (Resultado Estimado) na apuração do resultado?

d) pode-se compensar o prejuízo verificado em um ano, com os resultados positivos dos anos seguintes, qualquer que seja a sua forma de apuração?

2. A primeira questão em exame, regime de apuração dos resultados, já foi objeto de interpretação, através do Parecer Normativo CST n.º 132, de 8 de julho de 1970, no que se refere às "despesas de custeio", assim resumida:

"as despesas de custeio ocorridas devem ser consideradas dentro do exercício de referência",

consagrando, desta forma, o regime econômico, qual seja o de considerar os gastos no ano em que se verificarem todos os pressupostos materiais que os tornam incondicionais, independentemente do seu pagamento, basta, portanto, que tenham sido efetivamente consumidos no ano-base, para neste serem considerados como "despesas de custeio".

2.1 — Com relação às receitas, todavia, no caso específico de rendimentos derivados da atividade agrícola, adota-se o regime financeiro de caixa, considerando-se como declaráveis no exercício fi-

nanceiro a que se referir o ano em que forem as receitas recebidas ou colocadas à disposição do declarante, em condições de ser por ele realizadas, à sua vontade.

2.2 — Assim como a declaração de rendimentos se refere ao ano calendário e não ao ano agrícola, os frutos não colhidos e, bem assim, a produção estocada, somente serão considerados na declaração de rendimentos relativa ao ano da venda, observada a orientação constante do subitem 2.1 deste Parecer.

3. Em seguida, trata-se de emitir orientação quanto aos procedimentos a serem observados no preenchimento das declarações de rendimentos e de bens. Não oferece dificuldade a situação normal em que a produção é vendida no próprio ano-base da declaração, aplicando-se as normas contidas no incisos I a III do artigo 54 do Regulamento do Imposto de Renda, aprovado pelo Decreto n.º 76.186, de 2 de setembro de 1975, segundo o montante da receita bruta auferida. A orientação restringe-se, portanto, aos casos em que a produção é estocada, para posterior venda, a saber:

3.1 — No exercício financeiro relativo ao ano da colheita, seguida da estocagem do respectivo produto, não há que se falar em receita, consoante o subitem 2.1 deste Parecer, embora os seus custos devam ser considerados como "despesas de custeio" do ano em que foram incorridos ou consumidos.

Desta forma, somente quando a produção, ou parte dela, for vendida, e cujo preço tenha sido recebido ou esteja à disposição do declarante é que haverá receita, cujo resultado, apurado segundo a forma a que estiver sujeito, será incluído como rendimento tributável na declaração de rendimentos do exercício financeiro correspondente.

3.2 — Quanto à declaração de bens, todavia, deve o declarante consignar a existência dos produtos em estoque, visto tratar-se de um bem que constitui patrimônio do declarante, sujeito, portanto, à declaração, conforme dispõe o artigo 408 do RIR/75. No entanto, como o custo da produção já é considerado como "despesa de custeio", não existirá valor a ser atribuído na declaração de bens, nas colunas correspondentes ao "ano anterior" e ao "ano-base, nada impedindo, entretanto, que se demonstre, juntamente com a discriminação do bem, na coluna própria, o seu valor de mercado.

4. Outra dúvida a esclarecer é a relacionada com a necessidade de se comprovar a receita bruta, na hipótese de apuração do resultado pela forma A (Estimado), já que, no tocante às demais formas de apuração inexistente dúvida, sendo obrigatória essa comprovação.

4.1 — A legislação de regência, mais precisamente o artigo 55 do RIR/75, dispõe que "o resultado estimado (forma A) será apurado pelo contribuinte, abatendo da receita bruta do ano-base as despesas estimadas, à vista dos elementos de que dispuser", como aliás, já dispunha o Decreto n.º 66.095, de 20 de janeiro de 1970 (art. 3.º) que regulamentara o Decreto-lei



SEÇÃO JURÍDICA

Como apurar resultados do exercício em relação aos estoques



n.º 902/69. Analisando o dispositivo citado, chega-se fácil ao entendimento de que somente para as despesas foi autorizada a **estimativa**, nunca para a receita. O resultado torna-se **estimado** em função de se **estimar** "as despesas de custeio", tomando-se por base uma **receita bruta real**. Somente se poderia admitir a estimativa da receita se o próprio comando legal assim o autorizasse; para isso, bastaria que, ao invés de dispor: "da receita bruta do ano-base", dispusesse: "da receita bruta **estimada** do ano-base", o que não ocorreu.

4.2 — Também os incisos I a III do artigo 54 do RIR/75, reproduções do artigo 2.º do Decreto-lei n.º 902/69, conduzem ao entendimento esposado acima, visto que partem do montante da receita bruta auferida no ano-base para a determinação da forma pela qual, obrigatoriamente, a pessoa física deve apurar seu resultado (A-Estimado, B-Escritural e C-Contábil); ora, se é o montante da receita o indicador da forma pela qual se deve proceder a apuração do resultado, torna-se óbvio que a comprovação desse elemento (receita bruta) pode ser exigida.

4.3 — Assim, conclui-se que o contribuinte, sempre que solicitado pelo órgão

ou autoridade competente da Secretaria da Receita Federal, tem o dever de comprovar a totalidade da receita bruta declarada na cédula G, valendo-se de todos os documentos e meios de prova usuais para o tipo de atividade a que se dedica. Deve-se atentar também para a necessária correlação entre a receita declarada e a efetiva utilização da capacidade produtiva da propriedade explorada.

5. Finalmente, tendo em vista a orientação contida no Parecer Normativo CST/N.º 74/76, de que somente o prejuízo devidamente comprovado pode ser compensado com os resultados dos três exercícios subsequentes, e, como essa comprovação só é possível mediante escrituração, mesmo que simplificada, é de notar que apenas através das formas B ou C de apuração dos resultados seria possível essa compensação. Entretanto, na hipótese de apuração do resultado pela forma A (Estimado), é de se admitir também que o contribuinte possa compensar prejuízos, desde que faça prova, através de documentação hábil, de que as despesas de custeio superam a respectiva receita, independentemente de escrituração.

6. A orientação contida no presente Parecer Normativo aplica-se, também, no que couber, às demais atividades mencionadas no artigo 1.º do Decreto-lei n.º 902/69, exceto quanto ao custo de aquisição de gado para cria ou engorda, que, enquanto não realizada a respectiva receita, não poderá constituir "despesas de

custeio", devendo o estoque, segundo inventário levantado em 31 de dezembro de cada ano, ser consignado na declaração de bens pelo preço de aquisição, quando comprado, ou sem custo, quando correspondente a crias verificadas durante o ano-base. As despesas incorridas com a cria ou engorda, no entanto, seguem a orientação constante do item 2 deste Parecer Normativo, ou seja, são consideradas no ano em que foram consumidas.

6.1 — Por outro lado, o custo de aquisição do gado, para os efeitos do inventário de que trata o artigo 56, do RIR/75 (redução por incentivos fiscais), deverá ser considerado no próprio ano-base em que ocorrer o investimento, o que não impede que esse mesmo custo seja computado como "despesas de custeio" no ano da alienação.

6.2 — Entretanto, como para a apuração integral da orientação constante do item 6 é necessário que o pecuarista mantenha um perfeito controle de estoque, preços do seu gado, o que nem sempre é possível, e tendo em vista a necessidade de conhecer-se o custo unitário de cada cabeça, para a apropriação como "despesas de custeio", no ano da venda, pelo contribuinte adotar o custo médio, que consiste em considerar como custo de cada unidade vendida a soma dos valores das entradas (estoque inicial mais compras e crias no ano), dividida pelo número das unidades correspondentes, conforme exemplo que se segue:

Moura Andrade S/A. Pastoril e Agrícola



- Sêmen importado —
- Pronta entrega —
- Touros testados —

RAÇAS:

Blonde D'Aquitaine - Norman-
de - Limousine - Montbeliarde -
Charolaise - Maine Anjou.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
SERSIA — PARIS

- Animais PO importados

Alam. Santos, 2224 — São Paulo — SP
Fones: (011) 883-2188
Telex: (11) 32583 — MOUR - BR.

6.2.1 CONTROLE DO CUSTO			
	Unidades	Custo Médio	Total
a) Entradas			
Estoque anterior	60	Cr\$ 1.666,67	Cr\$ 100.000,00
Compras ano ano	20	Cr\$ 2.200,00	Cr\$ 44.000,00
Crias no ano	15	—	—
	95	Cr\$ 1.515,79	Cr\$ 144.000,00
Custo (entradas)			
b) Saídas			
Vendas no ano	40		
Perdas no ano	8		
	48	Cr\$ 1.515,79	Cr\$ 72.758,00
Custos das Saídas			
c) Estoque Final			
Total c/inventário	47	Cr\$ 1.515,79	Cr\$ 71.242,00
6.2.2 — PREENCHIMENTO DAS DECLARAÇÕES			
a) No Anexo correspondente à cédula G			
Como RECEITA o valor das vendas			
como DESPESAS CUSTEIO = Cr\$ 72.758,00			
b) Na Declaração de Bens			
Na coluna correspondente ao ANO-ANTERIOR = Cr\$			
100.000,00			
Na coluna correspondente ao ANO-BASE = Cr\$			
71.242,00			



João Baptista Figueiredo, presidente da República, encerrou o ano recebendo os jornalistas para um almoço, que os convidados classificaram de informal e os leitores do noticiário a respeito, ao menos no meio rural, qualificaram de bastante sugestivo, a julgar por algumas das opiniões emitidas. Eis algumas: a) por que um proprietário rural não vende um imóvel, um apartamento, para aplicar nas plantações? b) quando tem lucro, o empresário rural o põe no bolso, mas, se tem prejuízo, procura o Governo; c) o êxito das plantações depende das condições do tempo, das terras e do próprio cuidado do lavrador; d) o nível de reivindicações dos empresários rurais é crescente, e eles não querem tirar dinheiro do próprio bolso para financiar as plantações; e) a agricultura continuará sendo a grande prioridade de seu Governo, decidido a prosseguir o seu programa de reforma agrária, com a distribuição prevista de 130 mil títulos de propriedade, em 1981; f) em 1974, Alysson Paulinelli sugeriu aos produtores que vendessem a soja, cotada então a US\$ 80 por tonelada; logo após, a cotação subiu para US\$ 120 e, em razão disso, houve o grande desastre eleitoral...

Roberto de Abreu Sodré, ex-governador do Estado de São Paulo e presidente do recém-constituído Conselho Nacional do Café, depois de um bom período de aparente distanciamento de atividades públicas, voltou com tudo e já motivou resposta áspere de um ministro de Estado, o sr. Camilo Pena, da Indústria e Comércio. Em documento que enviou ao Governo, com críticas ao



IBC e à política governamental para o café, resultado de reunião havida em dezembro último, em Londrina, PR, Sodré manifestou-se pessoalmente propenso a arrancar seus cafezais para plantar capim em seu lugar, o que desagradou o titular da pasta. O revide de Sodré veio no tom peculiar do ex-governador, ponderado e quarentão, cobrando inclusive de Camilo Pena resposta a manifestação feita anteriormente, com sugestões para o norteamericano da ação governamental em relação ao produto.

Israel Sverner foi eleito, no final de outubro último, novo presidente da Associação Brasileira de Criadores de Marchigiana, com mandato até 30 de setembro de 1983. E, como primeira medida, já definiu que, na primeira quarta-feira de cada mês, a associação se reúne, em sua sede, às 10 horas, em sessão franqueada a todos os sócios. Juntamente com Israel, compõem a nova diretoria da ABCM Nelson Almeida de Andrade, vice-presidente; Paulo Peltier de Queiroz Júnior e José Cláudio de Abreu, secretários, e José Ricardo Resek e Walter de Oliveira, tesoureiros. Juntamente com a eleição da nova diretoria, foram escolhidos os membros do Conselho Fiscal da entidade, que agora passa a ter a seguinte constituição: Agnaldo Mendes Bezerra, Adriano Massari, Horst Eckshmidt, José Garcia Molina e Renato Ornetto, titulares, e Domingos Giudi, Fortunato Purchio Neto e Joaquim José M. Soares, suplentes.

Arnaldo Mendes de Oliveira, um dos líderes pecuaristas da região de Marília, SP, não perdeu a oportunidade da visita do secretário Afif Domingues à EXAMAR-80

e, como muitos outros representantes da classe, também insistiu na necessidade de maior apoio oficial às atividades criatórias. Uma das sugestões de Arnaldo ao secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado foi a inclusão da EXAMAR (a mais recente foi em agosto do ano passado) no calendário oficial das exposições do Estado.



Hans Lautenschlager, um engenheiro químico que já exerceu a presidência da BASF Corporation, dos EUA, no período de 1964 a 1970, e foi diretor da Área Química da BASF AG, na Alemanha, e também responsável pela Divisão Latino-Americana da empresa, no período de 1976 a 1980, assumiu, no final do ano passado, a presidência da BASF Brasileira e da Glasurit do Brasil. Em sua posse, declarou que, até 1985, a organização fará investimentos da ordem de 1 bilhão de marcos (acima de Cr\$ 30 bilhões) no país, o dobro do que a BASF já aplicou até hoje no Brasil, "apesar de todos os problemas que afligem o país, neste momento, e que serão em breve superados". Lautenschlager substituiu Hans Reinack, que, durante os últimos cinco anos, foi o presidente da organização alemã no Brasil, e agora retorna ao seu país de origem. O Brasil é o segundo pólo de investimentos do Grupo BASF, fora da Europa, só superado pelos EUA, e as vendas físicas da organização brasileira, em 1980, acusaram um crescimento de 10% sobre o ano anterior. O faturamento líquido estava sendo estimado em Cr\$ 20 bilhões, com exportações da ordem de US\$ 10 milhões.

RS quer sua colza orientada

O Rio Grande do Sul vai adotar oficialmente a colza como cultura a ser explorada de forma organizada com apoio declarado da Secretaria da Agricultura. Isso porque o Comitê da Colza, que acompanhou tecnicamente várias lavouras, em diversos municípios gaúchos, concluiu que os primeiros índices de produtividade alcançados são "muitos bons" e, ademais, o óleo de colza figura entre os produtos vegetais com condições técnicas e econômicas para, em curto prazo, atender as necessidades de substituição de óleo diesel.

Essas informações foram dadas pelo engenheiro agrônomo Nídio Bardi, coordenador do Comitê e técnico da SA gaúcha. Segundo ele, os resultados positivos alcançados já permitem que, a partir deste mês, a Secretaria abra oficialmente o seu programa de estímulo à exploração, difundindo instruções a respeito do cultivo entre os agricultores.

A colza é lavoura alternativa para o inverno, aproveitando a mesma infraestrutura do trigo e da soja: os rendimentos obtidos no RS variaram entre 900 a 2.400 kg por hectare de grãos, nos municípios de Santa Rosa, Três de Maio, Não Me Toques, Rio Pardo e outros que cultivaram a colza em lavouras de 20 até 90 hec-

tares. No entanto, a nível experimental se obtiveram rendimentos de até 2.700 kg por hectare plantado, especialmente face à resposta positiva quando a adubação nitrogenada foi feita em cobertura, imediatamente antes do início da emissão da haste floral.

Quanto às possibilidades da colza como alternativa para o óleo diesel, ela e o dendê foram considerados os produtos vegetais com melhores perspectivas pelo I Encontro sobre Tecnologia de Óleos Vegetais Combustíveis, realizado recentemente em São Bernardo do Campo, SP. Para sua maior disseminação, segundo Barni, resta solucionar apenas algumas dificuldades relacionadas com a tecnologia de cultivo, especialmente sobre perdas na colheita. No entanto, o técnico recomenda cautela aos lavradores que se iniciarem na produção da oleaginosa, cultivando pequenas áreas e buscando assistência técnica para se familiarizarem com a nova cultura.

Marchigiana confirma seu encontro

Está confirmada para o dia 28 de fevereiro próximo a realização do V Encontro Nacional dos Criadores de Marchigiana, a efetivar-se na Fazenda Quatro Irmãos, de Otávio Antônio Pedriali e Lauro Garcia Molina, em Umuarama, PR. Do programa já estabelecido, além da vi-



Cruzamento Marchigiana com Nelore já provou bons resultados.

sita às instalações da propriedade e apreciação sobre o comportamento de seu gado, constam palestras a cargo do prof. João Soares Veiga, superintendente técnico da associação dos criadores da raça, e Aureliano Menarim Júnior, o primeiro discorrendo sobre as possibilidades do Marchigiana em cruzamentos industriais e o segundo relatando resultados do programa de transplante de embriões, de que a fazenda é pioneira no país, dentro da raça.

Pedriali e Garcia Molina estão desenvolvendo trabalho de transferência de embriões de seus animais, já tendo nascido, em 17 de setembro do ano passado a primeira bezerre, "Prima Dona da Quatro Irmãos", uma PO Marchigiana. Vários outros produtos estão sendo esperados, pois já existem diversas vacas receptoras prenhes na fazenda paraense.

Criadores e técnicos que já confirmaram sua participação no encontro devem aproveitar a ida a Umuarama para uma visita turística a Sete Quedas e Guaíra, antes de seu retorno a São Paulo.

Álcool também virá do bambuzal?

Em São Paulo, os pesquisadores Tobias José Barreto de Menezes, do Instituto de Tecnologia de Alimentos, e Anílio Azzi, do Instituto Agrônomo desenvolveram um processo que torna viável a produção industrial de álcool a partir do bambu. Resultado de pesquisa que venceu o recente concurso para premiar o inventor brasileiro, o processo de extração do álcool de bambu, segundo seus idealizadores, é semelhante aos da madeira e mandioca, mas, devido à grande concentração de carboidratos finais, o colmo (tronco) do bambu apresenta um aproveitamento de cerca de 80%, com rendimento superior a qualquer outra fonte vegetal de energia, inclusive a cana-de-açúcar.

No entanto, o bambu apresenta a desvantagem de não possuir açúcares que permitam uma fermentação direta, o que implica na necessidade de um processamento industrial mais complexo. Embora o custo do equipamento tenda a ser mais alto que o da cana, os pesquisadores paulistas entendem que essa desvantagem poderá ser compensada pelo maior rendimento do bambu em etanol (ver o quadro comparativo).

Calcula-se que serão necessários ainda mais dois anos para concluir os estudos que definam se há mais dúvidas a viabilidade da exploração do bambu.

Fonte	Rendimento em álcool	
	l/t/ano	l/ha/ano
Cana-de-açúcar	67	3.015
Mandioca	100	2.160
Sorgo	55	1.925
Babaçu	80	800
Batata doce	125	1.875
Bambu	340	6.800

Fonte: Ital

bu como fonte para o etanol. E a Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo já se está movimentando para conseguir recursos do Pró-Álcool para agilizar as pesquisas.

INDICAÇÕES

Os estudos de Azzini e Menezes se basearam nas duas espécies mais comuns de bambu (*Bambusa vulgaris* e *Bambusa tuloides*), que apresentam grande quantidade de carboidratos e baixo florescimento e frutificação. No entanto, eles admitem que pouco se sabe no país sobre o vegetal e estudarão outras variedades existentes, antes de buscar desenvolver cultivares geneticamente melhorados.

Até aqui, o bambu já vem apresentando porém, uma série de vantagens sobre a madeira, especialmente porque a lignina - que é um sério obstáculo à transformação por enzimas - está presente em quantidade bem menores no bambu do que na madeira. Além disso, o bambu é de fácil cultivo, adaptando-se praticamente em qualquer tipo de solo, acidificado e com baixa fertilidade. É pouco exigente em insumos e tratamentos culturais e, principal-

mente, rebrota sucessivamente, sem necessidade de replantio, ao contrário da cana e da madeira, que oferecem número limitado de cortes.

A quantas anda a nossa sofrida agricultura

Arroz e milho são produtos que vêm sendo importados largamente pelo país nos últimos meses. E o Brasil já foi exportador de ambos. A Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo está anunciando como vitória de Grupo de Trabalho ligado ao gabinete do titular, Guilherme Afif, a exportação prevista de 10 mil toneladas de cebola, das quais 80 já embarcadas pelo porto de Santos, com destino ao Chile, com o produto procedente de Piedade, no Sul do Estado. Várias empresas estão importando coco da Bahia, e o produto tem de ser buscado em países africanos, pois a produção nacional vem-se mostrando insuficiente para as necessidades internas, debitando-se à destruição dos coqueiros da orla nordestina a culpa pela queda de

Búfalo espera recursos para apoio

A Associação Brasileira dos Criadores de Búfalos (presidente é Nelson Baeta Neves) está pleiteando do Governo federal a aplicação de recursos da ordem de Cr\$ 2,6 bilhões num prazo de cinco anos, para desenvolvimento de um programa de apoio à criação desses animais. O montante tomou como ba-

se o preço médio de uma matriz bubalina (Cr\$ 40 mil) e a taxa de crescimento anual do rebanho (65 mil fêmeas por ano), permitindo-se, com os recursos pedidos, atender a 20% das necessidades creditícias do setor.

Para Baeta Neves, o estímulo à bubalinocultura tem grande importância econômico-social, "porque os recursos atingirão necessariamente as regiões mais carentes do país, já que metade do rebanho está localizada na Amazônia, 14% no Nordeste e 12% no Centro-Oeste". Além disso, destaca o presidente da ABCB, os búfalos são menos concorrentes à alimentação humana que os bovinos, consomem quase todos os tipos de massa vegetal, seca ou verde e apresentam um alto grau de conversão alimentar. Em sua opinião, a bubalinocultura poderia integrar-se também ao Pro-álcool, porque os bubalinos têm a capacidade de consumir os resíduos da colheita de cana, mesmo depois da queima, quando o subproduto se torna tóxico para outras espécies animais.

produção. As importações de frutas continuam elevadas, e de Cr\$ 4,61 bilhões despendidos pelo país, nesse item, durante o ano de 1979, só a maçã participou com Cr\$ 2,59 bilhões dos gastos. Alho e batata (esta inclusive para consumo direto) continuaram na pauta das compras externas brasileiras, como vem sendo hábito, o mesmo acontecendo com o leite em pó. Das previsões do Ministério da Agricultura para 1981 consta a auto-suficiência na produção nacional de feijão, arroz, milho e batata, redução nas compras externas de alho e frutas. E, sem muita convicção, se espera que, neste ano, a produção de leite ofereça excedentes estocáveis, em volume suficiente para suprir as necessidades do período de entressafra.



Vantagem do búfalo é não competir com o homem pela sua alimentação.

Fazendeiros de todo

HUASCAR

Um espectro ronda o país — o espectro da demagogia!

Na sedução do eleitorado, no falso populismo das soluções à procura de IBOPE, a agropecuária brasileira está sendo sacrificada no altar do marxismo, em holocausto ao câncer econômico das grandes empresas capitalistas. É a lei trabalhista rural, feita no tapa, de qualquer jeito, cujo objetivo real é a liberação de mão-de-obra no campo para alimentar os contingentes de semi-escravos das grandes indústrias do Sudeste brasileiro. Objetivo sórdido, porém que se integra perfeitamente dentro da política caolha de urbanização e industrialização a qualquer preço. Preço este que pode se revelar alto demais, se considerarmos todas as repercussões sociais e econômicas do tremendo êxodo rural que é sua consequência direta.

Como teoria, o marxismo já começou a cair do galho com o próprio Marx, que declarou peremptoriamente que não era marxista. Caindo no agrado de intelectualóides de esquerda, foi finalmente testado no grande laboratório vivo da União Soviética, produzindo o regime mais autocrático e opressor de todos os séculos, com ambição imperialista de fazer sombra a todos os napoleões da história. Hoje, o marxismo encontra-se questionado pelos próprios operários, a quem prometera o céu na terra, como é o caso na Polônia, onde o comunismo só é mantido no poder pelos tanques do exército vermelho.

No entanto, no Brasil, onde a evolução social, econômica e política se arrasta com um atraso de pelo menos cem anos, o marxismo ainda se encontra cristalizado em uma série de crimes contra a classe rural, apelidado de lei trabalhista rural.

Em um mundo que é cada vez mais Friedman e menos Marx, os cartolas de Brasília ainda não descobriram que, embora aceitável como crítica ao capitalismo do século passado, como norma de conduta e técnica de desenvolvimento o marxismo só tem produzido fracassos e injustiças. Mais uma prova disto é esta famigerada lei trabalhista rural, toda ela inspirada na luta de classes, conceito fundamental do marxismo-leninismo. Seu texto inteiro é uma consagração da premissa vermelha de que empregados e patrões não passam de inimigos irreconciliáveis.

Nada mais afastado da realidade brasileira, porque baseado em modelos econômico-sociais de outras épocas, de outros países e de outros contextos. É o pecado da marginalização, de que nos fala o sociólogo Oliveira Vianna: uma espécie de entreguismo intelectual, em que antolhos de erudição correm uma cortina sobre a realidade nacional, gerando distorções dramáticas como a lei em pauta. Provavelmente os irresponsáveis autores desta lei trabalhista, trabalhando no aconchego de seus

escritórios atapetados, com ar condicionado, jamais puseram os pés em uma fazenda. Prova disto é que ignoraram o que existia de mais típico no meio rural brasileiro: o fazendeiro e seu companheiro de lutas, jamais seu inimigo, o agregado!

Os fazendeiros, donos de verdadeiros minimpérios, foram os verdadeiros bandeirantes deste imenso Brasil, e os agregados, sempre a seu lado, seus sócios indispensáveis. Em que pese todas as críticas a este tipo de relação empregador-empregado, pergunta-se: depois de tantos anos de "conquistas" das leis trabalhistas, estão os agregados em melhor situação que antes?

Claro que não! Antigamente os agregados viviam em um mundo onde o dinheiro não era importante, pois tinham tudo que precisavam. Só precisavam dele para comprar sal e tecidos. O resto tinham na fazenda que, antigamente, era símbolo de fartura. Proteínas, que constituem o melhor dos alimentos, nunca faltavam à mesa dos trabalhadores: frangos, ovos, carne suína e bovina, leite, queijo e requeijão, além de animais de caça. O feijão, plantado ali mesmo, estava sempre presente, e as vitaminas e os minerais compareciam nas frutas e nas verduras, apanhadas na horta ou no mato. Faltava-lhes, é fato, assistência médica, porém raramente adoeciam, porque se alimentavam com produtos integrais e saudáveis. As relações entre o fazendeiro e o agregado eram cordiais, mais de simbiose que de parasitismo, com muitas festas e trocas de presentes. Frequentemente, os agregados passavam a fazer parte da família do fazendeiro, através da belíssima instituição do "compadrio". O sistema de remuneração, transcendendo o esquema monetário, era o da renda, da terça ou da meia. Com o tempo, os agregados formavam um rebanho, o qual era trocado por uma gleba, iniciando-se assim mais um fazendeiro.

Depois da imposição de leis trabalhistas inteiramente estranhas ao meio rural, os fazendeiros, contra a vontade, e com grande prejuízo pessoal, foram obrigados a expulsar de suas terras seus antigos amigos, que agora, de repente, passaram a esquecer suas obrigações e a só se lembrarem de seus direitos. Só foram mantidos uns poucos empregados, o mínimo possível, pois, agora, cada um deles passou a representar um perigo em potencial, uma verdadeira espada de Dâmocles sobre os ombros surrados dos fazendeiros.

Hoje, graças às tão apregoadas "conquistas" das leis trabalhistas rurais, e maior parte dos antigos agregados são virtuais escravos das grandes indústrias do Sudeste brasileiro, quando não lotam as favelas das grandes concentrações urbanas, em condições muito piores que antes, vivendo de biscates e morrendo da mendicância, da criminalidade ou do tráfico e consumo de drogas. Caíram vítimas

da escravidão do sistema monetário. Em vez de frango, ovos, leite, frutas e verduras, consomem produtos das grandes multinacionais de alimentos, estragando seu organismo com carboidratos vazios como pão, macarrão, biscoitos, doces, arroz beneficiado e outras porcas. Para matar a saudade daquela sensação de saúde irradiante que sentiam na roça, recorrem ao cafezinho, ao cigarro, à cachaca e à maconha. Passam a sofrer todos tipos de doenças carenciais e infecciosas. Para receberem atendimento médico têm que passar noites nas filas do INAMPS, como se fossem flagelados do Nordeste, o que, em última análise, são. Coroando sua desgraça, nem estágios caem nas mãos de uma classe médica que se transformou apenas em mais extensão do departamento de marketing das multinacionais produtoras de drogas. Em vez de cuidarem da verdadeira causa, que é a carência alimentar, diagnosticam doenças de "nervos" e receitam perigosos psicofármacos, que vão acabar com o restinho de saúde que porventura ainda tenham.

Segundo o economês de Brasília, todas as desgraças nada mais são que a "insuficiência" das populações rurais ao contexto econômico. Como monotonamente acontece com as interferências de Brasília no processo econômico, perdem os brasileiros e ganham as multinacionais. De mão-beijada, as fábricas de alimentos ganham assim um mercado mórbido de alimentos ultra-processados e seus companheiros inseparáveis, os medicamentos de toda ordem.

E os agregados que ficaram? Quais foram suas "conquistas"? Muito simples: graças às leis trabalhistas, ganharam o direito à escravidão do sistema de "bóias-frias"! De madrugada são amontoados em caminhões, com porcos, e levados ao serviço, onde com suas marmitas frias de arroz, macarrão e um pouco de colorau para tapiar. À tarde voltam para seus barracos miseráveis, onde penam pobreza mil vezes pior que antes tais "conquistas". Como também "foram" incorporados ao contexto econômico, também na escravidão monetária, ou seja, não têm o direito a um salário mínimo, não dá nem para morrer de fome. Fatalmente adoecem. Ai ganham o direito a um PIS RURAL que não funciona. Como não dispõem de recursos para procurar médicos particulares (sorte deles!), são obrigados a recorrerem a remédios do mato, a garrafadas ou centros espíritas, que proliferam em proporção inversa ao fracasso da classe médica, e poucos que sobrevivem poderão aspirar sua última "conquista" trabalhista: aposentadoria com metade do salário mínimo!

É óbvio que nem todos os fazendeiros são bons, como nem todos os empregados são ruins. Porém, se os autores da lei trabalhista rural tivessem mais inteligência e mais

Brasil, uni-vos!

VALLE

intencões, teriam procurado preservar a estrutura social-econômica existente, com leis que premiassem os bons fazendeiros e os bons empregados, e castigassem os maus. No entanto, a horrível lei atual trata os fazendeiros como verdadeiros facínoras, tiranos, exploradores dos coitadinhos dos empregados, verdadeiros anjinhos sem asa. Seu objetivo acintoso é arrancar dos patrões e dar aos empregados, de acordo com os sagrados ensinamentos do mestre Marx. Pura demagogia, própria dos inocentes úteis a serviço do imperialismo vermelho, obedecendo ao princípio básico da luta leninista: "quanto pior, melhor!" Desmoronando toda a estrutura agrícola nacional, estas leis cumpriram suas finalidades demoníacas. Com o amém de Brasília, naturalmente.

Estão de parabéns, portanto, os tecnocratas pelagianos, que conseguiram, de uma tacada só, liquidar com os fazendeiros e com os empregados, matando os primeiros de valva e os segundos de fome. O cenário está pronto, como desejavam, para a tomada final das áreas rurais pelas grandes companhias, pelos bancos e pelas multinacionais. Segundo informações do INCRA, 10% destas áreas já pertencem a estrangeiros. Isto é apenas o começo. Com os novos impostos progressivos do IBCRA, os poucos fazendeiros que restam serão obrigados a vender suas terras, advinha para quem? Para os bancos, as grandes companhias e as multinacionais, naturalmente. É a lei trabalhista em ação. São as "conquistas" da classe trabalhadora! Chegamos, assim, ao absurdo dos absurdos: uma lei trabalhista, inspirada nos princípios básicos do marxismo, a serviço da penetração das grandes trustes econômicas. Tãmanha bagunça só poderia acontecer no Brasil, o país do jeitinho e do carnaval permanente!

Prova do absoluto desceio e falta de responsabilidade com que foi tratado o problema rural é o fato de que, de verdade, não temos uma lei trabalhista rural. O que existe é uma leizinha vagabunda de poucas páginas, e a recomendação de que se aplique, no campo, a CLT, uma codificação exclusivamente urbana. O pior é que não existem no horizonte sinais que as coisas vão melhorar. Dentro da demagogia ministerial que se implantou entre nós (com poucas e honrosas exceções), tudo indica que o que podemos esperar é mais demagogia, mais espoliação do que resta das classes produtoras e mais entreguismo. Quem for esperto deve vender logo suas propriedades rurais e aplicar o dinheiro em especulações na Bolsa, em negociações ou em imóveis. É bom ir-se acostumando de uma vez à dieta futura do brasileiro: açafrão da Bolsa ao molho párd, temperado no caldo de open-market; sopa de cheques-visados roll, com maionese de títulos ao portador, tudo isto re-

gado com herbicidas de pré-emergência, ao molho de DOT e BNC.

O que caracteriza nossa lei trabalhista rural como demagógica é o fato de que, aparentemente, protege o trabalhador rural, mas, de fato, aniquila de uma vez tanto com a classe dos empregadores quanto dos empregados. Como disse o pensador Samuel Gompers: "O maior crime contra a classe trabalhadora é uma empresa que não dá lucro". Aniquilando os fazendeiros, tirando deles o que eles não têm, transformando sua vida em um inferno, em nada contribui para a classe trabalhadora, pois sem patrões não existem empregos. O êxodo rural e o aniquilamento de toda a classe são inevitáveis.

A lei trabalhista rural é tão complexa que qualquer fazenda, por menor que seja, necessita de assistência de um contador. Muitos pequenos fazendeiros não podem arcar com estas despesas. Além disto, a mentalidade de um fazendeiro tradicional é avessa a leis e regulamentos, principalmente quando são confusos, indefinidos, cheios de referências e ambiguidades. Muitos fazendeiros preferiram vender suas fazendas a ter que decifrar o labirinto legal da maldade da lei trabalhista rural. Nem mesmo certos advogados e contadores a entendem, quanto mais os fazendeiros. Para as grandes firmas, entretanto, é um mané, pois facilita a instituição da semi-escravatura dos bóies-frias.

Procurando extrair do fazendeiro o que ele não tem, a lei trabalhista fez com que, no passar dos dias, os trabalhadores vão acumulando direitos e mais direitos, às vezes chegando ao cúmulo de o fazendeiro ter que vender a fazenda para pagar os tais direitos. Em outras palavras, um assalto, com a cumplicidade do Estado. Enquanto isto, o estado de direito foi com a veia para o brejo, pois, enquanto a Constituição diz que todos são iguais perante a lei, isto não acontece na lei trabalhista, em que o fazendeiro é revoltantemente discriminado. Por exemplo, ele tem apenas 30 dias para apresentar qualquer reclamação contra o empregado. Este, entretanto, tem dois anos após o encerramento do contrato de trabalho. Conforme o caso, o empregado pode efetuar a chantagem trabalhista até 20 ou 30 anos após o fato gerador do "direito". Outras obras-primas de burrice: se o patrão dá casa ao empregado, ele adquire um direito, em termos de indenização, pois o valor do aluguel é incorporado ao seu salário. Se dá fôrta, lenha, transporte, gratificações, horas extras habituais, participações nos lucros, culturas intercalares etc., também estará colocando pólvora no barril. Aos poucos a fazenda vai sendo hipotecada aos empregados, e deixando de ser sua. É o marxismo em ação, anulando até o direito de propriedade. O tiro sai pela culatra, entre-

tanto, pois, de fato, a lei proíbe ao patrão oferecer vantagens aos empregados, pois cada uma delas se transforma em verdadeira bomba-relógio. Defendendo-se da lei, os patrões partem para a mecanização, a fim de diminuir o quadro do pessoal. Indiferentes aos problemas sociais causados pela dispensa em massa de empregados, os cartolas de Brasília batem palmas, junto com as multinacionais produtoras de máquinas e de insumos "modernos". Como sempre, os estrangeiros levam a melhor.

Se a lei fosse bem intencionada, faria uma distinção entre pequenos fazendeiros e grandes (incluindo companhias). Os pequenos não têm condições de pagar décimo-terceiros, férias, indenizações. Dentro do achatamento dos preços dos produtos agrícolas manipulados pelo próprio Governo, muitos fazendeiros não estão conseguindo nem se manter, quanto mais arcar com despesas extras, sabendo-se que suas vacas jamais dão o décimo-terceiro feitel. A aplicação da lei urbana no contexto rural gera uma série de distorções. Por exemplo, como levanta de madrugada, o vaqueiro completa bem cedo suas 8 horas de serviço. Depois, fica sentado, à toa, olhando para o céu, em uma vagabundagem desconhecida nas fazendas de antigamente. Quem é que ganha com isto? Evidentemente a lei urbana prevê o tempo necessário para ir e voltar do serviço. Não é o caso na roça, mas ninguém quer saber disto. Outra distorção: como pode uma fazenda pequena dar folga ao vaqueiro no domingo? Quem vai tirar o leite?

Outra estupidez da lei rural, que inverte o preceito clássico de "in dubio pro reo", é o desastrado "in dubio pro misero". Conforme a doutrina marxista, implícita na lei trabalhista rural brasileira, o fazendeiro é um ladrão, e o empregado uma vítima, um coitadinho. Portanto, em caso de dúvida, o pobre tem razão. Mais um burrice brasileiro que inverteu o preceito clássico admitindo em todas as democracias do mundo, desde tempos imemoriais, que diz que "in dubio pro reo". Tãmanha inversão de valores, que procura dar razão ao empregado, mesmo quando é o mais sem-vergonha do mundo, só poderla dar no que dau: em muitas cidades do interior já surgiu uma nova profissão — as testemunhas profissionais! Mediante pequenas gargatas, testemunham qualquer coisa. E o patrão sempre sai perdendo. É a institucionalização da bandalheira e da falta de caráter. É o comunismo, no que ele tem de pior. Made in Brasília...

A demagogia aparente na lei trabalhista rural, entretanto, é uma farsa. Na verdade não passa de um instrumento de penetração nos campos dos grandes grupos econômicos, pois, de fato, prejudica mais os empregados que os patrões. Ao obedecer a lei, os patrões são literalmente forçados a negarem aos



empregados residências, ajuda alimentar, horas extras, transporte, gratificações, participações etc. E, se quiserem explorar o empregado, conforme a lei parece sugerir que o seu intento, basta segui-la ao pé da letra, fornecendo casa com desconto de 20% no ordenado. A inflação e a falta de poder aquisitivo da moeda brasileira encarregar-se-ão de liquidar com o empregado. Dentro da lei!

O que a estúpida lei trabalhista faz com as crianças é pior ainda. Demagogicamente cercand-as de excesso de proteção, transformou-as em verdadeiro tabu. Nenhum fazendeiro é idiota a ponto de contratar menores. Basta dizer que a prescrição de seus direitos não vence nunca! Por isto não vemos crianças trabalhando nas fazendas. Eles estão vagabundando nas ruas, jogando sinuca, colecionando figurinhas, prostituindo-se, dando os primeiros passos na senda do crime. Graças às leis de superproteção dos tecnocratas engravadas de Brasília! Se não fossem estas leis absurdas, em vez de vadiarem pelas ruas, os 16 milhões de crianças abandonadas que existem no Brasil poderiam ser absorvidos pelas fazendas, onde aprenderiam uma profissão útil, ao mesmo tempo aumentando a produção agrícola e pecuária, de que tanto precisamos. E diminuindo o contingente do crime das grandes cidades.

Como mais uma atração do Festival da Burrice Nacional, os cartolas de Brasília frequentemente anunciam planos de fixação do homem ao campo, do tipo esmola, muito ao gosto de ministros: gastando muito dinheiro, fazendo um estardalhaço dos diabos, e não

resolvendo coisa alguma nenhuma. Nenhuma medida obterá resultados se não for completamente mudada a atual lei trabalhista rural. Basta mudá-la, de maneira inteligente, que a construção de residências não será necessária, pois os próprios fazendeiros disto se encarregarão, desde que tenham a certeza de não estarem alimentando cobras.

Há séculos, os brasileiros têm sido conhecidos como "macaquitos", devido à sua mania de imitar outros povos. O pior é que temos a mania de imitar só o que têm de ruim. Se copiássemos as virtudes dos Estados Unidos, da Inglaterra, do Canadá, da China, do Japão, da própria União Soviética, seríamos o maior país do mundo, pois não nos faltam recursos para tanto. Entretanto, tiramos de cada um destes países o que têm de pior. Por exemplo, estamos aí com um regime político que não é democracia, não é ditadura, não é nada. Quando muito, poderia ser chamado de **confiscalismo**, como sugeriu Joelmir Betting.

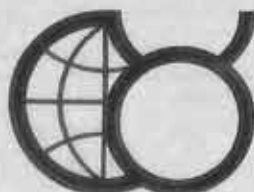
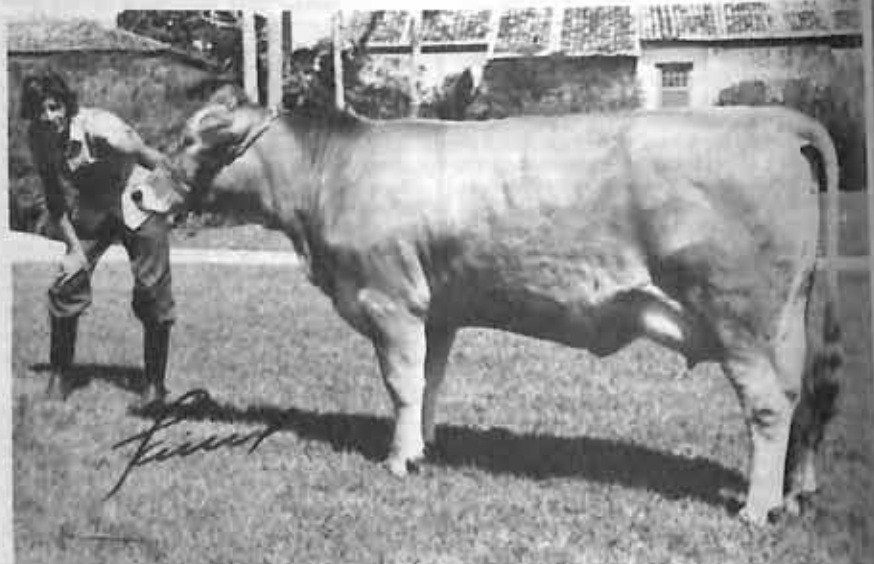
Nossa legislação trabalhista, conforme demonstramos, é uma seleção do que pior existe em termos de comunismo e de capitalismo. Para resolver o problema do campo, o Governo quer destruir o que existe, introduzindo no campo grupos étnicos e econômicos estranhos, condenando os brasileiros à miséria e proporcionando todas as vantagens aos estrangeiros. Por isto, não é de se admirar que, com o maior potencial agrícola dentre todas as nações, estejamos importando (em vez de exportar) carne, leite, queijos, feijão, borracha, frutas, trigo e até batatinha. Como

disse David Nasser, devíamos importar vergonha!

Temos que reconhecer, no entanto, que grande parte do fracasso da agropecuária no Brasil é culpa dos próprios fazendeiros. Por indole, os homens do campo mantêm-se afastados dos centros nacionais de decisão. Banqueiros, comerciantes, industriais e, principalmente, os gringos, vivem na cola dos cartolas de Brasília. Às vezes, chegam até a ocupar ministérios. Houve o caso de um ministro que passou muitos anos destruindo a pecuária e fazendo a cama para as multinacionais. Quando saiu ganhou até um rígido presente de um dos bancos detentores de grande parcela da dívida externa nacional. Houve um outro que, por não ser mineiro, resolveu proibir Minas de fabricar cimento. Como resultado, agora estamos importando cimento! Os fazendeiros agem como se o melhor caminho fosse trabalhar em silêncio. Ledo engano. Se continuarmos calados, a tendência é piorar, embora pareça difícil ficar pior do que está. Por isto, precisamos gritar, por a boca no mundo, denunciar os erros e as burrices. Obedecer ao Presidente Figueiredo, para quem constitui obrigação de todos os cidadãos "não calar diante do sofrimento e da iniquidade".

Portanto, fazendeiros de todo o Brasil, unidos. Uní-vos no berro e no protesto, pois novas leis estão em elaboração, e se a classe não se unir e protestar, serão ainda mais destruidoras do que as que aí estão. Não podemos correr o risco de subestimar o poder asneirífero de Brasília! ●

PARDO SUÍÇO



**Agropecuária Suíço-
Brasileira Ltda.**

Fazenda Sant'Ana
Cx. Postal 5 — 13.130 — Sousas — SP
Campinas, SP — Telefone: 52-2070

**Representante exclusivo da Comissão das
Associações Suíças de Criadores, Borna**

GERÊNCIA DE REBANHO LEITEIRO

"Eficiência tecnológica no campo"

BATEC GERENCIA DO REBANHO LEITEIRO PÁGINA 001
FAZENDA SANTA FRANCISCA DO CAMANDUCAIA DATA 15/12/80
RVC - RELACAO DOS ANIMAIS CADASTRADOS ORDEM ALFABETICA

NOME DO ANIMAL	BRINCO	RACA	G.S.	SEXO	CODIGO	RS.ASSOC	ULTIMO	EVENTO	EVENTO PREVISTO
BOLA	0155	HPB	SCI	F	110	P-34743			

BATEC GERENCIA DO REBANHO LEITEIRO PÁGINA 001
FAZENDA SANTA FRANCISCA DO CAMANDUCAIA DATA 30/12/80
REV - RELACAO DE EVENTOS OCORRIDOS COBERTURA E/OU INSEMINACOES PERIODO DE 01/12/80 A 30/12/80

DATA DO EVENTO		DADOS DO ANIMAL					DADOS DO REPRODUTOR				
NOME	BRINCO	RS.ASSOC.	RACA	G.S.	CODIGO	REPET	NOME	RS.ASSOC.	CERTIF	COBERTURA	
						C I			SEMF	PRIMO G.S.	
15/12/80	137 M IEF	0430	SP-90366	HPB	PCD	160	0	1	TRUD	A-17.181	29670
16/12/80	COMESSA	0005	8-56903	HPB	PON	170	0	1	VERT	AGUARD	DECIADO

BATEC GERENCIA DO REBANHO LEITEIRO PÁGINA 001
FAZENDA SANTA FRANCISCA DO CAMANDUCAIA DATA 30/12/80
FVG - FOLHA PARA VERIFICACAO DE GESTACAO PERIODO DE 15/12/80 A 15/01/81

NOME DO ANIMAL	BRINCO	RS.ASSOC.	G.S.	INAME	REPET	ULTIMA	ST	COBERT	DO
				AA-MM	C I	CON/INS	OGN		
AGRELA	0706	SP-71291	PCD	08-10	0	0	06/09/80		

BATEC GERENCIA DO REBANHO LEITEIRO PÁGINA 001
FAZENDA SANTA FRANCISCA DO CAMANDUCAIA DATA 31/12/80
RPR - CONTROLE DE PRODUCAO PERIODO DE 01/12/80 A 31/12/80

WCA	BRINCO	RACA	RS	INAME	MM	COD MM	REDA/DIA	PRODUCAO PAREIA	PRODUCAO VITALICIA
				AA-MM	LAC			01V ORD LEIT GORD DIAS LEITE GORD	DIAS LEITE GORD
PAI	RESER T. TO.	DATA COBERTURA							
RAE	PORTUACAO	DATA DE CAFE							
REG. ASSOCIACAO	CODIGO	DATA PARTICIP							
RAE	0064	HPB	POI						
DOUBLY TRIUNE		27/12/80							
JAY J	00	06/08/81							
9-39.933		06/10/81	06-04	03			2	26+1 3+2 153 3996 179 3+7	780 14077 431 3+1
ARA	0054	HPB	PON						
		06/12/80							
		15/07/81							

Os Sistemas computacionais para a gerência de rebanhos desenvolvidos pelo BATEC, tornaram, enfim, acessíveis também aos pecuaristas aquele suporte tecnológico, sem o qual, hoje, as empresas industriais, comerciais e de serviços não mais poderiam operar competitivamente. Os Sistemas viabilizam o controle do manejo dos animais, compreendendo assim sua alimentação, produção, reprodução e sanidade. O "GERELE", específico para rebanhos leiteiros, permite, inclusive, um planejamento e, por conseguinte, a programação das melhorias desejadas.

Aquí na Santa Francisca os primeiros efeitos do uso desta nova ferramenta já se fazem sentir. Dé-nos o prazer de sua visita e constate pessoalmente suas vantagens e a conveniência da aplicação em sua propriedade. Propaganda do BATEC: Sem dúvida! Mas principalmente de nosso irredutível empenho em evoluir pelo emprego de melhor tecnologia.



Bebedouro e cocho de fibra de vidro



Indicando-se para bovinos, eqüinos, ovinos e caprinos, graças a sua possibilidade de regulação na altura, o bebedouro-cocho semicilíndrico é construído em fibra de vidro, resistente e leve, (10 kg), facilitando o transporte. O bebedouro e o cocho têm a caçamba de igual formato, com dois canos de 10 cm de diâmetro incorporados a cada uma das cabeceiras, que se acoplam a dois tocos de mourão roliços, fixados ao solo. O cocho dispõe de divisões internas, para colocação de sal e ração. O bebedouro é dotado de uma bóia reguladora do fluxo da água, colocada de um dos lados e resguardada por uma proteção que evita danos pelos animais. **Edra do Brasil Indústria e Comércio Ltda., estrada estadual SP-191, caixa postal 134, Rio Claro, SP.**

Um laboratório portátil para o campo

Recomendado pelo fabricante como ideal pa-

ra fazendas, cooperativas, escolas técnicas, universidades, laboratórios particulares etc., o Laboratório de Solos e Fertilizantes reúne vários aparelhos num único móvel. Realiza análises de solo, avaliando o seu pH e teores de fósforo, matéria orgânica, alumínio, cálcio, magnésio, potássio, bem como de fertilizantes nitrogenado, fósforo solúvel em água e em ácido nítrico, e potássio. Também é apresentado em modelo especial, para fazendas de menor porte, e com versões opcionais para micronutrientes, análise foliar, calcário e águas. A manutenção dos aparelhos é feita através de módulos substituíveis, com garantia de cinco anos. **Hoffel Científica Brasileira, rua Dr. Antônio Bento, 450, São Paulo, SP.**

Calendário destaca arte de brasileiros



Para distribuição gratuita a seus clientes, a BASF lançou no final do ano passado, pelo décimo primeiro ano consecutivo, o seu calendário anual, agora tendo como tema o quadro "As Lavadeiras", do pintor paulista Aécio de Andrade. A iniciativa,

que visa a divulgar o trabalho de artistas brasileiros, teve início em 1971, com a artista Raquel Kabinha. **BASF Brasileira, av. São Luiz, 86, 7.º andar, São Paulo, SP.**

Os feitos da Olvebra em seus 25 anos

Classificada como a primeira empresa gaúcha e a segunda do país, em exportação de soja, a Olvebra completou, no final do ano passado, 25 anos de atividades. Suas fábricas, hoje, somam uma capacidade de esmagamento de 5.000 toneladas diárias, ocupando uma área superior a 500 mil metros quadrados, com 1.600 empregados, em Pelotas, Lajeado e Santa Rosa, além do complexo industrial de Gaúiba, no Rio Grande do Sul. Nessa última unidade, funciona também a fábrica de extrato hidrossolúvel de soja integral (leite de soja em pó), que produz 20 mil toneladas anuais de proteicos de soja. A previsão do Grupo é que, em 1980, seu faturamento tenha alcançado a casa dos Cr\$ 16 bilhões. **Olvebra S.A. Indústria e Comércio de Óleos Vegetais, praça Oswaldo Cruz, 15, 16.º andar, Porto Alegre, RS.**

Grades para aração da CIVEMASA

As grades aradoras GVCF, com 14 a 24 discos de 24 a 26 polegadas são providas de conjunto de rodas com pneus, acionadas pelo operador diretamente da cabine do trator, o que facilita o seu comando e transporte. Sua utilização é para tratores de pneus na faixa de 90 a 130 HP de potência no motor. São equipadas com mancais de rolamentos, com lubrificação permanente a banho de óleo, sistema que dispensa a lubrificação diária à graxa. **CIVEMASA S.A. Indústria e Comércio, caixa postal 113, Araras, SP.**





Resultados do Serviço de Controle Leiteiro em setembro de 80

WALTER C. BATTISTON

Foram 755 as vacas com controle encerrado no mês de setembro do ano passado; delas, 69, ou 9,3%, foram mantidas em regime de três ordenhas. Na divisão de até 365 dias permaneceram 329 animais, ou 43,6% do total; as demais permaneceram na divisão de até 305 dias.

Entre as onze raças ou variedades controladas, a Holandesa preta e branca sobrepunhou as demais, com 557 exemplares, equivalentes a 73,8% do total controlado; em segundo posto, apareceu a variedade vermelha e branca, com 124 animais, ou 16,5% do total. A raça Pituqueira, com 111 fêmeas, ou 14,7%, ocupou o terceiro lugar, seguindo-se-lhe a raça Gir, com 33 vacas, a Parda-Sulca, com 25, e a Jersey, com 23. Em segundo plano, colocaram-se a Simental, com 2 fêmeas, e a Flamengo, a Dinamarquesa e a Nelore com um animal cada uma. O tipo Girolando compareceu com um exemplar também.

REPRODUTORAS EMÉRITAS

Destacaram-se como Reprodutoras Eméritas, na raça Holandesa, variedade preta e branca, 6 vacas. De Joaquim Peixoto Rocha são quatro delas, todas em regime de três ordenhas: "J.P.R. Intitulada", com 4 anos e 3 meses, 6.487 e 239,4 kg de leite e gordura, respectivamente, em 278 dias, "J.P.R. Intrusa", com 4 anos e 2 meses, 5.626 e 221,7, em 281 dias, "J.P.R. Hectica", com 5 anos e 7 meses, 7.589 e 246,1 kg, em 279 dias, e "Las Losas Medalist Inês", com 5 anos e 5 meses, 5.614 e 220,2 kg, em 242 dias.

Em regime de duas ordenhas, apareceram quatro outras vacas: "Arapoti Linquinha Ilona" e "Dirk Emmie 1 de Camarê", ambas no Paraná, "Maria Elena 672 Diplomata Dominó" e "Jangada Maruja Jujuba Bootmaker". A primeira, aos 4 anos e 8 meses de idade, produziu 6.466 kg de leite e 206,0 de gordura; a outra paranaense, também em 305 dias, deu 8.640 e 317,1 kg, aos 10 anos e 4 meses. "Maria Elena 672 D. Diminó", aos 5 anos e 7 meses, produziu 5.901 e 199,1 kg, em 294 dias, enquanto que "Jangada Maruja Jujuba Bootmaker", aos 7 anos e 11 meses, deu 7.699 e 266,6 kg, em 282 dias.

No lote de variedade vermelha e branca, aparecem como Reprodutoras Eméritas três boas holandesas, a mais nova das quais, com 5 anos e 5 meses, foi "Marcila R.R.P. Betina's", que, em três ordenhas, produziu 8.397 e 282,9 kg em 306 dias. As demais foram "J.P. Romina Royal Red de Sta. Inês", com 8 anos e 5 meses, 5.225 e 203,6 kg, em 269 dias, e "Quadra Standart", com 12 anos e 2 meses, 5.321 e 175,4 kg, em 305 dias, ambas em regime de duas ordenhas.

A raça Jersey foi representada por "Sant'Ana Companheira 2.ª Marlu", que, aos 7 anos e 8 meses, produziu, em 305 dias, 5.135 e 196,4 kg.

Representando o tipo Girolando, "Aratinga Boa Vista", em 305 dias, produziu 5.033 e 166,0 kg, em duas ordenhas, aos 7 anos e 11 meses de idade.

"Bom Café Iolanda Alaric 1" foi a única Parda-Sulca e produziu, em 305

dias e duas ordenhas, 5.934 e 210,4 kg, aos 7 anos e 3 meses.

HOLANDESA PRETA E BRANCA

Os 433 exemplares da raça Holandesa preta e branca representaram 57,4% do total controlado e mais de 80,0% da raça. Em regime de três ordenhas permaneceram 37 vacas, (8,6%), das quais 8 em Livro de Escol (LE) e 10 (27,0%) em Livro de Mérito (LM); em duas ordenhas, ficaram outras 386 fêmeas, sendo 57 (14,4%) inscritas em LE e 94 (23,7%) em LM.

Em regime de três ordenhas, além das mencionadas 4 Reprodutoras Eméritas, em LE destacaram-se "A.F. Fortaleza Reforma", com 2 anos e 1 mês, 7.668 kg de leite e 240,0 de gordura, em 305 dias, e "Rocklin Elevation Leoda", um mês mais velha, com 6.221 e 211,1 kg, em 259 dias.

Inscrita em Livro de Mérito, a melhor delas, com 15.993 e 486,9 kg, em 365 dias, foi "33 Coroadas Maravilha Reflection", com 8 anos e 2 meses de idade.

Na classe AJ, com 2 anos e 4 meses, "Sonita da Pituca", obteve LM, dando, em 365 dias, 8.453 kg de leite e 303,2 de gordura.

"A.F. Fortaleza Palavra", aos 3 anos e 3 meses, deu 9.308 e 301,6 kg, e sua companheira, "A.F. Fortaleza Oculta", aos 4 anos e 11 meses e também em 365 dias, deu 9.411 e 358,9 kg.

Outra nova a obter LM, foi "Clinton C.A. Astrid Twin", que, aos 2 anos e 9 meses, produziu 7.256 e 239,6 kg em 365 dias.

Em regime de duas ordenhas, inscritas em LE, além das mencionadas como Reprodutoras Eméritas, destacaram-se diversos animais. "Arapoti Conde Sorais", com 2 anos e 2 meses, deu 6.388 e 235,4 kg, em 281 dias; "Aratinga Cayluna H 1 Victor", com 2 anos e 3 meses, 6.375 e 215,0 kg, em 281 dias, e "Ipanema Jaime Panoram", com 3 anos e 1 mês, 6.875 e 219,9 kg, em 305 dias.

"Mark's Hill Apostle Epot", com 3 anos e 11 meses, foi a melhor em LE na classe BS, com 7.816 e 265,9 kg, em 291 dias. Na mesma fazenda, encontra-se "Spring Belle Transmitt Greta", com 4 anos e 9 meses, 8.311 e 286,2 kg, em 281 dias.

Em Livro de Mérito, a mais nova foi "Judite Panorama", com 2 anos e 3 meses, dando 8.410 e 274,0 kg, em 365 dias.

Na classe CJ, com 4 anos e 3 meses, "A.B.E. Cor H. Prince 606" produziu, em 365 dias, 9.253 e 332,4 kg. "Ninhandia Latina Prince do Pau D'Alho", aos 4 anos e 10 meses, em 365 dias, 9.808 e 306,0 kg.

Entre as adultas, "Sinking Springs Smokey Setim", aos 5 anos e 1 mês, destacou-se com 11.047 e 344,9 kg.

"Jangada Odineia Jornada Maple", com 5 anos e 10 meses, também se destacou, dando 9.825 e 268,0 kg, em 365 dias.

HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Além das três Reprodutoras Eméritas, muitas outras também tiveram excelentes produções. Entre as que maior des-

taque apresentaram, 5, ou 22,7%, se inscreveram em LE e 9, ou 40,9%, em LM. Enquadrada em LE, a melhor foi "S.M.P. Jean Marquis Ned", que, aos 4 anos, produziu, em 305 dias, 6.850 e 250,9 kg. No lote mais novo, destacou-se "Sellcrest Chief Bubbles Red", com 2 anos e 3 meses, 6.083 e 168,3 kg, em 305 dias.

Colocadas no Livro de Mérito, chamaram a atenção "Duallyn Don Ann Dundid Red", com 2 anos e 5 meses, 7.915 e 289,4 kg, em 358 dias, e "Yursden Carajo Priscilla Red", com 2 anos e 2 meses, 7.717 e 246,0 kg, em 352 dias. Entretanto, a "vermelha" melhor de todas, em três ordenhas e também em LM, foi "S.J.T. Toro Nova 353", que, aos 8 anos e 9 meses, produziu, em 365 dias, 10.708 e 318,2 kg.

Em regime de duas ordenhas, das 102 vacas, 15, ou 14,8%, inscreveram-se em LE e 20, ou 19,6%, em LM. Nesse grupo, estão as mencionadas Reprodutoras Eméritas "Quadra Standart" e "J.P. Romina R. Red de Sta. Inez". Em LE, a melhor foi "Madrepérola Baby de S.A.", com 4 anos e 3 meses, dando, em 276 dias, 6.084 e 181,4 kg.

Recebendo LM, no lote das novas, encontra-se "S.N. Teodora 8 Centurion", que, aos 2 anos e 4 meses, destacou-se com 6.946 e 172,9 kg, em 291 dias. Outra boa "novilha" foi "Coroadá Cantora Adelaide's", que, aos 3 anos e 7 meses, deu, em 365 dias, 6.862 e 194,4 kg. Aos 4 anos e 10 meses, "Natalia Royal Corona" deu 7.823 e 206,9 kg; "Leme's Gola Duallyn Hirsch", dois meses mais nova, produziu 8.030 e 289,2 kg, também em 365 dias.

Na Classe Adulta, a mais produtiva foi "Mensagem Mauro", com 8.006 e 343,1 kg, em 358 dias, aos 10 anos e 10 meses de idade.

PARDO-SUIÇO

O lote Pardo-Suíço (Schwyz) foi formado por 2 animais em regime de três ordenhas, ambos de Minas Gerais, e 23

em duas ordenhas; entre estes encontra-se a Reprodutora Emérita "B.C. Iolanda Alaric I" e mais outras duas, a melhor das quais foi "E.S. Buroman Joan", que, aos 5 anos, deu 6.487 e 240,6 kg, em 305 dias.

Em LM chamou a atenção "Nelsland Dana", que deu em 335 dias, 7.665 e 233,8 kg, aos 6 anos e 3 meses. Outro promissor animal foi "S.C. Harpa Dorset", que, aos 2 anos e meio, produziu, em LM e 352 dias, 3.910 e 152,3 kg.

JERSEY

Os 23 bovinos Jersey foram mantidos em duas ordenhas, sendo 4 inscritos em LE (17,3%) e 3 (13,0%) em LM. Além da Reprodutora Emérita "S.A. Companhia 2.º Marlu", destacou-se em LE a meio-sangue "Independência Jeuitibá Rey", que, aos 4 anos e 10 meses, produziu, em 299 dias, 3.151 e 164,1 kg.

Em LM, os dois melhores exemplares foram "S.A. Harmoniosa 3.º Milton", com 8 anos e 2 meses, 4.224 e 183,9 kg, e "Naia Tio Pepe da Nova Quercência", com 2 anos e 7 meses, 3.267 e 191,1 kg, ambas em 305 dias.

PITANGUEIRAS

Todas as 111 representantes da raça Pitangueiras foram mantidas em duas ordenhas e pertencem à S/A. Frigorífico Anglo; dois deles receberam o título de Livro de Escol e 5 de Livro de Mérito.

"Amazônica F-374", com 7 anos e 8 meses, obteve LE, dando, em 305 dias, 4.185 e 176,1 kg. "Carabina F-678", com 8 anos e 9 meses, conseguiu LM, dando, em 365 dias, 5.050 e 201,5 kg.

"Turquinha F-817", com 6 anos e 5 meses, foi outra que obteve LM, dando, também em 365 dias, 4.732 e 196,0 kg.

GIR

Em regime de três ordenhas apareceram 8 vacas, as melhores das quais foram

"Jardineira de Brasília", que obteve LM aos 8 anos e 5 meses, com 4.415 e 228,1 kg, e "Lança L-051", que, aos 7 anos e 11 meses, deu, também em 365 dias, 3.817 e 170,5 kg.

Em regime de duas ordenhas, estiveram 3 vacas de Manuel e José João Saldado R. dos Reis; a melhor delas foi "Manchete B-6571", que, aos 13 anos e 10 meses, produziu, em 365 dias, 6.210 e 336,9 kg, de leite e de gordura, respectivamente.

"Maravilha Fortuna Hável", aos 5 anos e 8 meses, conseguiu LM, dando, em 335 dias, 4.224 e 216,3 kg.

TIPO GIROLANDO

"Aratinga Boa Vista", com 7 anos e 5 meses, foi a única representante do cruzamento denominado Girolando; em 305 dias, ela produziu 5.032 e 166,0 kg, tendo LE.

SIMENTAL

Os dois exemplares da raça Simmental pertencem ao mesmo criador e foram mantidos em regime de duas ordenhas; o melhor deles "Bluemil 669", que, aos 4 anos e 7 meses, produziu, em 305 dias, 3.694 e 161,9 kg.

FLAMENGA

"P.S. Definição" representou a raça Flamengo e deu aos 4 anos e 5 meses, em 122 dias, 1.314 e 54,0 kg, de leite e gordura, respectivamente, em duas ordenhas.

DINAMARQUESA

Essa raça de origem européia foi apresentada somente por "Leninha José", que obteve LM, aos 5 anos e 5 meses, dando, em duas ordenhas, em 365 dias, 5.649 e 208,5 kg, de leite e de gordura, respectivamente. ●

Motores monofásicos rurais BÚFALO

Os primeiros e os melhores motores para uso no campo

- Alto rendimento
- Durabilidade e resistência
- Economia de energia



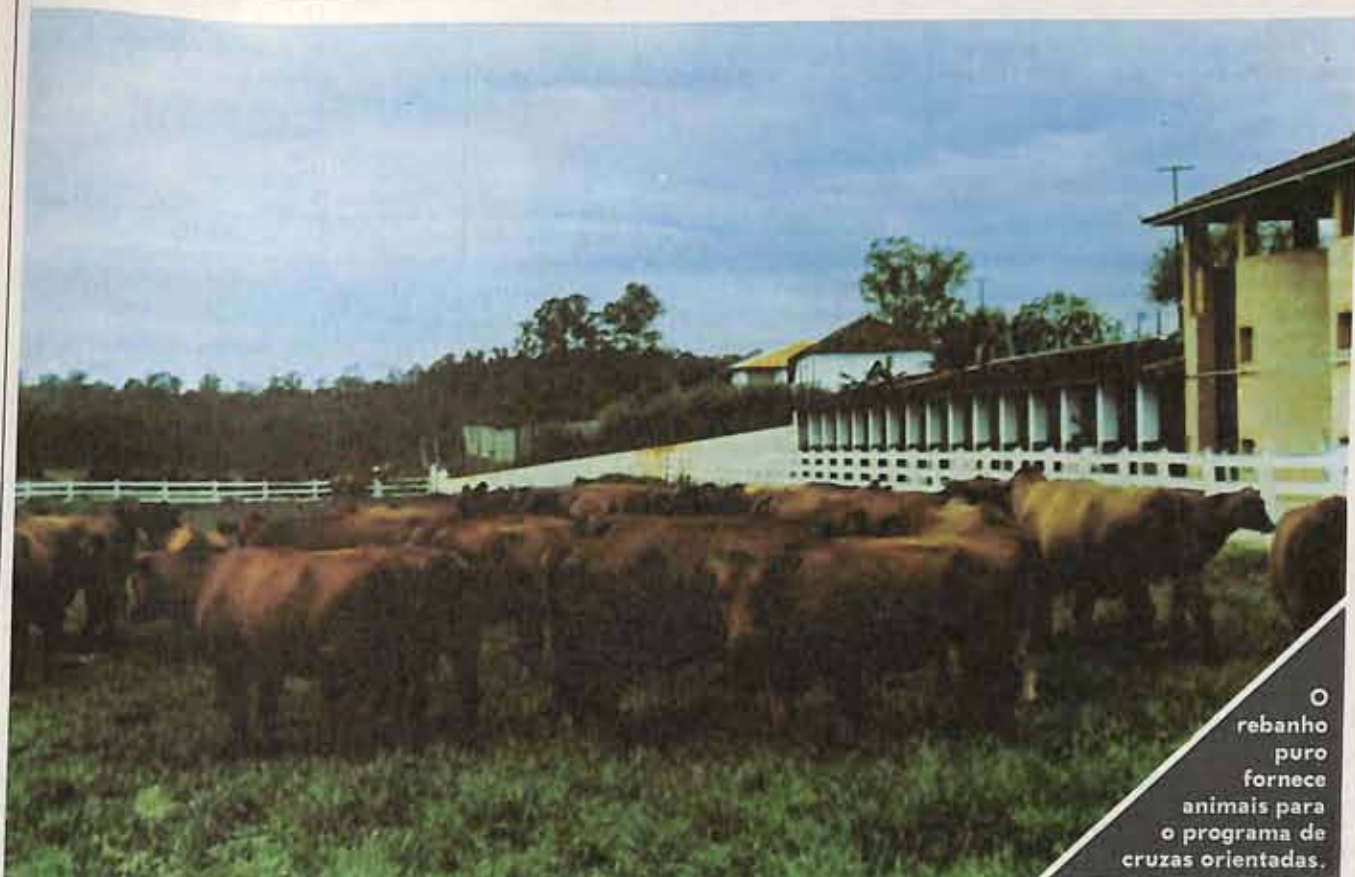
MOTORES BÚFALO S.A.

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL:

Av. Dr. Rudge Ramos 1320 - São Bernardo do Campo - SP CEP 09720

Fone 457-3400 PABX TELEX (011) 4246 BUFA BR





O
rebanho
puro
fornece
animais para
o programa de
cruzas orientadas.

UM PLANTEL SOB CONTROLE

Uma das raras criações dessa raça no país, o rebanho de Dinamarquês da Fazenda São José, de Olavo Barbosa, em Guaxupé, MG, é submetido ao Serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores desde o início de sua formação, em 1968. A escolha da raça se deveu a uma opção pessoal do fazendeiro, que, após visita a vários países europeus, se decidiu pelo Dinamarquês, por sugestão do zootecnista Otto de Mello. Seu objetivo era realizar um programa de cruzamentos dirigidos com as raças Gir e Holandês, incluindo o Dinamarquês para a terceira cobertura, bem como constituir um núcleo de seleção para venda de reprodutores.

Dinamarquês de raça escolhido a dedo para um plano de criação

O REBANHO

Com base na importação inicial (20 fêmeas e 5 touros) e duas outras compras no exterior, em 1969 e 1976, o atual plantel de Di-

namarquês de Olavo Barbosa soma 100 cabeças puras, das quais 81 fêmeas (39 parideiras) e 19 reprodutores, entre os quais 3 importados. No entanto, a fazenda possui 3.700 cabeças de gado, das quais 3.100 com sangue Dinamarquês em vários graus. E esse número tende a crescer significativamente, pois há um plano em execução, prevendo a cobertura de um rebanho mantido em Pereira Barreto, SP, de 1.000 vacas Gir também pelo gado da Dinamarca.

O que a fazenda pretende é obter animais de dupla aptidão (carne e leite), com produção compensadora e rusticidade comprovada — o que se acredita estar sendo conseguido com o produto final dos cruzamentos.



O esquema se inicia com a cobertura de vacas Gir por touros Holandeses, sendo as fêmeas resultantes padreadas por um Dinamarquês, obtendo-se o chamado "tricross". Cruzados entre si, animais com esse grau de sangue dão um produto mestiço, novamente cruzado por outro mestiço, de que resulta o denominado bi-mestiço. Atualmente, os bi-mestiços vêm sendo cobertos tanto por touros Holandeses quanto por Dinamarqueses, para se verificar o seu comportamento.

Pelos dados da fazenda, o "tricross" já demonstrou sua eficiência produtiva, pois rende entre 4.000 a 6.000 kg de leite por lactação de 305 dias, contra a média de 5.000 a 7.000 kg do Dinamarquês puro, ganhando, porém, na menor necessidade de trato. Nos mestiços, a média de produção varia de 2.000 a 3.000 kg e, no bi-mestiço, também se situa nesse nível. Mas o pessoal da fazenda se apressa em dizer que esses são rendimentos normais, sob

manejo comum, em que não costuma faltar volumoso, mas em que não há oferta franca de rações e concentrados.

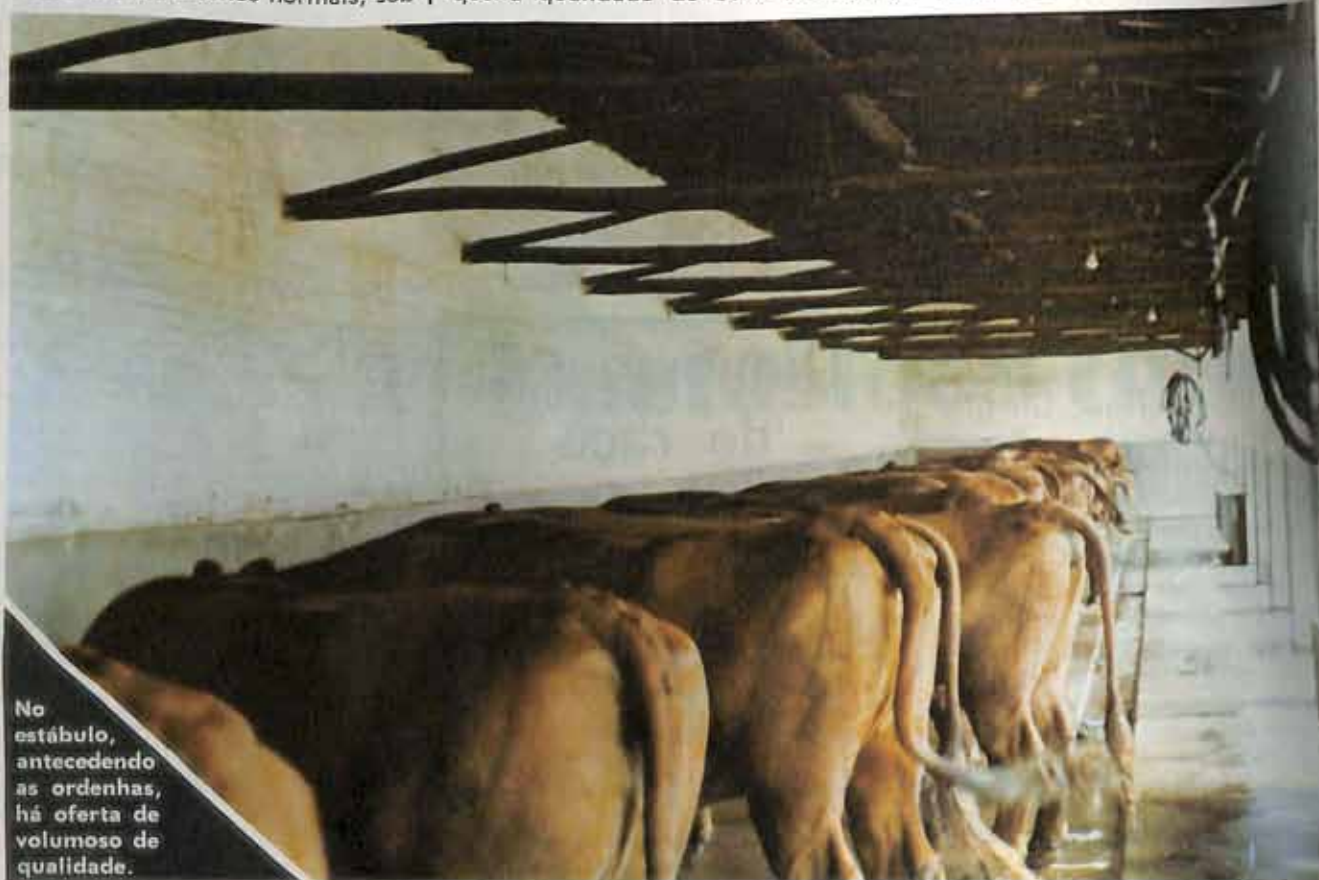
O esclarecimento, ademais, é importante — informam — porque o objetivo da fazenda é a produção comercial de leite e o suprimento de touros para outras propriedades do fazendeiro, que vai insistir no seu programa de cruzamentos dirigidos, embora também haja venda dos produtos a terceiros, também. Outro pormenor destacado é o fato de não se estar fazendo descarte com base em índices mínimos de produção, já que o volume de gado obtido ainda tem sido insuficiente para os programas em andamento, e algumas vendas efetuadas por insistência de terceiros provocaram a diminuição do plantel, atrasando os planos em execução. De qualquer modo, enfatiza-se, a opinião de técnicos e entendidos no assunto têm dado ao fazendeiro a garantia de que a qualidade de seus animais,

mesmo sem uma preocupação severa com a seleção, é superior, podendo "o refugo de seu rebanho ser considerado cabeceira em qualquer produção comercial de leite no país".

MANEJO

Não há qualquer diferença de manejo, na São José, entre o gado puro e o resultado dos cruzamentos dirigidos, com exceção dos reprodutores importados, alojados em central de inseminação para coleta de sêmen (para as necessidades internas e venda para terceiros).

As vacas de produção, independentemente de seu grau de sangue, são mantidas em pastos de braquiária, napier e jaraguá, sendo regadas duas vezes por dia aos búfalos para arraçãoamento e ordenha. Nessa ocasião, recebem volumoso (silagem de milho e/ou napier) e ração, na base de um copo para três litros de leite produzido.



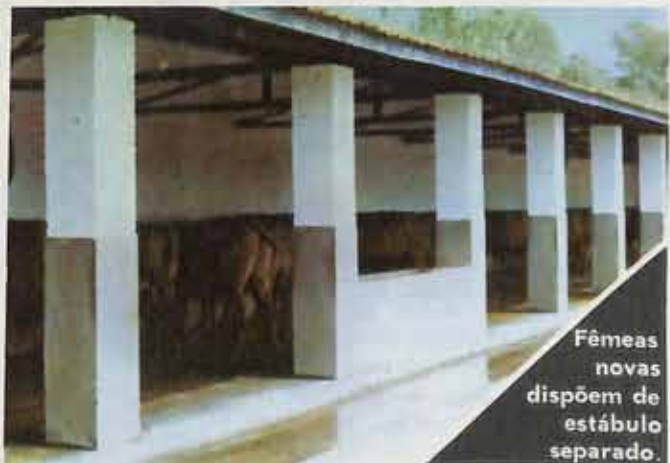
No estábulo, antecedendo as ordenhas, há oferta de volumoso de qualidade.



Seja puro ou de produção, o gado é trazido para trato duas vezes ao dia.



Para ficar à mostra, os tourinhos têm piquete.



Fêmeas novas dispõem de estábulo separado.

A ração é preparada na própria fazenda, a partir de farelos de soja e trigo, milho triturado e minerais. Esse trato tem garantido a média de 15 kg de leite diários no gado puro, sem forçar a produção, embora haja vacas colocadas normalmente na faixa dos 22 a 25 kg diários. Na seca, além da silagem de milho, fornece-se também aveia cortada,

para o que se têm plantado, anualmente, cerca de 20 hectares na fazenda. O milho para grãos e silagem ocupa cerca de 900 hectares, dos 2.400 que compõem a São José.

O esquema de manejo tem alguma particularidade em relação às crias novas, para as quais não se tem feito economia de leite. Nas primeiras 12 horas de vida, os bezer-

ros permanecem com as mães, mas continuam a receber colostro por quatro dias, já alojados em bezerreiros individuais, tomando-o no balde. Em seguida, passam a consumir Bezerril, por 60 dias, juntamente com oferta de leite, em quantidade que pode chegar até os 6 litros/dia. A partir dos dois meses de idade, a criação passa a ser feita

em piquetes, onde, além do leite (6 litros diários), dispõem também de feno (aveia, braquiária e Rhodes). A desmama ocorre nessa época, com sua transferência para outros piquetes, com separação por sexo, mas sempre com uma suplementação de 2 kg/dia de ração adequada. As fêmeas costumam ser cobertas, em média, aos 17/18 meses, quando atingem 330 quilos de peso vivo, mas tem acontecido com frequência chegarem a esse mínimo com bastante antecedência. Os machos são vendidos já a partir do primeiro mês de vida, havendo reserva das fêmeas, de que Olavo Barbosa só se desfaz em casos muito especiais e ante muita insistência.

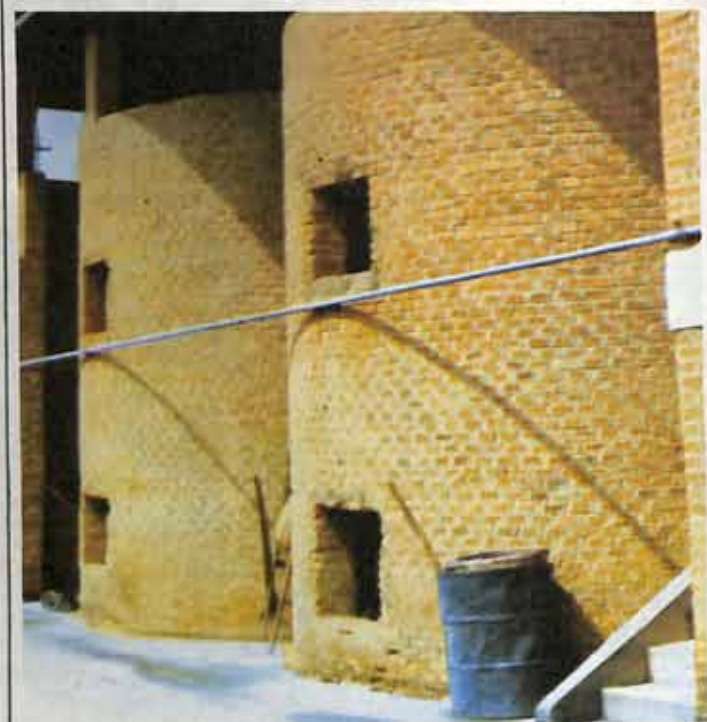
VANTAGENS

Se a decisão pelo Dinamarquês foi, por assim dizer, forçada pelas circunstâncias — pois o gado da São José era, até então, o resultado de cruzamentos exclusivos entre o Gir e o Holandês —, hoje a São José só tem elogios para o comportamento de seus animais. Além da dupla aptidão já comprovada, rendendo bem em carne e leite, os animais oferecidos pelo cruzamento apresentam pelagem uniforme (o vermelho do Dinamarquês é dominante) e, além disso, têm tetas bem conformadas, o que não acontecia com o Gir-Holandês, causando problemas na ordenha mecânica. Quanto à carne, os dados da fazenda mostram vacas descartadas por velhice ou perda de tetas pesando 600 kg brutos. No leite, a cobertura do Dinamarquês sobre o Gir tem dado animais com produção acima de 5.000 kg por lactação, ampliando-se bastante o período produtivo do gado zebuino.

Por isso, não restam mais dúvidas ao fazendeiro, que vai continuar confiando no Dinamarquês para os seus programas de cruzamento e se dispõe, agora, a caprichar ainda mais no trato aos animais, especialmente quanto à oferta de volumoso. A partir deste ano, por exemplo,



Nos pastos com água farta, o esquema é igual para todo o gado.



Os silos é que vão garantir, daqui para a frente, a oferta de volumoso ao gado, durante todo o ano, na São José, além das capineiras de napier.

haverá silagem durante todo o ano, para o que a fazenda passará a contar de pelo menos 12.000 toneladas, sem prejuízo, porém, das áreas reservadas para capineiras de napier, que continuarão a ocupar 100 hec-

tares da propriedade. O feno de bezerros, como de hábito, contará garantido, nos 30 hectares, poníveis na São José, e também veniente de outras propriedades de Olavo Barbosa. ●

Associação Brasileira de Criadores

Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

RESULTADOS DOS CONTROLES DE PRODUÇÃO LEITEIRA E DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL.

Toda a melhoria genética que possa resultar no aprimoramento qualitativo do rebanho nacional, é consequência direta dos serviços técnicos de:

- Controle Leiteiro
- Controle de Desenvolvimento Ponderal.

É de grande valia para a Pecuária Brasileira que o maior número de criadores se utilize desses serviços.

Animal controlado é sempre uma garantia para quem compra e para quem vende. Vale mais nos leilões. Alcança faixas de financiamento muito maiores nos estabelecimentos bancários oficiais.

Valorize o seu rebanho. Inscreva-o no Serviço de Controle Leiteiro ou no Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal.



**ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE CRIADORES**

Rua Jaguaribe, 634
Fone: 826-3033
Caixa Postal, 9194
São Paulo - SP.





Associação Brasileira de Criadores

Fundada em 1926.

Reconhecida de Utilidade Pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811 de 20/10/58
Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

A Associação Brasileira de Criadores, pelo seu Departamento Técnico, realiza em todo o País, em caráter oficial, por delegação do Ministério da Agricultura os seguintes serviços:

- Serviço de Controle Leiteiro
- Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal
- ProCruza (Programa de Cruzamentos Dirigidos)

- Registro Genealógico
- Provas Zootécnicas

A Associação Brasileira de Criadores executa serviços técnicos, mediante Convênios ou Termos de Ajuste, para as seguintes entidades pecuárias:

- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa
- Associação Brasileira de Gado Schwyz
- Associação dos Criadores de Gado Jersey

- Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey
- Associação Brasileira de Santa Gertrudis
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos Pitangueiras
- Associação Paulista de Criadores de Charolês
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Canchim
- Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiano
- Associação Nacional de Criadores (Pelotas, RS)
- Registro Genealógico e Provas Zootécnicas das raças:
 - Ayrshire
 - Flamenga
 - Normanda
 - Red Poll
 - Vermelha Dinamarquesa.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES ("HERD BOOK COLLARES")

Rua Andaraí, 2043 - Tel.: 2.4576
05100 - Pelotas - RS
Presidente: Antônio Lourenço Rosei

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA CANCHIM

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tel.: 65-4131 (PABX) 62-4915
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Francisco Jacintho da Silveira

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA HOLANDESA

Rua Monte Alegre, 1.715 - Tel.: 282-0060 - 62-2011 - 05001
São Paulo - SP
Presidente: Joaquim Peixoto Rocha

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS PITANGUEIRAS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Tel.: 65-4131 (PABX) 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Joseph Purgly

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE GADO GUERNSEY

Av. Presidente Vargas, 211 - sala 401 - Tel.: 221-2065
20000 - Rio de Janeiro - RJ
Presidente: Custódio Almeida Cabral

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE MARCHIGIANO

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tel.: 65-4131 (PABX) 262-0098 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Manoel Gorta

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GADO JERSEY

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tel.: 65-4131 (PABX) 262-0098 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Mario Lopes Leão

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE GADO SCHWYZ

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tel.: 263-1825 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Carlos Cardozo de A. Amorim

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SANTA GERTRUDIS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tel.: 65-4131 (PABX) 263-1825 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Manoel White

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE CHAROLÊS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tel.: 65-4131 (PABX) 263-1825 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Manoel Correa de Souza

Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

RACA HOLANDESA -- variedade preta e branca

DIRK CORRIE 3 DE CARAMBEI, Rq. APCB/16925, PCCC, GC-2 REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escol. Pai/ MIL-KEY COMET SOVEREIGN, Rq. HBB/P10246, mãe/ DIRK CORRIE 1 DE CARAMBEI Rq. APCB/12516.

4a10m	--	2x	-	7.024	-	251,0	-	3,57%
6a0m	-	2x	-	8.317	-	282,2	-	3,39%
7a0m	-	2x	-	10.447	-	348,2	--	3,33%
8a1m	--	2x	-	8.734	-	325,1	--	3,72%

Prop: CORNELIS JACOBUS DE JONGE (8) - Arapoti

ARAP. BRONKHORST ADA ADRIANT GAR-BAR-DALE, Rq. APCB/27618, PCCC, GC 1, REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escol. Pai/ GAR-BAR-DALE BURKE KITE Rq. HBB/P-10245, mãe/ ARAPOTI BRONKHORST ADA 3 Rq. APCB/13900.

2a10m	-	2x	-	7.461	-	280,0	-	3,75%
3a10m	-	2x	-	7.523	-	270,1	-	3,59%
4a11m	-	2x	-	7.939	-	217,5	-	2,88%
6a0m	--	2x	-	7.970	-	235,2	-	2,95%

Prop: NICOLAS ABIE BRONKHORST (16) - Arapoti

RACA HOLANDESA -- variedade vermelha e branca.

LILLCROFT SHEILA PED, Rq. HBB/LEB 230, PO, REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escol. Pai/ OAK RIDGES REFLECTION FERTARD Rq. 318052, mãe/ LILLCROFT SHAMPOCK CINDY Rq. 2470273.

2a0m	-	3x	-	4.917	-	177,1	-	3,60%
3a9m	-	3x	-	5.532	-	221,4	-	4,00%
4a11m	--	3x	-	6.114	-	219,6	-	3,59%
7a2m	-	2x	-	5.572	-	215,8	-	3,87%

Prop: Dr. CLAUDIO VERNIZONI ROBERTI

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

RACA HOLANDESA -- variedade preta e branca.

ARAPOTI CONDE MINEMARIE Rq. APCB/24097, PCCC, GC-2, Pai/ MIL-KEY COMET SOVEREIGN Rq. HBB/P10246, mãe/ ARAPOTI CONDE LIES 5 Rq. APCB/19273, obteve "LE" aos:

3a9m	--	2x	-	6.286	-	221,6	-	3,52%
4a9m	-	2x	-	8.413	-	288,1	--	3,42%
5a9m	-	2x	--	8.488	-	333,2	-	3,92%

Prop: LEENDERT NOORDEGRAAF (24) - Arapoti

ARAPOTI BRONKHORST WILHELMINA CLARA, Rg. APCEB/27642, 31/32, Pai/VERMEULEN CERES MAGAÑO HAPPY GIRL, Rg. HBB/Al1313, mãe/ ARAPOTI BRONKHORST WILHELMINA 4 Rg. APCEB/8218, obteve "LE" aos:

5a4m	-	2x	-	6.472	-	228,6	-	3,53%
6a5m	-	2x	-	6.393	-	190,6	-	2,98%
7a6m	-	2x	-	6.637	-	219,4	-	3,30%

Prop: NICOLAS ARIE BRONKHORST (16) -Arapoti

RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca.

J.P. BURGUESA PEGASSUS RED DE STA. INÊZ, Rg. GHB/535, GHB, Pai/S.J.T. SURODANA CITATION PEGASSUS RED, Rg. IIEB/LA-46, mãe/ HARMONIOSA LARRY MOORE S.A., obteve "LE" aos:

2a11m	-	3x	-	5.509	-	196,2	-	3,56%
3a2m	-	3x	-	4.889	-	171,7	-	3,51%
4a2m	-	2x	-	5.821	-	207,2	-	3,55%

Prop: LUIZ VISCARDI

LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DE 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Gravidez sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Raça Holandesa — variedade preta e branca								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE A1 — até 2 1/2 anos.								
Ilinae Bickman Arlinda Chief 1/5/9731-LE	PO	2-2	52734	305	9.284	308,9	3,09	Benedito J.S. Melo Pati
J.P.F. Irtoca B/50375-1M	PO	2-2	50236	305	6.254	260,6	3,74	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.B. Liderança B/49383-1E	PO	2-2	59416	305	6.295	247,5	3,93	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.B. Liderança B/49971-1M	PO	2-5	60642	305	5.001	220,1	3,80	Joaquim Peixoto Rocha
Robeca do Burity SP/4046	CEI	2-4	47361	295	5.525	200,5	3,62	Adherbal Ribeiro /vila
J.P.F. Irtoca B/49979-1E	PO	2-1	59759	294	5.510	205,3	3,72	Joaquim Peixoto Rocha
Malherouse Citation Due B/48852-1E	PO	2-2	59761	278	5.372	197,3	3,67	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.B. Landa B/48481-1E	PO	2-5	59758	302	5.001	190,2	3,80	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.B. Landa B/49978-1E	PO	2-2	60239	250	4.144	155,5	3,75	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.B. Lucinda B/49982	PO	2-2	60540	305	4.142	165,9	4,00	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.B. Landa B/48495	PO	2-5	58615	173	2.952	104,7	3,54	Joaquim Peixoto Rocha
Bonita Jacon Victor 0255 Sorana SP/14011	CEI	2-4	59958	198	2.687	99,2	3,69	Luiz Viscardi
Spring Farm Sheila R - B/48099	PO	2-5	58924	138	2.050	80,3	3,89	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE A2 — de 2 1/2 a 3 anos.								
J.P.B. Landa B/49382-1E	PO	3-6	60641	305	5.167	194,9	3,77	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE B1 — de 3 a 3 1/2 anos.								
33 Berdeira Chumbo Rockman B/44837-1E	PO	3-3	53576	305	8.679	278,4	3,20	Benedito J.S. Melo Pati
Sorana 5007 Annie Rockman B/43551-1E	PO	3-4	54470	305	6.320	216,9	3,43	Luiz Viscardi
Andelusia 0116 Sorana - SP/81733-1E	PO	3-1	53922	295	6.024	199,7	3,31	Luiz Viscardi
Potter Farm Corredor 1 - B/309920-1M	PO	3-0	59957	305	5.899	221,9	3,76	Luiz Viscardi
Lakevalley Rockman Jessie B/46094	PO	3-5	60446	305	5.277	182,2	3,45	Valmir Spinelli e irmãos
S.H.P. Japira Tira - B/1/185	CEI	3-4	44203	286	4.103	138,7	3,38	Claudio V. Roberti
Arquim Olimpia 302 Sorana - B/1720	PO	3-5	54774	205	2.202	81,9	3,72	Luiz Viscardi
CLASSE B2 — de 3 1/2 a 4 anos.								
33 Berdeira Chumbo Rockman B/44838-1M	PO	3-10	55422	305	12.043	356,3	2,95	Benedito J.S. Melo Pati
A.P. Fortaleza Paim B/44016-1M	PO	3-6	55961	305	8.839	302,6	3,42	Fazenda Fortaleza Ltda.
CLASSE C1 — de 4 a 4 1/2 anos.								
Lee Lin Astro King Tone - B/48705	PO	4-5	60117	257	5.033	146,2	2,90	Valmir Spinelli e irmãos
Alvetina Gress 298 Sorana - B/2620	PO	4-2	56605	263	4.494	166,6	3,70	Luiz Viscardi
CLASSE C2 — de 4 1/2 a 5 anos.								
San Pietro VII Pat Rock. - B/41273-1M	PO	4-11	54864	305	8.260	260,1	3,14	Valmir Spinelli e irmãos
J.P.B. Idonea B/39386-1M	PO	4-8	50267	305	6.195	239,3	3,86	Luiz Horacio U.C. de Mello

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
S.Q. Xorua Paclamar Torch - B/40650	PO	4-6	50109	248	3.111	118,8	3,81	José Pedro C.L. Toledo Piza
Alasca Atlas - SP/89934	31/32	4-7	51283	147	2.901	92,1	3,17	Atlas Agro Pec.Ltda.
Prima 59 de Paraiba - 70961	PC	4-7	50658	172	2.738	95,6	3,49	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Banno Maple Catita - B/40267	PO	4-11	49865	212	2.654	84,4	3,18	Joaquim B.Neto e Marco A.Volta
Hol.Horizonte de Boer - SP/594	31/32	4-6	53489	132	1.611	47,9	2,97	Miguel A.Costa Barbosa
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
A.de Jorge Blessee 7 Capsule - 22900- IM	GC2	5-9	45953	305	9.192	286,3	3,11	C.J.de Jorge - Arapoti
Brown Plain Ivanhoe Dora - B/43585- IM	PO	5-0	55168	305	9.016	313,8	3,48	Emil Wirth
J.Lanterna Itapituna H.Master - B/29436- IM	PO	8-10	40186	305	9.009	224,2	2,48	Fernando Alencar Pinto S/A.
Arap. Trix Grietje 62 - B/37202- IM	PO	8-3	38635	305	8.903	297,1	3,33	Frederik Nool - Arapoti
Dirk Gorrie 3 de Carambei - 16925- LE	GC2	8-1	42454	286	8.734	325,1	3,72	C.J.de Jorge - Arapoti
Arap. Conde Azevedo - 24097- LE	GC2	5-9	50515	289	8.488	333,2	3,92	L.Noordgraaf - Arapoti
Sae Brook Double Tri Medea - B/45082- IM	PO	5-0	59933	305	8.314	284,6	3,42	Emil Wirth
Gladiere Francis Mary - B/43609- IM	PO	5-1	60904	305	8.272	288,9	3,49	Emil Wirth
A.Bruckhorst Ada Adriana Gar Bar Dale - 27618- LE	GC1	6-0	45952	305	7.970	235,2	2,95	N.A.Bruckhorst - Arapoti
Kraha Citation Lillie - B/43639- IM	PO	5-0	60566	305	7.890	270,4	3,42	Emil Wirth
Noticia do Pau D'Alho - GB/397- LE	GBB	5-2	49761	291	7.844	258,8	3,29	Jacob Rosier Dutilh
J.P.R. Especulação - B/31654- IM	PO	8-0	39170	305	7.747	261,0	3,36	João Vieira Pereira
J.Matuba Citation - B/33472- IM	PO	7-8	40027	305	7.619	248,9	3,26	S/A.Faz.Paraiso Agro Pec.
Arap. Kok Brinco nº 136- 35247 - IM	GC1	5-4	53779	305	7.558	229,1	3,03	Hilbert Kok - Arapoti
Arap. Baronessa Trefinha 4 - 24710- IM	GC1	9-7	43401	305	7.555	242,6	3,21	Frederik Kok - Arapoti
Arap.Verburg Marina 21 - 31948- IM	31/32	5-6	50774	305	7.543	310,9	4,12	Gerrit Verburg - Arapoti
Jang. Maringa 0148 Buttermen - B/31574- IM	PO	8-3	39096	305	7.498	228,1	3,04	Fernando Alencar Pinto S/A.
Jang.Nadine Jarrinha Bootmaker - B/36279- LE	PO	7-0	41632	273	7.486	213,2	2,84	Fernando Alencar Pinto S/A.
McLundale Lovely Lady - B/35883- IM	PO	6-8	44900	305	7.433	293,8	3,95	Claudio V.Roberti
Oceen POP Papuan - B/46094- IM	PO	5-1	60900	305	7.424	264,9	3,56	Emil Wirth
Elaine Pancrana - SP/60814- LE	GC3	5-10	55934	282	7.376	230,7	3,12	Donald Gruber
Frap. Verburg Ria 13 - 31949- IM	31/32	5-8	60376	305	7.372	252,9	3,43	Gerrit Verburg - Arapoti
Roland 2381 Leda Bea - B/39985- IM	PO	6-3	47898	301	7.254	259,3	3,57	Abil Agro Com.Ltda.
Arap. Pot Lia 2 - 32060- IM	31/32	7-6	55543	305	7.177	250,8	3,49	Frederik Kok - Arapoti
S.Q. Rodonda Paclamar Madrastra - B/32223- LE	PO	8-10	37187	295	7.151	232,5	3,25	Pecúaria Arbanus Ltda.
Arap. Jzko Teuntje 10 - 27106- IM	GC3	5-0	60395	305	7.134	258,9	3,62	Barold Koopman - Arapoti
Militer Especial M.Walhill - B/22090- IM	PO	9-8	48738	305	7.116	256,9	3,61	Joaquim B.Neto e Marco A.Volta
Nerholk Triune Star Van Phoebe - B/43634- IM	PO	5-0	60565	305	7.088	267,4	3,77	Emil Wirth
Caicara Pancrana - SP/43034- IM	GC2	8-1	39189	305	7.033	229,7	3,26	Donald Gruber
A. de Jorge Lotta Arlinda - B/28604- IM	PO	9-4	37035	305	7.015	255,5	3,64	C.J.de Jorge - Arapoti
A.Pot Burke Kate's Pita 3 - 19352- IM	GC2	8-3	49823	305	6.932	268,6	3,87	Frederik Kok - Arapoti

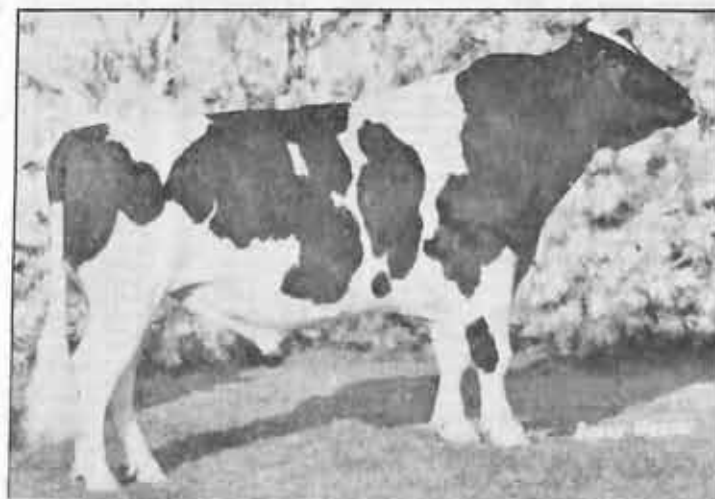
SSF ASTRONAUT BRAVO

Leite: 0/0 1000 libras

Repetibilidade: 86%

Tipo: + 1.12

Preço p/dose: Cr\$ 750,00



PROPEC

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

CAIXA POSTAL 1842

TELS.: 8-0639 E 31-9902

CAMPINAS - SP

PEDIGREE

Pai: Paclamar Astronaut

Mãe: Filha de Arlinda Chief
com 88 pontos e 6 lactações
de 9.000 kg ou mais.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Itapara Tio Pepe da Nova Quercencia - 11909-C-1M	PO	3-3	61161	305	4.233	263,0	6,21	Antonio Carlos P. Machado
S.A. Palestrina 79 Remo - 10166-C	PO	3-4	50992	229	1.960	83,7	4,27	Mario Lopes Leão
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
S.A. Minerva 59 Nelson - 11699-C-1M	PO	3-8	55625	305	3.440	156,7	4,55	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
S.A. Carreira 69 Wisman - 11723-C	PO	3-10	56681	262	3.260	150,0	4,60	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
S.A. Rosângela 109 Hilton - 11681-C	PO	3-9	60595	305	2.973	139,5	4,69	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Sant'Ana Batedora 49 Numa - 11660-C	PO	3-11	52613	305	2.812	133,2	4,73	Mario Lopes Leão
Sant'Ana Lapa 49 Quicksilver - 10322	PO	3-10	50991	224	1.919	87,8	4,57	Mario Lopes Leão
CLASSE CU - de 4 a 4 1/2 anos.								
Sant'Ana Beta 69 Lince - 11720-C-1E	PO	4-2	54166	279	3.843	155,8	4,05	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Sant'Ana Donatilla 89 Wisman - 11731-C	PO	4-0	56680	275	3.569	157,6	4,41	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
Sant'Ana Noiva 79 Remo - 10321-C	PO	4-9	49919	305	2.971	125,1	4,21	Mario Lopes Leão
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Rita Bergere Desiguer da N.G. - 8131-C-1M	PO	10-6	61150	305	4.568	286,1	6,26	Antonio Carlos P. Machado
Oratância 54 - 12152-C-1M	PO	5-2	61169	305	4.419	253,6	5,73	Antonio Carlos P. Machado
Leda da Florida - 9385-C-1M	PO	5-8	61152	305	3.907	234,5	6,00	Antonio Carlos P. Machado
S.A. Confiada 29 Marlu - 8041-C-1E	PO	9-8	39289	305	3.858	170,7	4,42	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
S.A. Oradora 69 Mineiro - 10046-C	PO	6-3	46753	305	3.630	159,5	4,39	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Ospeira do Salitinho - B-128	127/128	6-5	50247	305	3.220	157,9	4,90	Paulo H.C. Von Haefting
S.A. Gilda 49 Wisman - 8293-C	PO	8-7	39762	275	3.156	139,6	4,42	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Sant'Ana Gilda 79 Mineiro - 2073-C	PO	6-4	44587	244	2.891	119,8	4,14	Mario Lopes Leão
Sant'Ana Cocaina 69 Romanof	NR	-	55300	283	2.887	121,5	4,21	Mario Lopes Leão
Dona Rita Rex 1M - 10218-C	PO	5-8	46562	290	2.816	122,7	4,35	Mario Lopes Leão
Hewood Goodpastor Magie - 10009-C	PO	6-0	49301	250	2.767	111,4	4,02	Mario Lopes Leão
Stoile Milk de São Francisco - 10000-C	PO	5-11	45493	244	2.501	104,7	4,18	Mario Lopes Leão
Garça Jacutibá Rey - 9776-C	PO	7-6	60329	305	2.327	128,8	5,53	Augusto Amelio M. Pacheco
Carpa Gabola -	NR	-	45780	230	2.238	104,2	4,65	Albino Malzone
India -	NR	-	54033	198	2.092	88,6	4,23	Albino Malzone
Suissa Princess Priceless - 9991-C	PO	6-4	44207	138	1.155	50,9	4,41	Albino Malzone
F.C.B. Balança - 10878-C	PO	5-9	45494	86	1.072	46,5	4,33	Mario Lopes Leão
Raça Parda Suíça (Schwyz)								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
B.C. Darling Apache - 6182/601-1E	PO	2-9	60521	288	4.896	173,8	3,54	Benedito Portugal Rennó
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.								
B.C. Coca Cola Apache - 6188-1E	PO	3-3	55424	305	4.730	176,4	3,72	Benedito Portugal Rennó
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Jangada Boa Café - RGS/4918-1E	PO	7-5	45043	305	5.473	218,5	3,99	Giovani Brancquino Grossi
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
Banco de São Joaquim -	PC	2-0	60973	305	3.581	128,5	3,58	Benedito Portugal Rennó
B.C. Diplomacia Sugar Boy II -	PO	2-5	60971	305	2.876	102,1	3,55	Benedito Portugal Rennó
Fazenda da Aliança P.A.M. - 1322	15/16	2-2	41705	248	2.409	83,1	3,33	Francisco Anarante Mendes
Lanterna da Aliança P.A.M. - 4444	OC3	2-5	59799	189	1.145	45,5	3,97	Francisco Anarante Mendes
CLASSE AC - de 2 1/2 a 3 anos.								
Elm - 6095-1E	PO	2-10	59612	305	4.431	190,1	4,29	Agro Pec. São Isidoro Ltda.
Extrema - 6096-1M	PO	2-11	59854	305	4.397	169,2	3,64	Agro Pec. São Isidoro Ltda.
Denise Topper II B.C. - 2997/604-1M	OC2	2-8	60525	305	4.279	142,0	3,33	Benedito Portugal Rennó
Jarra da Aliança P.A.M. - 3917	OC3	2-8	58444	305	1.766	71,3	4,03	Francisco Anarante Mendes
F.A.M. Jornada da Aliança - 6158	PO	2-8	58153	305	1.745	72,4	4,15	Francisco Anarante Mendes
Jarda da Aliança P.A.M. - 3915	OC3	2-10	58442	305	1.479	60,5	4,08	Francisco Anarante Mendes
Laguna da Aliança P.A.M. - 4460	OC3	2-6	59798	210	1.101	44,9	4,07	Francisco Anarante Mendes
CLASSE BU - de 3 a 3 1/2 anos.								
Osena Cardelária Cadet -	PO	3-2	60725	305	3.837	130,3	3,39	Amilcar Farid Yamin
Gabrielita Chip's Paul de S.C. - 305521	PC	3-2	60548	305	3.089	132,4	4,28	Carlos Cardoso A. Amorim
F.A.M. Jansina da Aliança - 5960	PO	3-5	55048	258	1.944	69,9	3,59	Francisco Anarante Mendes
F.A.M. Jurubete da Aliança - 5961	PO	3-4	59539	220	1.342	52,4	3,90	Francisco Anarante Mendes
Jaca da Aliança - 3166	OC1	3-5	60147	166	1.002	42,3	4,22	Francisco Anarante Mendes
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Eugenia - 6005-1M	PO	3-9	55559	305	4.447	170,2	3,82	Agro Pec. São Isidoro Ltda.
B.C. Amorim Chip's Paul I - 5774	PO	3-10	50450	281	3.827	141,1	3,68	Benedito Portugal Rennó
Gelatina Dorset de São Carlos - 6239	PO	3-7	57323	147	2.331	82,5	3,53	Carlos Cardoso A. Amorim
CLASSE CU - de 4 a 4 1/2 anos.								
B.C. Vanila Ivoncel II - 5402	PO	4-0	45491	234	3.305	119,7	3,62	Benedito Portugal Rennó
Pavola de São Carlos - 5962	PO	4-2	55750	249	2.062	111,6	3,90	Carlos Cardoso A. Amorim
ES Roche Est - 5823	PO	4-3	51159	161	2.698	83,5	3,09	Amilcar Farid Yamin
Molona da Calciolandia - 1224	PC	4-1	61219	305	2.277	89,4	3,92	Gabriel Donato de Andrade
Ingenia da Aliança P.A.M. - 2222	OC1	4-0	58443	294	2.120	85,1	4,01	Francisco Anarante Mendes
Cereja Topper de São Carlos - 545	PO	4-0	54027	150	1.865	64,3	3,44	Sylvio Lima Marinho
Inacia da Aliança P.A.M. - 3162	OC4	4-0	52194	202	1.498	59,4	3,96	Francisco Anarante Mendes
Toça da Aliança P.A.M. - 3100	OC4	4-3	55097	132	1.267	45,6	3,59	Francisco Anarante Mendes
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
B.C. Acácia Topper I - 5760-1M	PO	4-10	49521	305	5.578	196,6	3,52	Benedito Portugal Rennó
VB. Favorite Unicorn - 5571	PO	4-10	49530	305	3.919	125,9	3,21	Amilcar Farid Yamin
ES Ren Elaine - 5654	PO	4-8	55970	305	3.910	162,8	4,16	Amilcar Farid Yamin
ES Stretchy Carol - 5651	PO	4-10	61145	243	3.166	119,7	3,78	Amilcar Farid Yamin
Cl. Verna Crescent S.M. - 5757	PO	4-7	49162	305	2.751	129,3	4,69	Cia. Agro Pec. Sta. Madalena
Marcos Burgess Universo de S.M. - 7551	PO	4-6	59542	222	2.542	101,8	4,00	Cia. Agro Pec. Sta. Madalena
Ramita da Aliança P.A.M. - 2219	OC2	4-9	47912	305	2.336	90,7	3,68	Francisco Anarante Mendes

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
B.C. Boena Chip's Paul II - 579	PO	4-10	52287	120	2.145	86,7	4,04	Benedito Portugal Pennó
Dalala - 2231	PC	4-9	55365	269	2.038	76,8	3,77	Tasso Assunção Costa
Harpa da Aliança P.A.M. - 2214	GC1	4-10	50666	201	1.769	70,6	3,99	Francisco Amarante Mendes
Bo Jay Greta - 5832	PO	4-9	49284	150	1.607	58,4	3,63	Amilcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
SS Val Henry - 5639- 1E	PO	6-0	48918	291	5.700	190,6	3,34	Amilcar Farid Yamin
B.C. Indiana - 4217- 1E	PO	11-1	37091	288	5.582	190,2	3,40	Carlos Cardoso A.Amorin
Vernon's Rosie Rose - 5567- 1M	PO	5-6	47597	305	5.154	191,6	3,71	Amilcar Farid Yamin
V.E. Duchess Roberta - 5619	PO	9-4	45675	305	4.493	154,4	3,43	Amilcar Farid Yamin
Vassoura de São Carlos - 61279	31/32	12-8	39136	240	3.953	130,8	3,31	Carlos Cardoso A.Amorin
Chirley papoula Crescent de S.M. - 4271	PO	7-11	31771	257	3.678	143,2	3,89	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
B.C. Italiana Alario I - 4961	PO	7-5	40658	305	3.638	108,4	2,97	Benedito Portugal Pennó
Corona Julieta -	PO	-	60500	263	3.568	138,9	3,89	Agro. Pec. St.º Inidoro Ltda.
Vercia - 5914	PO	5-0	47421	305	3.565	142,1	3,99	Agro. Pec. Suico Brasileira Ltda.
Jangadeira Practitioner de S.M. - 81308	PC	7-4	41585	248	3.544	151,4	4,27	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Adalpra Mimosa - 5181	PO	6-2	47099	298	3.490	132,0	3,78	Adalpra L/A. Agric. e Com.
Doril de Santana - 3975	PO	10-6	27577	248	3.462	125,5	3,62	Agro. Pec. Suico Brasileira Ltda.
Vitoria Universe de S.M. - 5537	PO	5-1	59963	305	3.138	122,9	3,92	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Margarida - C-1919	PC	8-10	50143	305	2.797	103,4	3,69	Tasso Assunção Costa
Ira da Aliança P.A.M. - 77905	GC2	8-1	42327	305	2.672	111,7	4,18	Francisco Amarante Mendes
Bacana - 1619	PC	11-1	52708	305	2.648	104,6	3,94	Tasso Assunção Costa
Contineira da Aliança - 67921	GC3	9-6	39117	305	2.647	108,6	4,10	Francisco Amarante Mendes
Mônica Universe de S.M. - 5520	PO	5-2	60537	305	2.601	109,9	4,22	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Dorinda da Aliança P.A.M. - 72622	GC1	9-1	36693	240	2.571	93,0	3,61	Francisco Amarante Mendes
Decida - 2241 -	31/32	5-10	52363	305	2.474	93,2	3,76	Tasso Assunção Costa
Castell Proven Deanne - 5561	PO	5-2	63782	216	2.437	102,1	4,18	Amilcar Farid Yamin
Enigma - 2260	31/32	7-0	45913	261	2.432	87,8	3,61	Tasso Assunção Costa
Fidalga de São Carlos -	NR	-	57750	224	2.317	94,4	4,07	Carlos Cardoso A.Amorin
Eterna da Aliança P.A.M. - 77909	1C	0-0	40031	241	2.090	78,3	3,74	Francisco Amarante Mendes
Muraco Crescent Pluribus de S.M. - 81311/474	GC3	7-1	47836	193	2.046	72,1	3,52	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Gerusa da Aliança P.A.M. - 1327	PC	8-9	44925	190	1.756	66,4	3,78	Francisco Amarante Mendes
Portaleza da Aliança - 82511	GC1	7-2	44437	164	1.667	63,6	3,81	Francisco Amarante Mendes
Pinta da Aliança - 5079	PO	7-0	43911	141	1.396	53,2	3,80	Francisco Amarante Mendes
Guruba da Aliança - 82501	GC2	6-7	43910	156	1.232	66,5	3,76	Francisco Amarante Mendes
Dona da Aliança P.A.M. - 72617	GC1	9-4	36692	133	1.160	41,8	3,60	Francisco Amarante Mendes
Hortaliça da Aliança - 2218	GC1	5-2	49220	169	1.138	45,0	3,95	Francisco Amarante Mendes
Engenosa da Aliança P.A.M. - 77918	PC	8-11	37962	116	1.056	38,3	3,62	Francisco Amarante Mendes
Galileia de Jacutinga - 83025	GC1	6-7	50987	111	1.030	40,4	3,89	Tasso Assunção Costa

Raça Dinamarquesa

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.	PO	5-9	53877	305	4.746	185,0	3,89	Orcstrato Olavo S.Barbosa
Katy São José - 615 - 1M	PO	5-3	49729	305	4.118	166,4	4,04	Orcstrato Olavo S.Barbosa
Tiamina - 457 -								

Raça Red-Poll

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.	-	-	49705	236	2.251	90,9	4,03	Livio Malzoni
1E -								

Raça Pitangueiras

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE C - de 4 1/2 a 5 anos.	PO	4-6	59296	305	2.468	107,0	4,21	Antonio Martins
Estueta Toré 24 - 578								
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos								
Alas 9602	-	-	49800	305	3.928	162,8	4,14	S/A. Frigorífico Anglo
Adelina - 4797	-	-	48042	305	3.465	150,5	4,34	S/A. Frigorífico Anglo
Isacarija 6972	-	-	54677	305	3.459	150,5	4,35	S/A. Frigorífico Anglo
Ituza - 4356	-	-	52090	305	3.452	132,8	3,84	S/A. Frigorífico Anglo
Barroeta D-595	-	9-0	36722	305	3.389	142,8	4,21	S/A. Frigorífico Anglo
Regrinha - 4696	-	7-8	41983	305	3.389	138,5	4,08	S/A. Frigorífico Anglo
Londrina - H-554	-	8-10	39317	305	3.302	141,9	4,29	S/A. Frigorífico Anglo
Arara - 2771	-	7-5	43990	305	3.222	132,3	4,10	S/A. Frigorífico Anglo
Nitida F-797	-	-	48374	305	3.214	144,9	4,51	S/A. Frigorífico Anglo
Barroeta - 8499	-	12-0	31440	305	3.092	137,6	4,44	S/A. Frigorífico Anglo
Brutela - D-608	-	8-1	39756	305	2.848	117,6	4,12	S/A. Frigorífico Anglo
Sondela - E- 818	-	-	50908	305	2.051	83,1	4,05	S/A. Frigorífico Anglo
Valéria - F-931	-	-	51349	158	1.453	54,8	3,77	S/A. Frigorífico Anglo

Raça Gir

Três Ordenhas (3x)

CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos.	NR	9-1	48196	305	3.550	135,4	3,81	Francisco F.Barretto
Justica - J-054	NR	5-0	42538	305	3.410	134,9	3,95	Francisco F.Barretto
Justina - J-069	NR	10-8	40821	305	3.166	135,3	4,27	Francisco F.Barretto
Idéia - 098	NR	11-1	33432	305	2.983	130,6	4,37	Francisco F.Barretto
Geta -	NR	8-9	42360	305	2.352	109,9	4,67	Francisco F.Barretto
Lacônia - L-005								

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE D - de 3 1/2 a 4 anos.	NR	3-11	60990	305	2.266	106,8	4,71	João Gabriel C.Noronha e Outros
C.A. Mica - 1502	NR	3-9	59598	295	2.109	89,5	4,24	Gabriel Donato de Andrade
Mimosa da Caldeirinha - 2018								
CLASSE C - de 4 a 4 1/2 anos:								
Reinhold - 1409	NR	4-5	60552	305	2.336	110,6	4,73	João Gabriel C.Noronha e Outros
C.A. Mica -	NR	4-1	60145	305	2.123	102,1	4,81	João Gabriel C.Noronha e Outros
Patrimônio - 1081	NR	4-1	60546	305	2.092	95,0	4,54	Francisco F.Barretto
Opier -	NR	4-1	55809	239	1.583	71,6	4,51	Francisco F.Barretto

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE D - de 5 a 6 anos.								
Orizinho - 0-08	NR	5-8	50831	305	2.974	131,9	4,43	Francisco F.Barretto
C.A. Lira - 1307	NR	5-3	60550	305	2.919	124,6	4,26	João Gabriel C.Noronha e Outros
C.A. Lapela - A-2993	BE	5-8	55074	298	2.736	115,9	4,23	José Eduardo C.Mancini
Miraflores de Brasília - P-7469	BE	5-11	52740	305	2.465	136,5	5,53	Rubens Resende Peres
Mapondeira - H-26	NR	5-5	54395	234	1.588	86,8	5,46	Francisco F.Barretto
CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos.								
C.A. Furtura - L-6649	BE	10-6	36143	305	3.351	135,8	4,05	João Gabriel C.Noronha e Outros
C.A. Jarra - R 7244	BE	6-1	53197	305	3.172	130,2	4,10	José Eduardo C.Mancini
Lapa - L-058	NR	7-11	46068	305	3.050	124,7	4,09	Francisco F.Barretto
Gelatina	NR	12-2	29763	273	3.006	150,4	5,00	Francisco F.Barretto
Noite - N-098	NR	6-0	50478	305	2.858	122,5	4,28	Francisco F.Barretto
Cogonha - N-449	BE	9-2	47370	305	2.669	113,7	4,26	Miguel S.Costa Cançado
Juila - J.019	NR	9-7	41896	305	2.611	105,4	4,03	Francisco F.Barretto
C.F. Harpa - 968	NR	8-8	41046	305	2.586	122,7	4,74	Antonio José L. O.Costa
Cocada -	NR	-	52562	305	2.539	125,6	4,94	João Leite Sampaio Ferraz Jr.
Lavra - L 083	NR	7-10	46045	305	2.471	105,4	4,26	Francisco F.Barretto
Atalaia - G 7556	BE	10-0	61212	305	2.376	98,6	4,15	José Izacio Resende e Outros
Mantilha - H-045	NR	7-2	46063	200	2.140	103,2	4,82	Francisco F.Barretto
Devida - 4/39	NR	14-11	22056	305	2.080	87,7	4,21	Francisco F.Barretto
Lápida - L 062	NR	8-2	51106	262	1.936	75,6	3,90	Francisco F.Barretto
Gravura -	NR	12-6	33611	238	1.847	72,8	3,94	Francisco F.Barretto
C.A. Baitiana -	NR	7-11	47581	186	1.449	64,6	4,47	Antonio José L.O.Costa
Girolando								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos								
Aratinga Borboleta - LE	NR	6-11	48761	305	4.449	166,3	3,73	Dalio C.Klugel - Araçoti
II - DIVULG - Lactações até 365 dias								
Raça Holandesa — variedade preta e branca								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE A - até 2 1/2 anos.								
J.P.R. Loteca - L/50375 - L	LO	2-2	60236	365	8.076	305,3	3,75	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.R. Ligedreza - B/49971 - LI	PC	2-5	60642	365	6.558	254,4	3,87	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.R. Luciola - B/49952 -	PO	2-2	60640	365	4.864	197,3	4,05	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE B - de 2 1/2 a 3 anos.								
J.P.R. Loteca - B/49382 - LP	LO	2-6	60641	365	5.931	226,2	3,81	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE C - de 3 a 3 1/2 anos.								
Lotus: Fátima Cordeiro 1 - 6309920 - LI	LO	3-0	59957	365	6.796	255,3	3,75	Luiz Viscondi
Isabelley: Tróia Lema 1 - 46594 - LI	PC	3-5	60446	365	6.288	219,0	3,68	Valmir Spinelli e irmãos



IGUATU Reg. A-6163 — Grande Campeão na XVII Exposição de Gado Leiteiro em São Paulo. PRATINHA Reg. C-4436, mãe do IGUATU produziu 6.121 kg de leite em 365 dias — 4 LM — Categoria Longevidade. JAPÃO Reg. 4959 — pai do IGUATU — **TOURO PROVADO** — Média de suas filhas 1.195 kg de leite acima da média das mães.

Fazenda Brasília GIR LEITEIRO

PROPRIETÁRIO:
Rubens Resende Peres

Dados do S.C.L. da ABC

3 vacas com lactação acima de 6.000 kg
21 vacas com lactação acima de 5.000 kg
88 vacas com lactação acima de 4.000 kg
276 vacas com lactação acima de 3.000 kg

Praça José Peres, 10 — Tel. 115
End. Telefônico — GIRLEITE
SÃO PEDRO DOS FERROS - MG

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Produção

Leite kg

Gord. kg

%

PROPRIETÁRIO

Ieda da Florida - 9385-C-1M	PO	5-8	61152	343	4.157	251,5	6,05	Antonio Carlos P. Machado
S.A. Gradara 99 Mineiro - 10046-C	PO	6-3	46753	326	3.645	162,3	4,45	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Campeira do Salitinho - 474/B-128-1M	127/128	6-5	50247	346	3.550	176,7	4,97	Paulo H.C. Von Haeplingh

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
Barça de São Joaquim -	PC	2-0	60973	311	3.651	131,1	3,58	Benedito Portugal Pennó
L.C. Diplomacia Cugar Boy II -	PO	2-5	60971	309	2.914	103,5	3,55	Benedito Portugal Pennó
CLASSE AE - de 2 1/2 a 3 anos.								
Enterra - 6096-1M	PO	2-11	59854	365	4.936	193,3	3,91	Agro Pec.Sty Isidoro Ltda.
Denise Topper II B.C. - 2997/604-1M	OC2	2-8	60525	326	4.425	150,6	3,40	Benedito Portugal Pennó
Jarra da Aliança F.A.M. - 3917	OC3	2-8	58444	314	1.818	73,4	4,03	Francisco Amarante Mendes
F.A.M. Jornada da Aliança - 6158	PO	2-8	58153	329	1.807	75,1	4,15	Francisco Amarante Mendes
CLASSE BE - de 3 a 3 1/2 anos.								
Corona Camellaria Cadet -	PO	3-2	60725	329	3.999	136,9	3,42	Amilcar Farid Yamin
Gabriela Chip'S Paul de S. Carlos - 305521-1M	PC	3-2	60548	365	3.555	150,4	4,23	Carlos Cardoso A. Morim
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.								
Eugenia - 6005-1M	PO	3-9	55559	362	4.851	192,3	3,96	Agro Pec.Sty Isidoro Ltda.
CLASSE CE - de 4 a 4 1/2 anos.								
Felona da Calciolândia - 1224	PC	4-1	61219	314	2.345	92,0	3,92	Gabriel Donato de Andrade
CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos.								
S.C. Acacia Topper I - 5760-1M	PO	4-10	49521	353	5.954	208,7	3,50	Benedito Portugal Pennó
V.B. Favorite Unknown - 5571	PO	4-10	49530	356	4.142	138,8	3,35	Amilcar Farid Yamin
BE Ben Elaine - 5654-1M	PO	4-8	55970	318	4.077	169,8	4,16	Amilcar Farid Yamin
Ol' Verna Crescent Universe C.M. - 5757	PO	4-7	49162	365	3.054	146,2	4,78	Cia. Agric. Pec. Sta. Madalena
Imaita da Aliança F.A.M. - 2219	OC2	4-9	47912	309	2.367	91,9	3,88	Francisco Amarante Mendes
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos								
Vernon E. Acacia Rae - 5567-1M	PO	5-6	47597	352	5.971	223,7	3,74	Amilcar Farid Yamin
V.B. Duchess Roberta - 5619	PO	9-4	45675	320	4.714	161,9	3,43	Amilcar Farid Yamin
Verona - 5614	PO	5-0	47421	365	4.032	160,6	3,98	Agro Pec. Suíço Brasileira Ltda.
B.C. Italiana Maria I - 4981	PO	7-5	40658	310	3.698	130,2	2,97	Benedito Portugal Pennó
Victoria Universe de S.M. - 5537	PO	5-1	59953	360	3.456	140,3	4,05	Cia. Agro Pec. Sta. Madalena
Margarida - C-1919	PC	8-10	50143	320	2.935	108,5	3,69	Tasso Assunção Costa
Bacura - 1618	PC	11-1	52708	319	2.769	109,4	3,94	Tasso Assunção Costa
Castelinho da Aliança F.A.M. - 67921	OC3	9-6	39117	345	2.763	113,7	4,11	Francisco Amarante Mendes
Rae da Aliança F.A.M. - 77905	OC2	8-1	42327	328	2.734	114,1	4,17	Francisco Amarante Mendes
União Universe de S.M. - 5520	PO	5-2	60537	317	2.703	114,2	4,22	Cia. Agro Pec. Sta. Madalena
Decidua - 2241	31/32	5-10	52363	327	2.559	96,8	3,78	Tasso Assunção Costa

Raça Dinamarquesa

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos								
Kat. Loo Joop - 615-1M	PO	5-9	53877	357	5.200	204,8	3,93	Orostrato Olavo S. Barbosa
Tiamina - 457-1M	PO	5-3	49729	349	4.255	174,6	4,10	Orostrato Olavo S. Barbosa

Raça Pitangueiras

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Alia - 9803-1M	-	-	49800	355	4.292	177,7	4,13	S/A. Frigorífico Anglo
Braça - 4356	-	-	52090	365	3.741	144,9	3,87	S/A. Frigorífico Anglo
Baronesa - 0-595	-	9-0	38722	363	3.723	157,1	4,22	S/A. Frigorífico Anglo
Bacurija - 6972	-	-	54677	356	3.560	155,4	4,36	S/A. Frigorífico Anglo
Adriana - 4797	-	-	48042	329	3.466	149,9	4,32	S/A. Frigorífico Anglo
Londrina - B-554	-	8-10	39317	318	3.443	147,9	4,29	S/A. Frigorífico Anglo
Megriña - 4696	-	7-8	41983	351	3.443	140,5	4,00	S/A. Frigorífico Anglo
Anara - 2777	-	7-5	41990	365	3.403	140,7	4,13	S/A. Frigorífico Anglo
Alia - P-797	-	-	48374	359	3.208	147,2	4,47	S/A. Frigorífico Anglo
Pardosa - 8499	-	12-0	31460	323	3.118	130,8	4,45	S/A. Frigorífico Anglo
Brutela - B-608	-	8-1	37756	320	2.900	123,4	4,12	S/A. Frigorífico Anglo
Barbela - B-818	-	-	50908	329	2.040	82,2	4,03	S/A. Frigorífico Anglo

Raça Gir

Três Ordenhas (3x)

CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos.								
Justica - J-054	NR	9-1	40126	365	4.021	155,1	3,85	Francisco F. Barretto
Ideta - 098	NR	10-8	40821	365	3.607	157,5	4,36	Francisco F. Barretto
Jogetina - J-069	NR	9-0	42538	360	3.600	144,2	4,00	Francisco F. Barretto
Geta -	NR	11-11	33432	365	3.157	130,3	4,38	Francisco F. Barretto
Laerina - L-005	NR	8-0	42360	331	2.455	115,8	4,71	Francisco F. Barretto

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.								
L.A. Maçã - 1502	NR	3-11	60990	310	2.303	108,5	4,71	João Gabriel C. Moronha e Outros
CLASSE CE - de 4 a 4 1/2 anos.								
Monalisa - 1409-	NR	4-5	60552	365	2.734	128,1	4,68	João Gabriel C. Moronha e Outros
C.A. Missiva -	PC	4-1	60145	361	2.500	120,7	4,83	João Gabriel C. Moronha e Outros
Pafavina - 1061	NR	4-1	60546	365	2.406	109,9	4,56	Francisco F. Barretto

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Maryle Hilda Derry	PO	9-0	48	161	16,0	2,40
C.J.M. Muriela Dreyer	PO	9-1	129	365	13,0	3,74
Maryle Hilda Dreyer	PO	9-1	29	59	23,0	3,69
Maryle Hilda Dreyer	PO	9-1	29	82	19,0	3,89
Maryle Hilda Dreyer	PO	9-1	88	172	17,0	3,59
Maryle Hilda Dreyer	PO	9-1	88	227	19,0	3,85
Maryle Hilda Dreyer	PO	9-1	88	229	14,0	2,40
Maryle Hilda Dreyer	PO	9-1	100	276	14,0	4,36
C.J.M. Muriela Dreyer	PO	7-11	108	289	13,0	3,20
C.J.M. Muriela Dreyer	PO	7-11	108	315	16,0	4,09
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-1	17	29	21,0	4,23
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	29	33	17,0	3,44
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	60	192	16,0	3,90
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	70	204	14,0	4,20
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	119	298	13,0	4,40
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	218	26,0	2,90	
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	20	50	26,0	3,28
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	69	187	15,0	3,40
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	80	236	17,0	2,71
C.J.M. Muriela Dreyer	PO	9-10	20	40	20,0	3,16
Muriela Dreyer C.J.M.	PO	9-10	40	117	17,0	3,46
C.J.M. Muriela Dreyer	PO	9-10	69	116	12,0	3,34

Guilherme Falcão, Bat. de São Paulo, Controle em 14/10/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-8	59	137	13,0	3,05
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-8	49	100	14,0	2,40
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-8	79	287	13,0	2,71
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-10	30	89	13,0	2,62
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-5	49	100	16,0	2,24
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-8	19	2	14,0	3,00
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-8	50	128	16,0	1,80
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-8	44	22	22,0	2,80
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-11	40	181	17,0	2,53
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-2	40	106	15,0	2,60
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-7	100	283	13,0	3,68
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-1	30	89	15,0	3,10
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-5	100	282	13,0	2,60
G.F.V. Glória Falcão	PO	10-3	130	346	13,0	2,23
G.F.V. Glória Falcão	PO	8-1	80	242	13,0	2,79
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-4	80	238	13,0	3,29
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-1	59	111	14,0	3,58
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-5	59	147	15,0	2,89
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-10	100	276	15,0	2,98
G.F.V. Glória Falcão	PO	6-10	30	247	14,0	2,99
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-4	69	212	17,0	3,04
G.F.V. Glória Falcão	PO	5-11	69	185	16,0	2,28
G.F.V. Glória Falcão	PO	5-10	49	100	15,0	2,18
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-8	29	99	16,0	3,13
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-2	69	214	14,0	3,00
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-3	69	101	19,0	3,11
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-2	80	222	15,0	3,33
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-7	119	321	15,0	3,44
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-7	69	259	14,0	3,19
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-9	69	163	14,0	3,03
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-7	89	222	13,0	3,53
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-9	59	146	13,0	3,22
G.F.V. Glória Falcão	PO	4-8	69	123	13,0	2,83
G.F.V. Glória Falcão	PO	3-2	59	111	13,0	3,53
G.F.V. Glória Falcão	PO	2-11	69	168	13,0	2,09

Dr. Ademar Ribeiro, Bat. de São Paulo, Controle em 24/10/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Dr. Ademar Ribeiro	PO	3-10	59	151	13,0	3,61
Dr. Ademar Ribeiro	PO	8-9	59	137	17,0	2,93
Dr. Ademar Ribeiro	PO	3-4	49	89	23,0	3,40
Dr. Ademar Ribeiro	PO	4-6	30	86	23,0	3,32
Dr. Ademar Ribeiro	PO	3-10	30	50	23,0	3,86
Dr. Ademar Ribeiro	PO	3-2	20	37	18,0	3,77
Dr. Ademar Ribeiro	PO	3-2	20	30	22,0	3,15
Dr. Ademar Ribeiro	PO	3-8	19	2	17,0	3,43
Dr. Ademar Ribeiro	PO	8-2	19	4	23,0	3,04
Dr. Ademar Ribeiro	PO	3-9	30	302	14,0	3,47
Dr. Ademar Ribeiro	PO	3-8	29	41	13,0	3,88

Oswaldo Sider, Bat. de São Paulo, Controle em 21/10/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Oswaldo Sider	PO	-	19	10	21,0	3,95	
Oswaldo Sider	PO	-	19	10	15,0	3,40	
Oswaldo Sider	PO	3-12	19	10	22,0	3,22	
Oswaldo Sider	PO	-	19	1	18,0	3,00	
Oswaldo Sider	PO	15/16	4-11	80	240	14,0	2,46
Oswaldo Sider	PO	3-12	30	61	18,0	2,97	
Oswaldo Sider	PO	3-12	5-11	10	21,0	2,85	
Oswaldo Sider	PO	3-12	3-8	19	10	17,0	3,62
Oswaldo Sider	PO	3-12	8-8	49	95	19,0	3,87
Oswaldo Sider	PO	3-12	3-2	30	84	17,0	4,20
Oswaldo Sider	PO	-	30	97	13,0	2,72	

Gleice de Drey e Cui, Bat. de São Paulo, Controle em 19/10/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Gleice de Drey	PO	3-4	129	549	13,0	2,90
Gleice de Drey	PO	4-9	100	283	26,0	2,46
Gleice de Drey	PO	2-11	100	180	19,0	2,94
Gleice de Drey	PO	4-8	100	288	18,0	2,21
Gleice de Drey	PO	3-2	89	245	18,0	3,00
Gleice de Drey	PO	4-4	79	217	15,0	3,04
Gleice de Drey	PO	4-10	49	136	14,0	2,77

Luiz A. Lima de Moraes, Bat. de São Paulo, Controle em 17/10/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Luiz A. Lima de Moraes	PO	9-4	59	136	21,0	3,90
Luiz A. Lima de Moraes	PO	9-4	30	70	20,0	3,51
Luiz A. Lima de Moraes	PO	2-3	20	41	22,0	3,77

João Sider de São Paulo, Bat. de São Paulo, Controle em 25/10/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
João Sider de São Paulo	PO	3-4	79	218	19,0	3,43
João Sider de São Paulo	PO	3-11	59	131	17,0	4,08

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %		
Amor Nela Pila	PO	10-8	29	47	25,9	2,22	Jane Tereza Maria Nardo Somen	PO	6-2	89	154	27,8	2,97
J.J.S. Pila	PO	6-2	19	17	27,0	1,71	Jane Petala Mada N.Medel	PO	6-2	39	31	31,0	2,00
Amor 2657 Isabel Nard	PO	6-2	19	10	33,0	2,27	Jane Pila Pataola Capela	PO	5-11	70	186	31,0	3,18
Amor 2715 Nela Nila	PO	5-11	49	112	20,0	1,91	Jane Pila Jorgina J. Jancard	PO	6-1	89	87	21,0	2,21
Amor 2752 Eli Gima	PO	3-0	49	121	19,0	3,91	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-2	10	17	27,0	3,54
Amor 2753 Tereza	PO	4-10	49	119	19,0	2,92	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2754 Tereza	PO	2-2	49	55	20,0	3,43	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2755 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	2-0	27	12	27,0	3,35
Amor 2756 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2757 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2758 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	2-0	27	12	27,0	3,35
Amor 2759 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2760 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2761 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	2-0	27	12	27,0	3,35
Amor 2762 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2763 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2764 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	2-0	27	12	27,0	3,35
Amor 2765 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2766 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2767 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	2-0	27	12	27,0	3,35
Amor 2768 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2769 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2770 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	2-0	27	12	27,0	3,35
Amor 2771 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2772 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2773 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	2-0	27	12	27,0	3,35
Amor 2774 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2775 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2776 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	2-0	27	12	27,0	3,35
Amor 2777 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	6-0	29	48	29,0	3,34
Amor 2778 Tereza	PO	2-2	49	57	23,0	2,21	Jane Pila Maria Nardo Somen	PO	5-11	39	32	28,0	2,14
Amor 2779 Tereza	PO	2-2	49										

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite	%
Jacy Jacinete Wayne Citronin	PO	4-4	18	34	25,0	2,63
Jacy-Jacinta Jacinete Footlocker	PO	4-2	30	76	25,0	2,16
Jacy-Jays Zula Prince	PO	3-11	70	179	20,0	2,98
Jacy-Jocina Redera Marston	PO	3-2	80	225	19,0	2,58
Jacy-Josuarino II Maclennan Chs.	PO	4-3	10	35	27,0	2,45
Jacy-Josueira Garutusa Prince	PO	3-9	70	300	18,0	3,10
Jacy-Selista Wadsworth Capable	PO	2-9	69	148	21,0	3,57
Jacy-Silvana Rada Filio	PO	3-7	70	223	14,0	3,79
Jacy-Simolina Rada Prince	PO	3-11	20	99	24,0	2,38
Jacy-Solocio Linda Footlocker	PO	3-7	70	191	19,0	3,01
Jacy-Sonella Rada Hager	PO	3-7	70	91	21,0	2,99
Jacy-Suzanna Rado Astorson	PO	3-11	20	65	19,0	3,40
Jacy-Suzana Rada Citronin	PO	3-5	89	208	16,0	2,54
Jacy-Suzana Rado Footlocker	PO	3-5	70	199	16,0	3,64
Jacy-Suzanne Marie Astorson	PO	3-6	30	80	18,0	3,38
Jacy-Suzentella Mada Rodaba	PO	3-8	80	213	18,0	3,17
Jacy-Suzentella Taulista Milord	PO	3-5	69	148	18,0	3,57
Jacy-Terpe Florentia Pilom	PO	3-4	58	139	19,0	2,79
Jacy-Tina Persa Pilom	PO	3-5	50	133	19,0	3,25
Jacy-Tirion Indiana Chief	PO	3-7	10	17	30,0	2,81
Jacy-Tress Purpura Elevation	PO	3-4	50	132	20,0	2,98
Jacy-Tina Maria Combination	PO	3-3	40	124	20,0	3,41
Jacy-Tina Juana Milord	PO	3-2	40	121	17,0	3,50
Jacy-Tilla Liberman Combination	PO	3-3	20	65	26,0	3,28
Jacy-Tumbidi Megallia Astorson	PO	3-3	50	135	18,0	2,80
Jacy-Tundira Mada Beyron	PO	3-1	20	41	22,0	2,98

Gerardo Joaquim de Andrade S.J. do Rio Pardo, Est. do S. Paulo,
Ocupado em 11/10/80. Serviço de saúde em nível complementar. 2 ord.

Avulsos C.S.B.	11/72	5-4	40	146	17,0	3,4
Linha Flot 12 G.J.	11/72	7-4	40	161	16,0	3,9
Desembarço II G.J.	11/72	6-1	39	122	16,0	3,6
Sofia G.J.	12/72	7-4	39	112	25,0	2,9
Formosa G.J.	11/72	4-4	39	112	21,0	3,4
Desembarço Jaram 5	11/72	5-0	36	99	16,0	3,0
Vila Rica II G.J.	11/72	5-9	29	52	29,0	2,0
Detenho do Platani	11/72	5-9	25	88	28,0	3,2
Jawajica G.J.	11/72	2-7	29	71	19,0	2,4
Africano G.J.	11/72	7-7	26	45	29,0	3,6
Ata de Defesa, Numa Hand 2	11/72	12-0	20	48	32,0	3,6
Tren G.J.	11/72	7-4	22	53	24,0	3,3
Calicicandila Flot Paris	11/72	11-0	19	24	24,0	2,5
Vampiro II G.J.	11/72	5-7	19	16	22,0	3,0
Reconstrução C.S.B.	12/72	6-11	10	342	20,0	6,0
Reconstrução Glavovied Ioa 3	11/72	5-3	9	178	19,0	3,0
Armutica G.J.	11/72	7-0	80	306	15,0	3,4
Rebata G.J.	11/72	6-2	50	162	16,0	4,1
Pichada C.S.B.	11/72	10-3	40	154	17,0	3,4
Desembarço Jaram 2	11/72	10-0	30	134	17,0	3,4

Severina, R. 1999. *Estudo de caso: a prática da dança em uma escola de São Paulo*.
Contato em 18/10/99. Acesso de texto em modo on-line. 2 vols.

Belén A.G.	OC1	2-2	59	147	21,0	3,6
Bolton AG.	OC2	2-8	50	146	19,0	3,0
Boltona AG.	OC1	5-7	50	124	16,0	2,5
Bonari AG.	OC2	2-10	39	67	26,0	3,0
Botini AG.	OC1	3-8	39	49	29,0	3,6
Boualva AG.	OC2	3-11	39	57	28,0	3,0
Bouma AG.	OC1	5-7	29	47	40,0	3,0
Boualva AG.	OC1	7-4	29	62	21,0	3,0
Bouma AG.	OC1	5-3	109	107	18,0	4,0
Bouma AG.	OC1	3-7	100	206	13,0	4,0
Bouma AG.	Post	10-1	90	246	15,0	3,0
Bouma AG.	OC1	6-10	70	245	15,0	3,0
Bouma AG.	OC1	4-6	70	214	19,0	4,0
Bouma AG.	Post	6-6	70	211	25,0	3,0
Bouma AG.	OC2	3-2	70	221	19,0	3,0
Bouma AG.	OC1	2-3	70	222	17,0	4,0
Bouma AG.	OC2	2-4	70	202	21,0	4,0
Bouma AG.	OC2	2-6	70	195	19,0	4,0
Bouma AG.	Post	2-6	70	215	26,0	4,0
Bouma AG.	OC2	3-8	60	167	21,0	3,0
Bouma AG.	OC1	4-8	60	162	20,0	3,0
Bouma AG.	OC1	4-11	50	125	25,0	3,0

Jacob Xavier DALLA, Cirrus, Inst. de São Paulo, controle em 6/10/80.
Reins de outro com raio semelhante. 2 indivíduos.

Guilherme P. Abreu Pico 1.º 41	028	3-1	20	45	28,0	2.
Benedita Ruyana Lira P.º 1º 42	029	3-3	20	51	25,0	3.
Richarda Riane 1.º 43	030	3-3	20	53	24,0	4.
Quemara dos Prazeres P.º 1º 44	031	3-3	20	49	30,0	2.
Nelson Flauto Valente P.º 1º 45	032	2-2	10	15	26,0	4.
Helena do Paz P.º 1º 46	033	6-2	10	10	28,0	3.
Francine Gay Lacerda P.º 1º 47	034	4-1	10	1	31,0	3.
Genivaldo do Paz P.º 1º 48	035	1-1	6-8	10	26,0	3.
Odilinda Falcão de Andrade P.º 1º 49	036	3-2	10	13	29,0	3.
Renato Chaves Loureiro P.º 1º 50	037	2-1	10	52	23,0	2.
Tia P.º 1º 51	038	5-0	10	16	35,0	2.
Alcides Norberto Nakamura P.º 1º 52	039	3-0	10	10	29,0	3.
Clara do Paz P.º 1º 53	040	4-6	10	21	29,0	3.
Roberto do Paz P.º 1º 54	041	3-0	10	10	24,0	3.
Edna do Paz P.º 1º 55	042	3-1	10	233	24,0	3.
Lucia do Paz P.º 1º 56	043	5-11	80	219	25,0	3.
Valentina do Paz P.º 1º 57	044	3-9	70	221	22,0	3.
Emmanuel Acosta 1.º 58	045	3-3	70	179	30,0	3.
Guilherme Norberto João P.º 1º 59	046	3-2	80	157	24,0	3.
Quilma Clara Oliveira Paz P.º 1º 60	047	3-2	80	156	25,0	3.
Regina do Paz P.º 1º 61	048	2-3	80	153	24,0	3.
Elizabete do Paz P.º 1º 62	049	4-11	90	134	24,0	4.
Paula do Paz P.º 1º 63	050	3-3	70	191	23,0	3.
Pai P.º 1º 64	051	3-11	100	264	22,0	3.
Pai P.º 1º 65	052	8-2	80	249	20,0	3.
Carla do Paz P.º 1º 66	053	-	90	129	24,0	3.
Alcides do Paz P.º 1º 67	054	2-8	90	137	25,0	3.
Francine Tereza Oliveira P.º 1º 68	055	3-4	90	157	23,0	3.
Francine Gay Lacerda Paz P.º 1º 69	056	3-5	90	119	23,0	3.
Quilma Acosta Natala P.º 1º 70	057	3-5	90	144	23,0	3.
Ernesto do Paz P.º 1º 71	058	4-5	90	153	31,0	3.
Orsma P.º 1º 72	059	3-10	90	129	25,0	3.
Faiz Hill Domingues Ruth P.º 1º 73	060	9-9	90	128	27,0	3.
Isabel do Paz P.º 1º 74	061	3-1	90	121	25,0	3.
Francine Gay Lacerda P.º 1º 75	062	3-6	80	133	25,0	3.
Pai P.º 1º 76	063	9-8	80	143	25,0	3.
Marcelo do Paz P.º 1º 77	064	6-7	40	196	30,0	3.
Marcelo do Paz P.º 1º 78	065	5-0	80	102	30,0	3.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con- trole de lactação	Dias de leite	%
Isadirlha Gey Cerventina	(33)	3-1	49	130	3,3
Carolina M. Chace Flor F.D'Alho	(33)	4-3	49	141	23,3
Queta Napoleão Mineira F.D'Alho	(33)	3-4	49	121	23,3
Jandiraia F.Napio R.Paa D'Alho	(33)	8-11	39	51	42,3
Rebecca Gey Vanda F.D'Alho	(33)	2-2	39	56	13,3
Caryband Thelma Trizine Dorcas	(70)	6-3	39	11	23,3
Pupard do Zau D'Alho	(33)	6-6	39	16	23,3
Palmeira R. Indatassia F.D'Alho	(33)	4-5	39	49	23,3
Haribard Dorcas Tupper Jack	(70)	3-2	39	15	23,3
Reata Gey Lusina F.D'Alho	(33)	3-3	39	18	23,3
Riga Cal Riga Raa D'Alho	(33)	3-5	39	40	23,3
Parha do Zau D'Alho	(33)	3-7	39	37	23,3
Ingomina Gey R. Zau D'Alho	(33)	5-3	39	37	23,3
Reida Cal Gey F.D'Alho	(33)	2-2	39	18	23,3
Penice do Fra D'Alho	(33)	3-3	39	35	23,3
Zau D'Alho Reata F. Trizine	(70)	2-1	39	18	23,3
Great Lior Rodat Dorcas	(70)	2-1	39	14	23,3
Vieta R.D. do Pau D'Alho	(33)	4-4	39	16	23,3
Nitallora IV Pau D'Alho	(33)	5-6	39	116	23,3
Quartiana			29	22	23,3
Geyranda Pau D'Alho	(33)	5-5	29	22	23,3
Paa D'Alho Reata Zetrumat, Palava	(70)	2-2	29	21	23,3
Paa D'Alho Parha Zetrumat, L. 42	(70)	2-2	29	21	23,3

Dr. Carlos Alberto J. Leirion, Jaururina, Est. de São Paulo, em 23/10/80. Revisão de texto por Rachel M. Leirion, Jaururina.

Aurelia de Francis	31/12	7-3	59	144	21.3
Clara de Francis	31/12	7-0	30	20	21.3
Ona de Francis	15/14	6-8	50	129	20.4
Quiera	15/18	5-2	60	161	20.3
Chala Vista Admiral Vianco	PO	8-7	19	11	20.3
Bacana de Francis	PO	4-7	19	4	19.3
Alcineia Guedes Ursula Swenon	PO	2-6	10	7	19.3
Coco Gila Aloniz de Francis	PO	2-4	19	4	19.3
Prin.Safari Melos Glanato	PO	2-6	19	19	19.3
Rageva de Francis	31/12	7-10	15	38	19.3
Loret Lina Jojo	PO	3-8	60	154	19.3
Crescentwood Chief Darl	PO	3-0	30	77	19.3
Covey Ferra Dot. Baily	PO	4-4	10	212	19.3
Francis Aurora Ursula Quarin	PO	3-11	39	71	19.3
Berchenhill Triane Mae	PO	4-5	30	81	19.3
Rodalada de Francis	PO	2-7	20	28	19.3
Saracosta de Francis	PO	3-6	30	30	19.3
Salada S.Martinho de Francis	PO	2-10	70	147	19.3
Francis Bartira Safari	PO	2-2	20	11	19.3
Fordhoo: Perforce Lotta	PO	3-6	20	31	19.3
Elshilhoeteir de Francis	15/16	2-6	30	38	19.3
Carina S. M. de Francis	PO	3-2	21	32	19.3
Caracola Saum de Francis	PO	3-7	50	131	19.3
Herberts Comet Fally	PO	3-8	70	147	19.3
Wendurfs Gay Ideal Bani	PO	3-9	40	84	19.3
Crescentwood Milu anne	PO	3-10	60	119	19.3
Crescentwood Fanny Talent	PO	3-6	30	34	19.3
Wendurfs Fanny Dike Frida	PO	7-6	60	162	19.3
Prin.Tula Frida Aloniz	PO	5-2	30	47	19.3
032 Alice	PO	4-4	20	41	19.3
137 Alice	PO	5-3	40	81	19.3
573 Alice	PO	4-10	50	142	19.3
524 Alice	31/12	5-0	80	125	19.3
564 Alice	PO	5-3	50	119	19.3
106 Alice	PO	4-19	50	128	19.3
546 Alice	PO	5-4	20	47	19.3
026 Alice	PO	4-2	20	51	19.3
094 Alice	PO	5-2	40	82	19.3
110 Alice	PO	5-4	20	45	19.3
057 Alice	PO	5-2	40	81	19.3
178 Alice	PO	5-1	40	81	19.3
077 Alice	PO	4-4	40	141	19.3
170 Alice	PO	5-11	50	141	19.3
157 Alice	PO	5-2	40	81	19.3
040 Alice	PO	6-2	20	31	19.3
128 Alice	PO	5-3	30	81	19.3
167 Alice	PO	5-0	30	38	19.3
023 Alice	PO	5-11	50	119	19.3
196 Alice	PO	5-11	50	121	19.3
188 Alice	PO	5-1	40	111	19.3
176 Alice	PO	5-7	20	49	19.3
053 Alice	PO	5-3	20	31	19.3
092 Alice	PO	6-0	40	114	19.3
160 Alice	PO	5-10	60	154	19.3
133 Alice	PO	7-11	40	105	19.3
Moldura de Francis	15/16	6-0	80	221	19.3
Violeta de Francis	PO	7-5	70	201	19.3

Antônio La Motta, Itapira, Est. de São Paulo, Curitiba e
Luzerna, do oeste, com região suplementar. 3 e 2 indivíduos.

1. <i>Ordem</i>																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																							</
-----------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	----

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite	
Pajuar Cordeiros	PO	4-0	90	168	17,0	3,80
Leão do Juv. Catião Perti	PO	3-0	80	221	17,0	3,64
Pajuar Remoção Ora	PO	4-4	30	89	27,0	3,68
Pajuar Troncali Eali	PO	3-0	90	250	15,0	3,32
Troncali do São Gotardo	31/32	4-0	60	175	18,0	2,98
Citão do São Gotardo	31/32	-	-	128	16,0	2,80
Liza do São Gotardo	31/32	4-1	40	104	26,0	3,03
Marian do São Gotardo	31/32	-	40	118	18,0	4,04
Dona do São Gotardo	31/32	4-3	80	219	17,0	3,88
Delina do São Gotardo	31/32	3-0	80	204	20,0	3,80
Reia do São Gotardo	31/32	4-3	40	107	22,0	3,51
Dona do São Gotardo	31/32	-	40	125	18,0	4,20
Neve do São Gotardo	31/32	5-8	50	146	22,0	3,35
Citão do São Gotardo	31/32	5-3	30	137	18,0	3,08
Flávia do São Gotardo	31/32	5-0	40	124	26,0	3,77
Jane do São Gotardo	31/32	5-1	70	168	24,0	3,82
Reina do São Gotardo	31/32	5-11	30	51	27,0	2,80
Jonas do São Gotardo	Food	5-4	20	85	19,0	4,12
Lúcia do São Gotardo	31/32	5-0	50	141	18,0	2,81
Bonca do São Gotardo	31/32	5-4	90	267	15,0	3,89
Isabela Emeralda Perceira	PO	5-2	40	141	14,0	5,75
Helvêdo do São Gotardo	Food	5-0	20	90	24,0	2,95
José do São Gotardo	31/32	5-1	80	155	24,0	4,49
Luz do São Gotardo	31/32	4-11	70	202	24,0	3,68
Isolda do São Gotardo	31/32	5-1	40	102	19,0	3,94
Rita do São Gotardo	Food	5-0	20	89	26,0	3,71
Liza do São Gotardo	31/32	3-11	80	229	16,0	3,87
Rosa do São Gotardo	31/32	4-5	50	188	14,0	3,61
Troncali do São Gotardo	31/32	7-10	60	160	20,0	3,26
Tronca do São Gotardo	31/32	4-2	40	155	24,0	3,21
Dona do São Gotardo	31/32	5-0	100	166	16,0	3,80
Ária do São Gotardo	31/32	4-4	50	127	15,0	3,68
Citão do São Gotardo	31/32	3-11	80	226	14,0	3,90
Isabela do São Gotardo	31/32	3-2	70	76	20,0	3,63
Reia do São Gotardo	31/32	5-10	60	171	16,0	3,80
Rita do São Gotardo	31/32	5-7	90	253	17,0	4,50
Roseli do São Gotardo	31/32	4-4	50	144	24,0	3,55
Rita do São Gotardo	31/32	5-3	40	173	18,0	2,84
Rosa do São Gotardo	Food	5-2	70	190	16,0	4,21
Nico do São Gotardo	PO	5-1	80	135	18,0	3,71
Nellye 1991 Cezarina Barreto	PO	2-4	30	76	18,0	3,51
Vila Rosa Pinta 4 feio	PO	5-6	40	106	24,0	3,02
Nico 1991 Pinta 1 feio	PO	5-2	60	172	14,0	3,46
Nellye 1971 Rosa do Cuzim	PO	2-0	37	166	26,0	3,68
Nico 1991 Pinta 2 feio	PO	4-3	80	227	17,0	3,18
Nellye 1991 Pinta 3 feio	PO	2-2	40	118	18,0	3,03
Nellye 1991 Pinta 4 feio	PO	3-2	80	176	19,0	2,88
Nellye 1991 Pinta 5 feio	PO	3-0	40	124	23,0	3,40
Nellye 1991 Pinta 6 feio	PO	4-4	40	92	22,0	3,40
Nellye 1991 Pinta 7 feio	PO	4-5	20	11	23,0	2,53
Nellye 1991 Pinta 8 feio	Food	6-11	20	21	16,0	8,07

Israel Pontes Neto, Ilustra. Int. de São Paulo, Computa em 21/11/80.
Núcleo de Jato em região suplementar. 3 colunas.

Quality Onelets Jack	PO	3-4	20	168	16.0	1.24
Major's Fortia Express	PO	6-6	5	10	30	1.26
Major's Asset Guard	PO	2-0	40	117	20.0	1.24
Sea Harry Support Helix	PO	5-7	49	85	36.6	1.18
Glennville Rooster Gullion	PO	8-0	10	30	33.0	1.35
Ann Mary Princess IncredibleTechnum	PO	7-1	79	192	71.0	1.08
Major's Ultimate Candy	PO	3-0	50	127	22.0	1.81
Major's Darling Antennum	PO	2-7	49	108	19.0	1.75
Hayale Rooster Helen	PO	4-6	39	88	32.0	1.29
Major's Mac Fracke	PO	4-3	50	121	24.0	1.54
Victory Team Miss Hat	PO	5-4	80	121	21.0	1.68
Major's Elia Lad	PO	2-6	29	49	16.0	1.77
Drivell Ultimate Joow	PO	4-8	79	104	19.0	1.67
Daniel Rock Glen	PO	-	40	109	24.0	1.63
Major's Cindy Royal Leader	PO	-	80	244	39.0	2.68
Major's Jane Royalty	PO	2-6	10	116	16.0	2.39
Major's Trinity Rooster Antennum	PO	2-5	10	20	20.0	2.95
Victory Team Miss Collins	PO	-	101	26	26.0	2.95
Major's Brenda Helen	PO	2-9	49	113	20.0	2.49
Major's Elia Helen	PO	2-8	49	108	19.0	1.68

Mayoê Fontenrojian, Esp. 349 do Pirajá, Est. de São Paulo. Controle em 18/10/80. Recria de pasto com ração suplementar. 2 colônias.

Coca Vinodens	Food	3-2	90	218	14.8	3.20
Seg Vinodens	Food	3-5	90	137	15.0	2.82
Dear Vinodens	OC1	3-5	29	74	12.0	1.30
Cabrera Vinodens	OC2	4-0	90	122	18.0	3.23
Coyote Vinodens	OC1	6-2	29	65	13.0	2.53
Cilia Vinodens	Food	4-1	29	249	11.0	1.65
Canal Vinodens	11/12	4-2	90	56	17.0	3.30
Wena Tawana 44 Lucy Miled	FO	8-6	69	166	13.0	1.69
Cuka Vinodens	11/12	4-1	29	80	11.0	1.85
Cyella Piracitosa Reflact.	FO	9-3	40	102	17.0	2.71
Casaba Vinodens	11/12	4-6	20	41	16.0	2.61
Cretina Vinodens	11/12	3-5	29	55	15.0	3.11
Weyoke Vinodens	OC1	4-2	129	355	14.0	1.30
Detina Vinodens	Food	5-2	20	45	21.0	2.80
Iria Vinodens	-	7-6	30	67	30.0	3.32
Isolia Vinodens	Food	7-2	70	190	14.0	3.62
Ala 31 de Fiestas	OC2	6-6	60	169	17.0	3.00
OS 17 Fiestas	OC1	4-4	20	33	20.0	2.14
Caloria Vinodens	11/12	4-6	20	37	15.0	3.94
Cocora Vinodens	Food	4-2	40	92	28.0	3.94
Quanza Vinodens	11/12	4-3	20	70	16.0	2.87
Orilia Vinodens	Food	5-3	50	137	17.0	3.44
Indarima Vinodens	Food	7-3	60	171	13.0	3.45
Helima Vinodens	101	6-6	60	160	18.0	3.00
Brastila Vinodens	Food	5-2	40	105	37.0	3.28
Isuravilla Vinodens	Food	4-8	20	37	20.0	3.20
Kadula Vinodens	OC1	4-8	40	109	13.0	3.61
Wavaria Vinodens	11/12	2-0	20	65	16.0	3.68
Elania Vinodens	Food	4-1	70	208	15.0	3.69
Carla Vinodens	Food	4-6	20	32	21.0	3.77
Somata Expectation de Caldas	OC2	2-7	20	70	16.0	3.83
Panama Noya Vinodens	Food	3-6	50	122	15.0	3.96
Caribana Vinodens	11/12	4-4	10	21	16.0	3.87
Ceyra Vinodens	FO	4-6	10	23	19.0	3.73
Cal Cal Vinodens	OC1	4-1	10	7	15.0	3.58
Bella Vinodens	Food	3-3	10	17	14.0	3.81
Isupetada Vinodens	OC1	3-4	10	24	14.0	3.18
Yandocana Vinodens	11/12	4-7	10	12	17.0	3.88
Noyra Vinodens	Food	3-6	10	34	21.0	3.91
Wadara Vinodens	Food	3-1	80	44	13.0	3.82
Imura Vinodens	OC1	2-2	80	172	13.0	3.83

NOME DO ANIMAL	GRAU de sangue	Idade em anos e meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite	%
Dourada Vinodoca	MR	3-1	20	35	14,0	3,03
D'Arcos Amalã Vinodoca	OC1	3-0	30	73	14,0	3,54
Esmeralda Seven J. Vinodoca	OC1	2-0	26	45	14,0	3,76
Frutuosa Vinodoca	Pood	5 11	60	175	14,0	2,49
Estadística Vinodoca	Pood	5-4	40	118	19,0	2,90
Maravilha Vinodoca	Pood	5-0	50	131	15,0	1,87
Mentira Vinodoca	Pood	7-2	20	27	17,0	3,58
Adelia Espi. de Caldas	OC3	2-2	79	181	13,0	2,90

S/A. Faz. Paraiso Agropec. São J. da Boa Vista, Est. de São Paulo.
Controle em 8/10/60. Negre de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

P. Caratista Devon	PO	4-1	79	194	18.0	2.78
P. Conrad Rosaff Jr.	PO	4-5	29	49	15.6	3.81
P. Cudia Rosaff Jr.	PO	4-5	29	81	25.0	2.96
P. Cubina Rosaff Jr.	PO	4-4	39	71	26.5	3.34
P. Capela Summer Cit.	PO	4-4	29	47	19.0	3.38
P. Opeira Medalist	PO	4-2	59	142	17.0	3.50
P. Caratista Rosaff Jr.	PO	3-10	49	119	26.0	3.63
P. Caratista Rosaff Jr.	PO	3-11	39	69	21.0	2.86
P. Joda Perfection	PO	8-1	19	15	26.0	4.20
P. Vangarona Burke Rate	PO	7-8	19	15	18.0	4.26
P. Vina Fidalgo	PO	7-4	19	12	27.0	3.67
P. Salomonta Perdon	PO	5-5	19	9	23.0	3.24
P. Haidira Rendon	PO	5-5	19	20	25.0	3.80
P. Zolinda Rosaff Jr.	PO	5-1	19	10	23.0	3.26
P. Orea Oxford Citation	PO	4-3	19	13	25.0	3.20
P. Pita Fidalgo	PO	12-7	19	8	21.0	2.20
P. Argoli Oronaire	PO	6-4	19	2	19.0	2.99
P. Orelia Astronaut	PO	8-2	59	136	24.0	2.85
P. Orelia Astronaut	PO	8-2	59	82	23.0	3.14
P. Tartula Fidalgo	PO	10-10	59	156	21.0	2.81
P. Valsila Burke Rate	PO	13-9	59	141	20.0	3.43
P. Oaafura Rosaff Jr.	PO	7-2	39	72	25.0	3.57
P. Venturista Fidalgo	PO	7-3	39	86	24.0	3.10
P. Vina Fidalgo	PO	7-3	29	44	22.0	2.76
P. Virovaca Burke	PO	7-3	39	131	20.0	3.46
P. Vilia Astronaut	PO	6-11	89	121	15.0	3.23
P. Valsila Fidalgo	PO	6-10	49	168	20.0	3.42
P. Venturista Rendon	PO	6-11	39	77	26.0	3.44
P. Adriana Rosaff Jr.	PO	6-11	59	154	20.0	2.74
P. Adriana Rosaff Jr.	PO	6-11	59	154	20.0	2.74
P. Venturista Citation R.	PO	5-3	99	219	15.0	3.38
P. Tritona Fidalgo	PO	8-4	59	106	18.0	3.25
P. Antona Rosaff Jr.	PO	6-3	49	89	14.0	2.93
P. Siskara Dev. Citation	PO	2-4	99	85	14.0	3.33
P. Corvira Rosaff Jr.	PO	4-4	79	105	15.0	3.40
P. Nador Rendon	PO	13-4	99	185	14.0	3.65
P. Penila Perfection	PO	12-3	39	102	17.0	3.16
P. Polona Rendon	PO	12-2	49	97	12.0	3.15
P. Pora Fidalgo	PO	11-3	39	41	30.0	3.46
P. Polina Perfection	PO	11-3	49	194	15.0	3.46
P. Perfection Rosaff Jr.	PO	11-1	39	85	17.0	3.11
P. Radanta Fidalgo	PO	11-0	39	79	22.0	3.52
P. Razona Fidalgo	PO	10-7	69	160	18.0	3.50
P. Ramin Fidalgo	PO	10-7	49	118	16.0	3.54
P. Reginol Dev. Ann	PO	10-5	59	125	14.0	3.73
P. Rorona Citation	PO	10-9	59	137	18.0	3.73
P. Calandra Fidalgo	PO	10-2	69	150	18.0	3.33
P. Maleta Fidalgo	PO	10-0	59	49	20.0	3.77
P. Salina Rendon	PO	10-2	69	162	20.0	3.64
P. Salina Royal Master	PO	10-4	59	82	18.0	3.72
P. Rorona R.	PO	10-1	39	105	15.0	3.50
P. Rorona Fidalgo	PO	9-7	59	121	15.0	3.50
P. Rorona Fidalgo	PO	9-5	69	170	20.0	3.26
P. Rorona Fidalgo	PO	9-7	39	81	26.0	3.10
P. Tabosa Fidalgo	PO	8-7	29	46	15.0	3.12
P. Rorona Citation	PO	8-5	49	109	27.0	3.65
P. Rorona Fidalgo	PO	8-5	49	61	27.0	3.15
P. Rorona R.	PO	8-10	49	136	20.0	3.40
P. Rorona Rosaff Jr.	PO	8-6	59	133	17.0	3.49
P. Palma Fidalgo	PO	8-5	59	134	20.0	3.28
P. Rorona Rosaff Jr.	PO	8-5	29	41	22.0	3.64
P. Rorona Rosaff Jr.	PO	8-11	59	141	18.0	3.64
P. Rorona Rosaff Jr.	PO	8-1	29	44	27.0	3.12
P. Rorona Rosaff Jr.	PO	9-11	69	159	18.0	3.52
P. Rorona Rosaff Jr.	PO	8-2	29	58	10.0	2.94</

Parade Nova Agri. e Pecuária, 2006. Levant. An. de Vít. Gerais, Curitiba em 5/10/00. Região de pasto com ração suplementar 2,0

Associação Curaticeiros Unidos de M.R.	100	7-5	10	17	29,0	3,14
Esportiva de Marandá Nova	100	8-4	50	132	11,0	1,20
Associação de Marandá Nova	100	8-4	20	82	13,8	1,60
Clube de Marandá Nova	100	8-5	10	20	34,0	2,58
Clube Socorro de Marandá Nova	100	4-7	60	169	11,0	1,20
Esportiva de Marandá Nova	100	11-6	10	15	14,0	1,10
Esportiva de Marandá Nova	100	7-8	10	10	17,0	1,36
Clube de Marandá Nova	100	7-8	20	45	15,0	1,32

Dr. Geraldo Figueiredo Freitas-Saia, Prof. de São Paulo, Brasil
15/10/92, Receber de vocês um pouco de experiência. 1 pedido.

Nota da Prova	Prova	1-3	40	116	35,0	2,48
Aluno do Curso	11/12	4-11	80	99	16,0	3,97

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
De: Jarval Nicolau e Outros, S.J. de Boa Vista, Est. de São Paulo, Controle em 26/10/80, leite de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Follaris Ray, Nereus Puz	PO	2-1	69	166	14,0	4,12
Neposyl Stylomastix Chy	PO	2-4	40	101	14,0	2,29
Reinath M. Mendel	PO	2-4	20	82	13,0	3,68
Belio Moreira Salles, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 2/10/80, leite de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Isaura H. S. B. B. 15	PO	3-4	19	28	25,0	4,00
S.V. Dama Delma de Sol	PO	4-7	19	28	21,0	4,00
S.V. Posa	PO	6-6	119	352	16,0	3,57
Dama S. B. 10	PO	7-11	110	311	18,0	3,47
S.V. Gostinha J. B. B. 10	PO	9-8	90	277	15,0	3,52
S.V. B. B. 10	PO	9-8	90	295	14,0	3,15
S.V. B. B. 10	PO	9-8	90	268	16,0	3,45
S.V. P. B. 10	PO	9-9	90	299	14,0	3,54
S.V. Dama Brasmata B. B. 10	PO	8-7	90	249	13,0	3,68
S.V. B. B. 10	PO	10-6	80	242	16,0	3,45
S.V. B. B. 10	PO	10-6	80	266	13,0	3,93
S.V. B. B. 10	PO	6-8	70	228	13,0	3,25
S.V. B. B. 10	PO	6-11	60	190	14,0	3,63
S.V. B. B. 10	PO	7-0	70	202	15,0	3,64
S.V. B. B. 10	PO	3-5	60	197	16,0	3,38
S.V. B. B. 10	PO	3-2	60	194	15,0	3,62
S.V. B. B. 10	PO	3-4	60	193	13,0	3,18
S.V. B. B. 10	PO	3-5	60	187	19,0	3,32
S.V. B. B. 10	PO	3-3	60	195	21,0	3,21
S.V. B. B. 10	PO	3-5	60	190	18,0	3,52
S.V. B. B. 10	PO	2-11	60	191	22,0	3,37
S.V. B. B. 10	PO	2-11	60	207	16,0	3,43
S.V. B. B. 10	PO	2-8	60	187	15,0	3,38
S.V. B. B. 10	PO	3-0	50	176	16,0	3,36
S.V. B. B. 10	PO	3-0	50	169	14,0	3,48
S.V. B. B. 10	PO	3-0	50	165	21,0	3,11
S.V. B. B. 10	PO	3-0	50	178	16,0	3,41
S.V. B. B. 10	PO	3-0	50	161	13,0	3,22
S.V. B. B. 10	PO	8-6	50	153	16,0	3,42
S.V. B. B. 10	PO	8-11	50	153	19,0	3,07
S.V. B. B. 10	PO	8-5	40	143	20,0	3,27
S.V. B. B. 10	PO	8-5	40	136	20,0	3,27
S.V. B. B. 10	PO	4-3	40	132	22,0	3,09
S.V. B. B. 10	PO	3-2	40	120	17,0	3,73
S.V. B. B. 10	PO	3-4	40	153	17,0	3,32
S.V. B. B. 10	PO	3-11	30	103	21,0	3,06
S.V. B. B. 10	PO	3-10	30	113	22,0	3,23
S.V. B. B. 10	PO	3-0	30	209	16,0	3,32
S.V. B. B. 10	PO	2-0	20	215	15,0	3,48
S.V. B. B. 10	PO	2-2	20	185	19,0	3,32
S.V. B. B. 10	PO	6-0	20	164	17,0	3,53
S.V. B. B. 10	PO	12-1	20	168	15,0	3,79
S.V. B. B. 10	PO	11-11	20	166	18,0	3,40
S.V. B. B. 10	PO	3-7	40	132	14,0	3,79
S.V. B. B. 10	PO	3-2	30	128	22,0	3,54
S.V. B. B. 10	PO	-	40	149	21,0	3,29
S.V. B. B. 10	PO	4-0	30	111	19,0	3,51
S.V. B. B. 10	PO	3-6	20	71	21,0	3,19
S.V. B. B. 10	PO	11-7	20	78	21,0	3,42
S.V. B. B. 10	PO	5-3	20	106	24,0	3,11
S.V. B. B. 10	PO	5-12	20	122	22,0	3,36
S.V. B. B. 10	PO	8-0	20	43	21,0	3,27
S.V. B. B. 10	PO	4-0	20	57	19,0	3,53
S.V. B. B. 10	PO	-	20	14	25,0	3,13
S.V. B. B. 10	PO	8-1	10	43	21,0	3,23
S.V. B. B. 10	PO	7-5	10	99	21,0	3,24
S.V. B. B. 10	PO	10-0	20	96	26,0	3,10
S.V. B. B. 10	PO	4-8	20	77	22,0	3,28
S.V. B. B. 10	PO	4-11	20	84	26,0	3,23
S.V. B. B. 10	PO	4-10	20	82	25,0	3,46
S.V. B. B. 10	PO	-	20	70	25,0	3,36
S.V. B. B. 10	PO	8-1	20	72	18,0	3,32
S.V. B. B. 10	PO	8-4	20	72	19,0	3,13
S.V. B. B. 10	PO	8-7	20	53	13,0	3,83
S.V. B. B. 10	PO	8-11	20	54	19,0	3,48
S.V. B. B. 10	PO	5-8	20	48	20,0	2,91
S.V. B. B. 10	PO	4-11	20	43	17,0	3,43
S.V. B. B. 10	PO	-	20	23	24,0	3,22
S.V. B. B. 10	PO	9-10	20	50	14,0	3,78
S.V. B. B. 10	PO	9-11	10	1	20,0	3,29
Cla. Am. Ind. Par. da Boca, Itaipava, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/80, leite de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Isaura Aguiar	PO	3-1	30	87	22,0	3,32
Luis Vianeti, Jurema Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 14/10/80, leite de pasto com ração suplementar. 2 e 3 ordenhas.						
2 ordenhas						
Isaura Aguiar	PO	3-2	10	43	34,0	2,16
Isaura Aguiar	PO	7-8	10	42	12,0	2,93
Isaura Aguiar	PO	8-4	10	40	35,0	2,36
Isaura Aguiar	PO	4-8	10	39	29,0	3,00
Isaura Aguiar	PO	3-2	10	34	26,0	3,14
Isaura Aguiar	PO	3-11	10	33	34,0	2,19
Isaura Aguiar	PO	7-11	10	31	35,0	2,12
Isaura Aguiar	PO	6-3	10	25	29,0	2,00
Isaura Aguiar	PO	3-3	10	28	26,0	2,24
Isaura Aguiar	PO	3-10	10	18	20,0	3,04
Isaura Aguiar	PO	4-0	10	57	39,0	1,74
Isaura Aguiar	PO	4-0	10	40	35,0	2,10
Isaura Aguiar	PO	7-2	10	156	29,0	2,35
Isaura Aguiar	PO	7-2	10	65	39,0	2,55
Isaura Aguiar	PO	6-3	10	38	36,0	2,05
Isaura Aguiar	PO	6-8	10	40	37,0	2,50
3 ordenhas						
Isaura Aguiar	PO	3-0	20	69	19,0	3,41
Isaura Aguiar	PO	2-0	20	124	12,0	3,31
Isaura Aguiar	PO	6-0	20	214	18,0	3,00
Isaura Aguiar	PO	6-10	20	186	19,0	3,16
Isaura Aguiar	PO	3-4	20	183	17,0	3,06
Isaura Aguiar	PO	4-2	20	141	15,0	3,10
Isaura Aguiar	PO	3-3	10	18	18,0	3,18
De: Jarval Nicolau e Outros, S.J. de Boa Vista, Est. de São Paulo, Controle em 26/10/80, leite de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Isaura Aguiar	PO	3-2	10	43	34,0	2,16
Isaura Aguiar	PO	7-8	10	42	12,0	2,93
Isaura Aguiar	PO	8-4	10	40	35,0	2,36
Isaura Aguiar	PO	4-8	10	39	29,0	3,00
Isaura Aguiar	PO	3-2	10	34	26,0	3,14
Isaura Aguiar	PO	3-11	10	33	34,0	2,19
Isaura Aguiar	PO	7-11	10	31	35,0	2,12
Isaura Aguiar	PO	6-3	10	25	29,0	2,00
Isaura Aguiar	PO	3-3	10	28	26,0	2,24
Isaura Aguiar	PO	3-10	10	18	20,0	3,04
Isaura Aguiar	PO	4-0	10	57	39,0	1,74
Isaura Aguiar	PO	4-0	10	40	35,0	2,10
Isaura Aguiar	PO	7-2	10	156	29,0	2,35
Isaura Aguiar	PO	7-2	10	65	39,0	2,55
Isaura Aguiar	PO	6-3	10	38	36,0	2,05
Isaura Aguiar	PO	6-8	10	40	37,0	2,50
3 ordenhas						
Isaura Aguiar	PO	3-0	20	69	19,0	3,41
Isaura Aguiar	PO	2-0	20	124	12,0	3,31
Isaura Aguiar	PO	6-0	20	214	18,0	3,00
Isaura Aguiar	PO	6-10	20	186	19,0	3,16
Isaura Aguiar	PO	3-4	20	183	17,0	3,06
Isaura Aguiar	PO	4-2	20	141	15,0	3,10
Isaura Aguiar	PO	3-3	10	18	18,0	3,18

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite %		
Perita Pige	PO	4-2	70	279	13,0	3,43	Caldes Invenio Star Palero	PO	3-6	50	133	21,0	2,70
Odora Pige	PO	4-1	20	113	14,0	2,43	Caldes IV Star Estralla	PO	3-7	40	109	24,0	6,24
Roseta Pige	PO	4-1	20	138	16,0	3,87	Costechele Invenio Star de Caldes	OC2	2-10	80	261	16,0	3,92
Opata Pige	PO	4-1	20	138	16,0	3,87	Caldes Invenio Star Barban	PO	2-6	100	220	17,0	3,48
							Caldes Invenio Star Dinamara	PO	2-5	100	271	24,0	4,38
							Isadora Invenio de Caldes	OC2	2-4	110	287	18,0	4,45
							Caldes Invenio Star Catarina	PO	2-6	90	251	22,0	4,06
							Roseta Invenio Star de Caldes	OC2	2-4	90	205	20,0	4,00
Dr. Cley Zucco de Oliveira, Invenio, Est. de São Paulo, Controle em 29/10/80, leiteiro de posto com ração suplementar, 2 colébras.						Antonio Josem Pinheiro, Est. de São Paulo, Controle em 8/10/80, leiteiro de posto com ração suplementar, 2 colébras.							
L.P. Hot Hot Betulera	PO	4-0	20	35	13,0	1,31	Leguandia Pioneiro de Maimil	OC1	6-10	40	130	13,0	3,01
L.P. Faria Faria Elevation	PO	5-3	40	158	17,0	1,37	Tamara Chala Anzures	PO	8-3	60	174	16,0	3,48
L.P. Faria Faria Elevation	PO	5-3	40	158	17,0	1,37	Fial Unipalio Colcho Resafi	PO	5-3	50	111	21,0	2,76
L.P. Serran Serran 1	PO	3-2	17	29	20,0	3,41	Tocata Caltira Mark	PO	5-6	90	258	22,0	3,46
L.P. Serran Serran 2	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 3	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 4	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 5	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 6	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 7	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 8	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 9	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 10	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 11	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 12	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 13	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 14	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 15	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 16	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 17	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 18	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 19	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 20	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 21	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 22	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 23	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 24	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 25	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 26	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							
L.P. Serran Serran 27	PO	3-2	17	29	20,0	3,41							

**Fique por dentro do que
mais interessa a você
e a sua fazenda**



Como assinante, você
direito a consultas
grátis sobre direito
trabalhista fiscal e
um exemplar da Ag
dos Criadores e
Agricultores, índice
remissivo e pasta
para arquivo.

legislação para o campo ☐
orientação para seu cumprimento ☐
evolução do mercado de produtos agropecuários ☐
novas técnicas e processos de produção ☐
e comercialização ☐

A
Editora dos Criadores Ltda.
Av. Pompéia, 1.214
05022 — SÃO PAULO - SP

Para pagamento de minha assinatura do INFORMATIVO RURAL TRABALHISTA E FISCAL válida por 1 ano, estou anexando o cheque n.º _____, a cargo do Banco _____ de Cr\$ 7.850,00, em favor da Editora dos Criadores Ltda.

Nome: _____

Registro de Produtos / CGC n.º _____ Inscrição Estadual n.º _____

Rua / Fazenda _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Data: _____ de _____ de 19 _____

Assinatura: _____

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	% de leite
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca					
Perseido Alencar Pinto S/A. Pindamonhanga, Est. de São Paulo. Controle em 8/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Jang, Padula Pelina Maria. 10/8/80. PO. 6-5. 10. 10. 29,0. 2,80. Bar, Sup. de Arris, "Laur de Oureira", Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 2/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Perseido Alencar Pinto S/A. Pindamonhanga, Est. de São Paulo. Controle em 8/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. João José de Brito, Mata de São João, Est. da Bahia. Controle em 12/9/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Arris, e Past. Foz. Quarenta Linda, Quarenta, Est. de São Paulo. Controle em 11/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Geraldo Natal Rodrigues, São Roque, Est. de São Paulo. Controle em 7/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. João Passarelli, Itapapicuma, Est. de São Paulo. Controle em 6/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Paulo Roberto F. Vilela, Guaratupirá, Est. de São Paulo. Controle em 14/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Wagner, e Past. Foz. Quarenta Linda, Quarenta, Est. de São Paulo. Controle em 11/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Carlos e Past. Foz. Quarenta Linda, Quarenta, Est. de São Paulo. Controle em 9/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Perseido Alencar Pinto S/A. Pindamonhanga, Est. de São Paulo. Controle em 8/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
Bar, Sup. de Arris, "Laur de Oureira", Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 2/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
Perseido Alencar Pinto S/A. Pindamonhanga, Est. de São Paulo. Controle em 8/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
João José de Brito, Mata de São João, Est. da Bahia. Controle em 12/9/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
Arris, e Past. Foz. Quarenta Linda, Quarenta, Est. de São Paulo. Controle em 11/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
Geraldo Natal Rodrigues, São Roque, Est. de São Paulo. Controle em 7/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
João Passarelli, Itapapicuma, Est. de São Paulo. Controle em 6/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
Paulo Roberto F. Vilela, Guaratupirá, Est. de São Paulo. Controle em 14/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
Wagner, e Past. Foz. Quarenta Linda, Quarenta, Est. de São Paulo. Controle em 11/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80
Carlos e Past. Foz. Quarenta Linda, Quarenta, Est. de São Paulo. Controle em 9/10/80. Leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-5	10	10	29,0 2,80

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Condição de trote	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Condição de trote	Dias de lactação	Leite %		
Belinda 20 Ribeiro de Gombosa Nestora 11/10/80	CC1	7-2 2-6	30 20	74 46	29,0 19,0	3,18 2,88	Glória da Rostinga Glória Sultana de Rostinga	11/32	9-6 8-4	10 70	36 214	25,0 14,0	2,78 3,02
Vasco Mil Ribeiro Azevedo, João Carlos, Est. de São Paulo, Controle em 6/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Dr. Fernando José Santos, Est. de São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 11/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Depressa Pequena de S.A. Rafaela Bely de S.A. Suzete M. J.P. Mendonça 061 Rebel Cristie Fátima Sultana de S.A. Palmela Pequena de S.A. S.A. Negra 1120 Royal Red	CC1 CC2 CC1 TO CC2 CC1 PO	3-0 5-3 3-1 4-9 2-1 2-4 4-2	10 20 20 20 20 20 10	5 30 41 99 118 46 19	21,0 12,0 26,0 20,0 18,0 25,0 29,0	3,35 2,70 3,81 3,21 3,96 3,78 3,53	Rea Cit. Rebel de São Cruz Jersia Royal Red Est. Cruz Gostosa Honey Nourish Red SPP Robeca Reflection Hilton de S. Cruz Isabela Ladyman São Cruz Negra Citation Rebel	CC1 CC2 PO CC1 CC2 CC2 PO	5-4 6-7 5-5 4-1 6-3 3-2 5-10	60 60 80 109 29 38 10	174 130 137 109 30 15 63	17,0 13,0 12,0 20,0 31,0 22,0 26,0	3,99 3,95 3,92 3,50 4,63 3,73 3,86
Pereira e Eliseu Steinhilber, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Cordeiro Gabriel Dias Pereira, Olímpio Moreira, Est. de Minas Gerais, Controle em 15/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.							
1 ordenha Luz Viscardi, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 24/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.	CC1 CC2 PO CC1 CC2 PO	11-32 9-7 7-0 5-2	30 40 10 10	50 103 18 10	20,0 25,0 20,0 20,0	2,10 2,59 2,13 2,05	3 ordenhas Felicidade Dolly Denon Red Palmela Rebel de São Cruz Gostosa Leda Rebel de São Cruz Paulina Per. Noble de São Cruz Belina Noble de São Cruz Cordeiro Jumper Miss Red Dorotéia Junior Moreira Isabela Hilton de São Cruz	PO CC1 CC1 CC1 CC1 CC1 CC2	4-1 9-11 3-0 7-11 3-10 7-11 3-0	40 50 50 50 50 50 50	154 156 80 156 149 370 324	21,0 19,0 14,0 22,0 19,0 14,0 26,0	2,53 2,47 2,92 3,73 3,49 4,19 3,41
2 ordenhas Luz Viscardi, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 24/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.	CC1 CC2 PO CC1 CC2 PO	11-32 9-7 7-0 5-2	30 40 10 10	50 103 18 10	20,0 25,0 20,0 20,0	2,10 2,59 2,13 2,05	2 ordenhas Betty de São Cruz Esplanada de São Cruz Gostosa Leda Rebel de São Cruz Paulina Per. Noble de São Cruz Belina Noble de São Cruz Cordeiro Jumper Miss Red Dorotéia Junior Moreira Isabela Hilton de São Cruz	CC1 CC1 CC1 CC1 CC1 CC1 CC2	11-11 10-4 3-0 7-6 9-9 4-10 3-6 6-11 3-0 7-11 4-11 5-10	30 50 50 50 50 50 50 50 50 50 50 50	94 147 58 241 135 49 110 122 84 90 56 29	17,0 13,0 13,0 14,0 15,0 15,0 16,0 16,0 16,0 16,0 16,0 16,0	3,39 4,01 2,78 3,47 4,19 3,56 3,58 3,45 3,17 3,24 3,30 3,10 3,62
Dr. Eduardo Gleason, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Dr. Eduardo Gleason, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
1 ordenha Luz Viscardi, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 24/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.	CC1 CC2 PO CC1 CC2 PO	11-32 9-7 7-0 5-2	30 40 10 10	50 103 18 10	20,0 25,0 20,0 20,0	2,10 2,59 2,13 2,05	2 ordenhas Betty de São Cruz Esplanada de São Cruz Gostosa Leda Rebel de São Cruz Paulina Per. Noble de São Cruz Belina Noble de São Cruz Cordeiro Jumper Miss Red Dorotéia Junior Moreira Isabela Hilton de São Cruz	CC1 CC1 CC1 CC1 CC1 CC1 CC2	11-11 10-4 3-0 7-6 9-9 4-10 3-6 6-11 3-0 7-11 4-11 5-10	30 50 50 50 50 50 50 50 50 50 50 50	94 147 58 241 135 49 110 122 84 90 56 29	17,0 13,0 13,0 14,0 15,0 15,0 16,0 16,0 16,0 16,0 16,0 16,0	3,39 4,01 2,78 3,47 4,19 3,56 3,58 3,45 3,17 3,24 3,30 3,10 3,62
Dr. Eduardo Gleason, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Dr. Eduardo Gleason, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
1 ordenha Luz Viscardi, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 24/10/80, leiteiro de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.	CC1 CC2 PO CC1 CC2 PO	11-32 9-7 7-0 5-2	30 40 10 10	50 103 18 10	20,0 25,0 20,0 20,0	2,10 2,59 2,13 2,05	2 ordenhas Betty de São Cruz Esplanada de São Cruz Gostosa Leda Rebel de São Cruz Paulina Per. Noble de São Cruz Belina Noble de São Cruz Cordeiro Jumper Miss Red Dorotéia Junior Moreira Isabela Hilton de São Cruz	CC1 CC1 CC1 CC1 CC1 CC1 CC2	11-11 10-4 3-0 7-6 9-9 4-10 3-6 6-11 3-0 7-11 4-11 5-10	30 50 50 50 50 50 50 50 50 50 50 50	94 147 58 241 135 49 110 122 84 90 56 29	17,0 13,0 13,0 14,	

NOME DO ANIMAL	Grau de de sangue	idade anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite	%
Parizana do Marro Verde	Poco	10-1	20	32	17,0	3,87
Ata do Marro Verde	Poco	7-7	50	155	13,0	4,22
Trama do Marro Verde	31/32	8-3	20	43	20,0	3,21
Viola do Marro Verde	Poco	7-10	30	76	17,0	3,34
Wing do Marro Verde	15/16	4-9	20	33	16,0	4,37
Sandy do Marro Verde	OC1	4-5	20	73	14,0	3,53
Tina	NR	-	30	74	13,0	3,82
Balsa do Marro Verde	OC1	3-0	50	126	13,0	4,05
Urbanos Jurema de Andrade-Cruzilha-Est. de Minas Gerais, Controle em 22/10/60, leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Amélia J.B.	Poco	10-5	40	115	14,0	4,54
Vilfredo J.B.	Poco	11-1	20	73	16,0	3,88
Jandineira IV J.B.	Poco	13-9	50	98	14,0	3,54
Jandineira IV Mando V J.B.	Poco	12-11	40	98	12,0	3,37
Nova Belandis	PO	5-0	70	202	11,0	4,21
Vilages J.B.	Poco	10-6	90	254	19,0	3,24
Christiano dos Reis Mirelles, São Simão-Est. de São Paulo, Controle em 7/10/60, leite de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
1 ordenha						
Rebeldia Pivovet Standard	31/32	6-7	10	22	22,0	3,56
Isaura Grandino Standard	Poco	9-7	10	24	22,0	3,10
Schell Print, T-Star Jili	PO	6-0	20	51	30,0	2,99
Palma Standard	OC2	7-7	10	24	25,0	3,42
Almendra S.D. Standard	31/32	7-6	26	26	0	3,62
Chelle Standard	GRB	8-0	20	48	24,0	3,14
Nova Standard	GRB	9-0	30	91	32,0	3,34
Quarta Standard	Poco	13-1	20	81	21,0	3,57
Seccena Standard	OC1	8-3	30	78	32,0	3,01
Mariscia Standard	GRB	8-6	30	84	25,0	3,56
2 ordenhas						
Isa II Martins Standard	31/32	3-7	110	334	15,0	3,81
Paulina Roca Standard	31/32	4-3	50	44	20,0	2,90
Wendellina Martins Standard	Poco	8-2	20	114	15,0	2,48
Aracis Roca Standard	OC1	3-4	10	23	16,0	3,05
Donatolina Standard	OC1	6-7	20	39	17,0	3,08
Arara	NR	-	20	38	15,0	2,76
Talva L. Standard	31/32	3-10	10	29	15,0	3,12
Verônica	NR	-	50	139	16,0	3,01
Francisco Lopes Filho, São Paulo-Est. de São Paulo, Controle em 20/10/60, leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
F.L.F. Flaminia	PO	4-5	50	129	13,0	3,83
Flaminia F.L.F.	OC1	8-5	50	112	13,0	3,01
Flaminia F.L.F.	OC1	8-4	10	17	16,0	2,48
Flaminia F.L.F. - Quarta F.L.F.	Poco	3-0	20	74	13,0	3,05
Flaminia F.L.F.	Poco	4-4	20	37	13,0	4,20
Flaminia F.L.F.	Poco	6-4	30	72	19,0	3,44
Flaminia F.L.F.	Poco	6-2	20	40	14,0	3,60
Flaminia F.L.F.	NR	-	10	20	14,0	3,27
Dr. Claudio V. Roberti, Francisco Paulista-Est. de São Paulo, Controle em 30/10/60, leite de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ord.						
3 ordenhas						
Alfavela Denis Red	PO	8-3	10	4	32,0	4,37
C.B. Recife R. Agia Red	PO	6-2	20	56	22,0	3,35
2 ordenhas						
C. Governador Costa Red	PO	6-7	50	148	21,0	5,67
Wendell Standard Pda Red	PO	4-2	40	137	18,0	3,90
Wendell Costa Red	PO	4-1	40	110	18,0	3,09
Fernando José, Instituto Lida, Jundiaí-Est. de São Paulo, Controle em 23/10/60, leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Ortosa Helena Andressa	PO	4-0	30	78	15,0	2,42
Ortosa Helena Andressa	OC1	4-5	10	10	21,0	2,32
Comp. Agro Florestal, Juvicatinga-Est. de São Paulo, Controle em 23/10/60, leite de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Wendell Helena	PO	4-3	20	50	19,0	3,74</

NOME DO ANIMAL	Grav da sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dist de Instit
Pomarth Rosa 7 Ml.	PO	6-7	30	2-3
Opaca Hamilton S.S.	63/64	6-9	16	1-1
Penny da Holstera	OC2	2-5	17	2-1

Sta. Maria Agro Rec. Ind. S/A. St. Antonio de Itaipu				
Controle em 17/10/00, regime de pasto com ração suplementar				
Violeta	Pcod	11-10	50	17-1
Grana Mapom	Pcod	7-2	30	8-1
Moeda Mapom	Pcod	8-1	40	10-1
Almeida de Sta. Olívia	15/16	2-10	40	10-1
Correio do Mauro	15/16	7-6	40	10-1
Spoonlight	NR	-	40	10-1
Continência de Sta. Olívia	Pcod	2-11	40	10-1
Lavareda de Sta. Olívia	Pcod	6-8	50	10-1
Unica	NR	-	30	10-1
Caixa Mauro	Pcod	7-1	30	10-1
Muric	NR	-	30	10-1
Vitoria Corona	Pcod	8-6	30	10-1
Suécia de Sant'Ana	Pcod	12-0	30	10-1
Batucada	-	-	30	10-1
Madrada de Sta. Olívia	Pcod	6-8	40	10-1
Rosaria E. Rosaria T. Jack	PO	8-8	60	10-1
Argentina	NR	-	60	10-1
Blacul de Sta. Rita	Pcod	10-0	60	10-1
Doriana J.P. Barreira	Pcod	6-11	60	10-1
Correio de Sta. Olívia	15/16	7-4	60	10-1
Moda Mauro	OC1	8-4	60	10-1
Catarata de Sta. Olívia	OC1	2-3	40	10-1
Mariquinha B.J.P. Barreira	OC1	13-9	50	10-1
Ventania da Eplanada	Pcod	3-7	40	10-1
Holstera Corona	Pcod	9-6	40	10-1
Itapira do Mauro Verde	Pcod	6-3	40	10-1
Umarana Rod. Est. Regina	Pcod	2-11	40	10-1
Bela Corona	OC2	11-5	50	10-1
Mariquina Mauro	OC1	8-0	80	10-1
Pacifica de Sta. Olívia	Pcod	6-10	70	10-1
Shool. Roland M. do Varedo	OC1	4-0	70	10-1
Leviana Sibir	15/16	7-10	60	10-1
Antenas	NR	-	70	10-1
Rebuloa	NR	4-10	70	10-1
Pacifica de Sta. Olívia	Pcod	7-0	70	10-1
Jurupa de Sta. Olívia	PO	6-2	70	10-1
Rosaria S. Lila Ivarhoe	OC1	7-6	70	10-1
Modi Mauro	OC1	11-11	70	10-1
Costidade do St. Antonio	Pcod	7-5	70	10-1
Sonata Mauro	PO	5-9	80	10-1
Rosaria S. Laika Sultan	OC1	11-5	100	10-1
Lorena	Pcod	3-1	100	10-1
Nina Rod. do Paraíso	Pcod	7-4	100	10-1
Nimata Mauro	NR	-	100	10-1
Falsa de Sta. Olívia	Pcod	12-4	90	10-1
Chandoca de Sta. Olívia	Pcod	3-2	120	10-1
Floresta da Eplanada	Pcod	4-2	120	10-1
Branca da Eplanada	NR	-	120	10-1
Arcolisa	NR	-	120	10-1
Jardo	NR	-	120	10-1
Paraiha	NR	-	120	10-1
Nora	OC1	7-7	60	10-1
Milha Mauro	OC1	6-11	20	10-1
Alva Senador Corona	Pcod	10-3	20	10-1
Colônia Mapom	NR	-	20	10-1
Erico	Pcod	8-8	20	10-1
Regencia Corona	NR	-	20	10-1
Lilica do Mauro Verde	OC2	9-3	20	10-1
Milly Det. do Arenal	NR	-	20	10-1
Anta	NR	-	20	10-1
Grana	NR	-	20	10-1
Paraiha	Pcod	7-1	20	10-1
Quilvota de Sta. Olívia	Pcod	7-7	20	10-1
Vidrara de Sta. Olívia	OC1	7-2	20	10-1
Estimada Senador Corona	NR	-	20	10-1
Amesha	GRB	10-5	80	10-1
Isolda Transmittor 42-20.	Pcod	7-0	80	10-1
Meris de Sta. Olívia	GRB	9-2	80	10-1
Belizosa Salfat S.M.F.	Pcod	7-5	80	10-1
Noruega Mapom	Pcod	4-0	80	10-1
Capacola de Sta. Olívia	OC2	7-9	80	10-1
Tarantela de Patente	Pcod	-	80	10-1
Fiança Mauro	NR	-	80	10-1
Jola	NR	-	80	10-1
Rosaria	Pcod	6-7	90	10-1
Corina	NR	-	90	10-1
Verulha	NR	-	110	10-1
Lavareda de Sta. Olívia	Pcod	6-6	90	10-1
Felicidade de Sta. Olívia	Pcod	8-1	90	10-1
Conquista Mapom	OC1	8-8	90	10-1
Milena Mapom	OC1	6-11	90	10-1
Calçara Mapom	OC1	8-3	80	10-1
Menna A.B. Xilo	OC1	-	80	10-1
Corina	NR	-	-	-

Said Adalla S/A. Agro. Cos. Agric. Capivari St. de Itaipu				
em 9/10/00, regime de pasto com ração suplementar				
Lavareda EC.	Pcod	9-6	10	11
Nike Cass	31/32	3-6	20	80

Usina Açucareira Sta. Cruz S/A. Capivari St. de Itaipu				
em 26/10/00, regime de pasto com ração suplementar				
Albertina'S PR Oaili	PO	2-9	10	45
Albertina'S Sta. Leide	PO	7-0	10	10
Albertina'S OMC Guarinta	PO	4-4	10	10

José Marcelino Guarantira Est. de São Paulo, Guarantira				
Regime de pasto com ração suplementar				
Estalado do Global	Pcod	9-0	60	254
Empreita do Global	Pcod	-	60	120
Pinada do Global	Pcod	-	60	54,3

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Dr. José Lúcio Mendes e Outros, Patrimônio Est. de Minas Gerais, Controle em 7/10/80, regime de pasto com ração suplementar, 2 crias.							Dr. J. J. C. Gonçalves, Curvelo Est. de Minas Gerais, Controle em 25/10/80, regime de pasto com ração suplementar, 2 crias.						
Orelha	PE	8-7	20	41	10,0	3,55	Galia	PE	8-0	30	88	14,0	3,25
Barão	PE	6-11	30	46	10,0	3,82	Clotilde	PE	11-0	30	82	13,0	3,75
Tamara	PE	5-3	20	36	11,0	3,79	Joana de Brasília	PE	8-3	119	223	10,0	4,04
Vergata	NR	-	20	3	11,0	3,41	Lavareda	PC	0-0	10	7	17,0	3,36
Amélia	NR	-	20	40	11,0	4,03	Diana	PE	-	50	156	11,0	4,01
Wesley	PE	14-0	50	128	10,0	3,86	Parafina	PE	4-2	20	211	11,0	3,72
Rebeca	PE	13-5	40	109	10,0	4,02	Prata	PE	8-4	20	73	10,0	3,67
Isa	PE	8-4	30	58	10,0	3,83							
Fátima	PE	-	30	85	10,0	3,67							
Lygia	PE	9-0	20	87	10,0	3,66							
Regina	PE	10-0	20	58	10,0	3,78							
Theresa	PE	12-0	20	1	11,0	3,33							
Rubem Resende Ferra, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 25/9/80, regime de pasto com ração suplementar, 2 crias.							Gabriel Donato de Andrade, Calciolândia, Est. de Minas Gerais, Controle em 17/10/80, regime de pasto com ração suplementar, 2 crias.						
1 crias							Gerência da Calciolândia	PE	10-1	20	34	15,0	3,54
Regina	PE	13-10	20	11	12,0	4,55	Parque da Calciolândia	PE	4-11	30	85	12,0	4,03
Princesa de Brasília	PE	12-8	40	109	11,0	4,94	Parque da Calciolândia	PE	5-9	80	230	11,0	4,36
Madona de Brasília	PE	11-5	40	102	17,0	3,25	Leopoldo da Calciolândia	PE	8-1	20	25	12,0	4,32
Guia de Brasília	PE	12-1	60	171	10,0	5,50	Maria da Calciolândia	PE	4-11	20	17	11,0	4,06
Gertrudes de Brasília	PE	11-3	40	129	10,0	4,01	Melicia da Calciolândia	NR	-	20	34	11,0	3,90
Gertrudes de Brasília	PE	6-11	10	12	20,0	1,93	Onesha da Calciolândia	PO	2-11	20	20	11,0	3,94
Theresa de Brasília	PE	9-11	40	107	10,0	5,78	Regina da Calciolândia	NR	4-3	40	103	11,0	4,23
Leiteira de Brasília	PE	8-1	60	175	13,0	3,96	Onesha da Calciolândia	PE	10-4	20	38	10,0	4,17
Leiteira de Brasília	PE	8-5	80	226	20,0	4,14	Sela Vista da Calciolândia	PE	9-5	50	129	12,0	4,41
Leiteira de Brasília	PE	7-4	50	133	14,0	4,31	Sela Vista da Calciolândia	PE	6-5	50	132	11,0	4,01
Leiteira de Brasília	PE	8-9	60	179	15,0	4,06	Sela Vista da Calciolândia	PE	3-5	60	153	11,0	2,98
Leiteira de Brasília	PE	6-11	10	6	16,0	4,62	Prata da Calciolândia	PE	4-11	40	103	11,0	4,49
Leiteira de Brasília	PE	6-9	50	147	12,0	3,75	Prata da Calciolândia	NR	8-8	60	153	11,0	4,98
Leiteira de Brasília	PE	6-3	10	5	12,0	4,07	Prata da Calciolândia	NR	9-9	40	113	12,0	4,29
Leiteira de Brasília	PE	6-5	40	104	11,0	4,66	Prata da Calciolândia	PE	4-6	10	152	13,0	3,78
2 crias							Prata da Calciolândia	PE	4-1	10	15	11,0	4,01
Prata da Calciolândia	PE	5-9	40	104	10,0	4,56	Prata da Calciolândia	PE	7-3	20	31	11,0	4,06
Prata da Calciolândia	PE	4-9	40	119	10,0	4,69	Prata da Calciolândia	PE	4-11	30	120	11,0	3,72
José Eduardo C. Pereira, São João de B. Vista, Est. de São Paulo, Controle em 17/10/80, regime de pasto com ração suplementar, 2 crias.							Prata da Calciolândia	NR	11-4	30	75	10,0	3,95
C.A. Lapela	PE	6-7	10	40	11,0	1,72	Prata da Calciolândia	PE	4-2	40	99	11,0	4,25
C.A. Lapela	NR	9-1	20	51	14,0	1,97	Prata da Calciolândia	NR	4-11	20	80	10,0	3,76
C.A. Lapela	PE	4-0	50	118	10,0	4,00	Prata da Calciolândia	PE	3-6	50	122	10,0	3,77
C.A. Lapela	NR	8-10	40	88	13,0	3,45	Prata da Calciolândia	PE	5-5	40	139	10,0	3,46
C.A. Lapela	NR	2-11	30	71	39,0	3,67	Prata da Calciolândia	NR	5-5	10	10	13,0	2,36
C.A. Lapela	PC	8-7	20	72	11,0	3,88	Prata da Calciolândia	PE	8-11	10	64	10,0	3,43
C.A. Lapela	NR	5-6	20	79	10,0	4,12							
Antonio José L. O. Costa, Sta. Cruz das Palmeiras, Est. de S. Paulo, Controle em 19/10/80, regime de pasto com ração suplementar, 2 crias.							C.A. Miranol	NR	-	20	47	10,0	4,68
							Diácono	NR	13-3	20	47	12,0	4,68
							C.A. Natiana	NR	9-0	10	10	11,0	4,43

GIR LEITEIRO FB - DE MOCOCA

FRANCISCO F. BARRETTO - FAZENDA SANTANA DA SERRA

Km 295 da Estrada Mococa-Cajuru — Fone (0196) 550-801
MOCOCA — Rua Barão de Monte Santo, 1230 — Fone (0196) 550-085
SÃO PAULO — Rua 15 de Novembro, 193 — Fone (011) 239-1911

44 anos na seleção
do GIR LEITEIRO

CONTROLE LEITEIRO
OFICIAL PELA ABCZ

O GADO CERTO
PARA O CLIMA CERTO



MAIS CARNE!
MAIS LEITE!

ESCALA — Campeã mundial de produção
leiteira, em Gir. — Crioula do Plantel FB.

INDUSTRIALIZAÇÃO E VENDA DE SÊMEN:

PECPLAN BRADESCO — Rodovia BR 050 — Km 529 — Uberaba - MG
Cidade de Deus — Vila Yara — OSASCO - SP — Fone (011) 801-1244

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Fazenda F. Barreto, Mococa, SP, de São Paulo, Controle em 20/10/80. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 1 ordenhas.							Dr. Arthur S.M. Ritzma, Jopitiba, SP, de São Paulo, SP, 17/10/80, Regime de pasto com ração suplementar, 4 e 1 ordenha.						
1ª ordenha							2ª ordenha						
Adriana	NR	10-3	20	36	13,0	4,57	Ivete	NR	7-0	50	120	12,0	4,57
Alma	NR	6-5	20	54	21,0	3,20	Iverson	NR	6-0	40	47	11,7	4,57
Alcântara Jr.	NR	10-10	20	13	13,0	4,57	Isolatorre	NR	8-3	20	11	11,0	4,57
Alcântara	NR	7-5	20	33	13,0	4,57	Maya	NR	9-3	20	10	10,0	4,57
Alcântara	NR	7-0	20	33	13,0	3,97	Roberta	NR	10-3	20	16	12,0	4,57
Alcântara	NR	7-2	10	14	14,0	4,61	Odora	NR	3-10	20	184	18,4	4,57
Alcântara	NR	12-2	10	5	14,0	4,16	Clara	NR	6-3	30	18	12,0	4,57
Alcântara	NR	1-0	10	30	14,0	4,00	Barbra	NR	11-0	50	131	13,1	4,57
Alcântara	NR	8-5	10	6	25,0	4,40							
Alcântara	NR	11-4	10	19	23,0	3,92							
Alcântara	NR	5-7	10	6	14,0	4,27							
Alcântara	NR	8-11	10	10	13,0	4,57							
Alcântara	NR	9-9	10	5	13,0	4,38							
Alcântara	NR	7-7	10	13	23,0	4,38							
Alcântara	NR	6-7	10	10	19,0	3,95							
Alcântara	NR	6-11	110	128	11,0	4,66							
Alcântara	NR	7-4	100	277	11,0	4,26							
Alcântara	NR	11-1	90	244	10,0	4,66							
Alcântara	NR	13-0	90	238	10,0	4,80							
Alcântara	NR	13-0	90	273	10,0	4,29							
Alcântara	NR	0-0	80	229	12,0	4,54							
Alcântara	NR	7-3	80	229	10,0	4,85							
Alcântara	NR	7-2	10	34	13,0	4,69							
Alcântara	NR	8-0	10	9	11,0	4,45							
Alcântara	NR	7-4	30	71	11,0	4,91							
Alcântara	NR	6-7	40	86	12,0	4,57							
Alcântara	NR	6-7	30	73	11,0	4,66							
Alcântara	NR	6-3	30	76	15,0	4,52							
Alcântara	NR	7-7	30	91	11,0	4,44							
Alcântara	NR	8-1	30	83	15,0	4,38							
Alcântara	NR	7-11	30	64	12,0	4,29							
Alcântara	NR	7-7	30	63	12,0	4,86							
Alcântara	NR	12-10	30	67	12,0	4,50							
Alcântara	NR	10-10	30	63	13,0	4,49							
Alcântara	NR	14-0	30	55	11,0	4,42							
Alcântara	NR	7-9	20	46	12,0	4,57							
Alcântara	NR	6-11	20	52	11,0	5,29							
Alcântara	NR	10-8	50	137	13,0	4,54							
Alcântara	NR	10-7	50	127	12,0	4,50							
Alcântara	NR	6-9	40	99	12,0	3,92							
Alcântara	NR	13-8	40	123	10,0	4,63							
Alcântara	NR	7-0	40	115	14,0	4,45							
Alcântara	NR	13-3	40	101	10,0	5,08							
Alcântara	NR	11-5	40	107	10,0	4,00							
Alcântara	NR	5-3	40	105	10,0	4,97							
Alcântara	NR	6-8	40	123	10,0	5,00							
Alcântara	NR	6-1	40	116	10,0	4,07							
Alcântara	NR	9-3	40	96	11,0	4,60							
Alcântara	NR	8-11	40	119	10,0	4,72							
Alcântara	NR	6-3	40	157	10,0	4,21							
Alcântara	NR	5-0	50	148	17,0	3,60							
Alcântara	NR	9-0	50	137	10,0	5,16							
Alcântara	NR	7-7	50	141	11,0	4,12							
Alcântara	NR	5-7	50	150	10,0	5,02							
Alcântara	NR	6-9	50	146	10,0	4,46							
Alcântara	NR	3-0	50	133	11,0	5,20							
Alcântara	NR	8-4	50	146	12,0	4,29							
Alcântara	NR	8-6	60	183	19,0	3,72							
Alcântara	NR	11-1	70	189	13,0	4,22							
Alcântara	NR	7-3	60	169	11,0	5,64							
2ª ordenha							3ª ordenha						
Alcântara	NR	14-3	30	73	10,0	4,35							
Alcântara	NR	4-3	30	65	11,0	3,89							
Alcântara	NR	4-1	30	91	11,0	4,39							
Alcântara	NR	13-8	20	39	10,0	4,69							
Alcântara	NR	4-4	20	47	11,0	4,23							
Alcântara	NR	8-2	30	92	13,0	4,17							
Alcântara	NR	8-4	20	73	14,0	4,48							
Alcântara	NR	9-2	20	21	10,0	4,33							
Alcântara	NR	5-11	10	7	10,0	4,09							



QUEM? QUANDO? COMO? ONDE? POR QUE?

Não tenha dúvidas. Anuncie seu produto ou seu reprodutor no maior grupo editorial brasileiro especializado exclusivamente em assuntos agropecuários: a Editora dos Criadores. Além da Revista dos Criadores (meio século de existência), editamos também o Anuário dos Criadores, Agenda dos Criadores e Agrônomo e o Informativo Rural Trabalhista e Fiscal. Além disso possuímos um moderno parque gráfico capaz para produzir, compor, imprimir (branco e preto e quatro cores) qualquer tipo de peça gráfica.

EDITORA DOS CRIADORES — AVENIDA POMPEIA, 1214 — SÃO PAULO — FONES: 65-0116 E 65-0117

Associação Brasileira de Criadores

Taxas e emolumentos - Serviços de Assistência Veterinária e Agrônoma

A ABC realiza trabalhos de Registro Genealógico e Provas Zootécnicas, especialmente o Controle de Produção Leiteira e de Desenvolvimento Ponderal de várias raças bovinas, em virtude da delegação do Ministério da Agricultura e de contrato com várias associações nacionais especializadas.

As taxas estabelecidas cobrem apenas cerca de 60% dos custos operacionais. A subvenção federal é insuficiente, não tendo sido re-

justada há quatro anos e é recebida com atraso cada vez maior. Por outro lado, terminou no corrente ano a vigência do contrato com o Ministério, e é problemática sua renovação, face à atual conjuntura política e econômica.

Face ao exposto, decidiu a Diretoria da ABC proceder à revisão da tabela de taxas e emolumentos. Algumas delas não são reajustadas há mais de um ano. A vigência da presente tabela é a partir de 1.º de agosto.

A - SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO

TAXAS	
1 - REGISTRO PROVISÓRIO OU DE NASCIMENTO	
Puros de Origem - P.O.	Cr\$ 375,00
Puros por Cruzas e mestiços	Cr\$ 255,00
2 - REGISTRO DEFINITIVO OU DE NASCIMENTO	
Puros de Origem e Puros por Cruzas	Cr\$ 480,00
Mestiços	Cr\$ 360,00
3 - REVALIDAÇÃO	
Puros de Origem e Puros por Cruzas	Cr\$ 480,00
4 - TRANSFERÊNCIA OU SEGUNDA VIA	
Por Certificado	Cr\$ 255,00
Segunda via de Certificado	Cr\$ 255,00
5 - DIÁRIA DE INSPEÇÃO	Cr\$ 1.500,00
Quilometragem — por km percorrido, com condução própria	Cr\$ 9,00

B - SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

de Animais	
1 a 10	Cr\$ 1.500,00
1 a 20	Cr\$ 2.250,00
1 a 30	Cr\$ 2.700,00
1 a 40	Cr\$ 3.000,00
1 a 50	Cr\$ 3.300,00
de 51 em diante, por animal	Cr\$ 68,00

C - SERVIÇO DE CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

de Animais	
a 20	Cr\$ 1.500,00
a 30	Cr\$ 1.950,00
a 40	Cr\$ 2.250,00
a 50	Cr\$ 2.550,00
a 100, por animal	Cr\$ 48,00
a 200, por animal	Cr\$ 42,00
a 300, por animal	Cr\$ 30,00
em diante, por animal	Cr\$ 23,00
certificado emitido, por animal	Cr\$ 150,00

SERVAÇÃO: As despesas de viagem e estadia do inspecor e Controladores correm por conta do Criador, havendo rateio, quando couber. Transporte: por km percorrido

Cr\$ 9,00

EXAMES DE LABORATÓRIO

A - EXAME DE IMUNO-DIFUSÃO EM GEL PARA DIAGNÓSTICO DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

Exame, por amostra ou animal Cr\$ 200,00

B - EXAMES PELO "CARD-TEST" E DE SORO-AGLUTINAÇÃO PARA BRUCELOSE

Número de animais	Por cabeça
01 a 10, por animal	Cr\$ 65,00
11 a 20, por animal	Cr\$ 50,00
21 a 50, por animal	Cr\$ 35,00
De 51 em diante, por animal	Cr\$ 30,00

C - EXAMES HEMATOLOGICO

Hemograma completo	Cr\$ 370,00
Hematócrito	Cr\$ 120,00
Pesquisa de Hematozoários (Babésias, Filárias)	Cr\$ 150,00
Cálcio e Fósforo	Cr\$ 370,00
Enzimas (TGO, TGP, CPK — para cada uma)	Cr\$ 370,00

D - EXAMES DE URINA

Exame de Urina completo (tipo I)	Cr\$ 370,00
(Características físicas, químicas e sedimentação quantitativa)	
Exames parciais (Glicose, Corpos Cetônicos)	Cr\$ 150,00
Exames parciais (Bilirrubina, Proteínas, Urobilinogeno, Sangue), por espécie	Cr\$ 150,00

E - EXAMES DE FEZES

De bovinos, eqüinos, suínos, caprinos e ovinos (métodos de MAC MASTER E WYLLIS)	
Por amostra	Cr\$ 100,00
Exames de fezes de Canino e Felinos, por animal	Cr\$ 150,00

F - EXAMES DIVERSOS

Pesquisas de Bacilos álcool-ácido resistentes (Bacilos de Koch) em secreção	Cr\$ 300,00
Exames de líquido Cefalo-Raquidiano (líquor) (químico-citológico)	Cr\$ 450,00
Diagnóstico de Mastite (Cell-fórnia Mastitis Test) por amostra	Cr\$ 30,00

EXAME DE IMUNO-DIFUSÃO EM GEL PARA DIAGNÓSTICO DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

Exame, por amostra ou animal Cr\$ 200,00

(Somente os exames de material colhido por Médico Veterinário, com declaração ou pedido por escrito, terão direito a ATESTADO OFICIAL).

OBSERVAÇÃO: As Taxas, para NÃO ASSOCIADOS DA ABC, são majoradas em 50%.

SERVIÇOS DIVERSOS

A - CONSULTAS

Caninos e Felinos, por animal Cr\$ 350,00

B - VACINAÇÕES

Anti-rábica, por animal Cr\$ 250,00
Tríplice (Cinomose, Hepatite, Leptospirose) Cr\$ 300,00

C - APLICAÇÃO DE INJEÇÕES E CURATIVOS

Cr\$ 150,00

D - ATESTADOS E PARECERES

Cr\$ 300,00

E - LAUDOS TÉCNICOS, (de acordo com a complexidade) de

Cr\$ 300,00 a Cr\$ 1.500,00

F - PARECERES PARA A IMPORTAÇÃO DE SEMEN E REPRODUTORES

Até 500 doses, por unidade	Cr\$ 15,00
De 501 a 1.000 doses, por unidade	Cr\$ 10,00
De 1.001 doses, em diante, por animal	Cr\$ 8,00

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Atendimento em propriedade agrícola, por Agrônomo ou Veterinário, até o limite de 8 (oito) horas	Cr\$ 2.500,00
Por hora excedente, contada estada e viagem	Cr\$ 250,00
Despesas de viagem e estadia, por conta do Criador	
Por quilômetro percorrido, com condução própria	Cr\$ 9,00

OBSERVAÇÃO: — Os NÃO ASSOCIADOS estão sujeitos ao pagamento das Taxas em dobro.

ALBERTO ALVES SANTIAGO
Gerente Técnico

LIVRO PARA CONTABILIDADE

Preparado de acordo com as atuais exigências para se fazer a contabilidade da parte agrícola e pecuária da fazenda. A seguir um resumo das partes de que compõem o livro para Contabilidade.

CAPÍTULO I DESPESAS DO ANO CIVIL

Parte I

Construções e Instalações.
Melhoramentos. Formação de culturas permanentes, essenciais florestais e pastoris.

RESUMO DAS DESPESAS DE FORMAÇÃO

Parte II

Despesas com aquisições.
Equipamentos motorizados.
Equipamentos a tração animal.

Parte III

Despesas com aquisição de animais para: formação e/ou melhoria do plantel, reprodutores, etc.

Parte IV

Despesas com: Insumos de alta produtividade para todas as explorações do imóvel; sementes e mudas; fertilizantes e corretivos, etc.

Parte V

Despesas: Diversas sem coeficiente ou de custeio: sementes e saís; combustível e lubrificantes, etc.

CAPÍTULO II RECEITAS DO ANO CIVIL

Venda de milho, de leite, de vários, etc.

CAPÍTULO III INVENTÁRIO

Controle sobre o desenvolvimento do rebanho durante o ano civil.
A — Terra. Início do ano. Área em hectares, valor unitário, valor total, fim de ano, etc.

B — Culturas permanentes.

C — Benfeitorias: Construções, instalações e melhoramentos.

D — Máquinas, veículos e equipamentos.

E — Animais de produção ou criação.

Reprodutores e de trabalho.
De criação ou produção: terras, vacas, novilhos, bezerros ou bezerras, etc.

Área agrícola ou agriculturável.

Culturas hortícolas ou flores. Culturas temporárias e permanentes, pastarias.

II — Área florestal.

III — Área edificada.

IV — Área improdutiva.

V — Quantidade, preço médio, unitário e valor total; animais de produção; bovinos, bubalinos, suínos.

animais para criação e engorda, etc.

VI — Animais de trabalho.

F — Produtos e materiais.

Investimentos.

CAPÍTULO IV RESULTADOS FINANCEIROS E IMPOSTO DE RENDA

Parte VI

Resultados financeiros apurados na empresa. Despesa e receita.

Parte VII

Imposto de renda.

No livro de CONTABILIDADE



AGROPECUÁRIA há um ano para **REGISTROS AUXILIARES DE ADMINISTRAÇÃO**

anotações sobre: Cultura do café, registros por lote ou talhão.

Pastaria, registros diversos ou posto.

Controle da movimentação, controle de cobertura, controle de produção e das vacas em lactação.

de venda do leite. Data: Eis aí um resumo do livro o **LIVRO PARA CONTABILIDADE AGROPECUÁRIA**.

remeteremos aos interessados qualquer despesa.

Preço do volume com o calendário de 1980 para os trabalhos da fazenda.

Pedidos à EDITORA DOS CRIANÇAS

Av. Pompéia, 1214 - CEP: 05022 - São Paulo

Vendas em S. Paulo: Associação Brasileira de Rua Jaguaribe, 634

Livraria Editora Agropecuária

Rua Pinheiro Machado, Porto Alegre - RS

"GIM DE GARÇA"

APRESENTA SUA PRODUÇÃO



GIM DE GARÇA (SÊMEN NA LAGOA DA SERRA)

CONTINUAMOS ENTRE OS 10 MAIS DO NELORE NO BRASIL



DE GARÇA - Camp. Bezerra Ourinhos/80,
Bezerra Marília/80, Campeão Bezerra
Preto/80, Campeão Júnior Bauru/80.



JURA DE GARÇA — Campeã Bezerra
Ourinhos/80, Campeã Bezerra Marília/80,
Res. Campeã Bezerra Maringá/80, 1.^o
prêmio Rib. Preto/80 e Bauru/80.



LUA DE GARÇA — Reservada Campeã Bezerra
Bauru/80.

FAZENDA BOM JARDIM

JAIME NOGUEIRA MIRANDA

GARÇA (SP) - FONES: (0144) - 61-0214 e 61-0321



NADA DEIXA O CRIADOR MAIS ORGULHOSO DO QUE VER O SEU REBANHO SADIO, COM O PÊLO LISINHO E SEDOSO.

UMA PULVERIZAÇÃO BEM FEITA GASTA QUASE O MESMO TEMPO QUE UMA SUPERFICIAL, SÓ QUE RENDE MUITO MAIS.

Uma grande parte dos "micuins" que sobem em seus animais, você não consegue ver. Porque eles ficam escondidos no úbere, na barriga, na parte interna das pernas, na barba, debaixo do rebo, no próprio rabo, nas orelhas, em toda parte. Se você não banhar o animal inteirinho, muitos carrapatos vão sobreviver e, até ficarem adultos, vão engordando com o sangue de suas vacas e sugando o seu dinheiro.

COM TRIATOX E UM BANHO COMPLETO — É VER PARA CRER.

Em 30 minutos os carrapatos começam a cair, liquidados. Afinal, lugar de carrapato morto é no chão. Em 24 horas os seus animais estarão completamente limpos, como você gosta de ver, com o pêlo lisinho e sedoso. E animais livres de carrapatos comem melhor, não se coçam, ficam mais fortes, produzindo muito mais para você.



A ECONOMIA QUE TRIATOX PROPORCIONA, VOCÊ VÊ NA PONTA DO LÁPIS.

Depois de matar todos os carrapatos, Triatox permanece ativo no animal por muitos dias. Isto quer dizer que, quando seus animais voltarem ao pasto, todos os carrapatos que subirem neles também morrerão. Suas pastagens estarão cada dia mais limpas e os intervalos entre banhos, cada vez maiores. Isto é economia de produto, de tempo e mão-de-obra para você. Em caso de dúvida, chame o seu amigo da Cooper. Ele vai lhe provar, na ponta do lápis, como é mais fácil ganhar dinheiro usando Triatox - o vencedor do carrapato.



SEGURANÇA

Se você usar Triatox de acordo com a orientação da Cooper, pode ficar sossegado. Apesar de liquidar com todos os carrapatos, Triatox proporciona total segurança ao animal, ao leite e ao homem que o aplica, por ser um produto biodegradável e de baixa toxicidade.

TRIATOX - EFICAZ, SEGURO, ECONÔMICO, O MAIS COMPLETO DE TODOS OS CARRAPATICIDAS.



Embalagem de 1 litro, suficiente para você banhar completamente 100 animais.

Embalagem de 200 ml, suficiente para você banhar completamente 20 animais.

NENHUM CARRAPATO RESISTE, NEM MESMO AQUELES QUE JÁ ESTÃO ACOSTUMADOS COM OUTROS PRODUTOS.



COOPER
Pesquisa e Serviço da Vida

LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.

NO COM...
CARRAP...
COM OS...
DA COOP...
SEMPRE A...

ASSISTEN...
COOPER...
AO CARR...